

GLÁUCIA VIEIRA CÂNDIDO

**DESCRIÇÃO MORFOSSINTÁTICA DA LÍNGUA
SHANENAWA (PANO)**

Campinas/SP
Instituto de Estudos da Linguagem
2004

GLÁUCIA VIEIRA CÂNDIDO

i

**DESCRIÇÃO MORFOSSINTÁTICA DA LÍNGUA SHANENAWA
(PANO)**

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Lingüística.

Área de concentração: Línguas Indígenas
Orientador: Prof. Dr. Angel H. Corbera Mori

Campinas/SP
Instituto de Estudos da Linguagem
2004

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

C161a	<p>Cândido, Gláucia Vieira Descrição morfossintática da língua Shanenawa (Pano) / Gláucia Vieira Cândido. - - Campinas, SP: [s.n.], 2004.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Angel H. Corbera Mori Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.</p> <p>1. Lingüística. 2. Línguas indígenas – Gramática . I. Mori, Angel H. Corbera. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.</p>
-------	---

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Angel Humberto Corbera Mori (UNICAMP) – Presidente

Professora Doutora Luciana Raccanello Storto (USP)

Professora Doutora Lucy Seki (UNICAMP)

Professora Doutora Sílvia Lúcia Bingujal Braggio (UFG)

Professor Doutor Wilmar da Rocha D'Angelis (UNICAMP)

Professora Doutora Anna Christina Bentes da Silva (UNICAMP) – Suplente.

Professora Doutora María Cristina Messineo (CONICET/UNIVERSIDADE DE BUENOS AIRES/ARGENTINA) - Suplente.

Campinas/SP, 12 de novembro de 2004.

RESUMO

Esta tese tem por objetivo apresentar uma análise da língua Shanenawa (Pano) de alguns aspectos fonológicos, da morfologia e da sintaxe da língua. Para tanto, o trabalho está dividido em quatro partes básicas: I. Introdução, em que é feito um breve histórico do povo Shanenawa, da classificação de sua língua dentro da literatura e, ainda, é apresentada a metodologia aplicada na pesquisa lingüística; II. Aspectos da fonologia, em que são apresentados o quadro fonético/fonológico da língua e dois temas específicos: o acento e a nasalização; III. Morfossintaxe I, em que são descritas as classes de palavras (ou partes do discurso), bem como sua estrutura morfológica; IV. Morfossintaxe II, em que se descrevem as estruturas de sentenças simples e complexas e ainda alguns aspectos sintáticos, como a marcação de caso, o sistema de referência alternada (*switch-reference*) e outros tipos de sistema de referência entre sentenças. Complementam o texto básico uma breve conclusão e as Referências Bibliográficas. Além disso, há a apresentação de alguns anexos que contêm, respectivamente, um léxico da língua, mapas de localização geográfica do povo Shanenawa e, finalmente, cópias de documentos referentes à demarcação das terras indígenas desse povo.

PALAVRAS-CHAVE: Lingüística; Língua Shanenawa; Morfossintaxe.

ABSTRACT

This thesis aims to present an analysis of the Shanenawa language (Pano) that will exhibit some phonological aspects, the morphology and the syntax of the language. For this purpose the work is distributed in four basic parts: I. In the Introduction, we present a concise historical and cultural outline of the Shanenawa people, the linguistic classification and the methodology applied in this research; II. In Aspects of the phonology, the phonetic/phonologic features of the language are described taking into account two specific subjects: stress and nasalization; III. In the Morphosyntax I, we show a description of the word classes (or parts of speech) as well as morphological structure; IV. In the Morphosyntax II, we describe the single and complex clauses structure and some syntactic features such as case marking, switch-reference system and others interclausal reference systems. Complementing the text a brief conclusion and a bibliographical reference are presented. Moreover, some annexes containing a lexicon of the language and a map of geographic localization of Shanenawa people are also included. Finally, a document of the land demarcation of the village is presented.

KEYWORDS: Linguistics; Shanenawa Language; Morphosyntax.

AGRADECIMENTOS

A todos os Shanenawa pela calorosa acolhida em seu meio e, em especial, à **Piirani** (Dona Iraci); a **Saifaini** (Seu Militão); a **Takainun** (Seu Bruno); à **runi** (Dona Raimunda); a **Tikifaini** (Auricélio) e, ainda, ao **şani inhu** (chefe) **Tiui** (Assis) pela dedicação e presteza de sempre em nossos trabalhos de campo.

Ao Prof. Dr. Angel H. Corbera Mori por ter dirigido seus conhecimentos para a orientação desta tese, pela paciência e, sobretudo, pela amizade dispensada durante todas as etapas do trabalho.

Aos professores Dra. Luciana Raccanello Storto e Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis, examinadores participantes das bancas de qualificação e defesa, que dispensaram valiosa leitura e avaliação a esta.

Às professoras Dra. Lucy Seki, Dra. Sílvia L. Binguojal Braggio, Dra. Anna C. Bentes da Silva e Dra. Maria Cristina Messineo, demais examinadoras participantes da banca de defesa que também dispensaram valiosa leitura e avaliação a este trabalho.

Aos professores Dr. Jonas de Araújo Romualdo e Dr. Frantomé Pacheco; Dra. Ingedore G. V. Koch, Dra. Anna C. Bentes da Silva e Dra. Edwirges Morato, participantes das bancas de qualificações das áreas de Gramática e Lingüística Textual, respectivamente.

Ao FAEP-UNICAMP, pelo auxílio à pesquisa (trabalho de campo) através dos processos Per./Fase 42/2, Solic. n.º 1045/96; Per./Fase 65/3, Solic. n.º 0916/02 e Per./Fase 69/1 Solic. n.º 735/03.

À Coordenação de Pós-Graduação, especialmente, à Profa. Dra. Mônica G. Zoppi-Fontana que sempre nos atendeu muito bem em nossas solicitações e aos secretários, em especial, a Rose pela amabilidade e competência usuais.

À FUNAI, por conceder a entrada na área indígena Shanenawa (autorização n.º 020/CPAP/DINE/97) para realização da coleta dos dados pertinentes às pesquisas.

Ao CIMI (Conselho Indigenista Missionário), pela acolhida nas cidades de Rio Branco e Feijó/AC, em especial, às pessoas de Fátima e Alcilene.

À Coordenação do Curso de Letras da UnU de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas e à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Estadual de Goiás (UEG) pela licença a mim concedida para cursar o doutorado.

Ao professor Dr. Oto Vale por sua influência decisiva na minha formação profissional na área de Lingüística.

À professora Dra. Maria Sueli de Aguiar por ter me iniciado na pesquisa com línguas indígenas e por ter me apresentado ao povo e à língua Shanenawa.

À amiga e professora Joana Plaza pela amizade e incentivo à minha formação em lingüística e por estar sempre disposta a ajudar no que fosse possível.

Às amigas e professoras Leny Ribeiro Barboza e Mônica Veloso Borges por suas valiosas leituras da tese, pela amizade e pelo companheirismo de sempre.

Aos amigos e professores Maria Raimunda, Maria das Graças, Euda, Shirley, Eliane, Emerson, Ariovaldo e Edna Eloy que, de uma forma ou outra, colaboraram para que eu pudesse seguir em frente durante o período do doutorado.

Aos colegas Manoel, Mateus, Rogério, Vitória, Gladys, Flávia, Cilene, Aldir, Raynice, Valéria, Patrícia, Cristina entre outros pelos bons momentos na pós-graduação.

Aos meus pais, Gumercindo e Lauriá, pelo amor e cuidado sem os quais eu, certamente, não poderia chegar até aqui.

Aos meus irmãos, Cláudio, Cleice e Gleison; aos cunhados e sobrinhos pelo carinho de sempre, o incentivo e por compreenderem as minhas ausências.

Ao amado Lincoln Almir pelo incentivo de sempre, por ter sabido compreender os maus momentos e, principalmente, por ter exercido um papel muito especial em todas as fases de realização desta tese. Sem dúvida, suas contribuições científicas e técnicas para a coleta, análise e organização dos dados foram muito preciosas.

Enfim, ao Senhor Jesus Cristo por TUDO, já que sem Ele NADA seria possível.

Ao descrever a importância da diversidade lingüística, a meta da ciência lingüística é definir a Gramática Universal, ou seja, determinar o que é constante e o que é variante nas gramáticas das línguas naturais. Todavia, esse objetivo pode ser seriamente afetado, para não dizer impossível, se houver carência da diversidade lingüística. (Hale, 1998)

SUMÁRIO

RESUMO	v
ABSTRACT	v
DEDICATÓRIA	vii
AGRADECIMENTOS	ix
EPÍGRAFE	xi
SUMÁRIO	xiii
LISTA DE MORFEMAS PRESOS DA LÍNGUA SHANENAWA	xvii
LISTA DE FOTOS	xix
LISTA DE FIGURAS E TABELAS	xxi
LISTA DE ABREVIATURAS E NOTAÇÕES	xxiii
I. INTRODUÇÃO	1
1.0. Introdução	1
1.1. Shanenawa: o povo	1
1.2. Shanenawa: a língua.	11
1.2.1. Filiação genética	11
1.2.2. Shanenawa e Katukina: variações de um mesmo idioma?	12
1.3. Metodologia	15
1.3.1. Trabalho de campo: coleta de dados	16
1.3.2. Aportes teóricos para análises dos dados	18
II. ASPECTOS DA FONOLOGIA	21
2.0. Introdução	21
2.1. O acento	22
2.1.1. Princípios teóricos	22
2.1.2. Inventário de fones e fonemas	31
2.1.2.1. Fones e fonemas consonantais	31
2.1.2.2. Fones e fonemas vocálicos	35
2.1.3. A estrutura silábica	37
2.1.3.1. Os constituintes silábicos	37
2.1.3.1.1. O ataque	38
2.1.3.1.2. A rima	39
2.1.3.1.2.1. O núcleo	39
2.1.3.1.2.2. A coda	41
2.1.4. A estrutura silábica e a atribuição do acento à luz da Teoria Métrica	45
2.2. Os processos de nasalização em Shanenawa	49
2.2.1. Princípios teóricos	49
2.2.2. O comportamento de segmentos nasais e nasalizados	55

2.2.2.1. Os segmentos consonantais	55
2.2.2.1.1. Segmentos consonantais em ataque silábico	55
2.2.2.1.2. Segmentos consonantais em coda	56
2.2.2.2. Os segmentos vocálicos	57
III. MORFOSSINTAXE I	67
3.0. Introdução	67
3.1. Princípios teóricos	68
3.2. As classes de palavras (ou partes do discurso) em Shanenawa	82
3.2.1. As classes abertas	82
3.2.1.1. O nome	82
3.2.1.1.1. O gênero	84
3.2.1.1.2. O número	84
3.2.1.1.3. O grau	87
3.2.1.1.4. O caso	87
3.2.1.1.4.1. O ergativo e o absolutivo	88
3.2.1.1.4.2. O locativo	90
3.2.1.1.4.3. O instrumental	93
3.2.1.1.4.4. O comitativo	94
3.2.1.1.4.5. O genitivo-possessivo	95
3.2.1.1.5. A definitude	96
3.2.1.2. O adjetivo	97
3.2.1.3. O verbo	101
3.2.1.3.1. O modo	104
3.2.1.3.1.1. O declarativo	105
3.2.1.3.1.2. O imperativo	105
3.2.1.3.1.3. O interrogativo	108
3.2.1.3.2. O tempo	108
3.2.1.3.2.1. O passado	109
3.2.1.3.2.2. O presente	111
3.2.1.3.2.3. O futuro	113
3.2.1.3.3. O aspecto	115
3.2.1.3.4. A negação verbal	118
3.2.1.3.5. O causativo	119
3.2.1.3. O advérbio	122
3.2.2. As classes fechadas	125
3.2.2.1. Os pronomes	125
3.2.2.1.1. Os pessoais	126
3.2.2.1.1.1. Os marcadores de posse nas formas pronominais pessoais	132
3.2.2.1.2. Os demonstrativos	136
3.2.2.2. As formas interrogativas	137
3.2.2.3. Os numerais	139
3.2.2.4. As conjunções	142
3.2.2.5. As interjeições	145

3.3. Processos de formação de palavras	145
3.3.1. Formação de bases por derivação	146
3.3.2. Formação de bases por composição	149
3.3.2.1. A relação determinante/determinado nas composições	150
3.3.2.2. Categorias lingüísticas na composição	152
3.3.2.2.1. Categorias maiores (palavras) na composição	152
3.3.2.2.2. Categorias menores (sufixos) na composição	153
3.3.2.2.2.1. Composição com os sufixos {-wan} e {-ti}	153
3.3.2.2.2.2. Composição com o sufixo {-paj} : o desiderativo	154
3.3.2.2.2.3. Composição com o sufixo {-ka}	154
3.3.2.2.2.4. Composição com o sufixo {-kuan} : o iminente	155
3.3.2.2.2.5. Composição com os sufixos {-sun} ou {suna} : o benefactivo	155
3.3.2.2.2.6. Composição com o sufixo {-panan} : o frustrativo	157
3.3.2.2.2.7. Composição com numerais	157
3.3.2.2.3. Um caso especial de composição	159
IV. MORFOSSINTAXE II	161
4.0. Introdução	161
4.1. Princípios teóricos	162
4.2. As construções interrogativas	167
4.2.1. As interrogativas polares	168
4.2.2. As interrogativas não polares	170
4.3. As construções coordenadas	171
4.3.1. Coordenação com o traço [+Adversativo]	172
4.3.2. Coordenação com os traços [+Separado] e [-Separado]	175
4.3.3. Coordenação com o traço [-Enfático]	177
4.3.4. Realização e apagamento dos argumentos verbais nas construções coordenadas	178
4.4. As construções subordinadas	180
4.4.1. As construções complemento	181
4.4.1.1. Semântica de “modalidade” em construções simples	182
4.4.1.2. As construções complemento com verbos de “manipulação”	183
4.4.1.3. As construções complemento com verbos de “cognição-elocução”	184
4.4.2. As construções relativas	185
4.4.3. As construções adverbiais	189
4.4.3.1. As construções condicionais	189
4.4.3.2. As construções temporais	192
4.4.3.3. As construções simultâneas	193
4.5. A ordem dos constituintes	194
4.6. Relações gramaticais	202
4.6.1. O sistema de marcação de caso	202
4.6.2. O sistema de referência alternada entre sentenças	207
4.6.2.1. SRS em construções coordenadas	208
4.6.2.2. SRS em construções subordinadas	211
4.6.2.2.1. SRS em construções temporais	212
4.6.2.2.1.1. O marcador {-sun}	213

4.6.2.2.1.2. O marcador {-aʃ}	214
4.6.2.2.1.3. O marcador {-kin}	214
4.6.2.2.1.4. O marcador {-nun}	215
4.6.2.2.1.5. O marcador {-tan}	215
4.6.2.2.2. SRS em construções simultâneas	216
4.6.2.2.2.1. O marcador {-kin}	216
4.6.2.2.2.2. O marcador {-i}	217
4.6.2.2.2.3. O marcador {-aj}	217
4.6.2.2.3. SRS em construções condicionais	218
5. CONCLUSÃO	221
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	225
ANEXOS	237
ANEXO I	239
0.1. LÉXICO	239
0.1. Shanenawa-Português	239
0.2. Português-Shanenawa	249
ANEXO II	259
LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO POVO SHANENAWA	259
ANEXO III	261
ATO DE CRIAÇÃO DA ÁREA INDÍGENA KATUKINA/KAXINAWA (TERRA SHANENAWA)	263

LISTA DE MORFEMAS PRESOS DA LÍNGUA SHANENAWA

{-φ}	Absolutivo 88
{-φ}	Aspecto Completo 116
{-φ}	Aspecto Durativo ou Incompleto 117
{-φ}	Definido 96
{-φ}	Genitivo-Possessivo (Não-Humanos) 96
{-φ}	Seres Não-Humanos/Plural 71
{-a}	Passado Imediato 109
{-aj}	Marcador de <i>Switch-Reference</i> e SRS 193, 217
{-ani}	Locativo 90
{-anu}	Locativo 90
{-aš}	Marcador de <i>Switch-Reference</i> e SRS 41, 209, 214, 218
{-fi}	Comitativo (verbo intransitivo) 94
{-fitan}	Comitativo (verbo transitivo) 94
{-hu}	Seres Humanos Indefinidos/Plural 71, 77, 84, 103
{-hu}	Indefinido 96
{-i}	Futuro Imediato ou Não Passado 109, 112, 113
{-i}	Marcador de <i>Switch-Reference</i> e SRS 193, 217
{-i}	Presente 112, 113
{-jama}	Negação no Imperativo 106, 118
{-jusma}	Negação 118
{-kin}	Marcador de <i>Switch-Reference</i> e SRS 214, 219
{-ka}	Verbo “ir” em forma de sufixo 114, 154
{-kiri}	Locativo 90
{-ki}	Declarativo 98, 102, 105, 146
{-kin}	Marcador de <i>Switch-Reference</i> e SRS 216
{-kuan}	Iminentivo 155
{-mira}	Locativo 90
{-mi}	Reflexivo 103
{-ma}	Causativo 184
{-ma}	Negação 80, 70, 98, 118
{-man}	Interrogativo 108, 168
{-mis}	Aspecto Habitual 113
{-n}	Ergativo 88
{-n}	Genitivo-Possessivo 95
{-n}	Instrumental 94
{-n}	Posse em pronomes pessoais 132
{-na}	Ergativo 88
{-na}	Genitivo-Possessivo 95
{-na}	Instrumental 94
{-na}	Posse em pronomes pessoais 133
{-nan}	Recíproco 103
{-ni}	Ergativo 88

{-ni}	Genitivo-Possessivo 95
{-ni}	Instrumental 94
{-ni}	Passado Remoto 110
{-nia}	Locativo Espaço-Temporal 93
{-nu}	Ergativo 88
{-nu}	Genitivo-Possessivo 95
{-nu}	Instrumental 94
{-nun}	Marcador de <i>Switch-Reference</i> e SRS 192, 210, 215
{-paj}	Desiderativo 154, 183
{-panan}	Frustrativo 157
{-paw}	Aspecto Imperfeito ou Incompleto 115
{-pusku}	Diminutivo 87
{-ta}	Ordem (Imperativo) 107
{-tamia}	Passado Longínquo 110
{-tan}	Marcador de <i>Switch-Reference</i> e SRS 193, 215
{-ti}	Instrumental/Nominalizador 78, 147, 153
{-ti}	Quantificador 140
{-tian}	Nominalizador (ETP) 78
{-şian}	Passado Recente (bases polissilábicas) 75, 79, 110
{-şina}	Passado Recente (bases monossilábicas) 79, 110
{-şun}	Benefactivo (bases monossilábicas) 155, 182
{-şun}	Marcador de <i>Switch-Reference</i> e SRS 192, 209, 213, 218
{-şuna}	Benefactivo (bases polissilábicas) 155, 182
{-şunu}	Futuro 109
{-uma}	Negação (Sentenças Adjetivas Nominais) 98
{-wi}	Imperativo 106
{-wa}	Causativo 119, 184
{-wan}	Aumentativo 87, 153

LISTA DE FOTOS

	Página
Foto 1: Casa de reuniões do povo Shanenawa na aldeia Morada Nova	3
Foto 2: Casa Shanenawa. Estilo seringueiro	6
Foto 3: Núcleo familiar Shanenawa	7
Foto 4: O <i>mariri</i> ou <i>şikarini</i> . Manifestação cultural e de lazer Shanenawa	10

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

FIGURAS

	Página
Figura 1: Nós de classe da articulação de consoantes e vogais. Fonte: Clements & Hume (1995)	50
Figura 2: Segmentação morfológica de um dado Shanenawa	76
Figura 3: Sistema de sufixos verbais do tempo passado	111
Figura 4: Sistema de sufixos verbais do tempo futuro ou não passado	114
Figura 5: Ordem básica dos constituintes de sentenças declarativas simples com verbo transitivo	194
Figura 6: Ordem básica dos constituintes de sentenças declarativas simples com verbo intransitivo	195
Figura 7: Ordem básica dos constituintes de sentenças interrogativas não polares	196
Figura 8: Ordem opcional dos constituintes de sentenças interrogativas não polares	199
Figura 9: Imagem anti-especular do sistema de marcação de caso nos níveis morfológico e sintático	206
Figura 10: Fluxo temporal em construções subordinadas temporais	212

TABELAS

Tabela 1: Inventários Fonético e Fonológico Consonantal da Língua Shanenawa	31
Tabela 2: Inventários Fonético e Fonológico Vocálico da Língua Shanenawa	35
Tabela 3: Formas do Locativo em Shanenawa	93
Tabela 4: Sistema pronominal das 1 ^a e 2 ^a pessoas da língua Shanenawa	131
Tabela 5: Sistema pronominal da 3 ^a pessoa da língua Shanenawa	131
Tabela 6: Inventário dos possessivos da língua Shanenawa	135
Tabela 7: Formas interrogativas da língua Shanenawa	137
Tabela 8: Marcadores de SRS em construções coordenadas	211
Tabela 9: Marcadores de SRS em construções subordinadas temporais	216
Tabela 10: Marcadores de SRS em construções subordinadas simultâneas	218
Tabela 11: Marcadores de SRS em construções condicionais	219

LISTA DE ABREVIATURAS E NOTAÇÕES

1pp	1ª pessoa plural
1ps	1ª pessoa singular
2pp	2ª pessoa plural
2ps	2ª pessoa singular
3pp	3ª pessoa plural
3ps	3ª pessoa singular
A	Ataque silábico/Onset (Fonologia); Sujeito de verbo transitivo (Sintaxe)
ABS	Absolutivo
ACUS	Acusativo
Adj	Adjetivo
ADV	Advérbio
ANIM	Animacidade
ARG	Argumento
ASP	Aspecto
AUM	Aumentativo
ATR	Atributivo
BENEF	Benefactivo
BENEFIC	Beneficiário
C	Consoante
ç	Consoante nasal
CAUS	Causativo
CO	Cavidade Oral
COM	Comitativo
COMPL	Completo
CONCR	Concreto
CONNECT	Conectivo
CONJ	Conjunção
DAT	Dativo
DDO	Determinado
DECL	Declarativo
DEF	Definido
DEM	Demonstrativo
DES	Desiderativo
DIM	Diminutivo
DTE	Determinante
ENTID	Entidade
ERG	Ergativo
ETP	Evento Temporal Periódico
EXORT	Exortativo
FEM	Feminino
FRUST	Frustrativo
FUT	Futuro
G	Glide ou Aproximante (Fonologia)
gen.	Genérico

GEN	Genitivo
HAB	Habitual
HUM	Humano
IMIN	Iminente
IMPER	Imperativo
INCOMPL	Incompleto
INDEF	Indefinido
INSTR	Instrumental
INTENS	Intensificador
INTERR	Interrogativo
LOC	Locativo
m	Mora
MA	Momento de Acontecimento
ME	Momento de Enunciação
MAS	Masculino
N	Nome, Núcleo nominal
N.PAS	Não Passado
Nas	Nasal
NASAL.	Nasalizado(a)
NEG	Negação
NOM	Nominativo, Nominalizador
Nu	Núcleo (Sintaxe)
Nuc	Núcleo Silábico
NUM/Num	Número; Numeral
O	Objeto
O ₁ , O ₂ , O ₃ ...	Oração 1, 2, 3...
Od	Objeto direto
Oi	Objeto indireto
Ocomplem	Oração complemento
Ocond	Oração condicional
Omatriz	Oração principal
Orestr	Oração restritiva
ORD	Ordem (Imperativo)
Osimult	Oração simultânea
Otemp	Oração temporal
OSAT	Oração Subordinada Adverbial Temporal
PART	Partitivo
PAS	Passado
PC	Ponto de Consoante
PL	Plural
POSS	Possessivo
PRES	Presente
PRO	Pronome
Qu-	Palavras interrogativas
QUANT	Quantificador
r	Raiz
RECPR	Recíproco

REFLX	Reflexivo
REL	Relativo
s	Strong (acento forte)
S	Sujeito de verbo intransitivo
Sa	Sujeito de verbo intransitivo ativo
SD	Sujeitos Diferentes
SG	Singular
SI	Sujeitos Idênticos
SN	Sintagma Nominal
SP	Nó Palato Mole (<i>Soft Palate</i>)
So	Sujeito de verbo descritivo
SR	<i>Switch-Reference</i> (Sistema de Referência Alternada)
SRS	Sistema de Referência entre Sentenças
TEMP	Tempo; Temporal
TRPOS	Transpositor
V	Vogal (Fonologia); Verbo (Morfologia/Sintaxe)
ã	Vogal nasalizada
Velidido	Verbo elidido
Vi	Verbo intransitivo
Vt	Verbo transitivo
w	Weak (acento fraco)

SÍMBOLOS

ϕ	Morfema zero
#	Fronteira de palavra
ˈ	Acento primário
ˌ	Acento secundário
()	Opcionalidade (Fonologia)
σ	Estrutura silábica
*	Formas impossíveis, desconhecidas ou agramaticais
(*)	Sílaba cabeça ou forte
.	Fronteira silábica
(.)	Sílaba fraca
/ /	Representação da transcrição fonológica
/	Pausa
[]	Representação da transcrição fonética
{ }	Representação morfológica
~	“Varia com...” ou “Alterna com...”
‘ ’	Tradução livre, glosas ou outras indicações sobre o significado
-	Juntura de morfema
< >	Representação gráfica; extrametricidade (Teoria Métrica do Acento)
⇒	“Passa a ...”
>	“Passa a ...”

I

INTRODUÇÃO

1.0. Introdução

Esta tese tem por objetivo apresentar uma análise da língua Shanenawa (Pano), a qual contempla alguns aspectos fonológicos, a morfologia e a sintaxe da língua. Para tanto, além da presente Introdução, em que faremos um breve histórico do povo e algumas informações acerca da classificação da língua e da metodologia aplicada em nossa pesquisa lingüística, o trabalho apresenta ainda as seguintes partes: II. Alguns aspectos da fonologia Shanenawa, III. Morfossintaxe I, IV. Morfossintaxe II, V. Conclusão e VI. Referências Bibliográficas. Complementando o estudo, os Anexos apresentam de forma respectiva: um breve léxico, um mapa com a localização geográfica do Shanenawa e a cópia de um documento de homologação das terras do povo indígena em questão.

1.4. Shanenawa: o povo

O povo Shanenawa, cujo nome etimologicamente é composto pelas formas *shane* (*porphyrolaema porphyrolaema*, espécie de pássaro de cor azul (Montag, 1981)) e *nawa* (povo

“estrangeiro”¹), habita a região norte central do Estado do Acre, à margem esquerda do rio Envira, no Município de Feijó, onde se distribuem em quatro comunidades: Paredão, Cardoso, Nova Vida e Morada Nova.

Nossa impressão (corroborada por depoimentos dos próprios Shanenawa) é a de que vivem cerca de 250 índios somente na aldeia Morada Nova. Os dados demográficos gerais, entretanto, são controversos. A Comissão Pró-Índio do Acre (2001) contabiliza 178 pessoas, enquanto o Instituto Sócio Ambiental (2002) totaliza 239 índios. O Conselho Indigenista Missionário - CIMI (Almeida, 2002), por sua vez, menciona 458 índios habitando as quatro aldeias e, ainda, o Departamento de Documentação (DEDOC) e o Serviço de Informação Indígena (SEII) da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) informam os seguintes números: Morada Nova, 200 índios; Paredão, 53; Cardoso, 54 e Nova Vida, 49. Dessa forma, segundo a FUNAI (2002), existem ao todo 356 índios dessa etnia.

Sobre a origem dos Shanenawa, a literatura sugere que este povo não habitava a região do Envira anteriormente, embora tenhamos obtido relatos de que existam vestígios de ocupação dessas terras em tempos mais remotos. Segundo alguns índios idosos, o povo teria migrado para essa região vindo de outras áreas situadas no alto rio Gregório em virtude das *Correrias*². Os imigrantes teriam sido liderados por **Tika Faini**³ (Inácio Brandão) vindo ocupar por algumas décadas o território abrangido pelo alto do curso dos rios Juruá, Purus e Envira, este último no Município de Feijó, o qual faz divisa com o Sul do Estado do Amazonas.

Assim como vários outros povos indígenas, os Shanenawa possuem uma organização centralizada na figura de poder do cacique (termo que vem sendo substituído por “liderança” nos últimos tempos). O cargo de **şanin ihu** (liderança) é hereditário e atualmente é ocupado pelo jovem Francisco Assis Brandão, filho e neto de Bruno e Inácio Brandão, respectivamente.

¹ Segundo TOWNSLEY (1994), os nomes de muitos grupos habitantes da zona do Alto Juruá e Alto Purus são formados de substantivos ou adjetivos acrescidos dos sufixos {-nawa} que significa ‘estrangeiro’ ou ‘forasteiro’ e na zona do Ucayali {-bo} ‘plural’. Esses sufixos são empregados para designar conjuntos de pessoas que compartilham uma característica comum. Portanto, os Shanenawa seriam o “povo pássaro azul”, bem como os Kaxinawá representariam o “povo morcego” e os Shipibo, o “povo pichico” – termo do castelhano amazônico peruano utilizado para referir-se aos *macacos tamarin (saguinus midas)*.

² “Correrias” é o nome dado ao momento histórico do Estado do Acre em que ocorreram perseguições contra as populações indígenas com o intuito de capturar mão-de-obra escrava para os trabalhos nos seringais.

³ Até a data da defesa desta tese, a língua Shanenawa não contava com ortografia. Por isso, optamos por grafar nomes e outras palavras da língua com os símbolos do Alfabeto Fonético Internacional. É preciso ressaltar, contudo, que estamos trabalhando junto aos falantes com uma proposta de ortografia que deverá ser aceita e implantada nas escolas da comunidade o mais breve possível.

À liderança cabe o dever de se dedicar inteiramente aos interesses da comunidade representando-a em contatos com autoridades públicas dos não-índios. O **şanin ihu** usufrui o poder máximo de decisão, embora tenhamos tido a oportunidade de observar que atualmente (influência dos “brancos”) as decisões mais importantes são tomadas de forma coletiva em reuniões com outros importantes membros da etnia. Essas reuniões costumam ocorrer na Aldeia Morada Nova, onde a antiga escola foi transformada em *casa de reuniões*⁴.



Foto 1: Casa de reuniões do povo Shanenawa na aldeia Morada Nova.

Ainda no âmbito político, juntamente com outras etnias da região, os Shanenawa criaram uma organização indígena que é muito atuante na defesa dos interesses daqueles povos: a Organização dos Povos Indígenas do Rio Envira (OPIRE). Além disso, esses índios aparentemente estão bastante engajados nos processos políticos nacionais, sendo que um número considerável deles está filiado a partidos políticos.

No que tange às relações entre índios e não-índios da região, estas nem sempre foram amistosas. Muitos conflitos, alguns resultando em mortes de índios, aconteceram há bem pouco

⁴ Em um de nossos trabalhos de campo, aliás, fomos o tema de uma dessas reuniões já que discutiam a entrada de “brancos”, sobretudo pesquisadores, nas comunidades Shanenawa. Na época, uma corrente liderada por Carlos Brandão (irmão do **şanin ihu** e, então, representante da União das Nações Indígenas do Acre e Sul do Amazonas - UNI-AC) era contrária à entrada de qualquer pessoa não-índia nas aldeias, pois alegava que pesquisadores só se interessavam em extrair informações e com elas ganhar reconhecimentos próprios não legando aos índios nenhum benefício. Por outro lado, uma outra corrente defendia a entrada de pesquisadores, desde que estivessem comprometidos com os interesses da nação Shanenawa. Ainda assim, registramos a impressão de que futuramente os trabalhos de campo nas aldeias se tornarão cada vez mais difíceis.

tempo, na década de 90, e tais fatos ainda estão gravados na memória dos Shanenawa. Em nossos trabalhos de campo, foi possível notar, em virtude desses acontecimentos recentes, um clima de animosidade por parte de alguns moradores da região (os “brancos”) para com os índios⁵. Por outro lado, os Shanenawa mantêm contato pacífico com povos de outras etnias indígenas da região como os Kaxinawá, os Kulina e os Ashaninka (Kampa).

Com respeito ao uso da língua, aparentemente todos falam o português. As crianças, em especial, embora entendam o idioma de seus pais, conversam entre si exclusivamente em português e muitas vezes até se recusam a usar a língua de seus antepassados. Ademais, como ocorre em outras sociedades indígenas, os mais jovens estão migrando continuamente para os centros urbanos, principalmente para a cidade de Feijó, para completar os estudos, já que têm a ilusão de que as escolas da sociedade não-índia oferecem melhores possibilidades de acesso social que permitem aos índios obter um contrato de trabalho que lhes garanta uma renda fixa mensal. Evidentemente, ao freqüentarem as escolas de Feijó, os Shanenawa sofrem um processo de escolarização que ignora sua língua bem como outros aspectos de sua cultura.

Outro fator que pode estar influenciando a falta de entusiasmo das crianças e jovens em relação à língua de seus pais é a entrada da televisão nas comunidades. Como as aldeias já contam com gerador de energia, algumas casas possuem aparelhos de TV. As famílias que não possuem seus aparelhos se reúnem todas as noites na casa daqueles que já os têm para ver os programas da TV em língua portuguesa. Como conseqüência desse e de outros fatores, o uso da língua materna está se tornando mais limitado entre os membros daquela etnia, algo que situa o Shanenawa no chamado grupo de “*endangered languages*” (cf. Krauss, 1992, e Grinevald, 1998).

Entretanto, a despeito disso, pudemos notar entre o povo alguns membros mais velhos aliados a outros que, embora mais jovens, demonstram forte engajamento na luta pela manutenção da identidade cultural da etnia e procuram estar sempre se comunicando na língua Shanenawa.

Com respeito à economia, os Shanenawa dedicam-se à de subsistência. Fazem roçados em locais próximos às aldeias, escolhidos em pontos adequados, mais altos e bem drenados, e lá cultivam principalmente macaxeira, banana, milho e amendoim. Em uma escala menor, também plantam batata-doce, inhame, abóbora, cará, cana-de-açúcar e, ainda, algumas frutas como o

⁵ Ainda assim, muitos não-índios freqüentam e até vivem nas aldeias. São bem recebidos e parecem compartilhar integralmente a cultura indígena.

mamão e a melancia. Além disso, os indígenas consomem outros frutos da região por meio da coleta, como é o caso do açaí, do caju, da manga, entre outros.

A caça na região é escassa, mas quando possível se restringe à captura de animais e aves de pequeno porte, lagartos, rãs, entre outros. A caça geralmente é feita com espingarda e, eventualmente, arco e flecha. Algumas famílias contam com a criação de pequenos animais domésticos como galinhas, patos e porcos. Há ainda algumas cabeças de gado entregues às comunidades indígenas pela FUNAI.

Faz parte também de seus costumes a pesca, mas como os peixes do rio Envira (pelo menos naquela região) estão escassos, essa atividade tem sido bastante reduzida em certas épocas do ano. Há notícias, contudo, de que as lideranças têm entrado em contato com especialistas em Engenharia de Alimentos, a fim de executarem um projeto que faça com que o Envira volte a ser um rio de águas piscosas. Na pesca, a tarrafa é o instrumento preferido, mas, às vezes, utilizam-se do *şiwî* (timbó) que é uma substância jogada no rio para fazer com que os peixes fiquem atordoados e subam à tona onde serão facilmente coletados.

Ainda sobre o aspecto econômico, não temos visto muitos trabalhos da arte essencialmente indígena na aldeia como sói acontecer com outras etnias, por exemplo, os Kaxinawá, cuja produção de artesanato é tão extensa que lhes possibilita até ter uma loja de produtos artesanais em Rio Branco. Dentre os Shanenawa, apenas os homens têm o costume de fabricar conjuntos decorativos de arco e flecha para venderem fora do município. Todavia, cursos de artesanato tem sido ministrados pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI) visando resgatar também nas mulheres suas aptidões artesanais.

Os Shanenawa não moram em *cupixauas* (uma grande construção indígena feita de palha e onde, geralmente, moram todas as famílias de um clã), embora haja relatos de que no passado isso tenha ocorrido. Apesar de nos últimos anos ter aumentado a construção de casas de madeira trabalhada e telhado de alumínio semelhantes às dos não-índios e que são bastante vistas na zona urbana acreana, ainda predominam nas aldeias indígenas casas inspiradas na arquitetura dos seringueiros, do tipo palafita, feitas com madeira a cerca de 40 centímetros de altura do solo e cobertas com palha de envira armada. A cozinha é o local mais exposto da casa e é nela que se recebem as visitas. À parte as palhetas de amassar banana e macaxeira, os utensílios domésticos são semelhantes aos utilizados por não-índios. Não há mesas ou cadeiras e os alimentos são preparados em fogo à lenha.



Foto 2: Casa Shanenawa. Estilo seringueiro.

Quanto à gastronomia, tal como o costume ocidental, os Shanenawa fazem cerca de três refeições diariamente, cujo cardápio principal é peixe, macaxeira e mingau de banana. Os peixes, assim como outros tipos de carne, são fritos ou cozidos à moda dos “brancos” e não moqueados como no passado. A influência da culinária não-índia também está no uso do sal marinho e no consumo de arroz, feijão e carnes diversas (principalmente, a de pato), alimentos comprados geralmente nos mercados de Feijó.

Quanto às bebidas, a mais apreciada é a *caiçuma* (outro termo de provável origem no Nheengatu) que pode ser de **atsa** (macaxeira) ou de **šipi** (banana). O preparo desta última é muito simples: após cozinhar e amassar a banana com água, basta deixar fermentar por pouco tempo. Já a *caiçuma* de macaxeira, além de passar pelo processo de cozimento, é mascada, coada e fermentada por pelo menos 24 horas. O teor alcoólico dessas duas bebidas é bastante baixo, já que são consumidas imediatamente após o preparo. Entretanto, também é comum o consumo, entre os membros Shanenawa, da **katša matšu** (*caiçuma* azeda) que tem um alto teor alcoólico, visto que seu tempo de fermentação está acima de três dias.

A maioria das casas ainda utiliza o **fin**, um lampião a querosene para iluminação noturna⁶, mas é cada vez maior, com o advento da energia elétrica, o número de casas usando lâmpadas elétricas comuns. Nessa linha de desenvolvimento em que seguem as comunidades Shanenawa,

⁶ A título de curiosidade, é interessante registrar que antigamente os povos do Acre usavam um tarugo de borracha na função de lampião. Aí pode estar uma explicação etimológica da palavra indígena que designa lampião, isto é, **fin**, já que também é utilizada para denominar caucho e borracha.

estão sendo construídos, com recursos oriundos da prefeitura de Feijó, banheiros comunitários com chuveiros e vasos, em substituição às antigas fossas localizadas à beira do rio. Além disso, os Shanenawa também contam com telefones públicos em algumas comunidades.

Os Shanenawa usam roupas da cultura ocidental, em geral, muito simples e de baixo custo, compradas na cidade. As mulheres gostam de se maquiar, pentear e utilizar bijuterias diversas.

A organização familiar Shanenawa é baseada em núcleos compostos de um casal de anciãos, do(a)s filho(a)s solteiro(a)s, dos filhos casados e suas esposas, netos e filhos de criação. É muito comum entre os casais que possuem gêmeos entregar uma das crianças para os avós criarem. Os filhos são membros do clã da mãe e como regra, em geral, só poderiam se casar com indivíduos pertencentes ao mesmo clã. Mas isso, às vezes, não acontece, já que há muitos matrimônios inter-étnicos de índios e não-índios. As famílias são monogâmicas, embora tenhamos notícia de que no passado o **şanin ihu**, o cacique, tivesse o costume de ter até três mulheres.



Foto 3: Núcleo familiar Shanenawa.

Os índios são nomeados em sua língua materna de acordo com algumas regras bem definidas. Entretanto, como costuma ocorrer em outros grupos indígenas, eles possuem um nome “ocidental” devido ao registro civil. Ao que parece, essa obrigação civil não os aborrece, pois parecem gostar dos nomes de outras origens. É notável, aliás, que utilizam mais o nome não indígena, mesmo em situações informais. A atribuição de nome em português não obedece a

nenhum padrão. Qualquer pessoa pode sugerir um nome para a criança recém-nascida, o qual, em geral é bem recebido, mormente, se for inédito na aldeia. Ao primeiro nome acrescenta-se o sobrenome português (no caso: “Brandão”) do pai e da mãe. Já no caso do nome indígena, existem regras muito rígidas para sua escolha, pois é necessário que os nomes se repitam através das gerações e pertençam a um conjunto comum que os Shanenawa gostam de preservar. Isto significa que os pais escolhem para os filhos os nomes dos próprios parentes segundo orientações bem definidas.⁷

Do ponto de vista religioso, atualmente muitos índios manifestam crenças em religiões dos “brancos”, principalmente, a Católica Apostólica Romana. Entretanto, apresenta-se muito firme ainda sua crença na existência de espíritos da floresta, os **juşin**. Esses espíritos estariam fora da natureza e do humano, sendo, portanto, sobrenaturais e sobre-humanos. Existem os **juşin** do bem e os do mal. O principal deles é chamado **juşin tşaka** que, como relatam os índios, tem a forma de um animal monstruoso que por onde passa destrói e incendeia todas as coisas. Os Shanenawa dizem que é muito comum encontrar as pegadas do **juşin tşaka** nas manhãs, já que o espírito só “ataca” à noite. Os adultos usam a figura desse **juşin** para assustar as crianças e fazere com que lhes obedeçam.

Ainda no contexto de crenças, obtivemos informações de que os Shanenawa fazem uso da *ayahuasca*, (**umi** na língua materna), uma bebida à base de uma espécie de cipó e folhas alucinógenas que provocam “visões” para se comunicarem com os espíritos de seus ancestrais e, assim, obterem ajuda para resolver problemas. O **umi** também é usado como remédio, pois crêem que ao ingeri-lo terão saúde para o corpo⁸.

Quanto à pajelança, os índios afirmam não haver um pajé na comunidade. Por outro lado, a medicina de ervas é muito rica apresentando remédios para quase tudo. Na fauna, o remédio mais procurado é o *veneno* ou a *vacina do sapo*⁹. Os índios aplicam a substância, que é colhida

⁷ Um exemplo de tais regras pode ser encontrado de forma detalhada em um estudo de Camargo (1991) sobre os Kaxinawa.

⁸ Na verdade, **umi** é uma mistura fervida de duas plantas: *Banisteriopsis Caapi* (cipó conhecido no Acre como mesca huasca) e a *Psychotria Viridis* (folha conhecida como jagube). Os **xamãs** amazônicos descobriram há muitos anos que os efeitos alucinógenos que induzem estados místicos só podem ser produzidos com a combinação dessas duas plantas. Para mais detalhes, ver POMILIO et alli (1999).

⁹ Como já mencionamos na nota (4), uma das preocupações dos Shanenawa é o interesse por parte de pesquisadores, principalmente estrangeiros, pelas terapias do *veneno do sapo*. Os índios acreditam que tais pesquisadores estão vendendo seus conhecimentos a preço de ouro e não estão dando nenhum retorno para a comunidade indígena.

de uma espécie rara de sapo, a *phyllomedusa bicolor*, em três pontos feitos com fogo nos braços. Em poucos minutos vomitam tudo o que têm no estômago e assim acreditam que estarão com novas forças e disposição para o trabalho. Ao *veneno do sapo* é ainda associada a propriedade medicinal de acabar com a preguiça e com a **panema**, outro termo emprestado do Nheengatu que significa falta de sorte na caça.

Os Shanenawa também acreditam que variedades diversas de cipós, raízes ou ervas podem, por exemplo, fazer com que a caça seja mais abundante ou que possam trazer para si a pessoa amada, ou que se faça ser amado pelos inimigos, entre outros.

Com relação a rituais tradicionais, registramos alguns aspectos bem interessantes. Um deles é o *mariri*, outro empréstimo do Nheengatu¹⁰ para designar uma dança típica entre os Shanenawa, bem como em outras etnias Pano. O *mariri* não tem data para acontecer, porém é mais comum ocorrer no “verão” acreano que vai de abril a setembro, quando raramente chove, o que facilita o trânsito nas aldeias devido à inexistência de lama. Qualquer membro do grupo pode participar da dança, desde que ensaie as cantigas ensinadas por seus antepassados. Para o *mariri*, os membros pintam-se com urucum e jenipapo e vestem um saiote feito com tiras de envira.

Em tempos de *mariri*, muitas outras diversões são registradas como o ato de fantasiar-se de **juşin tşaka**, que os índios interpretam, nessas brincadeiras, como “lobisomem”. Geralmente, um dos homens cobre-se de galhos de árvores e folhas de bananeira e entra no meio dos dançarinos, assustando a todos.

¹⁰ A despeito de a palavra “mariri” ser constituída por sons peculiares do Shanenawa, sabe-se que não é um termo originado dessa língua por duas razões: a primeira é porque os falantes contam com um termo em seu idioma para designar o mesmo ritual, ou seja, **şika rini**. A segunda razão é porque o termo “mariri” é utilizado por todas as etnias da região sejam elas pertencentes à família Pano ou não como, por exemplo os Kampa (Aruak).



Foto 4: O *mariri* ou *şikacini*. Manifestação cultural e de lazer Shanenawa.

Outra atividade que ocorre ainda dentro dos eventos do *mariri* é a “brincadeira da cana-de-açúcar”. Esta se desenrola em torno de um dos homens que disputa um pedaço de cana-de-açúcar com uma ou mais mulheres. Às mulheres é permitido usar todas as forças para arrancar o pedaço de cana do homem, mas estes não podem agir com violência física, apenas verbal.

Outra brincadeira muito apreciada é a do “pau de sebo”. Os índios passam sebo em um pau muito comprido fincado no chão em forma de estaca e, na ponta, colocam uma prenda. Aquele que conseguir chegar ao topo sem escorregar, leva a prenda. Não sabemos se os índios aprenderam a brincadeira com os não-índios ou vice-versa. É certo, entretanto, que o “pau de sebo” pode ser visto em várias regiões do Brasil e também no Peru por ocasião da “malhação do Judas”. Assim, provavelmente seja a segunda explicação a mais provável.

Entre outras atividades, os Shanenawa praticam, ainda, o tiro de arco e flecha e a natação como competição, costumes muito apreciados e mantidos com orgulho por esse povo. No entanto, é óbvio que estão recebendo muitas influências de costumes dos “brancos”, como a prática do futebol. Para esse esporte, possuem até pequenos campos nas aldeias que aos sábados são bastante utilizados. Disputam jogos com times formados por jogadores das próprias aldeias ou, em ocasiões festivas, enfrentam equipes de outras etnias.

1.5. Shanenawa: a língua

1.2.1. Filiação genética

O Shanenawa apresenta características léxicas e morfossintáticas de língua pertencente à família Pano. Esta família lingüística até o momento ainda não possui classificação em tronco.¹¹ A despeito disso, no campo da lingüística-comparativa diversos pesquisadores como Suárez (1969, 1973, 1988), Key (1968), d'Ans et alii (1973) e Greenberg (1956) têm levantado hipóteses de um provável tronco comum Pano-Takana e, ainda, Greenberg (1987) sugeriu um tronco Jê-Pano-Karibe, hipótese esta, aliás, questionada por Rodrigues (2000).

As línguas da família Pano estão distribuídas em diversas localidades, em três países da América do Sul: Peru, Bolívia e Brasil. Ribeiro & Wise (1978) registram atualmente, no Peru, as línguas: Amahuaca, Cashibo-Cacataibo, Cashinahua, Nahua (ou Parquenahua), Isconahua, Mayoruna (ou Matsés), Morunahua (ou Nishinahua), Sharanahua (incluindo as variantes Chandinahua, Marinhua, Mastanahua), Shipibo-Conibo e Yaminahua¹². Os falantes dessas línguas encontram-se na região do Oriente Peruano, nos Departamentos de Ucayali, Madre de Dios e Loreto.

Na Bolívia, encontram-se apenas três línguas da família Pano: o Chácobo, o Pakawara¹³ e o Yaminawa, cujos povos falantes localizam-se na região Oriental Boliviana, mais ao Norte, nos Departamentos de Pando e Beni.

Já as línguas Pano brasileiras, a saber, Arara, Corubo, Culina, Karipuna, Katukina do Acre, Kaxarari, Kaxinawá, Marubo, Matis, Matsés (Mayoruna), Maya, Nawa, Nukini, Poyanáwa, Shanenawa, Yamináwa e Yawanawa, se distribuem em uma região que compreende, conforme Rodrigues (1986), o sul e o oeste do Estado do Acre, estendendo-se para leste até a parte ocidental de Rondônia e, ainda, o norte no Estado do Amazonas entre os rios Juruá e Javari.

Os estudos sobre línguas Pano foram desenvolvidos principalmente no Peru, onde, de forma especial, as pesquisas foram feitas por estudiosos do Instituto Lingüístico de Verano - SIL -, tais como Shell (1975) e Loos (1975), e do Centro de Investigación de Lingüística Aplicada -

¹¹ Recentemente Amarante Ribeiro (2003) mostrou que o número de cognatos existente entre o Proto-Pano e o Proto-Tacana não poderia ser explicado pelo acaso. Nesse sentido, o referido autor postula que as duas famílias de fato formam um tronco.

¹² Reproduzimos a grafia referente aos nomes das línguas tal como são citadas no idioma espanhol.

¹³ Alguns estudiosos como Plaza Martinez & Carvajal (1985), entre outros, informam que existem pouquíssimos falantes dessa língua, os quais, aliás, se agregaram ao grupo dos Chácobo.

CILA - da Universidad Nacional Mayor de San Marcos (cf. d'Ans, 1970, 1973a, 1973b). Essas pesquisas demonstram, por exemplo, que a tradicional subdivisão da família Pano em Central, Sul-Occidental e Sul-Oriental não se baseia em critérios lingüísticos, mas sim em geográficos (Corbera Mori, 1993).

Na Bolívia, há ainda uma certa carência no que diz respeito aos estudos sobre línguas Pano. No Brasil, o trabalho mais citado ainda é o do historiador João Capistrano de Abreu (1914) sobre os Kaxinawá, porém, nos últimos anos tem crescido o número de estudos desenvolvidos em centros de pesquisa como, por exemplo, o Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG), a Universidade Estadual de Goiás (UEG), a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), a Universidade Federal de Alagoas (UFAL), o Museu Nacional/UFRJ e a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

1.2.2. Shanenawa e Katukina: variações de um mesmo idioma?

Comumente, vários estudiosos da cultura Pano expressam dificuldades em precisar nomes aplicáveis ao seu objeto de estudo. Barros (1987) menciona, a esse respeito, que alguns pesquisadores acabam adotando a denominação mais difundida para seus objetos de pesquisa e embora reconheçam que, às vezes, o termo designativo da língua em questão esteja alheio a ela, optam por utilizá-lo, tendo em vista a ausência de outro mais adequado.

Em nossos primeiros contatos com a língua Shanenawa, nos deparamos com situação semelhante, pois no que concerne à posição desse idioma em relação a outros da mesma família, alguns estudos como, por exemplo, os elaborados pelo Conselho Indigenista Missionário - CIMI (1985), afirmam que o mesmo seria, na realidade, uma variante da língua Katukina do Acre¹⁴. Isso porque esta seria falada por três grupos distribuídos em diferentes localizações geográficas do Estado do Acre: aldeia de Olinda, no Município de Cruzeiro do Sul; aldeia Sete Estrelas, no Município de Tarauacá e Aldeia Morada Nova, no Município de Feijó (esta última exatamente na área em que se localiza o povo que se auto-denomina Shanenawa, falante de língua do mesmo nome).

¹⁴ Barros (1987) explica a importância em especificar “Katukina do Acre” tendo em vista a existência de uma família lingüística denominada também “Katukina” no Estado do Amazonas. Reconhece-se, assim, “Katukina do Acre” como língua Pano e “Katukina do Amazonas” como família lingüística.

Esses estudos se baseiam, entretanto, no fato de a FUNAI ter, à época da demarcação da área indígena em Feijó, atribuído ao povo lá instalado a denominação Katukina¹⁵. Apesar disso, Barros (1987), Aguiar (1993) e Ricardo (1996) concordam que o povo localizado em Feijó não seria um subgrupo Katukina, mas, sim, o povo Shanenawa, cuja língua de mesmo nome pertence à família Pano.

De nossa parte, observamos que os índios são unânimes em protestar quando são referidos como Katukina, se autodenominando “Shanenawa do Envira”. Além disso, ouvimos relatos que corroboram as informações dadas por Barros (1987) e Aguiar (1993). Afinal, assim como ocorreu com membros das comunidades cuja língua foi estudada por aquelas autoras, algumas pessoas da comunidade Shanenawa afirmaram haver grandes diferenças lingüísticas entre sua língua e aquela falada em Olinda e em Sete Estrelas. Diferenças essas que, na opinião dos próprios falantes, dificultam bastante o entendimento entre os povos.

Sem dúvida, a questão ainda gerará maiores discussões. Por ora, sustentamos que o Katukina do Acre e o Shanenawa não são variantes dialetais entre si com base em algumas evidências encontradas na morfologia, na sintaxe e no léxico das duas línguas.

Desse modo, enquanto na língua Shanenawa, como demonstraremos com mais detalhes no Capítulo III, as formas pronominais pessoais são aquelas expressas em (1:a), abaixo, no Katukina, elas apresentam as formas expressas em (1:b):

(1)	(a)	Shanenawa	
		in	‘1ps’
		min	‘2ps’
		a, atu, ahu ou ϕ	‘3ps’
		nun	‘1pp’
		man	‘2pp’
		atun ou ahun	‘3pp’

¹⁵ Ver, no Anexo III, cópia do Decreto nº 283, de 29 de outubro de 1991, de homologação da demarcação da área indígena em que habitam os Shanenawa.

(b)	Katukina do Acre	
	ia	‘1ps’
	mia	‘2ps’
	haa	‘3ps’
	nuki	‘1pp inclusivo’
	hatu	‘1pp exclusivo’
	matu	‘2pp’
	kuyuska	‘3pp’

Notemos que, nos dados Shanenawa, há quatro formas para expressar a 3ª pessoa do singular e duas para o plural. Isso está relacionado a duas características da língua: a ergatividade cindida no sistema pronominal para a 3ª pessoa do singular e a definitude ou grau de conhecimento da 3ª pessoa plural para o falante (**atun**: conhecido do falante; **ahun**: desconhecido para o falante). Segundo Aguiar (1994), tais características não fazem parte da língua Katukina. Em contrapartida, a propriedade da 1ª pessoa do plural de indicar exclusão ou inclusão presente na descrição do Katukina feita por Aguiar (op. cit.) não foi detectada no Shanenawa.

Outras características que podem ser utilizadas para estabelecer distinções morfossintáticas entre as duas línguas em análise é a categoria verbal de modo declarativo e interrogativo. Para este último, verificar comparação entre os dois idiomas na discussão sobre as construções interrogativas no Capítulo IV (seção 4.2.1, p. 168). Quanto ao modo declarativo, no Shanenawa, este é marcado pelo sufixo {-ki}; no Katukina, por {-ta}, como atestam os exemplos, abaixo:

- (2) (a) **Shanenawa**
 in jukan- ϕ pi-a-ki
 1ps goiaba-ABS comer-PAS-DECL
 ‘Eu comi a goiaba.’
- (b) **Katukina**
 ia yunka pi-a-ta
 1ps goiaba comer-PAS-DECL
 ‘Eu comi a goiaba.’

Finalmente, no campo do léxico podemos assinalar algumas diferenças como as expressas, a seguir:

(3)	(a)	Shanenawa	(b)	Katukina	
		şara		ruapa	‘bom’
		pahinki		pantşu	‘orelha’
		işkin		tsatsa	‘peixe (gen.)’
		ini		waka	‘água’

Diante de tais evidências, tanto em Cândido (1998) quanto no presente texto optamos por admitir a referência “Shanenawa” para a comunidade localizada às margens do rio Envira em Feijó e sua língua não só será classificada como sendo da família Pano, como também não será admitida como variante dialetal de outras línguas faladas no Acre, em especial, o Yawanawa, o Kaxinawa e o Katukina.

1.6. Metodologia

As pesquisas em línguas pouco conhecidas ou ainda não registradas envolvem duas atividades básicas: a) coleta, transcrição e tradução de dados; e b) análise e interpretação dos dados coletados.

Nesse âmbito, alguns autores consideram essas atividades independentes entre si. Himmelmann (1998), por exemplo, afirma que a documentação é um campo independente dentro da investigação lingüística, pois os resultados podem atingir diversos campos como as ciências sociais, a análise do discurso, a história oral, bem como aos membros da comunidade de falantes da língua em estudo. Por outro lado, a descrição lingüística em si seria útil apenas para interesses estritamente gramaticais e para a lingüística comparativa.

Contrariando esse ponto de vista, pensamos que a documentação e a descrição de uma língua não se dão de forma independente, pois percebemos entre os dois processos uma interface que não lhes permite isolar-se um do outro.

É nesse sentido que apresentamos brevemente, a seguir, a metodologia aplicada em nosso projeto de pesquisa, ou seja, a documentação e a descrição do Shanenawa, desde o trabalho de campo às teorias utilizadas para análises e conclusões que serão expressas neste estudo.

1.6.1. Trabalho de campo: coleta de dados

A meta mais importante do trabalho de campo é a coleta de dados lingüísticos no contexto natural onde a língua em questão é o meio de comunicação entre os indivíduos (Kibrik, 1977).

Os dados apresentados neste estudo resultam de trabalhos de campo que vimos realizando desde 1994, quando pela primeira vez estabelecemos contato com a língua Shanenawa através de listas de vocábulos ou itens lexicais gravadas em duas fitas cassete. Esses dados foram coletados e cedidos a nós pela pesquisadora professora Dra. Maria Sueli de Aguiar do Museu Antropológico e da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Somente em 1997, pudemos nos deslocar pela primeira vez para a área indígena, onde coletamos grande parte do *corpus* de que dispomos. Outras duas viagens se seguiram, uma em 2002 e a última em 2003.

Os trabalhos de campo envolveram métodos de coleta sistemática de dados lingüísticos como observações e trabalhos com ajudantes (informantes) para aplicação de questionários específicos que visaram à obtenção de dados para as análises fonética, fonológica e gramatical (morfológica e sintática) da língua Shanenawa. Além disso, também tivemos oportunidade de conversar com alguns representantes de organizações indigenistas e de outras frentes da sociedade envolvidas com os interesses indígenas que nos deram informações relevantes para a compreensão do modo de vida e da língua dos Shanenawa.

Para a coleta dos dados lingüísticos buscamos, por razões práticas, a colaboração de ajudantes (informantes) bilíngües, falantes nativos que também tinham domínio do Português. A maioria dos colaboradores residia na aldeia Morada Nova por ser esta a comunidade Shanenawa mais próxima do centro da cidade de Feijó (cerca de 2 Km), era para lá que costumávamos nos deslocar diariamente para a coleta dos dados. De forma indireta, tivemos a colaboração de quase todos os membros da comunidade Shanenawa nesses trabalhos. Entretanto, de forma direta,

colaboraram conosco **Piirani** (Iraci), 56; **Saifaini** (Militão), 52; **Takainun** (Bruno), 92; **runi**¹⁶(Raimunda), 63; **Tikifaini** (Auricélio), 30, e, ainda, o **sanin**¹⁷ **Ihu Tiui** (Assis), 26 anos.

Ao todo, contamos com 18 fitas cassete contendo registros de expressões orais, formas de diálogos espontâneos ou dirigidos, uma narrativa de mito, enquetes dirigidas para elicitación de processos fonológicos e gramaticais específicos. Aliás, para esses fins, aplicamos questionários preparados antecipadamente e outros confeccionados no próprio campo. Os primeiros questionários seguiram os formulários padrão do Museu Nacional do Rio de Janeiro e Rowe (1954), mas, à medida em que avançávamos nas pesquisas, também preparamos questionários com base em pontos temáticos da língua conforme recomendações presentes nas obras de Thomas (1975), Comrie & Smith (1977), Kibrik (1977), Bouquiaux & Thomas (1992), Payne (1997) e Loos (s/d). Nos casos de pontos mais específicos da fonologia e gramática da língua, aplicamos questionários que elaboramos com base em trabalhos já publicados sobre outras línguas Pano.

Todos os dados foram elicitados e transcritos fonética e fonologicamente com base na convenção da Associação Internacional de Fonética com os símbolos do *International Phonetic Alphabet* (IPA) e foram complementados com gravações feitas em fita cassete de 60 minutos cada em gravador mini cassete Panasonic RQ-L11 e em discos digitais de 74 minutos estéreo para aparelho Digital Mega Bass MD Walkman Recording MZ - R70 Sony.

Lembrando que, no estudo de qualquer língua, teoria e dados não se opõem, pelo contrário, se apóiam e se explicam mutuamente (López Morales, 1994). Passaremos, a seguir, a algumas considerações preliminares sobre os modelos teóricos que nortearam a pesquisa desde a coleta até a análise, interpretação e explicação dos dados.

¹⁶ Como já adiantamos na nota (3), estamos utilizando os símbolos fonéticos do Alfabeto Fonético Internacional para grafar todas as palavras da língua Shanenawa. Em virtude disso, não nos é possível grafar as iniciais em forma maiúscula, conforme convenção da língua portuguesa.

¹⁷ Idem.

1.3.2. Aportes teóricos para análises dos dados

Enquanto sejam possíveis estudos sistemáticos que possibilitem a corroboração da hipótese dos universais lingüísticos, seremos capazes de empreender tarefas de estudos comparativos tanto no nível fonológico quanto no morfossintático, permitindo uma comparação de estruturas lingüísticas das línguas Pano e propor hipóteses plausíveis sobre a sua origem e as migrações que expliquem as atuais diferenças e distribuições geográficas dos falantes dessas línguas (Loos, 1973).

Indubitavelmente, diversas teorias abordam o estudo da linguagem humana e das línguas em particular. Contudo, há pelo menos duas orientações mais representativas que são conhecidas, respectivamente, como a visão formalista da linguagem, que é representada pela Teoria Gerativa, e a visão funcionalista da linguagem, representada essencialmente pelos trabalhos de Greenberg (1966), Givón (1990,1995), Hooper & Thompson (1984), Comrie (1981), Croft (1991), entre outros.¹⁸

Para os objetivos de nossa pesquisa nos apoiaremos mais na visão funcionalista, já que esse modelo teórico, em palavras de Croft (1991), procura explicar a forma lingüística em termos de função, ou seja, visa a estabelecer e explicar a relação entre uma construção e seu domínio de aplicação. Van Valin & Lapolla (1997) enfatizam igualmente o papel das línguas como meios de comunicação.

Por outro lado, considerando nosso interesse nas tipologias das línguas, esta abordagem do Shanenawa apresenta-se mais especificamente como um estudo tipológico-funcional seguindo orientação de autores como Comrie (1981), Givón (1990), Dixon (1994), Croft (1991), Anderson (1997), van Valin & Lapolla (1997), Hooper & Thompson (1984), entre outros.

Essa opção pela segunda orientação teórica justifica-se se considerarmos alguns fatores, dentre os quais o principal é o fato de sermos falantes de outra língua, não contando com a competência de um falante nativo Shanenawa. Tal fato limita-nos a descrever e explicar construções para as quais não possuímos as intuições de falante nativo.

Outra razão mais prática, porém, não menos importante, é o fato de uma descrição em termos da forma e função representar, para os falantes do Shanenawa, um acesso mais fácil aos dados de sua língua.. Além disso, uma descrição em termos da teoria tipológico-funcional é mais apropriada para documentar e descrever línguas em perigo de extinção.

¹⁸ Uma comparação sistemática entre uma teoria funcionalista e uma formalista foi representada pelo gerativista Newmeyer (1998). Breves comparações entre ambas as orientações estão presentes nos livros de Comrie (1981), Croft (1991), van Valin & LaPolla (1997), entre outros.

É preciso ressaltarmos, contudo, que não acreditamos que um estudo lingüístico deva seguir exclusivamente uma única orientação teórica. É possível, em nossa opinião, que alguns aspectos lingüísticos sejam descritos com maior ou menor grau de clareza dependendo da orientação adotada. Por isso, parece-nos sensato usar um ponto de vista mais eclético apelando quando considerarmos necessário para outras teorias que não seja a tipológico-funcional. E é justamente isso que faremos em relação à fonologia cuja descrição aqui apresentada, salientamos, não partirá da estaca zero, mas sim de alguns conhecimentos que temos desse aspecto da língua.

Dessa forma, especificamente, pretendemos dar continuidade à análise apresentada em Cândido (1998), seguindo o modelo teórico Não-Linear nas manifestações teóricas da Fonologia Métrica (Hayes, 1995) e Fonologia Autossegmental. Para a análise da sílaba e dos processos de nasalização recorreremos às propostas teóricas de Clements & Hume (1995), Goldsmith (1995), Piggott (1988, 1989, 1992), Hajek (1997) e Weijer (1994), como observaremos no próximo capítulo.

II. ASPECTOS DA FONOLOGIA

2.0. Introdução

Partindo de conhecimentos básicos da fonética e da fonologia do Shanenawa (Cândido, 1998), trataremos neste capítulo do *acento* e dos *processos de nasalização*, haja vista o caráter relevante desses dois aspectos para a morfossintaxe da língua. Antes de procedermos às análises propriamente ditas dos temas em questão, apresentaremos, em **2.1.1** e **2.2.1**, respectivamente, alguns princípios sobre o desenvolvimento de teorias fonológicas relacionadas aos referidos tópicos.

2.1. O acento

2.1.1. Princípios teóricos

Em *The Sound Pattern of English* (SPE), de Chomsky & Halle (1968), origem da Fonologia Gerativa Clássica, a unidade básica de representação fonológica é o traço distintivo e não o fonema. Traços distintivos são categorias elementares mínimas que, quando combinadas, constituem os sons significativos de uma mesma língua. Esses sons (os fonemas) são representados por meio de conjuntos de traços distintivos dispostos em colunas sucessivas, obedecendo a um pressuposto básico: a *Restrição de Bijetividade*¹⁹, segundo a qual, para cada especificação em termos de traços corresponde um segmento e este, em contrapartida, corresponde a uma especificação em termos de traços. Em virtude disso, proibem-se: a) o apagamento parcial de um segmento; b) a inserção de um feixe incompleto de especificações de traços em uma dada representação; c) o compartilhamento de um único traço por dois ou mais segmentos; d) a associação de um mesmo segmento a valores opostos de um mesmo traço; e d) a não associação de uma especificação de traço a nenhum outro traço.

A exemplo dos traços de modo e ponto de articulação, no modelo gerativo linear, o acento é tido como um traço segmental (específico dos sons vocálicos). Todavia, considerando a *Restrição de Bijetividade*, a teoria apresenta uma inconsistência formal, já que, enquanto os demais traços são apenas binários, o traço [Acento] pode tomar múltiplos valores. Isso porque, para dar conta de acentos subsidiários, os fonólogos valem-se de um índice de números inteiros nas representações desse traço ([Acento 1], [Acento 2], [Acento 3] e assim por diante) e, quanto mais alto for o valor do índice relativo ao acento, mais fraco é esse acento.

Diante de tal fato e na tentativa de estabelecer uma adequação formal às representações e manipulações das propriedades prosódicas da fala, Goldsmith (1976), em sua teoria auto-segmental, propõe a eliminação da *restrição de bijetividade*, argumentando que: a) alguns traços possuem individualmente seu próprio nível de segmentação ou camada auto-segmental; b) o número de auto-segmentos não corresponde necessariamente àquele de fonemas presentes em uma determinada seqüência e c) os auto-segmentos ligam-se às suas unidades segmentais por meio de linhas de associação.

¹⁹ ‘*Bijectivity Constraint*’ (cf. Poser, 1982, apud Wetzels, 1995 apud Wetzels, op. cit.).

Ainda nessa linha de desenvolvimento, o modelo auto-segmental também revê o papel da sílaba nas representações fonológicas. Ora, se no modelo linear os sons da fala são representados como conjuntos não-ordenados (ou matrizes) de traços e, por sua vez, as regras fonológicas transformam, cancelam ou inserem esses conjuntos de traços nos processos fonológicos, então, como expressar o fato de que alguns traços se estendem por domínios além do segmento? Não podendo responder a esse tipo de questão, a teoria se restringia às seqüências de segmentos isolados. Nesses termos, a sílaba era tida como irrelevante nas representações fonológicas. Na verdade, unidades maiores que o segmento eram reconhecidas pela Fonologia Clássica, entretanto, elas apresentavam caráter morfológico ou sintático como os morfemas, as palavras e os sintagmas (Costa, 2000).

No entanto, com a hipótese de que alguns traços possuem sua própria camada auto-segmental e que o número de auto-segmentos nem sempre corresponde ao de fonemas em determinada seqüência (Goldsmith, 1976), conclui-se que os traços podem estender-se por domínios maiores ou menores do que os segmentos. Nesses termos, a sílaba passou a ser fundamental nas análises do componente sonoro e, com isso, as teorias buscaram representar os diferentes níveis dos constituintes silábicos²⁰.

Sem dúvida, o novo status teórico da sílaba contribuiu bastante para o desenvolvimento de análises do acento em línguas naturais. Por exemplo, Liberman & Prince (1977) não mais consideraram o acento como propriedade inerente de vogais, mas uma proeminência originada na relação rítmica e hierárquica entre sílabas, mais especificamente entre as rimas silábicas, das quais apenas as vogais são obrigatórias.

Além disso, para atribuir o acento muitas línguas apóiam-se no peso silábico, estabelecendo então a distinção entre sílabas leves e pesadas. Segundo Hayes (1995), uma sílaba é pesada quando sua rima é constituída por VOGAL + CONSOANTE ou por VOGAL + VOGAL (formando ditongo ou vogal longa). É leve, em contrapartida, a sílaba que tem a rima constituída apenas por uma vogal²¹. Contudo, o peso silábico não é necessariamente determinado pela contagem dos segmentos constituintes da sílaba. Às vezes, uma sílaba leve pode ter mais

²⁰ Segundo as teorias não-lineares, a sílaba é uma estrutura constituída hierarquicamente por um elemento opcional, o *Ataque*, e por outro obrigatório, a *Rima*. Este último se subdivide em um *Núcleo* (também obrigatório), e uma *Coda* que, por sua vez, é opcional. Essas teorias ainda estabelecem que os constituintes silábicos não estão diretamente ligados à melodia segmental, ou seja, há entre eles uma camada denominada *esqueleto*, constituída por posições X's (ou unidades de tempo). E, finalmente, os segmentos ligados às posições X's são estruturados, em termos de traços, de acordo com Clements & Hume (1995).

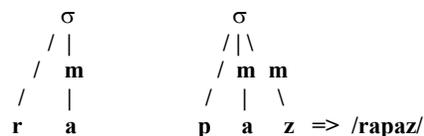
²¹ Entretanto, isso pode variar de uma língua para outra.

segmentos que uma pesada, como é o caso da sílaba **pra** da palavra “prato”, em português. Apesar de ser constituída por três segmentos, essa sílaba é considerada leve, já que sua rima é ocupada por apenas um segmento vocálico. Por outro lado, a sílaba **ar** da palavra “arma” é considerada pesada, pois mesmo sendo composta por um número menor de segmentos, estes ocupam as posições da rima (núcleo e coda). Portanto, é a forma de organização dos segmentos na sílaba que determina seu peso e não o número desses segmentos²².

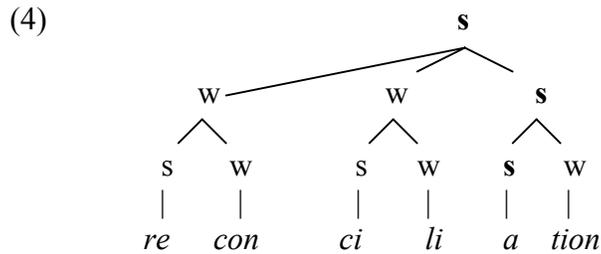
Levando-se em conta que sílabas pesadas atraem o acento, logo, o peso silábico desempenha um importante papel na atribuição desse fenômeno prosódico. Todavia, segundo Hayes (1995), outros parâmetros podem determinar o acento nas línguas: o tipo de pé, a construção (iterativa/não-iterativa) da segmentação dos pés, a direcionalidade (esquerda/direita; direita/esquerda) da segmentação, a extrametricidade e a Regra Final de aplicação do acento principal no domínio acentual. Antes de descrevermos esses parâmetros, vejamos as propostas sugeridas pelas teorias métricas de representação formal do acento.

Segundo Liberman & Prince (1977), a proeminência relativa do acento deve ser expressa em termos de uma relação definida em estrutura de constituintes binários. Para tanto, esses autores valem-se de *árvores métricas* de estruturas binárias, em que cada par formador de um constituinte (denominado pé) é rotulado de **s/w** (*strong/weak* => forte/fraco) ou **w/s** (*weak/strong* => fraco/forte), dependendo da posição em que a cabeça, isto é, o elemento mais forte do pé esteja. Um exemplo apresentado pelos autores da árvore métrica é estabelecido para a palavra *reconciliation*, do Inglês, conforme vemos, a seguir:

²² Outra forma apresentada em Hayes (1995) para representar o peso silábico é através de *moras*, ou seja, unidades de peso. Uma sílaba pesada consiste em duas moras, enquanto uma leve, em uma mora somente, como podemos observar no exemplo, abaixo, da palavra “rapaz” em português:



Assim, como diz Garde (1968), a mora é todo fragmento da sílaba apto por si mesmo a receber o acento.



Como podemos notar, o acento primário é atribuído à sílaba (que em Inglês situa-se mais à direita) dominada por *s*; o acento secundário é atribuído às sílabas em que há alguma incidência de *s*; e sobre as sílabas em que apenas *w* incide é atribuída uma maior carga de atonicidade devido a sua fraqueza. A árvore nos mostra que sobre a sílaba “*a*” apenas incide o elemento forte *s*, o que a torna a sílaba mais forte da palavra.

Além da árvore, Liberman & Prince (1977) sugerem uma *grade métrica* para representar as diferenças de proeminência. Esse modelo prestou-se fundamentalmente à representação do ritmo lingüístico, pois segundo os autores certos aspectos desse fenômeno em termos de alinhamento seriam expressos de forma mais clara em uma grade. O exemplo abaixo é o mesmo utilizado pelos referidos autores para explicar a construção da grade métrica:



Na primeira linha (Nível 1), por serem portadoras de acento, todas as sílabas são numeradas da esquerda para a direita; na segunda linha (Nível 2) numeram-se apenas as sílabas sobre as quais incide um acento forte; na terceira linha (Nível 3), projeta-se o acento final, já que apenas a sílaba mais proeminente será numerada. De acordo com Liberman & Prince (1977), o objetivo principal dessa forma de representação é evitar choques de acento, como aquele que vemos no exemplo (02:a), em que no Nível 2, duas sílabas (4 e 5) aparecem adjacentes, sem que no Nível 1 apareça um elemento interveniente. Em (02:b), esse choque é evitado pelo retraimento do acento secundário para a primeira sílaba da palavra “*thirteen*”.

Em um trabalho posterior, Prince (1983:20) conclui que ambas as formas de representação, a *árvore* e a *grade métrica*, repetem a mesma informação. Contudo, como a grade acrescenta a visualização de estruturas mal formadas, passa a privilegiá-la. Desenvolvendo a

chamada teoria *grid-only* (só-grade), em que o ritmo musical é a essência da análise, esse autor defende que a estrutura superficial (palavras, frases, entre outras) deve relacionar-se diretamente com a grade, sem a intervenção de um nível em que os nós *s* e *w* tenham lugar nas árvores. A construção da grade, denominada *grade perfeita*, é semelhante àquela mostrada em Liberman & Prince (1977), mas sem os números e a representação da árvore. A base da *grade perfeita* é a regra rítmica, constituída por elementos rítmicos alternantes. Vejamos como isso ocorre em um exemplo de Prince (1983:27):

$$\begin{array}{rcccccccc}
 (6) & \omega & & & & & & & & \mathbf{x} \\
 & \Sigma & & \mathbf{x} & & & & & & \mathbf{x} \\
 & & & \mathbf{x} & & \mathbf{x} & & & & \mathbf{x} \\
 & \sigma & & \mathbf{x} \\
 & & & \text{pó} & \text{ly} & \text{phi} & \text{lo} & \text{pro} & \text{ge} & \text{ni} & \text{ti} & \text{ve}
 \end{array}$$

Notemos que na primeira linha (σ) ou no nível da sílaba marcam-se os portadores de acento; na segunda linha (Σ) ou no nível do pé, as sílabas são marcadas de forma alternada (em qualquer direção: esquerda ou direita) no intuito de criar seqüências de sílabas acentuadas e não-acentuadas; na terceira linha (ω) ou no nível da palavra, a Regra Final atua elevando ao ponto mais alto da grade a marca que indica o acento primário.

O modelo da *grade perfeita* de Prince (1983) apresenta uma importante contribuição ao tratamento dado à sílaba pesada. Para esse autor, a alternância regular de proeminência na grade é freqüentemente perturbada por um status garantido às sílabas pesadas: elas atraem acento independente de sua paridade na seqüência silábica. Na visão de Prince (op. cit.), o que distingue a sílaba pesada da leve é a sonoridade e não seus componentes geométricos. De acordo com a hierarquia da sonoridade, a sílaba pesada é a que encerra mais sonoridade, sendo o acento também um tipo de levantamento de sonoridade.²³ Assim, sílabas pesadas são intrinsecamente proeminentes e, por isso, obtêm a atribuição do acento.

O modelo de Prince (1983), porém, não foi considerado plenamente satisfatório, já que não trazia informações sobre a estrutura dos constituintes. Pensando nisso, Halle & Vergnaud (1987) propuseram a *grade parentetizada* em que uma série de elementos suscetíveis à acentuação é analisada dentro de uma seqüência de constituintes, cujos limites são indicados na

²³ Obviamente, esta é apenas uma das muitas interpretações possíveis para o acento, já que há quem argumente que o acento pode ser intensidade, duração e a altura ao mesmo tempo.

Linha 0 por parênteses e com cada sílaba sendo marcada por um asterisco. Na Linha 1, as cabeças são designadas também por um asterisco (*) e as sílabas fracas por um ponto (.), como vemos na representação a seguir da palavra “paralelo”, do português:

$$\begin{array}{ll}
 (7) & (\quad * \quad) \quad \text{Linha 2} \\
 & (* \quad .) (* \quad .) \quad \text{Linha 1} \\
 & (* * \quad * *) \quad \text{Linha 0} \\
 & \mathbf{pa \quad ra \quad le \quad lo}
 \end{array}$$

Na *grade parentetizada*, entretanto, deve-se observar alguns pontos visando à determinação dos tipos de constituintes a serem gerados, quais sejam, a) *adjacência do cabeça*: o elemento mais forte do constituinte pode ou não ser *head-terminal* [\pm HT], isto é, pode ou não ser adjacente a um dos limites do constituinte; b) *tamanho dos constituintes*: estes podem ser *bounded* [+BND], isto é, limitados (binários ou ternários) ou ilimitados [-BND]; e c) *posição do cabeça*: o elemento mais forte pode posicionar-se à direita ou à esquerda dentro do constituinte. Com base nisso, Halle & Vergnaud (1987) estabelecem os seguintes tipos de constituintes:

$$(8) \quad a) \textit{ ilimitado com cabeça à esquerda} = [+HT, -BND, esquerda]$$

$$\begin{array}{c}
 * \quad . \quad . \quad . \quad . \\
 (* * * * *)
 \end{array}$$

$$b) \textit{ ilimitado com cabeça à direita} = [+HT, -BND, direita]$$

$$\begin{array}{c}
 . \quad . \quad . \quad * \\
 (* * * * *)
 \end{array}$$

$$c) \textit{ ternário} = [-HT, +BND]$$

$$\begin{array}{c}
 . \quad * \quad . \\
 (* * *)
 \end{array}$$

$$d) \textit{ binário de cabeça à esquerda} = [+HT, +BND, esquerda]$$

$$\begin{array}{c}
 * \quad . \\
 (* *)
 \end{array}$$

$$e) \textit{ binário de cabeça à direita} = [+HT, +BND, direita]$$

$$\begin{array}{c}
 . \quad * \\
 (* *)
 \end{array}$$

Além desses parâmetros, Halle & Vergnaud (1987) observam que, no caso de palavras com sílabas pesadas (sejam quantas for), na construção da grade deverá ser atribuído um asterisco na linha 1 para todas essas rimas ramificadas, como exemplificamos com a palavra “formigamento”, do português:

$$(9) \quad \begin{array}{ccccccc} & & & & * & & \\ & & & & & & \\ & . & * & . & & * & . \\ * & * & * & * & * & & \\ \text{for} & \text{mi} & \text{ga} & \text{men} & \text{to} & & \end{array}$$

Enfim, a *grade parentetizada* tem em relação ao modelo *só-grade* a vantagem de privilegiar em uma única formalização a estrutura de constituintes e a alternância do ritmo, as quais são verificadas separadamente nos modelos da árvore e da grade métrica.

Outra proposta visando a reduzir a complexidade dos sistemas de acento das línguas do mundo é apontada por Hayes (1995), o qual nos orienta a seguir alguns princípios gerais nas análises:

I - A forma mais adequada de representar o acento é a grade parentetizada, resguardadas duas exigências: a) que as colunas sejam contínuas e b) que os domínios parentetizados e as marcas de grade que os dominam sigam a *Restrição de Bijetividade*.

II e III - Na estrutura métrica o menor constituinte deve ser o pé e a base do inventário desse pé deve seguir outro princípio: a *Lei Iâmbico-Trocaica* que estabelece o conjunto de pés possíveis bem como motiva uma larga variedade de regras segmentais que se ajustam à estrutura métrica.

IV - A criação da estrutura métrica deve ser não-exaustiva, isto é, não é preciso esgotar a seqüência de sílabas.

V - A maior parte das línguas impõe uma proibição quanto a pés degenerados: pés que consistem em uma única mora em línguas que respeitam quantidade, pés de uma sílaba em línguas que não consideram a quantidade.

VI - O peso da sílaba não é um fenômeno unitário, tendo em vista as línguas distinguirem quantidade e proeminência da sílaba. Esta pode basear-se em muitas outras propriedades silábicas e é formalmente representada por colunas da grade de altura variada; aquela, em contrapartida, é representada pela contagem da mora, sendo que os critérios que a definem variam fracamente através das línguas.

Apresentados esses princípios, retomemos a descrição dos principais parâmetros estabelecidos por Hayes (1995) para atribuir o acento em uma língua.

Para Hayes, a sílaba é a unidade portadora de acento, visto que formalmente é ela a unidade através da qual a estrutura métrica é constituída. Lembrando que para estabelecer os algoritmos dos pés acentuais esse autor utiliza a noção de mora²⁴, vejamos agora os três tipos de pés estabelecidos em sua teoria para dar conta da atribuição do acento nas línguas do mundo.

O troqueu silábico é um pé formado por duas sílabas com proeminência inicial e que, por levar em consideração apenas as sílabas, não atentando para sua organização, não faz distinção entre sílabas leves e pesadas. Os sistemas acentuais com esse tipo de pé têm constituintes binários de cabeça à esquerda, como na representação, a seguir:

$$(10) \quad \begin{array}{cc} (\mathbf{x} \cdot) \\ \sigma \quad \sigma \end{array}$$

O troqueu moraico (ou mórico), ao contrário, distingue sílabas leves de pesadas, ou seja, nesse tipo de pé, contam-se as moras de que as sílabas são constituídas. Sistemas de acento com esse pé têm constituintes binários de cabeça à esquerda ou, no caso de sílabas pesadas, um único constituinte. Esse tipo de pé é constituído sempre por duas moras. Dada a distinção entre sílabas leves e pesadas, é possível que apenas uma sílaba pesada constitua um troqueu moraico, como em (11:a), a seguir. Todavia, há possibilidades também de que um troqueu moraico seja formado por duas sílabas leves, cada qual correspondendo a uma mora, desde que a primeira delas seja mais forte que a segunda, como vemos em (11:b):

$$(11) \quad \begin{array}{cc} (a) & (\mathbf{x}) \\ & \underline{\quad} \\ & \sigma \\ & / \quad \backslash \\ & \mathbf{m} \quad \mathbf{m} \end{array} \quad \begin{array}{cc} (b) & (\mathbf{x} \cdot) \\ & \underset{\cdot}{\sigma} \quad \underset{\cdot}{\sigma} \\ & | \quad | \\ & \mathbf{m} \quad \mathbf{m} \end{array}$$

O *iambo* é um pé com cabeça à direita e isso o diferencia dos troqueus. Sistemas acentuais que optam por esse tipo têm constituintes binários de cabeça à direita. Esses constituintes são compostos por duas sílabas leves ou por uma leve e outra pesada, como vemos

²⁴ Cf. nota (22)

nas representações em (12:a), a seguir. É possível também haver um iambo formado apenas por uma sílaba pesada, como ocorre em (12:b):

$$(12) \quad (a) \quad \left(\underset{\cdot}{\cdot} \underset{\cdot}{x} \right) \text{ ou } \left(\underset{\cdot}{\cdot} \underset{-}{x} \right) \quad (b) \quad \left(\underset{-}{x} \right)$$

No que tange à segmentação dos pés, Hayes (1995) diz que esta pode dar-se de forma *iterativa* quando se formam quantos pés forem necessários até o fim da palavra, o que acarreta atribuição de acentos secundários. A segmentação é *não-iterativa*, em contrapartida, quando só um pé é formado na palavra. Quanto ao parâmetro da *direcionalidade*, Hayes postula que para a segmentação dos pés, os sistemas de acento podem adotar duas direções: da direita para a esquerda ou desta para a direita.

Outra noção importante é a da *extrametricidade* que é um recurso utilizado para adequar a palavra prosódica ao domínio das regras gerais de atribuição do acento. Esse recurso torna um elemento (segmento, sílaba, palavra fonológica, entre outros) periférico e marcado por colchetes angulares, temporariamente invisível às regras de construção de constituintes.

Segundo Hayes, o acento primário de uma palavra é determinado pela aplicação de uma Regra Final, a qual, com base na proeminência relativa entre os pés dessa palavra, cria um constituinte na última linha da grade métrica, atribuindo à cabeça do pé (mais à esquerda ou à direita, dependendo da língua em questão) o acento.

Sem dúvida, com o desenvolvimento das teorias fonológicas, em especial, do modelo paramétrico estabelecido por Hayes (1995), a descrição e a formalização dos padrões acentuais e de ritmo da fala tornaram-se mais precisas. É nesse sentido que para a análise desses fenômenos em Shanenawa optamos por esses pressupostos teóricos, tal como passamos a apresentar. Ressaltamos, entretanto, que nosso propósito aqui não é apresentar uma descrição detalhada do acento nessa língua. Pretendemos apenas tecer algumas generalizações sobre o tema que, certamente, exigirá futuras investigações.

2.1.2. Inventário de fones e fonemas

Para as análises descritas neste e nos demais capítulos, recorreremos aos inventários fonético e fonológico da língua Shanenawa, propostos com base na descrição que apresentamos em um estudo anterior (Cândido, 1998) e o qual resumimos, na seqüência.

2.1.2.1. Fones e fonemas consonantais

A análise fonêmica dos dados do Shanenawa revelou-nos que dentre os 25 fones detectados, apenas 14 foram considerados fonemas. Isso é mostrado na Tabela I, abaixo, em que, por questões práticas, situamos fones e fonemas em um mesmo quadro. A distinção entre um e outro é estabelecida pela seguinte convenção: barras transversais para fonemas e colchetes para alofones.

	BILA-BIAL	LÁBIO-DENTAL	ALVEO-LAR	ÁLVEO-PALATAL	RETRO-FLEXO	PALA-TAL	VELAR	UVU-LAR	GLO-TAL	LÁBIO-VELAR
OCCLUSIVA	/p/		/t/ [d]			[c]	/k/	[q]	[ʔ]	
NASAL	/m/		/n/			[ɲ]	[ŋ]	[ŋ]		
TEPE			/ɾ/							
FRICATIVA	[β]	/f/ [v]	/s/	[ʃ]	/ʂ/				/h/	
AFRICADA			/ts/	/tʃ/ [dʒ]						
APROXIMANTES						/j/				/w/

Tabela 1: Inventários Fonético e Fonológico Consonantal da Língua Shanenawa

Todos os fonemas foram atestados por contraste em ambientes idênticos ou análogos com distinção de significado. Abaixo, listamos os fonemas que foram comparados seguidos de um dos exemplos de par mínimo ou análogo utilizados na análise fonêmica:

- (13) /m/ e /p/ : (a) [ma¹ kaʔ] /maka/ ‘rato’
 (b) [pa¹ kaʔ] /paka/ ‘taboca’
- (14) /t/ e /n/: (a) [ta¹ iʔ] /tai/ ‘pé’
 (b) [na¹ iʔ] /nai/ ‘céu’

(15)	/t/ e /k/:	(a)	[iʃ ¹ ʔi]	/iʃtiN ²⁵ /	‘estrela’
		(b)	[iʃ ¹ ʔi]	/iʃkiN/	‘peixe’
(16)	/n/ e /m/:	(a)	[na ¹ iʔ]	/nai/	‘céu’
		(b)	[ma ¹ iʔ]	/mai/	‘terra’
(17)	/n/ e /r/:	(a)	[nu ¹ nuʔ]	/nunu/	‘pato’
		(b)	[ru ¹ nuʔ]	/runu/	‘cobra’
(18)	/f/ e /s/:	(a)	[fu ¹ tʃiʔ]	/futʃi/	‘encontrar’
		(b)	[su ¹ tʃiʔ]	/sutʃi/	‘peito’
(19)	/s/ e /ʃ/:	(a)	[pu ¹ sã]	/pusaN/	‘bicho preguiça’
		(b)	[ru ¹ sã]	/ruʃaN/	‘sal’
(20)	/ts/ e /tʃ/:	(a)	[ma ¹ tʃiʔ]	/matʃi/	‘morro’
		(b)	[ma ¹ tsiʔ]	/matsi/	‘gelo’
(21)	/h/ e /s/ ²⁶ :	(a)	[¹ hã]	/haN/	‘sim’
		(b)	[i ¹ sã]	/isaN/	‘patoá’
(22)	/w/ e /p/:	(a)	[i ¹ waʔ]	/iwa/	‘mãe’
		(b)	[i ¹ paʔ]	/ipa/	‘pai’
(23)	/j e /k/:	(a)	[ra ¹ jaʔ]	/raja/	‘trabalhar’
		(b)	[ra ¹ kaʔ]	/raka/	‘deitar’

Sobre a série de oclusivas foneticamente semelhantes [c], [k] e [q], observamos que a palatal [c] e a uvular [q] se realizam, respectivamente, apenas antes de vogais anteriores e posteriores, como vemos nos exemplos em (24:a-b) e (24:c-d), a seguir. A velar [k], por sua vez,

²⁵ Conferir, na seção 2.2.2., descrição sobre segmentos nasais fechando sílaba. Por ora, adiantamos que /N/ não se refere à consoante uvular que figura na Tabela I como fone da língua Shanenawa. No nível fonológico, /N/ representa uma consoante sem especificação para ponto, que pode ser interpretada como o que os lingüistas do Círculo Lingüístico de Praga denominaram de “arquifonema” (Trubetzkoy, 1973), devido à neutralização da oposição entre as nasais /m/ e /n/ na posição de coda silábica.

²⁶ Considerando que em algumas línguas existe uma relação entre as fricativas [s] alveolar e [h] glotal, em final de sílaba, ou seja, é comum ocorrer o processo de mudança de [s] para [h] e seu posterior apagamento (s => h => Ø), decidimos contrastar esses dois fones em Shanenawa. A relação entre ambos os segmentos pode ser vista em alguns dialetos do Português do Brasil e em vários dialetos do Espanhol, por exemplo, no do Chile, em palavras como *mas* e *menos*, por exemplo: [mas] => [mah] ‘mas’ e [menos] => [menoh] ‘menos’.

ocorre nos demais ambientes, como em (24:e-f). Desse modo, esses sons encontram-se em distribuição complementar, sendo [c] e [q] alofones do fonema /k/.

- | | | | | |
|------|-----|--------------------------|-----------|-----------|
| (24) | (a) | [pahĩŋ ¹ ciʔ] | /pahiNki/ | ‘orelha’ |
| | (b) | [iʃ ¹ cĩ] | /iʃkiN/ | ‘peixe’ |
| | (c) | [qʊs ¹ qoʔ] | /kusku/ | ‘urubu’ |
| | (d) | [qo ¹ ʃaʔ] | /kuʃa/ | ‘cedro’ |
| | (e) | [ka ¹ kẽ] | /kakaN/ | ‘abacaxi’ |
| | (f) | [faki ¹ huʔ] | /fakihu/ | ‘menino’ |

Outra série foneticamente semelhante analisada foi as das nasais [n], [ɲ], [ŋ] e [N]. Como mostram os dados em (25), a seguir, a palatal [ɲ], a velar [ŋ] e a uvular [N] ocorrem apenas nos respectivos ambientes: antes das oclusivas palatal [c], velar /k/ e uvular [q]. A alveolar /n/, por sua vez, ocorre nos demais ambientes. Logo, concluímos que [ɲ], [ŋ] e [N] são alofones do fonema /n/.

- | | | | | |
|------|-----|--------------------------|-----------|-----------|
| (25) | (a) | [pahĩŋ ¹ ciʔ] | /pahiNki/ | ‘orelha’ |
| | (b) | [niŋ ¹ kaʔ] | /niNka/ | ‘escutar’ |
| | (c) | [ratũN ¹ qoʔ] | /ratuNku/ | ‘joelho’ |
| | (d) | [tuã ¹ teʔ] | /tuaNti/ | ‘remo’ |

As fricativas álveo-palatal [ʃ] e retroflexa [ʂ] também ocorrem em distribuição complementar. Os ambientes de ocorrência são os seguintes: [ʃ] contígua a vogais altas anteriores, como nos exemplos em (26:a-b) e [ʂ], nos demais ambientes, como em (26:c-e). Com isso, [ʃ] foi considerado alofone do fonema /ʃ/.

- | | | | | |
|------|-----|------------------------|---------|----------|
| (26) | (a) | [ʃĩ ¹ pi] | /ʃipi/ | ‘banana’ |
| | (b) | [iʃ ¹ cĩ] | /iʃkiN/ | ‘peixe’ |
| | (c) | [kuʃ ¹ koʔ] | /kuʃku/ | ‘sapo’ |

(d)	[pi 'ʃiʔ]	/piʃi/	‘casa’
(e)	[ʃa 'kaʔ]	/ʃaka/	‘casca’

No que diz respeito à oclusiva glotal [ʔ], em princípio, consideramos esse som alofone de vários fonemas consonantais da língua, tendo em vista sua ocorrência sistemática fechando sílaba em final absoluto de palavra. Isso, aliás, levou-nos a considerar [ʔ] apenas uma implementação fonética sem relevância fonológica. Entretanto, dado o critério da semelhança fonética, decidimos comparar [ʔ] com a fricativa também glotal /h/. O resultado mostrou que [ʔ] ocorre apenas em final de palavras precedida de vogais orais e glides (ou aproximantes), enquanto /h/, nos demais ambientes. Os exemplos, a seguir, ilustram isso:

(27)	(a.1.)	[faki 'huʔ]	/faki <u>hu</u> /	‘menino’
	(a.2.)	[na 'iʔ]	/nai/	‘céu’
	(b.1.)	[hu 'niʔ]	/ <u>huni</u> /	‘macho’
	(b.2.)	['vuʔ]	/fu/	‘cabelo’

A comparação acima, obviamente, exige algumas ponderações. Afinal, como demonstram os dados, se considerássemos [ʔ] um alofone exclusivo de /h/, isso implicaria que esta fricativa deveria, em nível fonológico, ser representada nos ambientes em que a oclusiva glotal ocorre no nível fonético. Porém, isso não está de acordo com as regras fonotáticas da língua para a posição de coda, conforme veremos na seção **2.1.3.1.1.2.** com mais detalhes. Por ora, adiantamos que, por seu caráter não distintivo e sua ocorrência apenas em final de palavras, a glotal [ʔ] não pertence ao inventário de fonemas da língua.

Para concluir a análise das consoantes, listamos alguns segmentos que ocorrem em variação livre em ambientes idênticos sem causar alteração de significado, ou seja, os seguintes pares de sons: tepe alveolar /r/ e oclusiva alveolar [d] que variam entre si em início de palavra; fricativa lábio-dental desvozeada /f/²⁷ e vozeada [v] que também alternam em início de palavra;

²⁷ Seguindo um critério de simetria na postulação de fonemas da língua selecionamos a fricativa lábio-dental desvozeada [f] como fonema.

aproximante lábio-velar /w/ e fricativa labial [β] que ocorrem em variação livre em qualquer ambiente; aproximante palatal /j/ e africada álveo-palatal vozeada [dʒ] que alternam entre si em início de palavras. Os dados, abaixo, ilustram respectivamente as referidas alternâncias:

- (28) (a) [ru¹ noʔ] ~ [du¹ noʔ] /runu/ ‘cobra’
 (b) [ri¹ cĩ] ~ [di¹ cĩ] /rikiN/ ‘nariz’
- (29) (a) [fu¹ ruʔ] ~ [vu¹ ruʔ] /furu/ ‘olho’
 (b) [fa¹ muʔ] ~ [va¹ muʔ] /famu/ ‘tatu queixada’
- (30) (a) [wa¹ siʔ] ~ [βa¹ siʔ] /wasi/ ‘capim’
 (b) [i¹ waʔ] ~ [i¹ βaʔ] /iwa/ ‘mãe’
- (31) (a) [dʒuĩ¹ naʔ] ~ [juĩ¹ naʔ] /juina/ ‘pássaro’
 (b) [dʒu¹ iʔ] ~ [ju¹ iʔ] /jui/ ‘dizer’

2.1.2.2. Fones e fonemas vocálicos

Na língua Shanenawa, registramos 11 fones, dentre os quais apenas quatro foram considerados fonemas. As vogais cardeais: /i/, /i/, /u/, /a/, como na Tabela 2, a seguir:

	NÃO-ARREDONDADO				ARREDONDADO	
	ORAL	NASAL.	ORAL	NASAL.	ORAL	NASAL.
ALTO-FECHADO	/i/	[ĩ]	/i/	[i]	/u/	[u]
MÉDIO-FECHADO	[e]				[o]	
MÉDIO-ABERTO	[æ]					
BAIXO			/a/	[ã]		

Tabela 2: Inventários Fonético e Fonológico Vocálico da Língua Shanenawa.

A exemplo dos segmentos consonantais, todos os fonemas vocálicos foram constatados por contraste em ambientes idênticos ou análogos, expressando distinção de significado. A seguir, listamos os fonemas comparados em um exemplo de par mínimo ou análogo que foi utilizado na análise fonêmica da língua.

- (32) /i/ e /i/: (a) [i¹ miʔ] /imi/ ‘sangue’
 (b) [i¹ niʔ] /ini/ ‘água’
- (33) /i/ e /u/: (a) [pis¹ toʔ] /pistu/ ‘mutuca’
 (b) [pus¹ tuʔ] /pustu/ ‘barriga’
- (34) /i/ e /a/: (a) [ma¹ kiʔ] /maki/ ‘piranha’
 (b) [ma¹ kaʔ] /maka/ ‘rato’

Todos os segmentos vocálicos orais possuem realizações nasalizadas antes de segmentos nasais, sejam eles foneticamente realizados ou não (por exemplo, em final absoluto de palavras em que o segmento nasal subjacente não é produzido na superfície, embora haja indícios de sua existência no nível subjacente), como vemos nos dados seguintes:

- (35) (a) [pahĩŋ¹ ciʔ] /pahiNki/ ‘orelha’
 (b) [ã¹ naʔ] /ana/ ‘língua’
 (c) [atũ¹ naʔ] /atuna/ ‘possessivo de 3pp’
 (d) [fumã¹ naʔ] /fumana/ ‘testa’
 (e) [di¹ cĩ] /rikiN/ ‘nariz’
 (f) [ʔ¹ ɥ] /iN/ ‘1ps’
 (g) [ma¹ ʂũ] /maʂuN/ ‘chifre’

Quanto aos segmentos que ocorrem em variação livre em ambientes idênticos, constatamos os seguintes pares de sons: a alta anterior /i/ que varia livremente com a média-alta [e] em sílaba final; a posterior /u/ que alterna livremente com a média-alta também posterior [o]; a baixa anterior /a/ que ocorre em variação livre com a média-baixa anterior [æ] em sílaba final antes da aproximante palatal [j]. Todos os casos são exemplificados, na seqüência:

- (36) /i/ e [e]: (a) [wa¹ tiʔ] ~ [wa¹ teʔ] /wati/ ‘copo’
 (b) [fu¹ siʔ] ~ [fu¹ seʔ] /fusi/ ‘lontra’

- (37) /u/ e [o]: (a) [ju¹ tʃiʔ] ~ [jo¹ tʃiʔ] /jutʃi/ ‘pimenta’
 (b) [pi¹ tʃuʔ] ~ [pi¹ tʃoʔ] /pitʃu/ ‘periquito’
- (38) /a/ e [æ]: (a) [ju¹ majʔ] ~ [ju¹ mæj] /jumaj/ ‘onça’
 (b) [ʔ tʃajʔ] ~ [ʔ tʃæj] /tʃaj/ ‘longe’

2.1.4. A estrutura silábica

Considerando os papéis fundamentais da sílaba e também da palavra nas análises de aspectos fonológicos como os que pretendemos tratar nesta tese, dedicaremos a presente seção à descrição dos modos de distribuição dos sons na estrutura silábica (e esta, por sua vez, dentro da palavra) na língua Shanenawa.

2.1.3.1. Os constituintes silábicos

De acordo com a análise da sílaba da língua Shanenawa que apresentamos em Cândido (1998), a fórmula fonológica básica da estrutura da sílaba é **(C)V(C)**, a qual resume o seguinte inventário de subtipos silábicos: **V**, **VC**, **CV**, **CVC**. Os dados, abaixo, ilustram os referidos subtipos:

- (39) (a) **V . CV** /i.pa/ ‘pai’
 (b) **CV . VC . CV** /ti.us.tu/ ‘papo’
 (c) **CV . CV** /ma.ka/ ‘rato’
 (d) **CVC . CV** /pus.tu/ ‘barriga’
 (e) **VC.CVC** /iʃ.kiN/ ‘peixe’

Embora constem no inventário silábico tanto sílabas abertas quanto fechadas, a ocorrência dessas últimas se dá de forma bastante restrita. Na seqüência, mostraremos as constituições internas de cada um dos tipos silábicos verificados no Shanenawa.

2.1.3.1.1. O ataque

Na língua Shanenawa, a estrutura do ataque (ou onset) silábico pode ser representada da seguinte forma:

$$\begin{array}{c}
 (40) \quad \sigma \\
 | \\
 A \\
 | \\
 x \\
 | \\
 r \\
 /p, t, k, m, n, r, f, s, \text{ʃ}, h, ts, tʃ, j, w/
 \end{array}$$

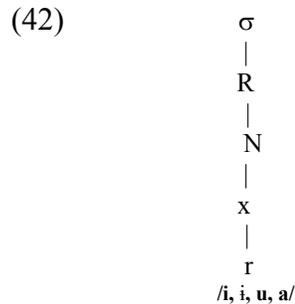
Nesses termos, todos os fonemas consonantais da língua podem ocupar a posição de *ataque* de sílaba, mas somente um por vez, ou seja, não há registros de seqüências do tipo CCV ou outras, em nosso *corpus*. Em (41), abaixo, listamos exemplos em que a ocorrência dos fonemas consonantais pode ser conferida no ataque de sílaba inicial ou não das palavras:

- (41)
- | | | |
|-----|----------|--------------------------------|
| (a) | /mapu/ | ‘cabeça’ |
| (b) | /kamaN/ | ‘cachorro’ |
| (c) | /taka/ | ‘fígado’ |
| (d) | /nawa/ | ‘homem branco’, ‘gente (gen.)’ |
| (e) | /rikiN/ | ‘nariz’ |
| (f) | /fari/ | ‘sol’ |
| (g) | /mufi/ | ‘mão’ |
| (h) | /sutʃi/ | ‘peito’ |
| (i) | /wasi/ | ‘capim’ |
| (j) | /ʃiti/ | ‘dentes’ |
| (l) | /tʃa ʃu/ | ‘veado’ |
| (m) | /huʃpi/ | ‘sobrancelhas’ |
| (n) | /tsawti/ | ‘banco’ |
| (o) | /matsi/ | ‘gelo’ |
| (p) | /juina/ | ‘pássaro (gen.)’ |

2.1.3.1.2. A rima

2.1.3.1.2.1. O núcleo

A estrutura silábica do Shanenawa, em termos da posição de núcleo, pode ser representada, como vemos, abaixo:



Logo, a posição nuclear, a exemplo do ataque, também não apresenta complexidade do ponto de vista fonológico, podendo ser preenchida por qualquer um dos fonemas vocálicos da língua, como demonstram os exemplos seguintes:

- (43)
- | | | |
|-----|------------|-----------|
| (a) | /ju i na/ | ‘pássaro’ |
| (b) | /i pa/ | ‘pai’ |
| (c) | /tu aN ti/ | ‘remo’ |
| (d) | /fa ki hu/ | ‘criança’ |

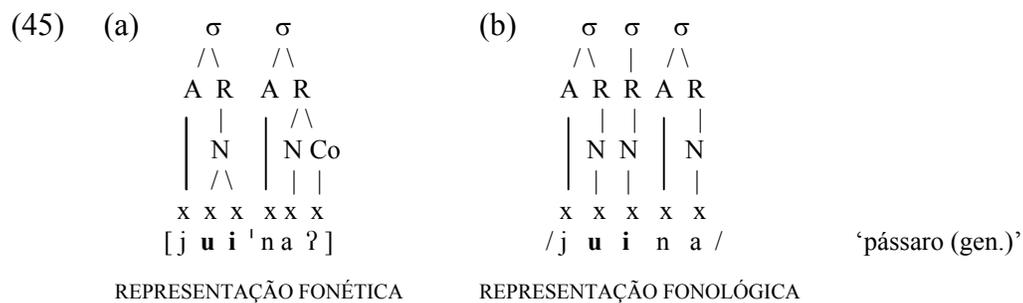
Contudo, do ponto de vista fonético, é necessário justificar nossa descrição fonológica de sílabas como as apresentadas nos exemplos (43:a) e (43:c), acima, e ainda aqueles, abaixo:

- (44)
- | | | | |
|-----|-----------------------|------------------------------------|------------------|
| (a) | /aʃ fu a/ | [aʃ fu ¹ aʔ] | ‘boca’ |
| (b) | /ju ina / | [ju i ¹ naʔ] | ‘pássaro (gen.)’ |
| (c) | /tu a Nti/ | [tu ã ¹ tiʔ] | ‘remo’ |
| (d) | /fari una Nti/ | [fari unã ¹ tiʔ] | ‘relógio’ |

As formas negritadas nas transcrições fonéticas dos dados, em (44), apresentam as vogais altas /i/ e /u/ em posições adjacentes a outras vogais da língua. Normalmente, tais seqüências

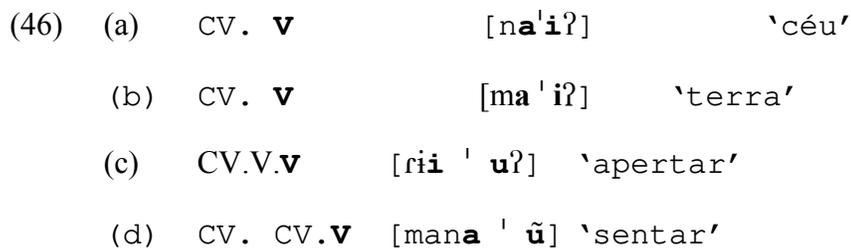
vocálicas poderiam sugerir a existência de estruturas silábicas complexas. Todavia, para o Shanenawa, há argumentos a favor da hipótese de que /i/ e /u/ adjacentes a outras vogais não constituem um núcleo silábico complexo.

Primeiramente, consideramos a velocidade da fala, já que quando os falantes produzem dados como os citados em (44) em forma de elicitación pausada, o resultado mostra que as vogais adjacentes são articuladas em núcleos independentes. Isso serve, especialmente, às vogais adjacentes distribuídas em sílabas átonas. Dessa forma, embora a estrutura silábica de um dado como, por exemplo, aquele citado em (44:b) possa, no nível fonético, ter uma representação como em (45:a), abaixo, no nível fonológico, a estrutura silábica é semelhante ao exposto em (45:b):



Portanto, no nível fonético, a vogal alta /i/ (como no exemplo, acima) busca apoio na vogal precedente, constituindo com ela um núcleo complexo, como revela a representação em (45:a). Todavia, no nível fonológico, cada uma das vogais constitui um núcleo silábico independente, mesmo em posições átonas como é o caso.

No caso dos segmentos que envolvem sílabas tônicas, os limites das adjacências são ainda mais definidos, como nos exemplos em (46), a seguir, em que os encontros vocálicos ocorrem no final de palavra, portanto, em sílabas acentuadas.



Ou seja, o fato de na língua Shanenawa o acento recair exclusivamente sobre a última sílaba da palavra, somado à elicitación pausada de dados desse tipo, tornam possível divisar as fronteiras entre os núcleos silábicos nessa posição.

2.1.3.1.2.2. A coda

Como na maioria das línguas, a posição de coda também apresenta restrições quanto ao seu preenchimento. Apenas cinco fonemas da língua podem ocupar a coda: as coronais /s/ e /ʃ/, a nasal /N/ e as aproximantes /j/ e /w/.

A alveolar /s/ ocorre apenas em posição não final, como mostram os dados em (47:a-d). Já a retroflexa /ʃ/ pode ser ouvida tanto em posição interna, como vemos em (47:e-h), quanto em final de palavras. Contudo, este último caso apenas é registrado em dados que contêm o sufixo {-aʃ}, um dos morfemas que marcam a *switch-reference* ou outras referências entre sentenças no Shanenawa, como em (47:i-j), abaixo:

- (47) (a) /niska/ ‘suar’
 (b) /misti/ ‘unha’
 (c) /pustu/ ‘barriga’
 (d) /itʃapamasta/ ‘pouco’
 (e) /iʃkiN/ ‘peixe’
 (f) /miʃkiti/ ‘pedra’
 (g) /kuʃku/ ‘sapo’
 (h) /aʃfua/ ‘boca’
 (i) fakihu-ϕ itʃu-a-aʃ, paki-a, sian-a-ki
 menino-ABS correr-PAS-SR(SI) cair-PAS chorar-PAS-DECL
 ‘O menino correu, caiu e chorou.’
 (j) nukuhuni-ϕ ka-a-aʃ, isintini-a, na-a-ki
 homem-ABS foi-PAS-SR(SI) adoecer-PAS morrer-PAS-DECL
 ‘O homem foi (para o hospital), adoeceu e morreu.’

Como podemos observar, a probabilidade de que as coronais /s/ e /ʃ/ percam seu caráter fonêmico nessa posição silábica (algo natural em outras línguas) não existe no Shanenawa, uma vez que não há restrições quanto ao ambiente de ocorrência dessas coronais na posição de coda interna. Isso nos permite dizer ainda que no nível fonológico não existe um arquifonema coronal ocupando a coda interna de sílabas de palavras como as exemplificadas em (47:a-h). De qualquer modo, a hipótese de neutralização da oposição fonêmica entre /s/ e /ʃ/ na coda é completamente descartada por dados como os que constituem o par mínimo exemplificado, a seguir:

- (48) (a) /kuskʷ/ [kus^h kuʔ] ‘urubu’
 (b) /kuʃku/ [kuʃ^h kuʔ] ‘sapo’

Quanto à nasal, a qual estamos considerando um arquifonema /N/ em posição de coda, observamos que esse som ocorre tanto em posição interna quanto final, como mostram os dados, abaixo:

- (49) (a) /ʃaniN ihu/ ‘chefe’
 (b) /niNka/ ‘escutar’
 (c) /inaN/ ‘dar’
 (d) /awiN/ ‘esposa’

Acrescentamos apenas que, como já dito, a nasal não tem especificação para ponto na posição de coda. Dessa forma, a oposição fonêmica estabelecida pelos traços labial, para /m/, e coronal, para /n/, verificada na posição de ataque é completamente neutralizada na coda. Este é o motivo pelo qual, nessa posição, /N/ é um arquifonema da língua Shanenawa.

Com relação às aproximantes palatal /j/ e lábio-velar /w/, também não há restrições quanto à ocorrência desses fonemas em coda, já que ambos podem ser ouvidos tanto em posição interna quanto em final de palavras, como demonstram os seguintes exemplos:

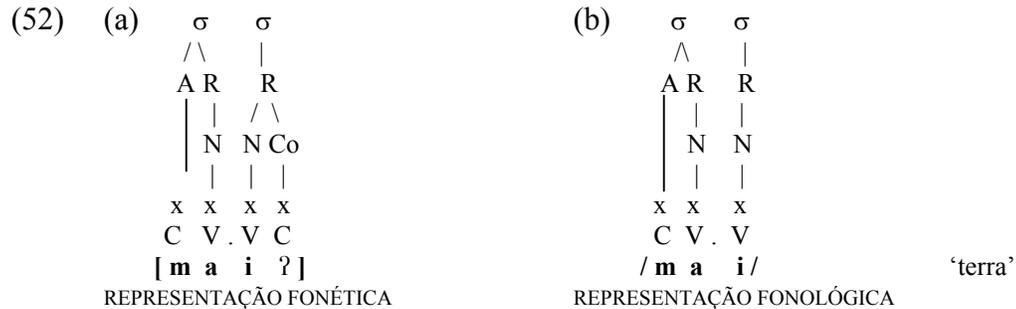
- (50) (a) CVG [ʃaw] ‘osso’
 (b) CVG [pij] ‘pena’, ‘folha’

(c)	CVG	[^l tʃaj]	‘longe’, ‘primo’
(d)	CVG	[^l tsaw]	‘sentar’
(e)	CVG.CV	[pij ^l tiʔ]	‘dinheiro’
(f)	CVG.CV	[tsaw ^l tiʔ]	‘banco de sentar’

Para concluir esta seção, chamamos atenção para os dados em (50:a-d) que, apesar de ilustrarem o tipo CVC, podem sugerir uma outra interpretação, ou seja, a de que ao invés das aproximantes /j/ e /w/ em coda, teríamos as vogais altas /i/ e /u/, respectivamente, constituindo juntamente com a vogal adjacente um núcleo silábico complexo. Embora tenha inicialmente sido considerada, essa hipótese foi descartada devido à constatação de uma regra fonotática da língua, a qual inibe a ocorrência em final absoluto de palavras de sílaba do tipo CV ou V. Isto é, o padrão silábico absoluto em final de palavra é C_1VC_2 ou VC_2 , sendo C_2 , como já mostramos anteriormente, um dos seguintes fonemas: /s/, /ʃ/, /N/, /j/ ou /w/. Nos casos em que nenhum desses fonemas ocorre, a língua insere a oclusiva glotal [ʔ] que, por simetria, poderia ser interpretada como um arquifonema das oclusivas da língua ou, em uma outra visão, um alofone de todos os fonemas permitidos para a posição de coda final.

A comparação de dois dados que comungam algumas semelhanças, [ju^lmaj] ‘onça’ e [ma^liʔ] ‘terra’, podem ilustrar melhor essa dedução. Para tanto, consideremos as respectivas representações fonéticas e fonológicas em (51) e (52), a seguir:

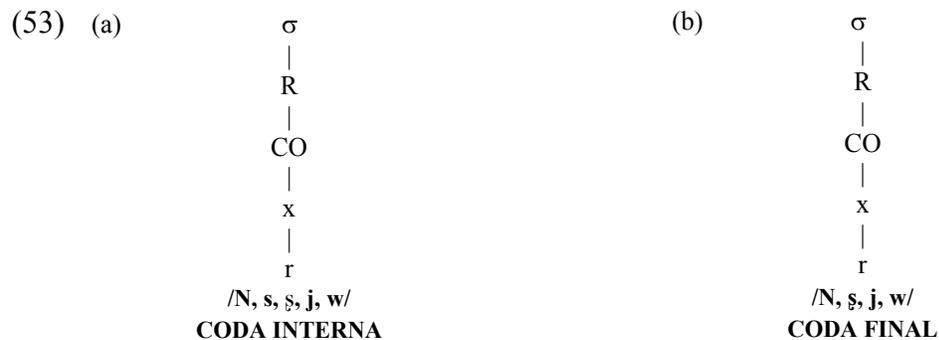
(51)	(a)	$ \begin{array}{c} \sigma \quad \sigma \\ / \backslash \quad / \backslash \\ A R \quad A R \\ \quad \quad \quad \\ N \quad N \quad Co \\ \quad \quad \quad \\ x \quad x \quad x \quad x \\ C \quad V \quad CV \quad C \\ \mathbf{[j \quad u \quad ma \quad j]} \\ \text{REPRESENTAÇÃO FONÉTICA} \end{array} $	(b)	$ \begin{array}{c} \sigma \quad \sigma \\ / \backslash \quad / \backslash \\ A R \quad A R \\ \quad \quad \quad \\ N \quad N \quad Co \\ \quad \quad \quad \\ x \quad x \quad x \quad x \\ C \quad V \quad CV \quad C \\ \mathbf{/j \quad u \quad ma \quad j/} \\ \text{REPRESENTAÇÃO FONOLÓGICA} \end{array} $	‘onça’
------	-----	--	-----	--	--------



Com as representações fonéticas, confirmamos a característica da língua Shanenawa de inibir a ocorrência do padrão silábico CV ou V em posição final de palavras. Em (51:a), vemos o tipo CVC; em (52:a), VC. Apesar das aparências, nas representações fonológicas a previsão de uma coda final não foi descartada. O fato de ela não ter sido referenciada na representação em (52:b) se deve à previsibilidade de seu preenchimento pela oclusiva glotal [ʔ]. Reafirmando o já dito, quando a coda não for ocupada por um dos cinco fonemas permitidos para a posição, como é o caso em (52), a glotal será automaticamente inserida.

Todavia, apesar de sua ocorrência na fala, do ponto de vista fonológico, não há indícios de que [ʔ] exerça um papel distintivo na língua. Na realidade, sua ocorrência parece se dever mesmo a uma implementação fonética voltada para a tarefa de inibir sílabas abertas em posição final de palavra. Afinal, existem regras fonéticas e fonotáticas de boa formação da sílaba em Shaneanwa.

Enfim, considerando as análises expostas, a estrutura da coda silábica da língua Shanenawa pode ter duas representações: tal como na figura em (53:a) para os casos internos ou como em (53:b) para o final absoluto de palavras:



Com base nessas informações, passaremos, a seguir, à descrição do algoritmo acentual na língua Shanenawa, estabelecendo a relação entre a estrutura da sílaba e o comportamento do acento.

2.1.4. A estrutura silábica e a atribuição do acento à luz da Teoria Métrica

Em Shanenawa, a maioria das palavras simples (não-compostos) são constituídas por duas sílabas quando se encontram em sua forma primitiva ou básica, ou seja, sem acréscimo de afixos, como em (54:a-c), a seguir. Os raros monossílabos são todos tônicos, como em (54:d-f). As palavras com três ou mais sílabas se subdividem em dois grupos: o das não derivadas (em número reduzido), ou seja, as formas plenas sem adição de afixos, como em (54:g-h) e o das palavras formadas por uma raiz acrescida de afixos, como em (54:i-l):

(54)	(a)	[na'iʔ]	/nai/ ²⁸	‘céu’
	(b)	[ka'mã]	/kamaN/	‘cachorro’
	(c)	[nu'quʔ]	/nuku/	‘possessivo 1pp’
	(d)	[ʔfuʔ]	/fu/	‘cabelo’
	(e)	[ʔtʃiʔ]	/tʃi/	‘fogo’
	(f)	[ʔin]	/in/	‘1ps’
	(g)	[istu'quʔ]	/istuku/	‘macaco’
	(h)	[pahĩ'ciʔ]	/pahiNki/	‘orelha’
	(i)	[faki'huʔ]	/faki-hu/	‘menino + morfema generalizador’
	(j)	[mufi'tiʔ]	/mufi-ti/	‘mão + morfema quantificador’
	(l)	[paʃini'paʔ]	/paʃinipa/	‘amarelo’

Como observamos nos dados expostos, em (54), independente do número de sílabas de que a palavra é constituída, o acento é sempre predizível, caindo de forma recorrente na última sílaba. Os dados em (54:i-l) ainda nos mostram que o acréscimo de afixos não interfere na

²⁸ Em virtude de sua previsibilidade, não marcaremos o acento na representação fonológica dos dados.

posição do acento que permanece recaindo na sílaba final. Esse aspecto prosódico é também compartilhado por outras línguas da família Pano, como o Kaxinawá (Camargo, 1991) e o Katukina (Aguilar, 1994), entre outras, nas quais o acento parece ser um processo anterior a qualquer manifestação morfológica na língua.

Assim sendo, se considerarmos os princípios e parâmetros de Hayes (1995) para estabelecer o algoritmo acentual do Shanenawa, deveríamos postular o seguinte: na língua, as sílabas são estruturadas em pés métricos binários, cujas segmentações se dão de forma não-iterativa sendo a direção estabelecida da direita para a esquerda com dominância à direita. Os exemplos, a seguir, demonstram isso:

(55)	(*)	(*)	Nível da palavra
	(*)	(*)	Nível do pé
	σ	σ	Nível da sílaba
	/fu/	/tʃi/	Representação fonológica
	[¹ fuʔ]	[¹ tʃiʔ]	Representação fonética
	‘cabelo’	‘fogo’	Glossa
(56)	(*)	(*)	Nível da palavra (Regra Final à Direita)
	(. *)	(. *)	Nível do pé
	$\sigma \sigma$	$\sigma \sigma$	Nível da sílaba
	/nai/	/kamaN/	Representação fonológica
	[na ¹ iʔ]	[ka ¹ mã]	Representação fonética
	‘céu’	‘cachorro’	Glossa
(57)	(*)	(*)	Nível da palavra (Regra Final à Direita)
	(. *)	(. *)	Nível do pé
	$\sigma \sigma \sigma$	$\sigma \sigma \sigma$	Nível da sílaba
	/fakihu/	/is tu ku/	Representação fonológica
	[<fa> ki ¹ huʔ]	[<is>tu ¹ quʔ]	Representação fonética
	‘menino’	‘macaco’	Glossa

Apesar das representações expostas demonstrarem certa consistência, temos dúvidas de que tais princípios e parâmetros realmente se apliquem ao Shanenawa. Afinal, o comportamento fixo do acento pode estar relacionado ao fato de a última sílaba dos itens lexicais ser sempre pesada. Isto é, como já dissemos anteriormente, as sílabas em final absoluto de palavra são sistematicamente fechadas, ou seja, são VC ou CVC. No nível fonológico, a coda é preenchida por uma consoante coronal /s/, nasal /N/ ou aproximante /j/ ou /w/. No nível fonético, a oclusiva

glotal [ʔ] ocupa toda coda que não for preenchida por um dos fonemas exigidos pelo padrão silábico da língua. Aliás, isso nos faz interpretar [ʔ] como um sistema de correlação física do acento, ou seja, a inserção de [ʔ] na coda final se deve ao fato da língua inibir sílabas que não sejam pesadas na posição final das palavras. Considerando o parâmetro segundo o qual sílabas pesadas atraem sobre si o acento, então, a língua Shanenawa apresenta-se sensível ao peso silábico para fins de atribuição do acento. Em outras palavras, a língua aplica a regra da *Sensibilidade Quantitativa* que atribui um asterisco à sílaba ramificada que sistematicamente figura em posição final e que é portadora de acento por inerência, como vimos nas representações em (55, 56, 57), respectivamente.

Palavras complexas do tipo compostos parecem reafirmar essa hipótese, pois nelas o acento permanece caindo na última sílaba, tal como nos mostram os dados:

- (58) (a) [i'viʔ] + [pa'niʔ] => [i,vi pa'niʔ] ‘cama’
 pau + rede (leito)
- (b) [ta,riʔ] + [ci'ʃiʔ] => [ta,ri ci'ʃiʔ] ‘calça’
 roupa + coxa
- (c) [pi,aʔ] + [na'waʔ] => [pi,a na'waʔ] ‘espingarda’
 flecha + homem “branco”

Esses dados demonstram ainda que a consoante glotal, antes presente no nível fonético fechando a sílaba dos itens isolados, no processo de composição passa a não ser articulada na sílaba final do primeiro e demais itens (caso ocorram e que, obviamente, não seja o último). Apesar disso, essa sílaba permanece apresentando mais proeminência em relação a outras presentes na seqüência, sendo seu acento apenas mais fraco do que aquele sobre a sílaba em final absoluto do composto. Por isso, o último será considerado acento primário, enquanto os demais que ocorram na seqüência de itens, devido ao enfraquecimento, serão secundários. Em (59), a seguir, observamos a proeminência nos dois itens de um composto, mas a proeminência maior está mesmo na sílaba final:

- (59) (*) Nível da palavra

(. *) (. *)		Nível do pé ²⁹
σ σ σ σ		Nível da sílaba
/i fi pa ni/		Representação fonológica
[i ₁ vi + pa'niʔ]	‘cama’	Representação fonética

Em termos morfológicos, o acento desempenha um importante papel na identificação das palavras da língua. Tendo em vista que a maior parte dos itens é constituída por dissílabos ou trissílabos e, considerando o acento predizível no final absoluto dessas palavras, então, em uma seqüência fonológica a cada par de sílabas (resguardadas as exceções já mencionadas aqui) teremos um acento. Com isso poderemos considerar cada um dos itens com proeminência prosódica, realizações morfológicamente diferentes de palavras, como vemos nos exemplos, abaixo:

(60)	(a)	[nu ₁ quʔ i'paʔ]	# nu ₁ qu # i'pa#
			POSS(1pp) pai
			‘nosso pai’
	(b)	[ʒa ₁ ʒuʔ i ₁ wa'paʔ]	#ʒa ₁ ʒuʔ # i ₁ wa'paʔ#
			canoa grande
			‘canoa grande’

Nesses exemplos, percebemos que há proeminência em dois momentos de cada uma das seqüências. Morfológicamente, então, a língua interpreta cada um desses momentos como uma palavra distinta. Daí, cada exemplo ser constituído por duas palavras diferentes.

Admitindo para o Shanenawa o parâmetro do peso inerente da rima ramificada na atribuição do acento, podemos dizer, então, que o acento primário nessa língua se efetua pela seguinte regra:

- (61) **Regra do acento primário**
 - Atribua um asterisco à sílaba pesada final.

Nesses termos, concluímos sobre o acento em Shanenawa que a gramática desta língua escolhe sempre o lado direito da palavra, onde projeta a marca mais à direita dos constituintes. Essa língua por ter suas palavras rigorosamente terminadas por sílabas pesadas (fechadas pela

²⁹ Lembramos que se o peso é relevante, não precisamos contar iambos nessa língua. Essa representação então é mera formalidade.

consoante glotal [ʔ], nasal /N/, coronal /ʃ/ ou as aproximantes /j/ e /w/), é sensível ao peso silábico. Essas sílabas pesadas atraem o acento primário.

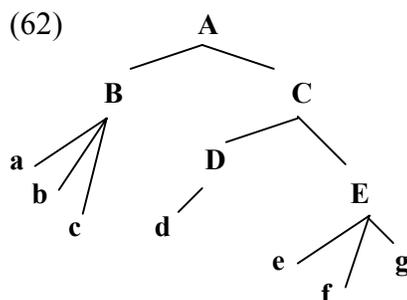
Nesses termos, em Shanenawa, o acento não é contrastivo, ou seja, a sílaba proeminente não é usada para distinguir palavras formalmente idênticas, embora apresente sentidos diversos. Em suma, o acento tem caráter apenas demarcativo.

2.2. Os processos de nasalização em Shanenawa

2.2.1. Princípios teóricos

Iniciemos estes princípios fazendo uma breve revisão de algumas noções básicas sobre a *organização de traços* tal como descrita na teoria fonológica não-linear denominada Geometria de Traços de Clements & Hume (1995), cujo objetivo é explicar o modo como os traços distintivos são organizados internamente nos segmentos, isto é, a forma como se agrupam em constituintes funcionais.

Nessa abordagem, os segmentos são representados em termos de configurações de nós hierarquicamente organizados. Os nós do tipo terminais são os traços, enquanto os intermediários são os constituintes maiores ou nós de “classes naturais”. Assim, ao contrário da teoria clássica que focaliza os traços dentro de matrizes, essa proposta os dispõe em forma de móbile, tal como na representação seguinte:



Segundo Clements & Hume (1995), o elemento **A**, ou nó de Raiz, corresponde ao som falado ou segmento propriamente dito; nos níveis hierarquicamente inferiores estão os chamados nós de classe **B**, **C**, **D** e **E** designando o agrupamento de traços funcionais, tais como o nó laringal, os nós de ponto de articulação entre outros; e, nos níveis mais baixos (**a**, **b**, **c**, **d**, **e**, **f**, **g**) localizam-se os traços. Os constituintes imediatos de um constituinte maior são considerados nós

irmãos (por exemplo, **D** e **E**), os quais são filhos ou dependentes do nó constituinte mais alto (por exemplo, **C**). Esses autores ilustram alguns dos nós de classe mais importantes na articulação de consoantes e vocóides (vogais e glides), respectivamente, conforme a Figura 1, a seguir:

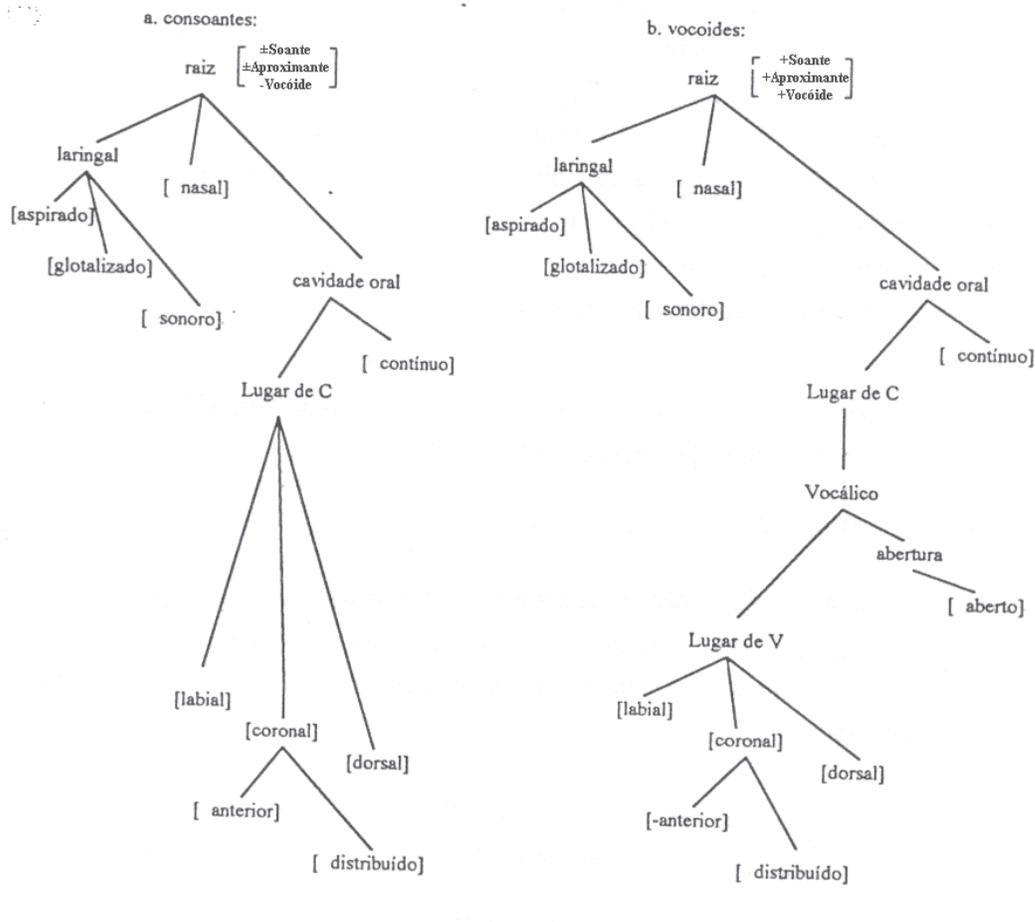
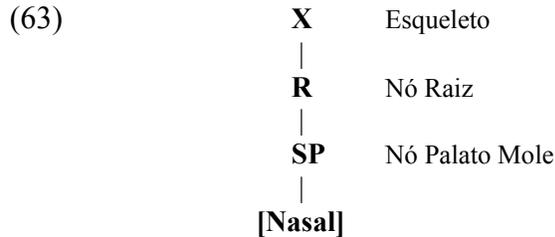


Figura 1: Nós de classe da articulação de consoantes e vogais. Fonte: Clements & Hume (1995).

Na linha de interesse deste estudo, salientamos a importante atribuição de Sagey (1986 apud Piggott, 1992) à teoria Geometria de Traços, ou seja, a introdução de um conjunto de nós articuladores em que se inclui um nó denominado Palato Mole (**SP** = *Soft Palate*). Uma característica significativa desse tipo de nó é que ele é fundamentalmente monovalente, isto é, está ou presente ou ausente em uma representação segmental. Outra característica é que cada nó deve estar relacionado a um mecanismo em particular. Assim, no caso da presença do nó Palato

Mole, doravante **SP**³⁰, esta indica que o véu palatino (ou palato mole) está ativado na produção de um segmento específico. Na geometria de traços que considera o nó **SP**, o traço [Nasal] está sob o seu domínio, tal como na representação, a seguir:



O traço [Nasal] também apresenta um status monovalente, o que significa que a especificação [-Nasal] nunca está fonologicamente presente. Assim, um segmento que contém um nó **SP** desacompanhado seria fonologicamente interpretado como não-nasal.

Como veremos posteriormente, essa introdução do nó **SP** na geometria será fundamental para a compreensão dos processos de harmonia nasal postulados por Piggott (1992). Por ora, adiantamos que essa possibilidade de representação hierárquica dos traços aparece no cenário dos estudos fonológicos como uma forte alternativa de viabilização da descrição de regras básicas e de princípios organizacionais de processos elementares, tais como a assimilação, a dissimilação, a neutralização entre outros. Nos propósitos específicos de nosso trabalho, vejamos o que Clements & Hume (1995) atestam sobre o processo de *assimilação*, em que se incluem os processos de harmonia.

A *assimilação*, de acordo com esses autores, é talvez o tipo mais recorrente de regra fonológica. À luz da Geometria de Traços, as regras de assimilação se caracterizam pela associação ou pelo mecanismo de espalhamento de um traço ou um nó (conjunto de traços) de um segmento **A** para um segmento **B** vizinho.

De modo geral, operações de espalhamento são governadas por uma condição de localidade estrita que previne saltos de posições a serem afetadas pelo processo. Elas também estão sujeitas a um conjunto de princípios que determinam, parcialmente, um possível alvo e definem que elementos podem ser opacos num processo em particular. Piggott (1992) expressa tais *princípios do espalhamento* como seguem:

³⁰ Por questões práticas, optamos por manter a sigla em Inglês.

(64) **Princípios do Espalhamento**

- (a) Um elemento **X** será espalhado somente para uma posição não especificada para **X**.
- (b) O espalhamento de um elemento **X** pode ser detido somente por uma posição especificada para **X**.

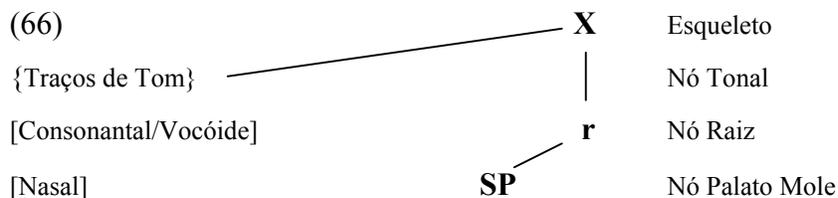
O primeiro princípio assegura que um traço não se espalhará para um segmento que já esteja especificado para tal traço. Já o segundo, limita a definição de um segmento opaco, no sentido de que em um determinado processo de espalhamento, será opaco o segmento que carregar em si a especificação para o traço espalhado.

Ainda no que respeita ao mecanismo de espalhamento do traço [Nasal], segundo Piggott (1988), as línguas apresentam dois parâmetros de projeção do espalhamento:

(65) **Parâmetros da Projeção**

- (a) Espalhamento do traço [Nasal] em direção à direita.
- (b) Espalhamento do traço [Nasal] em direção à esquerda.

Esses processos de harmonia devem espalhar a nasalidade de uma consoante nasal para uma seqüência de segmentos que incluem vogais, semivogais e glides laringais, os quais figuram à direita da consoante, como sugere (65:a), ou à esquerda, como postula (65:b)³¹. Contudo, conforme afirma Piggott (1992), a atribuição da harmonia nasal da forma estabelecida em (65) pode contrariar os *Princípios do Espalhamento* em (64). Por exemplo, considerando a posição do traço [Nasal] na geometria proposta por Sagey (1986 apud Piggott, 1992) e pelo próprio Piggott (1989 apud Piggott, 1992) transcrita, abaixo,



podemos concluir que os segmentos em uma dada língua seriam, em relação ao traço [Nasal], especificados das seguintes formas:

³¹ Ver exemplos desses dois tipos de harmonia nas línguas Warao (cf. Osborn, 1966; apud Piggott, 1992), Capanahua (cf. Safir 1979, 1982; apud Piggott, 1992) e Nhandewa Guarani (Costa, 2003).

Com isso, o modelo de harmonia expresso pelo dado Capanahua, acima, parece consistente com os *Princípios de Espalhamento* em (64) e ainda estão de acordo com a geometria em (66).

Quanto à extensão ou domínio desse processo de espalhamento, segundo Clements & Hume (1995) as regras podem afetar não apenas segmentos adjacentes, mas também aqueles que ocorrem a alguma distância do disparador. Contudo, à exceção de algumas línguas com morfologia “não-concatenativa” (McCarthy 1981, 1985, 1989a; apud Clements & Hume, 1995), há limites importantes a respeito do domínio de uma regra, considerando o material interposto entre o segmento disparador e o alvo. Em especial, regras de assimilação não se estendem através de segmentos “opacos”, ou seja, aqueles que já estão especificados para o nó ou traço espalhado.³²

Em seu artigo *Variability in feature dependency: the case of nasality*, Piggott (1992) afirma que as diferenças entre os segmentos transparentes, opacos e alvos podem ter origem em duas formas como o traço [Nasal] está organizado nos sistemas fonológicos. Na primeira (o Tipo A), deve haver um conjunto de obstruintes não-contínuas que bloqueiam o processo de espalhamento do traço [Nasal]. Já na segunda (o tipo B), percebe-se que não existem segmentos opacos, já que todas as obstruintes são transparentes e todas as soantes alvos.³³

A proposta de Piggott é que, no Tipo A, a harmonia é resultado do espalhamento do nó **SP** e não do traço [Nasal], como vimos na derivação em (69) do dado Capanahua. Por outro lado, o espalhamento é bloqueado por segmentos especificados para o nó **SP**. Como apenas segmentos [+Consonantal] são subjacentemente especificados para esse nó, esse tipo de harmonia somente pode ser disparado por consoantes sendo os segmentos opacos, por sua vez, também consoantes.

Como vimos, no processo de espalhamento do Capanahua, a oclusiva glotal não é atingida. Piggott explica isso por meio da proposta de restrição de co-ocorrência de traço que proíbe a combinação dos traços [Nasal] e [Glote Constrictiva] em segmentos simples. Aliás, essa

³² Certamente, esses limites resultam pelo, menos em parte, das propriedades estruturais das próprias representações. Sem dúvida, a proibição de linhas de associação (Goldsmith, 1976) colabora para essa delimitação.

³³ Não entraremos em mais detalhes sobre o Tipo B de harmonia neste estudo. Convém, entretanto, registrarmos que ele é considerado marcado, pois não é muito comum segmentos obstruintes serem transparentes ao espalhamento do traço [Nasal]. O Tipo A, por sua vez, é considerado não-marcado, já que ocorre em um bom número de línguas do mundo. Além disso, adiantamos que uma prévia dos dados Shanenawa demonstra que o Tipo B de harmonia não ocorre na língua.

justificativa já foi utilizada por Loos (1967) para dar conta da ausência da oclusiva glotal nasalizada na língua Capanahua.

Quanto aos segmentos alvo, estes podem ser variáveis e, de modo geral, costumam ser alvejados conforme os seguintes conjuntos: a) vogais e laringais; b) vogais, laringais e semivogais; c) vogais, laringais, semivogais e líquidas; d) vogais, laringais, semivogais, líquidas e fricativas. Já os segmentos opacos, que também são variáveis, são: a) obstruintes, líquidas e semivogais; b) obstruintes e líquidas; c) obstruintes; d) oclusivas. Nesse tipo de harmonia não são reconhecidos segmentos transparentes, ou seja, alguns casos de obstruintes e glides laringais que eventualmente não estão especificados para o traço [Nasal].

2.2.3. O comportamento de segmentos nasais e nasalizados

2.2.2.1. Os segmentos consonantais

Em termos de consoantes nasais, como mostrado na Tabela 1 (p. 31), a língua Shanenawa conta com cinco segmentos entre fones e fonemas, cujos traços de ponto de articulação, em geral, estão relacionados com a posição que esses segmentos ocupam na estrutura silábica, como veremos nos subitens da presente seção.

2.2.2.1.1. Segmentos consonantais em ataque silábico

Os segmentos [Nasal] que ocorrem em posição de ataque de sílaba apresentam ponto de articulação plenamente especificado, devendo, assim, estabelecer oposições de pares com significados distintos, como as atestadas, a seguir:

- | | | | | | | |
|------|-----|---------|---------|-----|-----------|-------------------------|
| (70) | (a) | [ma'iʔ] | ‘terra’ | (b) | [tʃu'maʔ] | ‘cabaça’ |
| | | [na'iʔ] | ‘céu’ | | [tʃu'naʔ] | ‘macaco (<i>sp.</i>)’ |

Assim, todos os fonemas nasais (a saber: a Labial /m/ e a Coronal /n/) podem preencher o ataque silábico. Para concluir, apresentamos uma breve comparação entre dados do Shanenawa e do Arara (cf. Cunha, 1993). Notemos que em termos de ponto de articulação, a oposição entre as nasais do Shanenawa é sustentada no Arara.

- (71) **Língua Arara**
- (a) [ã'da] 'língua'
- (b) [vĩ'bi] 'fruta'

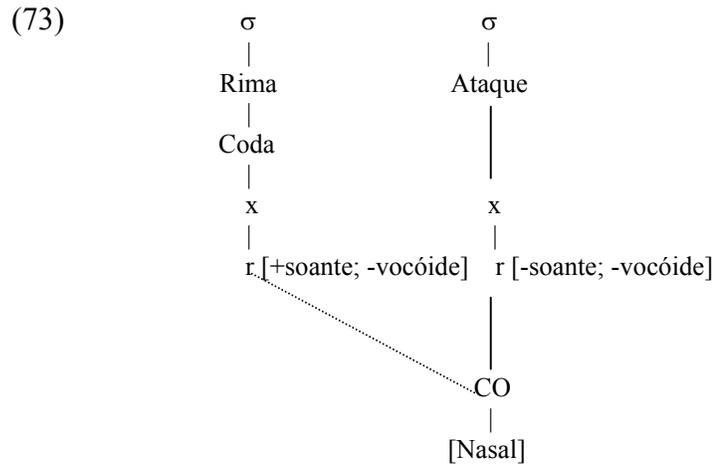
- (72) **Língua Shanenawa**
- (a) [a'naʔ] 'língua'
- (b) [fi'miʔ] 'fruta'

Assim, a despeito da desnasalização da consoante, a especificação dos traços de ponto, [Labial] ou [Coronal], é obrigatória, pois, como em Shanenawa, a oposição entre as oclusivas do Arara não pode ser neutralizada.

2.2.2.1.2. Segmentos consonantais em coda

Ao contrário do que verificamos no ataque, em posição de coda silábica em final absoluto de palavras, a oposição entre o segmento nasal [Labial] e [Coronal] é neutralizada, sendo a nasal sempre não especificada para ponto. Naturalmente, essa afirmação pode suscitar dúvidas sobre a existência da nasal em tal posição. Todavia, nossa argumentação em defesa da realização de uma consoante nasal não especificada para ponto em coda em final absoluto de palavras será, como veremos em 2.2.2.2., melhor amparada pela descrição do processo de assimilação nasal pelas vogais.

Por outro lado, quando a coda está em posição não-final, há especificação de ponto de articulação. Neste ambiente, a consoante [Nasal] apresenta um comportamento muito comum em outras línguas: não sendo especificada para ponto, acaba assimilando o ponto da consoante obstruente homorgânica que ocupa o ataque da sílaba seguinte. Isso pode ser observado na representação, a seguir:



Dessa forma, a consoante [Nasal] realiza-se na estrutura de superfície, conforme o traço de ponto da consoante ([Coronal] ou [Dorsal]), como nos mostram os dados:

- (74) (a) [kan'tiʔ] ‘arco’
 (b) [niŋ'kaʔ] ‘ouvir’
 (c) [pahjɪ'ciʔ] ‘orelha’
 (d) [ratuN'quʔ] ‘joelho’

2.2.2.2. Os segmentos vocálicos

Como é possível constatar na literatura, a natureza da nasalidade (ou nasalização) em segmentos vocálicos tem posicionado os pesquisadores de línguas da família Pano em dois extremos: de um lado estão os que descrevem a nasalidade como uma característica inerente desses segmentos³⁴; de outro, estão aqueles que sugerem que tal fenômeno seja o resultado do contato entre a vogal e uma consoante³⁵.

Naturalmente, essa diferença de opiniões não deve configurar um problema, afinal, não há motivos para esperarmos que em todas as línguas de uma mesma família os processos fonológicos bem como os inventários de fonemas sejam idênticos. Além disso, nosso objetivo

³⁴ Cf. Barros (1987), Paula (1992), Cunha (1993), entre outros.

³⁵ Cf. Loos (1967), Camargo (1991), Costa (2000), entre outros.

neste estudo não é o de polemizar a questão, mas tão somente pretendemos verificar em qual dos dois grupos de línguas mencionados acima o Shanenawa deverá se enquadrar.³⁶

Assim sendo, iniciemos nossa empreitada recordando a Tabela 2 (p. 36), em que vimos segmentos vocálicos orais (isto é, desprovidos do traço [Nasal]) ao lado daqueles que são caracterizados pela presença do traço em questão. Como foi ressaltado na ocasião, a distinção entre esses segmentos vocálicos se restringe ao nível fonético, sendo as vogais providas do traço [Nasal] apenas alofones de suas contrapartes orais. Essa conclusão advém da hipótese de que no Shanenawa não existam vogais nasais, mas sim nasalizadas em decorrência do contato com uma consoante nasal adjacente. Em defesa disso, apresentamos, abaixo, um conjunto de dados que caracteriza a nasalidade vocálica provocada por um segmento [Nasal], em posição heterossilábica:

(75)	(a)	[a.tũ.'naʔ]	‘possessivo 3pp’	V. C \tilde{v} . \tilde{c} VC
	(b)	[ã.'nuʔ]	‘paca’	\tilde{v} . \tilde{c} VC
	(c)	[ã.ni.'huʔ]	‘velho’	\tilde{v} . \tilde{c} V.CVC
	(d)	[rũ'nuʔ]	‘cobra’	C \tilde{v} . \tilde{c} VC

Como podemos notar, em todos os dados, acima, a vogal nasalizada precede uma sílaba cuja posição inicial é preenchida por uma consoante nasal. Com isso, a vogal também ganha característica de nasal. Todavia, é necessário ressaltar que nem sempre as vogais presentes nesse tipo de dados apresentam-se nasalizadas na fala corrente dos Shanenawa. Isso caracteriza o que a literatura denomina nasalidade vocálica alofônica (Morales & Wetzels, apud Abaurre & Wetzels, 1992), ou seja, muitas vezes a nasalidade de uma vogal não passa de uma manifestação fonética condicionada pela presença de uma consoante nasal em posição de ataque da sílaba subsequente à da vogal nasalizada. Daí podermos encontrar, no nível fonético, alternâncias do tipo:

(76)	(a)	[a.tũ.'naʔ] ~ [a.tu.'naʔ]	‘possessivo 3pp’
	(b)	[ã.'nuʔ] ~ [a.'nuʔ]	‘paca’
	(c)	[ã.ni.'huʔ] ~ [a.ni.'huʔ]	‘velho’

³⁶ Um breve estudo comparativo entre nossa proposta de descrição dos segmentos vocálicos nasalizados em Shanenawa e as análises de Barros (1987), para o Katukina, e Cunha (1993), para o Arara, é apresentado em Cândido (2003).

(d) [rũ.'nuʔ] ~ [ru.'nuʔ] 'cobra'

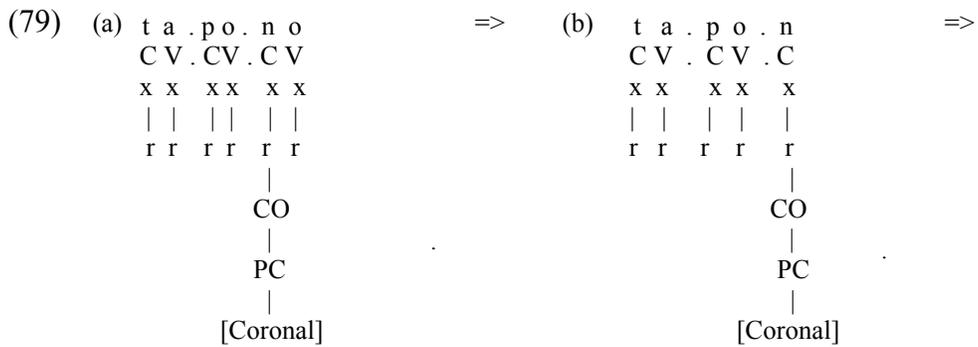
Vejam, agora, alguns exemplos que, ao nosso ver, dão conta da nasalidade de vogais devido ao contato com um segmento consonantal em posição tautossilábica:

- (77) (a) [ra.tũN.'quʔ] 'joelho' CV. C[~]Ċ. CVC
 (b) [ũ ãn.'tiʔ] 'coração' [~]Ċ[~]Ċ.CVC
 (c) [iʃ.'ci] 'peixe' VC. C[~]
 (d) [ru.'ki] 'nariz' GV.C[~]

Ao contrário dos dados apresentados em (76) que corroboram a hipótese de que na língua Shanenawa não existem vogais inerentemente nasais, os exemplos em (77:c-d), acima, nos conduzem a questionar se de fato isso é verdade. Mais especificamente, como já havíamos chamado atenção em 2.2.2.1.2., esse tipo de dados pode de fato levantar dúvidas quanto à existência de uma consoante nasal em final absoluto de palavra. Entretanto, acreditamos que, independente da realização fonética, a nasalidade vocálica dos dados em (77:c-d) também resulta do contágio por uma consoante nasal. Um fator que pode ser determinante para essa conclusão está em uma breve análise comparativa de dados com características semelhantes às daqueles mostrados em (77:c-d) e alguns dados do Proto-Pano em que é possível observar indícios de um ambiente propício à nasalização vocálica. Assim, para a comparação consideremos, em (78:a), as proto-formas Pano retiradas de Shell (1975) e, em (78:b), as formas fonéticas do Shanenawa:

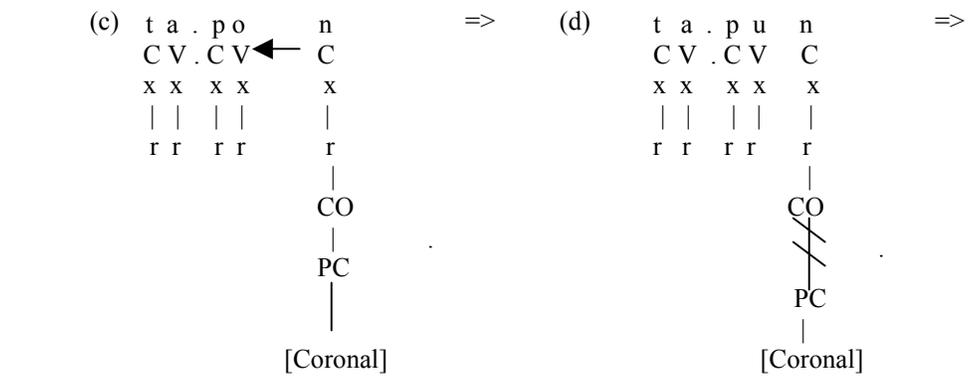
- | | | | | | |
|------|-----|-------------------|---------|------------------|------------|
| (78) | (a) | Proto-Pano | (b) | Shanenawa | |
| | | * kama[n]a | [ka'mã] | | 'cachorro' |
| | | * tapo[n]o | [ta'pũ] | | 'raiz' |
| | | * wiʃti[m]a | [is'fi] | | 'estrela' |
| | | * koʔi[n]i | [qu'ĩ] | | 'fumaça' |

Conforme podemos ver em (78:a), todas as estruturas do Proto-Pano apresentam uma sílaba a mais do que as formas equivalentes em Shanenawa. Posicionada ao final de cada proto-forma, a referida sílaba (que é do tipo CV) tem a sua posição de ataque preenchida por uma consoante [Nasal] especificada ou para o ponto [Labial] ou para o [Coronal]. Supondo, então, que as formas arcaicas dos dados da língua Shanenawa expostos em (78:b) tenham sido semelhantes às propostas de Shell (1975) para as proto-formas apresentadas em (78:a), parece-nos razoável hipotetizar a derivação (parte diacrônica; parte sincrônica) para o dado [ta¹pũ] ‘raiz’, ilustrada, a seguir:



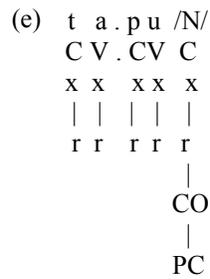
FORMA ARCAICA HIPOTÉTICA FONOLÓGICA >

QUEDA DA VOGAL FINAL >

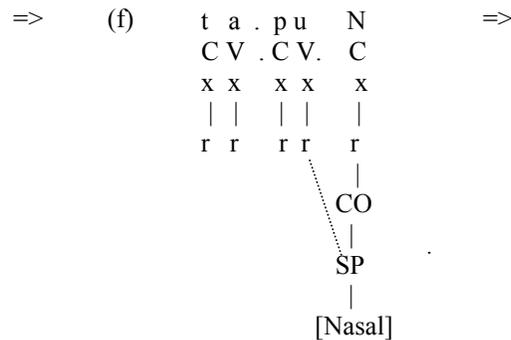


ASSOCIAÇÃO DA NASAL À CODA ANTECEDENTE >

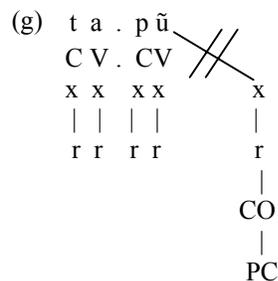
PERDA DO PONTO [CORONAL] DA NASAL



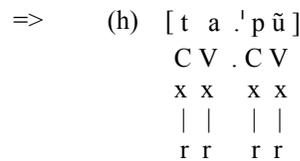
NEUTRALIZAÇÃO DA NASAL EM CODA



> ASSOCIAÇÃO DO TRAÇO NASAL À VOGAL PRECEDENTE



DESLIGAMENTO DA CODA

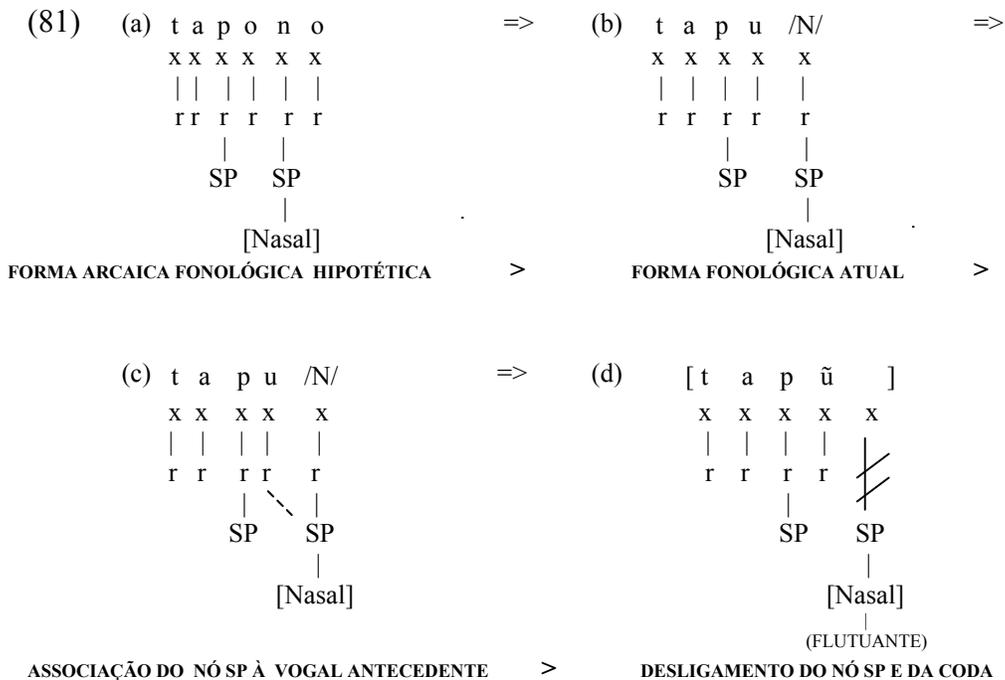
> FORMA FONÉTICA SHANENAWA:
NASALIZAÇÃO DA VOGAL FINAL NASALIZADA

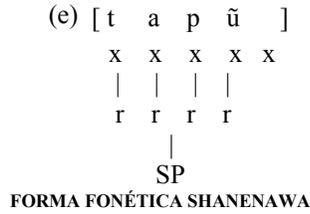
Notemos que, em (79:a), a forma fonológica arcaica hipotética **tapono** apresenta três sílabas caracterizadas por um mesmo padrão, ou seja, **CV**. Em (79:b), ilustra-se a queda do núcleo vocálico final, provavelmente, uma vogal átona. Com isso, como já o dissemos, o ataque da antiga sílaba fica desamparado e a alternativa é, então, associar-se à sílaba antecedente em que ocupará a posição de coda. Em (79:c), tem-se o processo de ressilabificação do qual, acreditamos, resulta um dos tipos de sílaba **CVC** do Shanenawa. Nesta língua, a posição de coda final favorece o enfraquecimento da consoante [Nasal] que acaba tendo o traço de ponto [Coronal] desligado, como ilustrado em (79:d). Daí, a nasal passa a figurar apenas no nível fonológico, conforme em (79:e), participando, assim, da nasalização da vogal antecedente. Isso se deve ao espalhamento do traço [Nasal] para a vogal (através do nó **SP**), como ilustrado em (79:f). Finalmente, em (g), a posição de coda é desligada da estrutura silábica final da palavra que, em (h), tem a forma fonética [ta[!]pã], em que a vogal aparece nasalizada.

Para completar, lembramos que, em palavras terminadas em sílaba aberta, sempre se registra, no nível fonético, a presença da oclusiva glotal [ʔ] em coda. Quando a palavra termina em vogal nasalizada, a inserção da glotal não se processa, sendo, portanto, consideradas agramaticais seqüências do tipo *#...Cṽʔ#. Isto é, a presença da consoante nasal inibe a inserção

Portanto, como demonstram as representações respectivas, todos os segmentos nasais são inerentemente especificados para o nó **SP**, de que o traço [Nasal] é subordinado. Então, nos processos de harmonia, é o nó **SP** que se espalha sobre todas as vogais precedentes que se encontram entre o disparador e os elementos considerados opacos no processo de harmonia nasal, ou seja, os segmentos também especificados para o nó **SP**. Isso é evidenciado pelas transcrições fonéticas dos dados, em (80:a) e (80:b). Aliás, em (80:b), a consoante [Coronal], /t/, bloqueia o espalhamento do nó **SP**, evitando com isso a nasalização da vogal que a antecede. Isso confirma os *princípios de espalhamento* em (64) estabelecidos por Piggott (1992), ou seja, o nó **SP** não pode ser espalhado para os segmentos já especificados para ele. A propósito, como apenas as vogais, segmentos não especificados para o nó **SP**, podem ser alvo nos processos de harmonia nasal em Shanenawa, então, a regra de aplicação verificada aqui se dá no modo do preenchimento de traços, no caso, de um conjunto de traços, ou seja, o nó **SP**.

Para concluir, a título de ilustração, vejamos a geometria do nó **SP** na derivação da hipotética forma arcaica fonológica **tapono** para a atual no Shanenawa **tapun** ‘raiz’:





Assim, a consoante [Nasal] da forma arcaica hipotética subsiste na posição de coda final da forma atual do Shanenawa, ainda que restrita ao nível fonológico, como vemos em (81:b). Em (81:c), vemos o processo de harmonia nasal se processando por meio do espalhamento do nó **SP** para a vogal precedente. Já em (81:d), após o processo de espalhamento, o nó **SP** é desligado, embora o traço [Nasal] permaneça flutuando. Nesses termos, podemos deduzir que foneticamente a nasal não ocorre naquela posição ou, em outra perspectiva, podemos dizer que a língua inibe nasais finais, permitindo coda nasal apenas em posição não final de palavra.³⁸ Ainda em (81:d), finalmente, temos a forma fonética para o Shanenawa, em que se verifica a nasalidade apenas sobre as vogais. Além disso, como já mencionamos, embora haja o desligamento do nó SP, a posição x não é apagada. Contudo, também não é preenchida pela glotal [ʔ] e tampouco por /N/.

Quanto à direção tomada pelo traço [Nasal] no processo de espalhamento, Piggott (1988) sugere que um auto-segmento flutuante pode ligar-se à posição mais à direita ou à esquerda disponível. Como já pudemos perceber, em Shanenawa, o processo se dá da direita para a esquerda, o que torna os segmentos vocálicos nasalizados, como os expressos em (82)³⁹, abaixo, vetados pela estrutura da língua.

- (82) (a) *[mã̃s.ci.'teʔ] 'pedra'
 (b) *[mã̃.'puʔ] 'cabeça'
 (c) *[pã̃.'mã̃ʔ] 'pama'
 (d) *[nã̃.'ĩʔ] 'céu'

³⁸ Isso torna a estrutura silábica apresentada em (81:b) exclusiva do nível fonológico.

³⁹ O asterisco (*) nesses exemplos refere-se a estruturas não-aceitas na língua Shanenawa.

Já no que tange ao domínio do espalhamento do traço [Nasal], apenas vogais podem ser atingidas pelo elemento disparador. Em todos os casos apresentados, porém, somente as vogais imediatamente antecedentes à consoante nasal podem ser alvo, ou seja, aquelas que figuram entre o elemento disparador e um segmento obstruinte já especificado para o traço [Nasal]. Caso contrário, o espalhamento não ocorre, conforme reafirmam os exemplos, a seguir:

- (83) (a) [pis'miʔ] ‘tingui’
 (b) [fuʂ'niʔ] ‘cílio’
 (c) [fumã'naʔ] ‘testa’
 (d) [sunãñim'paʔ] ‘verde’

Comparando os dados (83:a-b), acima, com aqueles em (75), em que vogais são nasalizadas porque antecedem sílabas cujo ataque é uma nasal, observamos que as obstruintes contínuas que em (83:a-b) figuram na posição de coda não-final, interpondo-se, entre a nasal e a vogal antecedente. Esses segmentos contínuos bloqueiam completamente o espalhamento da nasalidade inibindo o processo de harmonia nasal nesses dados.

Quanto aos exemplos em (83:c-d), lembremos que em Shanenawa temos caso de nasalidade vocálica alofônica, ou seja, opcional. Esse parece ser o caso da vogal nas primeiras sílabas desses dados.

Em suma, com base na descrição do comportamento dos segmentos vocálicos em Shanenawa, podemos dizer que o processo de nasalização opera do seguinte modo:

(84) **Nasalidade em segmentos vocálicos**

Espalhar SP

Domínio: segmentos vocálicos ou glides projetados à esquerda

Assim, vimos que em termos de harmonia nasal o Shanenawa se situa no Tipo A estabelecido por Piggott (1992). Nesse aspecto, então, a língua está em consonância com o Capanahua, outra língua da família Pano. Além disso, voltando à questão exposta na introdução deste tópico, diante do que descrevemos aqui, podemos dizer que o Shanenawa enquadra-se no rol das línguas Pano em que não figuram vogais nasais, mas sim aquelas nasalizadas devido ao

processo de espalhamento do nó **SP** e do seu dominado, o traço [Nasal], de uma consoante nasal que pode ocupar a posição de coda ou ataque de uma sílaba que se segue.

III

MORFOSSINTAXE I

3.0. Introdução

Introduzindo os estudos sobre o componente gramatical do Shanenawa, o presente capítulo tem por objetivo principal apresentar uma análise descritiva da estrutura morfológica dessa língua. Contudo, considerando as sobreposições frequentes entre a Morfologia e a Sintaxe e, principalmente, as dificuldades em dissociar esses dois níveis lingüísticos em uma língua tipologicamente aglutinante, como é o caso em questão, também serão feitas nesta seção descrições de algumas propriedades sintáticas das categorias e estruturas abordadas.⁴⁰ Para tal empreitada, serão expostos em **3.1.** alguns breves princípios teóricos que deverão nortear (em **3.2.** e **3.3.**) os objetivos propostos na presente introdução de capítulo.

⁴⁰ Tradicionalmente, os estudiosos costumavam distinguir a Sintaxe da Morfologia obedecendo ao critério das dimensões dos significantes. Assim, enquanto a Sintaxe estaria voltada para construções maiores do que a palavra (sintagmas, frases, orações, entre outras), a Morfologia cuidaria de construções cujo constituinte máximo seria a palavra, mais especificamente, o objeto dos estudos morfológicos seria o morfema (raízes, sufixos, entre outros). Essa distinção, como já salientamos, nem sempre é feita com tranqüilidade, o que torna mais conveniente o tratamento da Morfologia e da Sintaxe em conjunto. Daí a idéia de dividirmos os estudos referentes a esses aspectos em dois capítulos: Morfossintaxe I e Morfossintaxe II. Assim, o presente capítulo está pautado em nosso objetivo de priorizar conceitos que acreditamos serem específicos da análise morfológica. No capítulo seguinte, destacaremos aspectos que, em muitos estudos, normalmente são tratados em uma abordagem sintática, como a ordem dos constituintes na sentença, as construções interrogativas, entre outros.

3.1. Princípios teóricos

Ao longo dos anos, como costuma ocorrer com a maior parte dos conceitos utilizados na Lingüística, várias foram as tentativas por parte dos estudiosos de definir a Morfologia. Assim, de acordo com Nida (1949), compreende o estudo dos morfemas e seus arranjos formando palavras. Para Matthews (1991), Morfologia é o termo utilizado para denominar o ramo da Lingüística que lida com a forma das palavras em diferentes usos e construções; já segundo Bauer (1988), trata-se do estudo das palavras e de sua estrutura, bem como do conjunto de unidades usadas na mudança da forma das palavras. Anderson (1988), por sua vez, conceitua Morfologia como o estudo da estrutura das palavras e do modo pelo qual tal estrutura reflete suas relações com outras palavras em construções maiores, como a sentença, e com o vocabulário total da língua.

Assim sendo, o termo Morfologia tanto pode estar relacionado com uma das partes do sistema de uma língua, quanto (sob um prisma teórico) com um componente da Gramática. Todavia, resguardadas algumas especificações teóricas, todos os conceitos nos direcionam para a idéia de que ao estudarmos a morfologia de uma determinada língua, em termos gerais, estaremos procedendo à análise descritiva da palavra e de seus constituintes estruturais (os morfemas) nessa língua. Contudo, o que especificamente devemos entender pelo termo ‘palavra’, considerando que para caracterizarmos melhor um campo de estudos é necessário definir com a máxima precisão seu objeto de estudo? A obtenção de uma resposta clara e objetiva para essa pergunta não tem sido uma tarefa fácil, tendo em vista as várias controvérsias entre os lingüistas sobre a noção de ‘palavra’, como podemos ver em Bloomfield (1933), Anderson (1992), entre outros. Não sendo nosso intuito entrar no mérito dessa discussão, já que tão somente nos interessa caracterizar a palavra no âmbito da língua Shanenawa, deter-nos-emos em alguns procedimentos comumente utilizados em descrições morfológicas de línguas naturais para esse fim.

Para definir a palavra em uma determinada língua, convencionalmente os estudiosos têm buscado apoio nos critérios fonológico e gramatical. Assim, autores como Bauer (1988), Anderson (1988), entre outros, atestam que é possível por meio do critério fonológico definir uma palavra fonológica⁴¹, observando necessariamente alguns fenômenos fonético-fonológicos que ocorrem na língua como, por exemplo, a acentuação. Em muitas línguas verifica-se certa tendência a admitir que toda unidade considerada como palavra deve ter pelo menos uma sílaba

⁴¹ Palavra fonológica se refere a uma unidade mínima formada por fonemas, sílabas e traços supra-segmentais.

mais proeminente que outras, daí ela receber o chamado acento individual. Com isso, é provável que em uma seqüência significativa de segmentos combinados, a cada manifestação de acento, tenha-se uma palavra fonológica. Essa hipótese esbarra, porém, no fato de algumas vezes não se poder definir em que posição na palavra o acento recai. Como em muitas línguas o número de sílabas pode variar bastante (uma, duas, três ou mais sílabas, como, por exemplo, em Português), podendo o acento recair em qualquer posição (inicial, medial ou final) das palavras, a aplicação desse critério pode não ser muito eficaz. Por outro lado, existem línguas, cujo acento apresenta-se bastante regular, recaindo sobre uma sílaba específica da palavra. O Shanenawa é uma dessas línguas, pois, como vimos em 2.1.4., o acento é predizível ocorrendo sempre sobre a sílaba final das palavras. Considerando, então, uma seqüência do Shanenawa do tipo descrito em (85), a seguir:

- (85) [a'tũka'mãritia'kiʔ]
 /a'tuN # ka'maN-φ # riti-a'-ki/
 3pp cachorro-ABS matar-PAS-DECL
 'Eles mataram o cachorro.'

parece-nos razoável afirmar, tendo em vista a descrição fonética de três sílabas acentuadas juntamente com a previsão de ocorrência destas na posição final absoluto de cada palavra, que existem três palavras fonológicas no dado em (85), a saber: /a'tuN/, /ka'maN/ e /ritia'ki/, como confirmam as respectivas traduções livres.

Além do critério da acentuação, para delimitar uma palavra fonológica, podemos ainda recorrer às restrições fonotáticas⁴² da língua, ou seja, limitações na distribuição e combinação de sons e nas seqüências de sons dentro de uma determinada palavra fonológica (Burling, 1992). Voltando ao Shanenawa, uma restrição fonotática que pode ser considerada para a delimitação de possíveis palavras fonológicas é o fato de não existir sílaba final do tipo VC (em que V é nasal ou nasalizada e C, não-nasal) e a sílaba travada em final absoluto de palavra se restringir a um único exemplo: formas verbais constituídas pelo sufixo {-aʃ}, um dos marcadores dos sistemas de *switch-reference* e de outras referências entre sentenças, como veremos no Capítulo IV. De fato, como já descrito no Capítulo II, a rigor, as palavras dessa língua ou terminam em uma oclusiva

⁴² Lembramos, contudo, que essas restrições fonotáticas são, na maioria das vezes, redundantes e não podem ser descritas sem a menção da noção de palavra fonológica.

glotal [ʔ], em vogal nasalizada pelo contato com uma consoante em posição de coda na estrutura subjacente, nas aproximantes [j] e [w] ou, ainda, em uma fricativa retroflexa [ʂ] exclusivamente em palavras marcadas pelo sufixo de *switch-reference* e de outras referências entre sentenças. Sendo assim, é possível afirmar que na seqüência descrita no exemplo em (85) formas tais como */**atuNk**/ e */**amaNritiaki**/ não se tratam de palavras fonológicas, haja vista o fato de não atenderem à exigência de uma sílaba em sua posição final do tipo CV[ʔ], Cṽ[n], CV[j], CV[w] ou CV[ʂ].

Finalmente, a observação na oralidade de pausas fonéticas também pode contribuir para a definição de uma palavra fonológica. Ou seja, se um falante pronuncia lentamente uma seqüência em que uma suposta forma admite a ocorrência de pausa em ambos os limites entre outras duas formas, provavelmente ela será uma palavra fonológica. Nesse sentido, consideremos, por exemplo, os seguintes dados do Shanenawa:

- (86) (a) # **pi-ʂian**⁴³ -**ma**#
 comer-PAS-NEG
 ‘Ele/ela não comeu ontem.’
- (b) in # nami-ϕ # **pi-ʂian-ma-ʂun** # jamiri # pi-ʂunu-ki
 1ps carne-ABS comer-PAS-NEG-SR amanhã (ADV) comer-FUT-DECL
 ‘Eu não comi carne ontem, comerei amanhã.’

Comparando (86:a) com (86:b), observamos que os falantes podem produzir a forma **pi-ʂian-ma**⁴⁴ isoladamente (como uma única palavra, embora no caso seja uma sentença) ou inserida em uma sentença maior entre duas pausas, respectivamente, antecedidas e seguidas por outras formas (também admitidas como palavras). Com isso, concluímos que a forma em (86:a) pode ser uma palavra fonológica da língua Shanenawa.

O emprego individual de um ou outro desses critérios pode trazer inconvenientes à análise das formas de algumas línguas do mundo, conforme atestado na literatura. Todavia, a

⁴³ Por questões práticas, não mais utilizaremos barras transversais na transcrição de dados fonológicos. De forma análoga, doravante a consoante não especificada para ponto, /N/, que ocupa a posição de coda e é responsável pela nasalidade de algumas vogais da língua passará a ser representada pelo grafema <n>.

⁴⁴ Ver discussão sobre o comportamento das formas pronominais de 3ª pessoa do singular em 3.2.2.1.1.

combinação das técnicas geralmente nos permite determinar palavras fonológicas quase sempre sem ambigüidades.

Quanto ao critério gramatical, a literatura concernente ao assunto tem admitido que uma palavra gramatical pode ser definida em termos de processos morfológicos ou sintáticos. Um exemplo de processo morfológico utilizado para determinar uma palavra gramatical é a marca de pluralidade. Isso se aplica à língua Shanenawa, pois nela palavras utilizadas para designar seres humanos em número plural levam a marca morfológica {-**hu**}; enquanto as palavras para não-humanos não recebem marca alguma, sendo isso indicado neste estudo pelo símbolo {- ϕ }, como ilustram os exemplos seguintes:

- (87) (a) ani ‘velho’ ani-**hu** ‘velhos’
 (b) kapi ‘jacaré’ kapi- ϕ ‘jacarés’

Como veremos posteriormente, a marca de pluralidade na língua Shanenawa é uma categoria morfológica específica das classes de alguns nomes e pronomes. Assim, tal categoria pode nos auxiliar a definir uma palavra gramatical segundo o critério morfológico.

Quanto aos critérios sintáticos utilizados para definir uma palavra gramatical, as teorias apontam três como sendo os mais comuns: a) a mobilidade de posição; b) a estabilidade interna; c) a ininterrupção.

No que tange à mobilidade, o deslocamento de uma forma suspeita de sua posição original em uma sentença pode determiná-la como uma palavra gramatical, caso não haja prejuízo gramatical e semântico. Nesse sentido, consideremos os exemplos seguintes:

- (88) (a) in nami- ϕ pi- ξ ian-ma- ξ un **jamiri** in nami- ϕ pi- ξ unu-ki
 1ps carne-ABS comer-PAS-NEG-SR amanhã 1ps carne-ABS comer-FUT-DECL
 ‘Eu não comi carne, amanhã eu comerei.’
 (b) in nami- ϕ pi- ξ ian-ma- ξ un in nami- ϕ **jamiri** pi- ξ unu-ki
 1ps carne-ABS comer-PAS-NEG-SR 1ps carne-ABS amanhã comer-FUT-DECL
 ‘Eu não comi carne, amanhã eu comerei.’

Como vimos, a forma **jamiri** ‘amanhã (adv. de tempo)’ em (88:a) pode ser deslocada de sua posição original para uma outra, sem que o sentido da sentença seja alterado, como

demonstrado no exemplo em (88:b). Diante disso, a referida forma pode ser considerada uma palavra gramatical no Shanenawa.

Quanto ao critério estabilidade interna, este determina que o ordenamento de itens dentro de uma palavra gramatical é geralmente fixo e não-contrastivo, diferentemente do que pode ocorrer com as palavras dentro da sentença. Consideremos novamente a forma **jamiri** em (88:a-b). Notemos que em tais dados essa forma apresenta uma instabilidade que não compromete a sua definição de palavra gramatical. Ao contrário, isso é um argumento para assim caracterizá-la. Todavia, pelo critério de estabilidade interna podemos reafirmar sua condição de palavra gramatical, tendo em vista a impossibilidade de um re-ordenamento de seus constituintes internos (fonemas, sílabas ou morfemas). Assim sendo, formas como ***ri jami** ou ***jarimi** não fazem parte do vocabulário da língua.

Finalmente, ainda podemos confirmar se uma forma suspeita é ou não uma palavra gramatical valendo-nos do critério de ininterrupção, o qual determina que formas estranhas não podem ser introduzidas no meio de uma palavra gramatical. Desse modo, se uma forma qualquer puder ser interrompida para que nela seja introduzida alguma outra, então, não poderá ser considerada uma palavra gramatical. Em contrapartida, teremos pelo menos outras duas palavras gramaticais. Observemos os seguintes dados Shanenawa, supondo, entretanto, que a sentença em (89:a) estivesse sendo tomada como suspeita de se tratar de uma palavra, ou seja, **inkaa**:

- (89) (a) in ka-a-ki
 1ps ir-PAS-DECL
 ‘Eu fui.’
- (b) in **min-fi** ka-a-ki
 1ps 2ps-COM ir-PAS-DECL
 ‘Eu fui com você.’

Pelo critério de ininterrupção, a hipótese de que **inkaa** é uma palavra gramatical seria falsa, uma vez que, como vemos em (89:b), essa forma pôde ser interrompida para que nela fosse introduzida a forma **minfi**. Por outro lado, por esse mesmo critério, pudemos constatar que a forma **minfi** constitui uma palavra gramatical, já que esta pôde ser introduzida entre outras duas formas, também consideradas palavras gramaticais.

Além desses critérios, se uma forma suspeita puder, em alguns contextos, ser articulada como forma minimamente livre, isto é, a menor unidade significativa que existir por si mesma, então também será considerada palavra gramatical (Spencer, 1991). Em Shanenawa, isso pode ser ilustrado em um contexto interrogativo, como o expresso, a seguir:

(90) *Pergunta:* **awiman na** ‘O que é isto? (quando o falante aponta o objeto)’
 INTERR DEM

Resposta: **fuṣati** ‘Faca.’

Como **fuṣati** ‘faca’, em resposta à sentença interrogativa, apresenta-se como uma forma livre, logo, podemos dizer que se trata de uma palavra gramatical em Shanenawa.

De forma similar à combinação de procedimentos dentro da aplicação do critério fonológico, a aplicação coordenada dos processos morfológicos e sintáticos aqui descritos também demonstra ser confiável na determinação de palavras gramaticais. Para concluir, apenas ressaltamos que, necessariamente, uma palavra gramatical não precisa coincidir com uma fonológica. Afinal, não raras são as situações em que uma seqüência de sons pronunciada de forma rápida pode constituir uma palavra fonológica, mas não gramatical. Uma dessas situações, protagonizada por dois professores universitários, envolveu as sentenças transcritas em língua portuguesa, a seguir:

(91) (a) O que você ganha por *ser # mestre* [**se'mɛstri**]?

(b) O que você ganha por *semestre* [**se'mɛstri**]?

Como as formas itálicas em (91:a) foram pronunciadas com muita rapidez pelo falante, prevaleceu a tendência à queda do segmento consonantal em posição de coda final /x/ dos verbos em português, de modo que a seqüência resultou na seguinte forma fonética: [**se'mɛstri**]. Esta, naturalmente, coincidiu fonética e fonologicamente com a forma em itálico em (91:b) aos ouvidos do interlocutor, o qual acabou atribuindo às duas formas o sentido expresso pela forma em (91:b). Assim, embora foneticamente tivéssemos duas formas idênticas de palavras, pelo critério gramatical constatamos a existência de três palavras gramaticais com significados bastante distintos, sendo duas delas expressas no exemplo em (91:a), ou seja, <ser> ‘verbo ser no

infinitivo’ e <mestre> ‘título de pós-graduação’ e a última no exemplo em (91:b), ou seja: <semestre> ‘período de seis meses’.

Tendo definido, especificamente no contexto da língua Shanenawa, o que estamos tomando como objeto da morfologia (isto é, a ‘palavra’) neste estudo, parece-nos conveniente, ainda, tecermos algumas considerações acerca da tarefa a ser executada por esse ramo da lingüística, tal como veremos, na seqüência.

A breve amostragem dos dados que estamos considerando como palavra fonológica e gramatical no Shanenawa reafirma um consenso entre os estudiosos de que, em grande parte das línguas do mundo, as palavras ocorrem em diferentes formas. Essas diferenças formais juntamente com os fatores e as regras que as operam constituem preocupações básicas de uma análise morfológica. Afinal, geralmente, ao descrever a estrutura de uma palavra tende-se a especificar a extensão de seu significado, bem como as propriedades formais responsáveis pela função de cada um de seus constituintes. Além disso, deve-se também buscar a caracterização das diversas categorias e processos morfológicos encontrados em uma língua.

Antes de tratarmos dos constituintes da palavra, convém citar a noção de lexema, um termo bastante mencionado nas análises morfológicas. Segundo Rosa (2000), para se definir lexema geralmente os estudiosos buscam traçar um paralelo entre esse termo (uma parte do conhecimento do indivíduo acerca de sua língua) e uma *forma de citação* (por exemplo, uma unidade de dicionário em papel ou na tela de um computador). Nesse sentido, o lexema é um tipo de palavra de caráter abstrato. Para uma melhor compreensão disso, consideremos o seguinte silogismo em Português:

- (92) *Todos os felinos são carnívoros;*
o gato é um felino;
 logo, o gato é *carnívoro*.

Em termos formais e, ainda, com base nos critérios adotados pela língua portuguesa para definir palavras ortográficas, tomemos, em (92), acima, as 8 palavras em destaque (formas itálicas). Analisando tais palavras sob o ponto de vista do significado, é possível agrupá-las nos pares: **o/os**, **felino/felinos**, **carnívoro/carnívoros** e **é/são**. Para muitos estudiosos, cada par de palavras constitui, na realidade, duas formas distintas de uma única palavra de que se originam ou à qual correspondem, como é o caso do par composto por **é** e **são** cujas formas irregulares

representam o verbo **ser**. Às palavras que dão origem a ou que são representadas por um dos pares de palavras acima, convencionou-se chamar lexema. É nesse sentido que se diz que um lexema é um tipo de palavra de caráter abstrato. Afinal, um lexema pode representar virtualmente um conjunto de formas e, ao mesmo tempo, nenhuma delas. Por esse prisma, então, as oito palavras italicadas em (92) são diferentes realizações de quatro lexemas.

Quanto aos constituintes da palavra, convencionalmente, a teoria morfológica os tem denominado de morfes. Segundo Bauer (1988), morfe é uma unidade provida de significado que está segmentada na palavra. Uma palavra pode conter um ou mais morfes. Em Shanenawa, encontramos palavras constituídas por apenas um morfe e que, por isso, são consideradas simples, como nos dados, abaixo:

- (93) (a) piʃi ‘casa’
 (b) pi ‘comer’
 (c) ʃu ‘verde’
 (d) rama ‘agora’

Por outro lado, como uma língua de tipologia morfológicamente aglutinante, o Shanenawa apresenta muitas palavras complexas, ou seja, aquelas constituídas por mais de um morfe. Este é o caso, por exemplo, do seguinte dado:

- (94) pi-ʃian-ma
 comer-PAS-NEG
 ‘Ele/ela não comeu (no dia anterior).’

Embora a seqüência de sons carregue um significado traduzido por uma frase inteira do Português, na língua Shanenawa o que se tem é apenas uma palavra. O morfe {**pi-**}, como ilustrado anteriormente, pode ocorrer isolado sem prejuízo de sentido, o que o torna potencialmente livre, ou seja, {**pi**}. Em contrapartida, {-**ʃian**} e {-**ma**} necessitam ser ligados a

outras formas, como ocorreu no exemplo em questão. Por isso, esses morfemes são chamados presos.⁴⁵

Nesse âmbito, também é estabelecida a distinção entre os termos raiz e afixo. A raiz é um morfeme, geralmente um lexema, que não pode mais ser analisado em partes menores (exceto em segmentos fonológicos e fonéticos). O afixo, por sua vez, nunca se realiza como lexema e deve ser ligado a uma raiz para produzir novas palavras. A esses conceitos soma-se, ainda, o de base, isto é, a parte da palavra em que afixos podem ser ligados. Pode ser considerada uma base não somente a raiz, mas também um conjunto compreendido entre esta e outros morfemes, como ilustra a diagramação do dado Shanenawa **pi-şian-ma** ‘eu não comi’, a seguir:

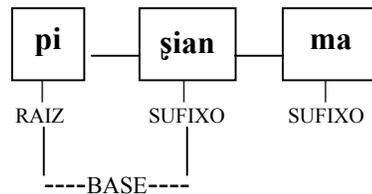


Figura 2: Segmentação morfológica de um dado Shanenawa.

Notemos, na Figura 2, que os morfemes **{-şian}** ‘marca de tempo passado’ e **{-ma}** ‘negação’ são afixados à raiz **{pi-}** ‘comer’. Portanto, essa raiz por si mesma constitui uma base; mas assim também pode ser considerada a raiz **{pi-}** quando acrescentada do morfeme **{-şian}**, já que juntos permitem que o último morfeme, **{-ma}**, a eles seja afixado.

Quanto ao lugar que os afixos ocupam em relação à base, os mesmos podem ser de quatro tipos: a) prefixos, se forem afixados em posição anterior à base; b) infixos, se forem introduzidos no meio da base⁴⁶; c) sufixos, caso se posicionem pós-base; d) circunfixos, caso possam se dividir para, como o próprio nome indica, circundar a base. O Shanenawa parece não apresentar casos de prefixos, infixos ou circunfixos. Por outro lado, os dados já apresentados aqui dão conta de uma pequena amostra da diversidade de sufixos na língua, o que pretendemos re-afirmar no decorrer deste estudo.

⁴⁵ Seguindo convenção adotada por outros estudiosos, doravante os morfemas presos serão assinalados por hífen para indicar o lado (em uma visão linear) pelo qual eles se ligam a outros morfemas: esquerdo ou anterior; direito ou posterior. Assim, os sufixos seguirão o hífen: **{sufixo-}**; os prefixos antecederão o hífen: **{prefixo-}**.

⁴⁶ No caso dos infixos, o termo base aqui se restringe ao morfeme do tipo raiz.

Sob o ponto de vista da função, um afixo pode ser derivacional ou flexional. Este último é o tipo de afixo que, a partir de uma base, produz novas formas de um mesmo lexema, tal como poderemos constatar nos seguintes dados Shanenawa:

(95)	(a.1.)	anihu	‘velho’	(a.2.)	anihu- hu	‘velhos’
	(b.1.)	awinhu	‘mulher’	(b.2.)	awinhu- hu	‘mulheres’
	(c.1.)	şutaku	‘moça’	(c.2.)	şutaku- hu	‘moças’
	(d.1.)	faki	‘menino’	(d.2.)	faki- hu	‘meninos’

Na coluna da direita, vemos realizações distintas de cada um dos respectivos lexemas-base presente na coluna da esquerda. Como podemos observar, as formas dos lexemas em (95:a.2.-d.2.) foram constituídas a partir da adição do sufixo flexional {-**hu**} às bases em (95:a.1.-d.1.). Esse sufixo marca o plural via duplicação do sufixo {-**hu**}, uma espécie de generalizador específico de nomes de seres humanos, conforme mostrado em (95:a-b.2.) ou simplesmente por sua adição a bases em que o sufixo generalizador não ocorre, como em (c-d.2.). Neste caso, o contexto se encarrega de mostrar ao ouvinte que o falante utiliza {-**hu**} exclusivamente para marcar o plural. De modo geral, podemos dizer que a adição do sufixo {-**hu**} apenas estabelece uma ligação entre as palavras distribuídas respectivamente nas duas colunas em (95). Em síntese, não houve criação de novos lexemas, mas apenas reformulação de lexemas já constituídos.

O afixo derivacional, por sua vez, é aquele que ao ser adicionado a uma base, ao invés de produzir uma variante de tal base, constitui uma nova forma lexical com significado que embora tenha ligação com aquele da base do qual se origina, essencialmente não é o mesmo. Isso nos é mostrado pelos dados Shanenawa, abaixo:

(96)	(a.1.)	tsaw	‘sentar’	(a.2.)	tsaw- ti	‘banco’
	(b.1.)	kana	‘atirar’	(b.2.)	kana- ti	‘arco’

Nos casos acima, ao contrário do que vimos nos exemplos em (95), vemos em (96:a-b.2) que as formas originadas da adição do sufixo derivacional nominalizador {-**ti**} constituem novos lexemas da língua Shanenawa.

Nem sempre, porém, a tarefa de distinguir um afixo flexional de um derivacional se mostra fácil. Todavia, existem algumas técnicas de análise que, em geral, fornecem bons resultados. Por exemplo, se um afixo altera (embora isso não seja regra geral) a classe da palavra base, então ele é derivacional. Se, porém, isso não se processa, geralmente o afixo é flexional. Este último caso nos é confirmado pelos exemplos dados em (95), em que vimos que o sufixo flexional **{-hu}** não muda a classe das bases dos nomes em (95:a-d.1) como, por exemplo, **anihu** ‘velho’ e **awinhu** ‘mulher’. Em contrapartida, em (96), o sufixo **{-ti}** causa alteração na classe das bases verbais em (96:a-b.1) para os nomes em (96:a-b.2).

Outro modo de diferenciar afixos flexionais de derivacionais é a constatação de que a adição de um afixo flexional ao membro de uma classe pode ser estendida a todos os outros membros da classe, algo que, geralmente, não é possível no caso do afixo derivacional, devido ao fato de este apresentar muitas restrições de co-ocorrência. Em outras palavras, enquanto os afixos flexionais são bastante produtivos, os derivacionais não o são. Em Shanenawa, por exemplo, o sufixo flexional **{-hu}** pode ser ligado a qualquer nome referente a um ser humano visando formar nomes no plural como aqueles que citamos em (95), porém, um sufixo derivacional nem sempre pode ser adicionado a qualquer verbo para formar um nome. Nesse sentido, vejamos o caso do sufixo derivacional **{-tian}** que indica eventos que se repetem no tempo, tal como nos dados seguintes:

- (97) (a) **ui-paki-tian** ‘inverno’⁴⁷
 chuva-cair-ETP
- (b) **şuşu-tian** ‘recreio (hora de lazer)’
 brincar-ETP

Notemos, em ambos os exemplos, que da adição do sufixo **{-tian}** às ações verbais **ui paki** ‘cair chuva’, em (97:a), e **şuşu** ‘brincar’, em (97:b), resultam nomes de ações que de tempos em tempos se repetem, respectivamente, ‘inverno’ (anualmente) e ‘recreio’ (diariamente). Contudo, essa nuance semântica do sufixo **{-tian}** restringe sua afixação a alguns verbos como os exemplificados em (97). Por isso, uma palavra como ***na-tian**, formada pelo verbo **na** ‘morrer’ e o sufixo **{-tian}**, é considerada agramatical na língua, tendo em vista que, logicamente, o evento

⁴⁷ Os nativos costumam se referir ao “inverno” como a estação chuvosa na região Norte do Brasil.

‘morte’ não pode se repetir no tempo, limitando-se a apenas uma ocorrência por indivíduo. Dessa forma, a palavra é agramatical do ponto de vista semântico-pragmático.

Além disso, muitos estudiosos costumam distinguir afixos derivacionais dos flexionais devido ao fato de que, enquanto as regras de formação de palavras (derivação e composição) operam no componente lexical, as regras de natureza flexional apenas operam após processamento de regras da sintaxe. Com isso, a formação de palavras via derivação é considerada pré-sintática ao passo que toda flexão é pós-sintática (Haspelmath, 2002, apud Corbera Mori, 2003).

Outra questão a ser tratada na análise morfológica de uma língua diz respeito ao fato de que comumente dois ou mais morfemas podem ter um mesmo significado e estar em distribuição complementar. Isto é, eles nunca ocorrem num mesmo ambiente ou contexto fonológico⁴⁸. Em Shanenawa, por exemplo, o sufixo que indica tempo passado (dia anterior) apresenta duas formas distintas (aparentemente por uma espécie de metátese) de acordo com o número de sílabas da base verbal à qual se liga, tal como notamos nos dados, abaixo:

- (98) (a) in pi-**şian**-ma-ki
 1ps comer-PAS-NEG-DECL
 ‘Eu não comi ontem.’
- (b) in riti-**şina**-ma-ki
 1ps matar-PAS-NEG-DECL
 ‘Eu não matei ontem.’

Na realidade, essa distribuição dos morfemas parece estar condicionada à fonotática da língua: se a raiz do verbo possui um número ímpar de sílabas (geralmente é do tipo monossilábico), como em (98:a), ou seja, {**pi-**} ‘comer’, então o sufixo de tempo passado utilizado é {-**şian**}; mas se a raiz verbal tem um número par de sílabas, como {**riti-**} ‘matar’ em (98:b), logo, a regra é utilizar a forma sufixal {-**şina**}. Não há dúvidas, no entanto, de que, apesar das realizações morfológicas distintas, ambas têm o mesmo significado. A essas variações de morfemas tradicionalmente tem-se denominado alomorfes de um mesmo morfema que, por sua vez, se trata de um morfema, o qual encerra em si mesmo um sentido e não possibilita sua divisão em outras

⁴⁸ A Fonologia costuma exercer influência não apenas em relação ao lugar onde um morfema pode situar-se, mas também na forma fonética desses morfemas. Em 3.2.1.1.4.1., essa questão será tratada em mais detalhes.

formas significativas⁴⁹. O morfema, assim como o lexema, também tem caráter abstrato. Dessa forma, em Shanenawa, {-**şian**} e {-**şina**} constituem alomorfes de um mesmo morfema que, por abstração, pode ser qualquer um dos dois morfes em questão ou, ainda, nenhum deles. Lembremos, contudo, que alguns critérios como o de plausibilidade, entre outros, permitem dizer quem é de fato o morfema em um grupo de alomorfes.

Em contraste com os alomorfes, há ainda os chamados morfes homófonos que podem realizar mais de um morfema. Em Shanenawa, um exemplo disso é o morfe {**ma**} que, entre outras funções, na forma do sufixo {-**ma**}, como já vimos aqui, é marca de negação; mas como a forma livre {**ma**} se refere ao advérbio ‘já’, tal como ilustram os exemplos:

- (99) (a) nun **ma** pi-a-ki
 1pp já (ADV) comer-PAS-DECL
 ‘Nós já comemos.’
- (b) nun pi-a-**ma**-ki
 1pp comer-PAS-NEG-DECL
 ‘Nós não comemos.’

Além da especificação das unidades que compõem a estrutura da palavra, também constitui objetivo de uma análise morfológica determinar as classes de palavras (ou partes do discurso, como são também denominadas na literatura) existentes em uma língua. Em geral, essas classes são designadas pelos mesmos nomes utilizados na gramática tradicional. Contudo, convencionalmente o estabelecimento delas, bem como o de suas subclasses nas análises das línguas naturais, tem se baseado mais em aspectos gramaticais e funcionais do que léxicos e semânticos. Assim, de acordo com Schachter (1985), para classificar as palavras de uma língua convém considerar principalmente propriedades gramaticais, tais como sua distribuição, as mudanças de função sintática por elas sofridas, as categorias morfológicas ou sintáticas para as quais cada uma delas é especificada.

Segundo Schachter (1985), as classes de palavras encontradas em uma determinada língua podem ser de dois tipos: abertas ou fechadas. Uma classe é considerada aberta se nela puder ocorrer um acréscimo no número de palavras, causado pela incorporação de novas formas à língua. Portanto, os membros da classe aberta são, em princípio, ilimitados, variando de tempos

⁴⁹ É nesse sentido que os morfemas são considerados por muitos estudiosos como a unidade mínima da Morfologia; a palavra, por sua vez, seria considerada a unidade máxima (Sândalo, 2001).

em tempos e entre um ou outro falante. No Shanenawa, por exemplo, as palavras **sia**⁵⁰ ‘melancia’ e **tin** ‘tem’ foram importadas do Português e incorporadas ao vocabulário da língua. Por isso, suas classes, respectivamente, nome e verbo, são consideradas abertas. Em contrapartida, uma classe é fechada se for constituída por um número finito e relativamente invariável de formas ou de ampliação muito difícil. Isto é, os membros dessa classe são fixos, usualmente em pequeno número e essencialmente são os mesmos para todos os falantes da língua⁵¹. Nesse sentido, não temos notícia de empréstimos de palavras pertencentes a classes fechadas na língua Shanenawa.

As classes abertas incluem os nomes, os adjetivos, os verbos e os advérbios. Com base em certas propriedades gramaticais distintivas, como já mencionamos, essas classes ainda podem se subdividir em outras. Por exemplo, os nomes podem ser comuns ou próprios; contáveis ou não-contáveis, entre outros. Já os verbos podem ser transitivos ou intransitivos; ativos ou estativos, entre outros. Quanto às classes fechadas, Schachter (1985) assinala as seguintes: pronomes e outras pró-formas (pró-predicados, pró-sentenças, pró-verbos, pró-adjetivos, entre outras); adjuntos adnominais incluindo marcadores de função, quantificadores, classificadores e artigos; os adjuntos adverbiais que incluem verbos auxiliares e partículas verbais; as conjunções e, ainda, outras classes fechadas como clíticos, cópulas e predicadores, marcadores existenciais, interjeições, marcadores de polidez, entre outros.

Cientes de que dificilmente uma língua apresente todos os contrastes possíveis universalmente entre essas classes e subclasses (ou categorias), não entraremos em detalhes sobre cada uma delas neste estudo. Limitar-nos-emos, assim, a descrever e discutir os casos especificados pela análise proposta para a língua Shanenawa, à qual, por questões práticas, passaremos de imediato a apresentar. Naturalmente, no transcorrer do estudo, quando necessário, procuraremos definir a terminologia empregada em nossa descrição.

⁵⁰ Embora na língua exista uma palavra para ‘melancia’, o composto **ini wara** (água + abóbora), cada vez mais os falantes estão preferindo usar o termo **sia**.

⁵¹ A despeito disso, Thomason & Everett (2003) atestam a possibilidade de haver empréstimos de pronomes (uma classe de palavras considerada inerentemente fechada) em línguas do mundo como, por exemplo, algumas faladas no Sudeste da Ásia, as Austronésias, as Papua e, ainda, o Pirahã, língua brasileira que, segundo os autores, emprestou de línguas Tupi-Guarani (Nheengatu ou Tenharim) seu sistema pronominal.

3.2. As classes de palavras (ou partes do discurso) em Shanenawa⁵²

3.2.1. As classes abertas

Como na maioria das línguas, as classes abertas de palavras em Shanenawa são: a) os nomes, b) os adjetivos, c) os verbos e d) os advérbios, tais como se apresentam descritas nos tópicos subseqüentes.

3.2.1.1. O nome

De acordo com teorias gramaticais tradicionais (por exemplo, Port Royal), a classe de palavras denominada ‘nome’ é definida em termos nocionais ou semânticos. Desse modo, ‘nome’ é uma palavra utilizada para referenciar pessoas, lugares, animais e coisas (nomes concretos) ou algumas propriedades, ações e estados (nomes abstratos). Por esse prisma, os dados expressos em (100:a-d), a seguir, constituem alguns dos nomes concretos, enquanto aqueles em (100:e-g) configuram nomes abstratos da língua Shanenawa.

(100)	(a)	awinhu	‘mulher’
	(b)	nai	‘céu’
	(c)	aman	‘capivara’
	(d)	tari	‘roupa’
	(e)	şawa	‘dia’
	(f)	fakitian	‘infância’
	(g)	isin	‘dor’

Segundo Givón (1990), os nomes carregam em si um conjunto de traços semânticos hierarquicamente organizados do seguinte modo:

(101) [ENTIDADE] ► [TEMPORAL] ► [CONCRETO] ► [ANIMACIDADE] ► [HUMANO]

⁵² Nesta seção, na medida em que estivermos determinando as classes de palavras do Shanenawa, também estaremos focalizando a morfologia flexional dessa língua. Os demais processos morfológicos, a derivação e a composição, serão tratados nas seções 3.3.1. e 3.3.2., respectivamente.

Para Givón (1990), o traço “entidade” significa “aquilo que tem existência”; o “temporal” é atribuído “àquilo que existe em um tempo particular”; o “concreto”⁵³ é um traço presente “naquilo que tem existência tanto no tempo quanto no espaço”; a “animacidade” é o traço atribuído a “organismos vivos” e, finalmente, o traço “humano” está presente em “seres humanos”. Nesses termos, os nomes exemplificados em (100), podem ser descritos conforme, a seguir:

(102)	(a)	awinhu	[ENTID], [CONCR], [ANIM], [HUM]	‘mulher’
	(b)	aman	[ENTID], [CONCR], [ANIM]	‘cavivara’
	(c)	nai	[ENTID], [CONCR]	‘céu’
	(d)	tari	[ENTID], [CONCR]	‘roupa’
	(e)	fakitian	[ENTID], [TEMP]	‘infância’
	(f)	isin	[ENTID], [TEMP]	‘dor’
	(g)	şawa	[ENTID], [TEMP]	‘dia’

Sob outro ponto de vista, o gramatical, o termo ‘nome’ pode ser redefinido a partir de suas propriedades morfológicas e sintáticas. Assim, uma determinada forma de palavra pertence à classe dos nomes de uma língua se nela pudermos detectar algumas categorias morfossintáticas inerentes ao nome como gênero, número, grau, caso, definitude entre outras. Ademais, se essa mesma forma puder funcionar como sujeito ou objeto em uma determinada sentença, então, também será considerada um nome (em oposição a outra classe de palavras como, por exemplo, o verbo).

Na presente seção, conforme já salientamos, nos deteremos de forma especial nas categorias morfossintáticas do nome em Shanenawa; outras propriedades de ordem sintática serão tratadas de forma mais detalhada no Capítulo IV.

⁵³ Os nomes cujos referentes possuem o traço [CONCRETO] podem ser classificados segundo propriedades como tamanho, forma, manipulação, contabilidade, entre outros (Givón, 1990). Em nosso estudo, porém, não entraremos em detalhes sobre essas propriedades na língua Shanenawa.

3.2.1.1.1. O gênero

Na língua Shanenawa, o gênero não é marcado morfologicamente no nome. Distinções como humano *versus* não-humano podem ser observadas lexicalmente ou, então, ser inferidas pelo contexto extralingüístico⁵⁴. Quanto à distinção dentro do gênero natural (feminino *versus* masculino), na classe de nomes de seres humanos, o sexo é marcado por meio de lexemas distintos, como ilustram os exemplos em (103:a-b), abaixo; já no caso dos nomes de seres não-humanos, ele é diferenciado pela posposição das formas **fini** ‘macho’ ou ‘homem’ e **awinhu** ‘fêmea’ ou ‘mulher’ ao lexema epiceno referente ao ser generalizado em questão, como vemos nos dados em (103:c-d), a seguir:

(103)	(a)	fini	‘macho’	<i>versus</i>	awinhu	‘fêmea’
	(b)	ipa	‘pai’	<i>versus</i>	iwa	‘mãe’
	(c)	takara fini	‘galo’	<i>versus</i>	takara awinhu	‘galinha’
	(d)	anu fini	‘paca macho’	<i>versus</i>	anu awinhu	‘paca fêmea’

3.2.1.1.2. O número

A categoria de número nos induz a uma subdivisão dos nomes Shanenawa em duas subclasses semânticas também diferenciadas por meio da estrutura morfológica de seus membros: a) a das entidades que são enumeradas como somente uma unidade e b) a daquelas que podem ser contadas como mais de uma unidade.

Embora a distinção entre singular e plural seja a manifestação mais comum da categoria número nas línguas do mundo, em Shanenawa, sua aplicação se restringe aos nomes pertencentes à subclasse dos seres humanos. Conforme já antecipamos em 3.1., o plural dos nomes dessa classe é feito a partir da adição do sufixo **{-hu}** ao lexema base, como atestam os seguintes dados:

⁵⁴ A distribuição de gêneros nas línguas do mundo costuma ser bastante heterogênea e até mesmo arbitrária por razões extralingüísticas. Os caracteres distintivos de gênero em um idioma só são realizados lingüisticamente se assim o determinar tal idioma.

- (104) (a) jura ‘pessoa’ => jura-**hu** ‘pessoas’
 (b) faki ‘menino’ => faki-**hu** ‘meninos’
 (c) juşahu ‘velha’ => juşahu-**hu**⁵⁵ ‘velhas’
 (d) awinhu ‘mulher’ => awinhu-**hu** ‘mulheres’

Em contrapartida, a classe dos nomes de seres não-humanos bem como a dos inanimados não costuma marcar o número plural, como podemos ver em (105:a-b), abaixo, ou então recorrem ao uso de quantificadores numerais, como em (105:c-d), dependendo, claro, da necessidade do falante de especificar o número das entidades em questão.

- (105) (a) kaman ‘cachorro’ => kaman ‘cachorros’
 (b) muskiti ‘pedra’ => muskiti ‘pedras’
 (c) kapi ‘jacaré’ => kapi **rafu** ‘dois jacarés’
 (d) şipi ‘banana’ => şipi **wisti** ‘uma banana’

Em muitas línguas naturais, nomes de entidades que não podem ser pluralizadas (massa ou matéria descontínua: “água”, “areia”, entre outros) e nomes que traduzem idéias abstratas (“amor”, “saudade”, entre outras) não podem ser contáveis. No Shanenawa, os falantes utilizam as expressões **itşapa** ‘muito’ e **itşapamasta** ‘pouco’ para quantificar esses tipos de nomes, tal como ilustrado nos seguintes dados:

- (106) (a) ini **itşa-pa**⁵⁶ ‘muita água’
 água muita-?’

⁵⁵ A explicação do fato de as bases cuja sílaba final é {-**hu**} também receberem a marca de plural já foi antecipada na (p. 80). Todavia, no item 3.2.1.1.5. deste capítulo discutiremos mais a questão.

⁵⁶ Outros estudos sobre línguas Pano levantam a hipótese de que a forma {-**pa**} seja uma espécie de adjetivador, enquanto outros supõem se tratar de um intensificador. De nossa parte, ainda não pudemos definir qual seu significado na língua Shanenawa, razão pela qual até o momento estamos mantendo na glosa o sinal de interrogação.

- (b) **ini itʃa-pa-ma-sta** ‘pouca água’
 água muita-?-NEG-? (= pouca)⁵⁷

Embora de forma não muito recorrente, as expressões **itʃapa** ‘muito’ e **itʃapamasta** ‘pouco’, ao lado de **wistima**⁵⁸ ‘muitos’ (em oposição a **wisti** ‘uma única unidade’), também podem ser utilizadas para expressar quantidades (relativas) de nomes de entidades contáveis, como vemos nos exemplos seguintes:

- (107) (a) **kaman itʃa-pa** ‘muitos cachorros’
 cachorro muitos-?
- (b) **kaman itʃa-pa-ma-sta** ‘poucos cachorros’
 cachorro muitos-?-NEG-? (= poucos)
- (c) **kaman wisti-ma** ‘não um único cachorro’
 cachorro um-NEG

Concluindo este tópico, a língua Shanenawa não apresenta uma subclasse de palavras ou uma marcação morfológica para a noção de coletivo. Entretanto, detectamos em nossos dados o uso específico da forma **faj**, cujo significado é ‘roça’, posposta ao nome de alguns vegetais quando estes estão sendo contados como um todo ou estão especificados em um conjunto, como ilustram os dados, a seguir:

- (108) (a) **ʃipi** ‘banana’ **ʃipi faj** ‘bananal’
 banana roça
- (b) **atsa** ‘macaxeira’ **atsa faj** ‘mandioccal’
 macaxeira roça

⁵⁷ Embora estejamos apresentando {-**masta**} como uma forma mínima, não temos a certeza de que esta não possa mais ser segmentada, afinal, a estrutura do Shanenawa tem nos mostrado que a negação é obtida pelo morfema {-**ma**}. Não seria, então, {-**sta**} um outro morfema ou estaríamos diante de um alomorfe da forma básica negativa? Como ainda não temos como responder a essa questão, nos limitaremos a proceder de modo semelhante ao assinalado na nota anterior.

⁵⁸ Para seres contáveis os falantes utilizam ainda a forma **wasi** ‘capim’ em analogia a idéia de vários.

3.2.1.1.3. O grau

Quanto à formação das categorias aumentativo e diminutivo⁵⁹ na língua Shanenawa, os dados revelam-nos que a gradação do nome se realiza por meio de dois processos: um sintético e outro analítico. O primeiro, embora não muito produtivo, está condicionado à divisão dos nomes nas classes humano e não-humano, já que apenas se processa em casos de não-humanos. Para o grau aumentativo, acrescenta-se o sufixo {-wan}, enquanto o diminutivo é expresso pelo sufixo {-pusku}, como podemos ver nos respectivos dados:

(109)	(a)	titi	‘gavião’
		titi-wan	‘gavião grande’ ou ‘avião’
		gavião-AUM	
	(b)	jumaj	‘onça’
		jumaj-pusku	‘oncinha’ ou ‘gato’
		onça-DIM	

Já o processo analítico, que é extremamente produtivo, ocorre por meio da justaposição ao nome que vai ser graduado de duas formas: **iwapa** para o aumentativo e **iwapamasta** para o diminutivo, conforme demonstram os dados subseqüentes:

(110)	(a)	takara iwa-pa	‘galo grande’
		galo grande-?	
	(b)	takara iwa-pa-ma-sta	‘galo pequeno’
		galo grande?-NEG-?(=pequeno)	

3.2.1.1.4. O caso

A categoria de caso diz respeito a algumas funções sintático-semânticas que os nomes (ou os sintagmas nominais) podem exercer como elementos de construções sintáticas. Nesse sentido é

⁵⁹ A formação do diminutivo e do aumentativo tem sido tratada nas análises de línguas naturais como Morfologia Avaliativa. Isso porque ao atribuímos essas categorias a uma determinada classe de palavras, o fazemos com a intenção de diminuir ou aumentar sua significação em termos de tamanho ou, ainda, traduzir juízos de valor em relação ao que está sendo referido. Em outras palavras, além da idéia de gradação, as formas diminutivas e aumentativas podem, às vezes, ser utilizadas para demonstrar desprezo, crítica, admiração, familiaridade, entre outros. Por isso, a Morfologia Avaliativa inclui entre essas categorias o pejorativo. Contudo, até onde pudemos observar, isso não se aplica à língua Shanenawa.

que, em exemplos clássicos como os das línguas latina e grega, costuma-se dizer que o caso nominativo está relacionado ao nome quando este tem a função de sujeito da sentença e complemento predicativo em oposição ao caso dativo que está associado ao beneficiário de uma ação ou, em termos da gramática tradicional, ao chamado objeto indireto.

Em uma perspectiva tipológico-funcional, casos como os acima mencionados estão relacionados aos nomes nucleares, ou seja, àqueles que desempenham funções sintáticas encontradas no centro das chamadas sentenças básicas ou independentes⁶⁰. Em contrapartida, existem casos que estão associados aos nomes oblíquos, assim chamados por desempenharem funções sintáticas encontradas fora do centro (isto é, na periferia) das sentenças básicas.

Considerando tal distinção, a língua Shanenawa, em se tratando de nomes nucleares, apresenta os casos ergativo e absoluto. No que concerne aos nomes oblíquos, é possível observar os casos locativo, instrumental, comitativo e genitivo-possessivo.

3.2.1.3.4.1. O ergativo e o absoluto

O caso ergativo está associado ao nome em função de sujeito de verbos transitivos. Por isso, morfologicamente, o nome costuma ser marcado com uma forma que deve ser distinta daquela usada para marcar o absoluto. Isto é, o caso que está relacionado aos nomes em função de sujeito de verbos intransitivos e também de objeto de verbos transitivos.

Na língua Shanenawa⁶¹, o absoluto é marcado no nome por meio do morfema zero {-φ} como demonstram, a seguir, os dados em (111:a-b). Em contrapartida, o caso ergativo geralmente é marcado por um dentre os sufixos {-n}, {-ni}, {-na}, {-nu}, conforme mostram, respectivamente, os dados (111:c-g) ou, ainda, por um processo de nasalização da vogal da última sílaba, como vemos em (111:b), na seqüência:

- (111) (a) runu-φ na-a-ki
 cobra-ABS morrer-PAS-DECL
 ‘A cobra morreu.’

⁶⁰ Uma sentença básica é aquela normalmente constituída por um verbo e, no máximo, dois argumentos: sujeito e objeto. É considerada, ainda, independente de outras sentenças em oposição àquelas que se realizam no que tradicionalmente costumamos chamar períodos compostos.

⁶¹ Sobre os casos ergativo e absoluto por ora apresentaremos apenas uma rápida introdução, já que os mesmos serão retomados em mais detalhes no próximo capítulo.

- (b) runu-**n** takara- ϕ naka-a-ki
 cobra-ERG galinha-ABS morder-PAS-DECL
 ‘A cobra mordeu a galinha.’
- (c) Iraci-**ni** nami- ϕ pi-a-ki
 Iraci-ERG carne-ABS comer-PAS-DECL
 ‘Iraci comeu carne.’
- (d) jumaj-**ni** takara- ϕ riti-a-ki
 onça-ERG galinha-ABS matar-PAS-DECL
 ‘A onça matou a galinha’
- (e) takara-**na** şiki- ϕ pi-a-ki
 galinha-ERG milho-ABS comer-PAS-DECL
 ‘A galinha comeu o milho.’
- (f) aman-**na** kaman- ϕ naka-a-ki
 capivara-ERG cachorro-ABS morder-PAS-DECL
 ‘A capivara mordeu o cachorro.’
- (g) Mário-**nu** nami- ϕ pi-a-ki
 Mário-ERG carne-ABS comer-PAS-DECL
 ‘Mário comeu carne.’

A alomorfa observada em relação à marca de ergatividade no nome é resultado de um processo de harmonia vocálica. Isso porque estamos interpretando que a forma do sufixo de ergatividade nessa língua é: {-n[V]}, em que V é não especificada para os traços de ponto. Com o processo de afixação, essa vogal acaba por assimilar o traço ou os traços especificados foneticamente para a vogal presente na sílaba final do nome dos seguintes modos: a) se o segmento vocálico expresso na sílaba final contém o traço [Coronal], logo, a vogal no sufixo ergativo será a alta anterior /i/, como mostram os exemplos (111:c-d); b) se, porém, é o traço [Dorsal], então, a vogal do sufixo será a central /a/, tal como vemos em (111:e-f), e, finalmente, c) se os traços forem [Dorsal] e [Labial], naturalmente, a vogal será a alta posterior /u/, como ilustrado em (111:g).

Quanto ao que ocorre em (111:b), com base em outros dados de nosso *corpus*, levantamos a hipótese de que nos casos de nomes terminados em sílabas cujos constituintes sejam uma vogal e a nasal alveolar /n/ em posição de coda, a língua se encarregue de anular a repetição das formas na estrutura superficial, por exemplo, não aceitando palavras como *rununu ‘cobra’. Sendo assim, a nossa interpretação é de que na estrutura profunda haja, sim, o processo de afixação,

contudo, ele provavelmente seja seguido da síncope da última vogal do sufixo. Com a perda de seu núcleo, a nasal se liga à sílaba precedente ocupando a posição de coda. Consoante o que discutimos no Capítulo II acerca da harmonia nasal no Shanenawa, o segmento nasal em coda não é realizado foneticamente, mas seu traço [Nasal] se espalha, conforme a derivação em (79) mostrada naquele capítulo (p. 62), para a vogal precedente tornando-a nasalizada como ocorreu com a forma fonética [ru'nũ] ‘cobra’, marcada pelo caso ergativo.

Isso parece ser uma característica comum da família Pano, pois como afirma Costa (1998), a língua Marubo também pode ser tratada como ergativa no nível morfológico. Para essa autora, existem dois tipos de marcação no Marubo: a nasalização e a sufixação. No primeiro caso, a nasalização opera sobre a vogal final do nome, sendo interpretada como a realização fonética do morfema ergativo {-n}. Já o outro caso consiste na adição de sufixos monossilábicos do tipo {-pa} ~ {-ni} ~ {-tun} ao nome ou ao SN respectivo. A presença de um ou outro desses morfemas está condicionada à característica morfológica do Nome ou do SN.

Também Valenzuela (1998a), ao tratar do morfema de ergatividade na língua Shipibo, afirma que ele apresenta vários alomorfes, dependendo do número de vogais presentes nos radicais nominais e segundo os fonemas finais desses radicais. A autora reconhece um mínimo de três classes morfológicas para dar conta dessa alomorfia.

3.2.1.3.4.2. O locativo

O caso locativo, como o próprio termo indica, diz respeito à função de localização espacial ou temporal exercida por um nome em uma sentença. Quanto ao papel de localização espacial, em Shanenawa, dependendo de algumas distinções semânticas, o nome pode receber vários sufixos: {-mira}, {-ani}, {-anu} ou {-kiri}. Os dados em (112), abaixo, por exemplo, expressam o caso locativo no sentido de espaço onde outra entidade ou ação referida na sentença pode ser/estar localizada/realizada, marcado por {-mira}:

- (112) (a) ana aʃfua-**mira**-ki
 língua boca-LOC-DECL
 ‘A língua está dentro da boca.’

- (b) kaman pişi-**mira**-ki
cachorro casa-LOC-DECL
'O cachorro está dentro da casa.'
- (c) jumaj ni-**mira**-ki
onça mato-LOC-DECL
'A onça está no mato.'
- (d) jumaj-ni ni-**mira** takara- ϕ pi-a-ki
onça-ERG mata-LOC galinha-ABS comer-PAS-DECL
'A onça comeu a galinha na mata.'
- (e) fari nai-**mira**-ki
sol céu-LOC-DECL
'O sol está no céu.'

Os sufixos {-**ani**} e {-**anu**} servem aos nomes para marcar o locativo direcional. Desta feita, também é necessário observar algumas orientações semânticas, já que o sufixo {-**ani**} é afixado apenas ao nome que indica o destino da direção tomada, como vemos em (113:a-b), enquanto o sufixo {-**anu**} é adicionado ao nome que traduz a origem espacial dessa direção, conforme ilustram os exemplos em (113:c-d):

- (113) (a) awin-hu- ϕ pişi-**ani** ka-i-ki
mulher-INDEF-ABS casa-LOC ir-N.PAS-DECL
'A mulher vai para casa.'
- (b) awin-hu- ϕ Feijó-**ani** ka-i-ki
mulher-INDEF-ABS Feijó-LOC ir-N.PAS-DECL
'A mulher vai para Feijó.'
- (c) awin-hu- ϕ pişi-**anu** u-a-ki
mulher-INDEF-ABS casa-LOC vir-PAS-DECL
'A mulher veio de casa.'
- (d) awin-hu- ϕ Feijó-**anu** u-a-ki
mulher-INDEF-ABS Feijó-LOC vir-PAS-DECL
'A mulher veio de Feijó.'

Quando, entretanto, os falantes pretendem especificar o deslocamento de uma entidade de **A** para **B** ou vice-versa, marcam o nome do lugar de origem na sentença; já o destino é marcado facultativamente⁶², como nos dados seguintes:

- (114) (a) awin-hu- ϕ pi \dot{s} i-**anu** Feijó-**ani** ka-a-ki
mulher-INDEF-ABS casa-LOC Feijó-LOC ir-PAS-DECL
‘A mulher foi de casa para Feijó.’
- (b) awin-hu- ϕ Feijó-**anu** pi \dot{s} i u-a-ki
Mulher-INDEF-ABS Feijó-LOC casa vir-PAS-DECL
‘A mulher veio de Feijó para casa.’

O sufixo **{-kiri}** aparece como uma alternativa para marcar tanto o locativo de origem quanto o de destino. Contudo, ao contrário de **{-ani}** e **{-anu}**, esse sufixo nunca é adicionado ao nome **pi \dot{s} i** ‘casa’, bem como a nomes de cidades e aldeias. Portanto, resguardadas essas exceções, **{-kiri}** pode substituir os demais sufixos de origem e destino nos exemplos expressos anteriormente, tal como reforçam os dados, abaixo:

- (115) (a) jumaj- ϕ ini-**kiri** ka-a-ki
onça-ABS rio-LOC ir-PAS-DECL
‘A onça foi para o rio.’
- (b) jumaj- ϕ ini-**kiri** u-a-ki
onça-ABS rio-LOC vir-PAS-DECL
‘A onça veio do rio.’
- (c) kaman- ϕ pi \dot{s} i ni-**kiri** u-a-ki
cachorro-ABS casa mato-LOC vir-PAS-DECL
‘O cachorro veio do mato para casa.’
- (d) nun ini iwapa-**kiri** ka-i-wi
1pp água grande (rio)-LOC ir-N.PAS-IMPER
‘Vamos para o rio!’

⁶² Nosso *corpus* Shanenawa nos mostra que sufixos locativos de destino podem ser omitidos nessa língua, o que não ocorre com os que marcam a origem. Naturalmente, a semântica dos verbos envolvidos nas sentenças desse tipo, “ir” e “vir”, favorece a omissão de ambos os sufixos. Portanto, a rigidez em relação aos sufixos de origem apresenta-se como uma particularidade da língua.

Isso nos leva a suspeitar que o morfema {-kiri} seja de fato um locativo, porém, passível de uma restrição semântica, já que não pode indicar “dentro de”.

O comportamento dos sufixos relacionados ao caso locativo de direção (origem/destino), na língua Shanenawa, pode ser sintetizado na Tabela 3, a seguir:

ORIGEM	→	DESTINO- ani
ORIGEM- anu	→	DESTINO
ORIGEM	→	DESTINO- kiri

Tabela 3: Formas do Locativo em Shanenawa.

No que diz respeito ao caso locativo temporal, quando o falante Shanenawa pretende que um nome expresse metaforicamente uma função espaço-temporal, ele utiliza o sufixo {-nia}, como vemos nos exemplos seguintes:

- (116) (a) Almir Belo Horizonte-**nia**-ki
 Almir Belo Horizonte-LOC/TEMP-DECL
 ‘Almir é de Belo Horizonte.’
- (b) iṣkin waka-**nia**-ki
 peixe rio-LOC/TEMP-DECL
 ‘O peixe é do rio’
- (c) Ester Iraci-**nia** ka-ṣinan-ki
 Éster Iraci-LOC/TEMP nascer-PAS-DECL
 ‘Ester que veio de Iraci nasceu ontem’

Embora tradicionalmente esses tipos de exemplos costumam ser rotulados como locativos de origem, o caráter metafórico do locativo {-nia} nos mostra que a idéia é de marcar um espaço-temporal. Afinal, em (116:a), “Belo Horizonte” não implica um ponto de partida de movimento em tempo real, mas apenas a proveniência existencial ou a procedência do sujeito que se desloca (no caso do exemplo em questão, de “Almir”).

3.2.1.3.4.3. O instrumental

O caso instrumental está associado ao nome quando este exerce o papel de instrumento em uma determinada sentença. Obedecendo às mesmas orientações fonológicas estabelecidas

para o sufixo ergativo, na língua Shanenawa, o instrumental também é marcado pelos sufixos {-n}, {-ni}, {-na} e {-nu}, conforme estabelecido pelo processo de harmonia vocálica respectiva. Os dados seguintes ilustram isso:

- (117) (a) Assis-ni fuṣati-**ni** jumaj-ϕ riti-a-ki
 Assis-ERG faca-INSTR onça-ABS matar-PAS-DECL
 ‘Assis matou a onça com a faca.’
- (b) kaman-na ṣita-**n** nami-ϕ kuṣa-a-ki
 cachorro-ERG dente-INSTR carne-ABS cortar-PAS-DECL
 ‘O cachorro cortou a carne com os dentes.’
- (c) Amaral-nu fuṣati-**ni** nami-ϕ kuṣa-a-ki
 Amaral-ERG faca-INSTR carne-ABS cortar-PAS-DECL
 ‘Amaral cortou a carne com a faca.’
- (d) Militão-nu pia-**na** iṣkin-ϕ tṣatṣi-a-ki
 Militão-ERG flecha-INSTR peixe-ABS furar-PAS-DECL
 ‘Militão furou o peixe com a flecha.’

3.2.1.3.4.4. O comitativo

O termo comitativo se refere ao caso de um nome que, em determinada sentença, exerce a função semântica de companhia de uma outra entidade expressa. Na língua Shanenawa, esse caso é marcado pelos sufixos {-fi} e {-fitan}. O primeiro é utilizado quando o verbo é intransitivo, como ilustram os exemplos em (118:a-b); o segundo, quando o verbo é transitivo, conforme mostram os dados em (118:c-d), abaixo:

- (118) (a) fakihu-ϕ awinhu-**fi** ka-i-ki
 menino-ABS mulher-COM ir-N.PAS-DECL
 ‘O menino vai com a mulher.’
- (b) nukuhuni-ϕ kaman-**fi** ka-a-ki
 homem-ABS cachorro-COM ir-PAS-DECL
 ‘O homem foi com o cachorro.’
- (c) Assis-ni Auricélio-**fitan** iṣkin-ϕ pi-a-ki
 Assis-ERG Auricélio-COM peixe-ABS comer-PAS-DECL
 ‘Assis comeu os peixes junto com Auricélio.’

- (d) Militão-**nu** Auricélio-**fitan** pia- ϕ wa-i-ki
 Militão-ERG Auricélio-COM flechas-ABS fazer-PRES-DECL
 ‘Militão estão fazendo flechas junto com Auricélio.’

3.2.1.3.4.5. O genitivo-possessivo

O Shanenawa não faz distinção entre posse alienável e inalienável. Independente da natureza semântica do ser possuído (ou sejam, partes do corpo, parentesco, entre outros), o possuidor é marcado pelo caso genitivo. Por outro lado, a noção de posse reforça a divisão da classe dos nomes possuídos em duas subclasses: a) a dos humanos e b) a dos não-humanos (incluindo-se aí a classe dos inanimados). Na primeira subclasse a posse é marcada morfologicamente tão somente no dependente, sendo o núcleo não marcado⁶³. Assim, o sufixo {-**n**} e seus alomorfes {-**na**}, {-**ni**} e {-**nu**} são adicionados ao nome referente ao dependente (possuidor) ou, ainda, pela nasalização da última vogal desse nome⁶⁴, tal como demonstrado nos dados, a seguir:

- (119) (a) Francisco-**na** mapu iwapa-ki
 Francisco-GEN(POSS) cabeça grande-DECL
 ‘A cabeça do Francisco é grande.’
- (b) Araci-**ni** faki- ϕ Feijó-ani ka-i-ki
 Araci-GEN(POSS) filho-ABS Feijó-LOC ir-N.PAS-DECL
 ‘O filho da Araci vai para Feijó.’
- (c) Auricélio-**nu** şaşu iwapa-ma-sta-ki
 Auricélio-GEN(POSS) canoa grande-NEG-?-DECL
 ‘A canoa do Auricélio é pequena.’
- (d) fakihu-**n** pişi wa-ki
 menino-GEN(POSS) casa DEM-DECL
 ‘A casa do menino é aquela.’

⁶³ Estamos adotando a nomenclatura de Nichols (1986) para nos referirmos aos elementos participantes de uma construção genitiva.

⁶⁴ Atribuimos à alomorfa verificada nas marcas do possessivo a mesma explicação anotada para os sufixos que marcam o caso ergativo e o instrumental, conforme 3.2.1.1.4.1. e 3.2.1.1.4.3., respectivamente. Aliás, isso também ocorre em outras línguas Pano bem como em outras espalhadas pelo mundo. Acerca do Shipibo-Konibo, por exemplo, Valenzuela (1998a) se refere às funções do morfema {-**n**} e seus alomorfes. Além do caso ergativo, esse morfema indica referência transitiva, mas que pode ocorrer também para indicar *Genitivo*, *Instrumental*, *Lugar-Direção* e *Temporal*. Assim sendo, o morfema ergativo {-**n**} e suas variantes são sufixos diferentes em situação de homofonia.

Já na subclasse dos não-humanos, não há marcas no nome do possuidor para indicar posse, como vemos nos dados seguintes:

- (120) (a) *iʃtuku-φ taka iwapa-ma-sta-ki*
 macaco-GEN(POSS) fígado grande-NEG-?-DECL
 ‘O fígado do macaco é pequeno.’
- (b) *ifi-φ fitʃi kistu-ki*
 árvore-GEN(POSS) casca grossa-DECL
 ‘A casca da árvore é grossa.’
- (c) *kapi-n awa-φ nami-φ pi-a-ki*
 jacaré-ERG anta-GEN(POSS) carne-ABS comer-PAS-DECL
 ‘O jacaré comeu a carne da anta.’
- (d) *takara-φ pij ʃarakapa-ki*
 galinha-GEN(POSS) pena bonita-DECL
 ‘A pena da galinha é bonita.’

Nesses casos, porém, parece-nos que a categoria de posse, tal como referida por Anderson (1985), co-ocorre com o caso genitivo, pois para que a informação não suscite dúvidas, os dados têm revelado que os falantes se apóiam na concordância e obediência à ordem **possuidOR-possuídO** na sentença, tal como vimos nos dados em (120).

Devemos ressaltar que essa proposta de análise está pautada em uma visão sincrônica do *corpus* de que dispomos da língua Shanenawa. Afinal, de acordo com Loos (1999a), a posse é marcada morfologicamente por sufixação a nomes e pronomes em outras línguas da família Pano. Daí, provavelmente, a idéia de que a posse em Shanenawa originalmente teria sido marcada de forma geral por um caso genitivo.

3.2.1.3.5. A definitude

A categoria definitude é observada quando o conteúdo expresso por um determinado nome apresenta-se *definido* para o falante em oposição ao que é/está *indefinido* no/pelo contexto extralingüístico. Em Shanenawa, essa categoria restringe-se à classe dos nomes humanos e é marcada pelo morfema {-φ} que se contrapõe ao sufixo {-hu}, marca de indefinitude ou generalização do ser nomeado. Consideremos, por exemplo, os seguintes dados:

- (121) (a) faki- ϕ ‘menino’
 juşa- ϕ ‘velha’
 awin- ϕ ‘mulher’
- (b) faki-**hu**-hu ‘meninos (indefinido)’
 juşa-**hu** ‘velha (indefinido)’
 awin-**hu** ‘mulher (indefinido)’

Em (121:a) os nomes se referem a entidades humanas definidas pelo falante e para os ouvintes no contexto. Por outro lado, nas formas em (121:b), a adição do sufixo {-hu} indica a indefinidade dos seres. Chamamos atenção para o dado **faki-hu-hu** ‘meninos (indefinido)’ em que vemos a repetição do morfema {-hu}. Como mencionado em 3.2.1.1.2., esse sufixo também marca o plural, todavia, os falantes não aplicam o princípio de economia de fones que julgamos ocorrer nos processos de afixação do caso ergativo e do genitivo descritos anteriormente.

3.2.1.2. O adjetivo

A classe de adjetivos, de acordo com as orientações tradicionais, é constituída por palavras que denotam qualidades ou atributos de uma pessoa, um lugar, um animal ou uma coisa referenciada por um nome. Para Schachter (1985), apesar de apresentar alguns problemas, não se tem notícia de uma definição de cunho nocional melhor do que essa.

Do ponto de vista gramatical, contudo, o adjetivo pode ser definido como a palavra que funciona como modificador de nomes ou como predicativo. Corroborando a afirmação de Loos (1999a) de que as línguas da família Pano estão entre as que apresentam a classe dos adjetivos, apresentamos, abaixo, dados do Shanenawa em que ocorrem palavras, incluindo nomes, como adjetivos atendendo às funções de modificador (122:a-b) e de predicativo (122:c-d):

- (123) (a) faki-n **şara-ka-pa** işkin- ϕ şui-a-ki
 menino-ERG bom-?-? peixe-ABS assar-PAS-DECL
 ‘O bom menino assou o peixe.’

- (b) nukuhuni-n jumaj- ϕ iwa-pa riti-a-ki
 homem-ERG onça -ABS grande-? matar-PAS-DECL
 ‘O homem matou a onça grande.’
- (c) pişi mişu-ki
 casa suja-DECL
 ‘A casa está suja.’
- (d) faki şara-ka-pa-ki
 menino bom-?-?-DECL
 ‘O menino é bom.’

Por não contar com palavras copulativas ou predicadores, para estabelecer a relação entre sujeito e predicativo, a língua Shanenawa utiliza como estratégia a justaposição, como mostram os dados em (122). Isso reforça a interpretação de nessa língua a ordem de constituintes na sentença é extremamente rígida em relação à posição do predicativo, ou seja, à direita. Além disso, outra estratégia utilizada para distinguir as formas em função de sujeito daquelas que ocupam a posição de predicativo é a afixação do morfema {-ki} ao predicativo. O sufixo {-ki}, conforme será mostrado posteriormente, é também afixado à base verbal para traduzir a categoria modo declarativo.

A negação dos adjetivos pode ser feita através do sufixo {-ma}, como vemos em (123:a-b), e do sufixo {-uma}, sendo este de ocorrência exclusiva em sentenças predicativas nominais, como vemos em (123:c):

- (123) (a) faki şara-ma-ki
 menino bom-NEG-DECL
 ‘O menino não é/está bom.’
- (b) pişi mişu-ma-ki
 casa suja-NEG-DECL
 ‘A casa não está suja.’
- (c) in tari fina-uma-ki
 lps roupa nova-NEG-DECL
 ‘Eu não tenho roupa nova.’

De forma análoga ao que aqui descrevemos, também as formas **iwapa** e **iwapamasta**, apresentadas em 3.2.1.1.3., modificam ou atribuem propriedades (dimensionais, naqueles casos) aos nomes. Isso as torna, portanto, pertencentes à classe dos adjetivos.

A relação entre nome e adjetivo acarreta, em muitas línguas, uma concordância formal entre essas duas classes. Assim, na língua latina, por exemplo, o adjetivo concorda em número, gênero e caso com o núcleo do sintagma nominal. Todavia, isso não se aplica ao Shanenawa, já que as formas adjetivas não apresentam concordância formal com qualquer um dos tipos de marcação que vimos na descrição do nome feita neste estudo.

A maioria dos adjetivos, tais como **iwapa** e **şarakapa**, é caracterizada pela terminação {-pa}⁶⁵, conforme demonstram outros exemplos como os, abaixo, listados:

- (124) (a) şuatapa ‘gordo’
 (b) paşinipa ‘amarelo’
 (c) turukupa ‘redondo’
 (d) juitapa ‘pesado’

Ainda sobre a estrutura dos adjetivos, verificamos que de modo geral a língua apresenta formas distintas para os antônimos, como podemos constatar nos exemplos em (125:a-b), abaixo. Todavia, também é possível estabelecer oposição semântica via adição dos sufixos de negação {-ma} e {-masta}, conforme ilustram os dados em (125:c-d), na seqüência.

- (125) (a.1) Assis- ϕ şaşu-na **fina** maka-a-ki
 Assis-ABS canoa-INSTR nova sair-PAS-DECL
 ‘Assis saiu com a canoa nova.’
 (a.2) şaşu **juşan** mai fuspia-ki
 canoa velha areia cheia-DECL
 ‘A canoa velha está cheia de areia.’

⁶⁵ Há muitas hipóteses acerca do significado ou função de {-pa} na língua Shanenawa, embora até o momento nenhuma delas se confirme. Por exemplo, poder-se-ia tratar de uma espécie de adjetivizador do tipo que vemos no Inglês com a adição de “like”.

(b.1.) **pat̃ʃi** faki-ϕ na-a-ki
 fraco menino-ABS morrer-PAS-DECL
 ‘O menino fraco morreu.’

(b.2.) **ʃua** faki na-a-ki
 forte menino morrer-PAS-DECL
 ‘O menino forte morreu.’

(c.1.) **piʃi** iwapa Bruno-ki
 casa grande Bruno-DECL
 ‘A casa grande é de Bruno.’

(c.2.) **piʃi iwapa-ma-sta** Militão-ki
 casa grande-NEG-? Militão-DECL
 ‘A casa pequena é de Militão.’

(d.1.) **faki** ʃara ʃuʃu-i-ki
 menino bom brincar-N.PÁS-DECL
 ‘O menino bom está brincando.’

(d.2.) **faki** ʃara-**ma** ʃuʃu-i-ki
 menino bom-NEG brincar-N.PÁS-DECL
 ‘O menino mau está brincando.’

No que tange à localização do adjetivo no sintagma nominal, observamos que a ordem não é rígida, conforme mostrado em (125:b-c). Contudo, na maioria das vezes, os adjetivos se posicionam à direita do núcleo, como podemos ver nos exemplos seguintes:

(126) (a) Assis-ni ini **mat̃ʃi** aia-a-ki
 Assis-ERG água gelada beber-PAS-DECL
 ‘Assis bebeu a água gelada.’

(b) kiti **iwa-pa** Iraci-ki
 panela grande-? Iraci-DECL
 ‘A panela grande é de Iraci.’

Quando o sintagma nominal apresenta mais de um modificador, os adjetivos costumam se distribuir na posição antecedente e na posterior ao núcleo, como nos dados, abaixo:

(127) (a) ʃafu-nu **ʃaka** ini **mat̃ʃi** aia-a-ki
 jabuti-ERG suja (ruim) água gelada beber-PAS-DECL
 ‘O jabuti bebeu a água suja e gelada.’

- (b) **iwa-pa** kiti **şara-ka-pa** Iraci-ki
 grande-? panela bonita-?-? Iraci-DECL
 ‘A panela grande e bonita é de Iraci.’

3.2.1.3. O verbo

Segundo a teoria gramatical tradicional, a classe dos verbos, em termos nocionais, é definida como aquela que abarca palavras que denotam ações, processos, estados ou mudança de estado do sujeito. Em termos estritamente gramaticais, o verbo é definido como a classe de palavras que inclui categorias como gênero⁶⁶, pessoa, número, modo, tempo, aspecto, voz, entre outras.

Não há dúvidas de que tanto a primeira como a segunda definição, da mesma forma que a classe dos nomes, não podem ser concebidas sem levar em consideração o comportamento sintático e lógico dessas classes de palavras. Isto é, ao tratarmos de nome e verbo, estaremos nos remetendo às relações sintáticas (sujeito/predicado) ou lógicas (agente/ação ou paciente/ação, descrição) estabelecidas entre ambos.

Em termos sintáticos, na língua Shanenawa, o verbo funciona essencialmente como predicado e, de acordo com o número de argumentos que admite, se distingue em intransitivo e transitivo. O verbo é intransitivo se admitir apenas um argumento, conforme ilustrado em (128:a), abaixo. Contudo, se admite mais de um argumento, então, é considerado transitivo, como demonstrado em (128:b):

- (128) (a) jumaj- ϕ na-a-ki
 onça-ABS morrer-PAS-DECL
 ARG1 V
 ‘A onça morreu.’
- (b) Militão-nu jumaj- ϕ riti-a-ki
 Militão-ERG onça-ABS matar-PAS-DECL
 ARG1 ARG2 V
 ‘Militão matou a onça.’

⁶⁶ Contudo, há estudiosos que defendem que essa categoria não se aplica a verbos. Sobre casos como o particípio da língua portuguesa, diz-se que a categoria gênero é aplicada somente por se tratar de uma forma nominal.

Semanticamente, os verbos poderiam ainda ser divididos em dois tipos: os descritivos e os ativos. Estes últimos incluem de forma predominante os verbos que implicam volição e controle por parte do sujeito, como “correr” e “falar”. Já os verbos descritivos se caracterizam por expressar sentidos relacionados com adjetivos os quais, sintaticamente, apresentam comportamento semelhante ao de verbos. Em Português, a classe dos chamados verbos de ligação (“ficar”, “parecer”, “ser”, “estar”, entre outros), pode ser considerada como descritiva.

Em Shanenawa, os enunciados aparentemente descritivos não apresentam formas verbais, mas, apenas a presença do morfema de modo declarativo **{-ki}** afixado aos adjetivos, como vimos na seção anterior.

No que respeita às categorias pelas quais o verbo pode ser morfologicamente especificado, em geral, elas são sistematizadas com base nas oposições funcionais que costumam estabelecer através de formas lexicais em uma determinada língua. Tais oposições, segundo Jakobson (1957), levam em consideração a relação estabelecida entre o ato da fala e o evento narrado. Assim sendo, por meio das categorias verbais é possível determinar e caracterizar lingüisticamente ou através do discurso o gênero, o número ou a pessoa do(s) participante(s) do acontecimento comunicado. Ademais, também é possível estabelecer a voz e o modo, categorias determinantes das relações entre os participantes e o acontecimento comunicado, bem como caracterizar o aspecto do referido acontecimento e o tempo de realização do mesmo.

Em Shanenawa, dentre as categorias que afetam o participante do acontecimento descrito pelo verbo, apenas o modo apresenta-se morfologicamente marcado na estrutura verbal. A categoria de gênero (gramatical), como vimos em **3.2.1.1.1.**, não participa da forma verbal restringindo-se a algumas formas nominais (em que se incluem os pronomes, conforme **3.2.2.1.**).

Quanto à categoria de pessoa, a despeito de ela se apresentar em dados de outras línguas da família Pano⁶⁷, o *corpus* de que dispomos nos leva a concluir que em Shanenawa ela não se processa em formas verbais.

De maneira análoga à categoria de pessoa, temos notícia de que outras línguas da mesma família apresentam marca morfológica de plural no verbo. Todavia, até onde pudemos observar, no Shanenawa, isso não ocorre, pelo menos não de modo produtivo. O fato é que em alguns poucos dados percebemos a ocorrência na estrutura verbal do morfema **{-hu}** (que estamos interpretando como marca de plural no âmbito do nome), com um comportamento semelhante ao

⁶⁷ Por exemplo, o Matsés (cf. Carvalho, 1992).

da categoria número. Isso ocorre em um contexto específico, ou seja, em construções em que há reciprocidade entre os argumentos do verbo, exclusivamente, quando estes são de 3ª pessoa. Nesses casos, o morfema {-hu}, que como vimos em 3.2.1.1.5. também expressa definitude, é afixado ao verbo para indicar que o sujeito é plural, tal como nos dados, a seguir:

- (129) (a) faki-hu-n fui-nan-hu-a-ki
 criança-DEF-ERG sujar-RECPR-NUM(PL)-PAS-DECL
 ‘As crianças se sujaram (umas às outras).’
- (b) atu iki-nan-hu-a-ki
 3pp brigar-RECPR-NUM(PL)-PAS-DECL
 ‘Elas brigaram (entre si)’

Embora não tenhamos evidências maiores disso, nossa interpretação é a de que nesse tipo de construção o morfema {-hu} tem a função de reafirmar o número plural de sujeitos envolvidos no evento verbal. Em termos formais, isso se dá sempre em conjunto com a forma {-nan}, que indica a relação recíproca entre sujeito e objeto, como já mostramos nos dados em (129), acima, e reforçam os exemplos seguintes:

- (130) (a) Joana-ϕ inun Pequena-ϕ şuşu-nan-a-ki
 Joana-ABS CONJ (CONNECT) Pequena-ABS brincar-RECPR-PAS-DECL
 ‘Joana e Pequena brincaram (uma com a outra).’
- (b) atu kuşa-nan-hu-a-ki
 3pp bater-RECPR-NUM(PL)-PAS-DECL
 ‘Elas bateram (uma na outra).’

A propósito, além da marca de reciprocidade, a língua também marca a voz reflexiva. Para tanto, a forma utilizada pelos falantes é {-mi}, como podemos constatar através dos seguintes exemplos:

- (131) (a) Auricélio-nu şiku-mi-a-ki
 Auricélio-ERG pintar-REFLX-PAS-DECL
 ‘Auricélio se pintou.’
- (b) Socorro-nu uin-mi-a-ki
 Socorro-ERG olhar-REFLX-PAS-DECL
 ‘Socorro se olhou (no espelho).’

- (c) nun şati-**ni**-a-ki
 1pp cortar-REFLX-PAS-DECL
 ‘Nós nos cortamos.’

Quanto à voz passiva, até onde pudemos observar, esta não se processa morfológicamente nos verbos. De modo geral, quando solicitamos aos informantes dados que poderiam indicar a voz passiva, estes nos forneciam sentenças em que um nome figura sempre como sujeito/agente do acontecimento relatado. Nesses dados, o agente é sempre indicado pelo caso ergativo nas formas nominais referentes ao sujeito de verbos transitivos, como descrito em 3.2.1.1.4.1. e, ainda, pela ordem dos constituintes na sentença, ou seja, (A)⁶⁸OV, tal como veremos em mais detalhes no Capítulo IV e nos dados seguintes:

- (132) (a) Iraci-**ni** atsa- ϕ pi-a-ki
 Iraci-ERG macaxeira-ABS comer-PAS-DECL
 Dado solicitado: ‘A macaxeira foi comida pela Iraci.’
 Dado eliciado: ‘Iraci comeu a macaxeira.’
- (b) nukuhuni-**ni** awinhu- ϕ işkin- ϕ inan-a-ki
 homem-ERG mulher-DAT peixe-ABS dar-PAS-DECL
 Dado solicitado: ‘O peixe foi dado à mulher pelo homem’
 Dado eliciado: ‘O homem deu o peixe para a mulher.’

Com referência às categorias que não afetam o(s) participante(s) do acontecimento relatado, tanto aquela determinada lingüisticamente (o aspecto) quanto a definida pelo discurso (o tempo) podem figurar na forma verbal da língua. Na seqüência, passaremos a descrever, então, as categorias atestadas nos verbos do Shanenawa.

3.2.1.3.1. O modo

A categoria de modo é aquela que define a posição do falante na relação ação verbal/agente ou finalidade, ou seja, é o pensamento que o falante exprime acerca de tal relação. Geralmente, o falante considera tal acontecimento como consumado, verossímil (um fato incerto), condicionado, desejado pelo agente ou exigido dele, entre outros. Em Shanenawa, registramos a ocorrência dos modos: declarativo, imperativo e interrogativo.

⁶⁸ Em consonância com Dixon (1979; 1994:9), utilizaremos os símbolos S, A, e O para nos referirmos aos papéis sintáticos dos constituintes nominais nas sentenças, neste estudo.

3.2.1.3.1.1. O declarativo

O modo declarativo, como o próprio nome denota, indica que o falante declara uma ação (ou mais) como consumada(s), realizada(s). Para tanto, o falante da língua Shanenawa utiliza o sufixo **{-ki}** que, como ilustram os exemplos, abaixo, ocorre sempre em final de sentença, sejam elas simples como em (133:a-c) ou coordenadas como em (133:d).

- (133) (a) faki-n nami-φ pi-i-**ki**
 menino-ERG carne-ABS comer-PRES-DECL
 ‘O menino está comendo carne.’
- (b) kaman-na takara-φ riti-a-**ki**
 cachorro-ERG galinha-ABS matar-PAS-DECL
 ‘O cachorro matou a galinha.’
- (c) takara-φ na-a-**ki**
 galinha-ABS morrer-PAS-DECL
 ‘A galinha morreu.’
- (d) fakihu-φ itʃu-a-aʃ, paki-a, sian-a-**ki**
 menino-ABS correr-PAS-SR cair-PAS chorar-PAS-DECL
 ‘O menino correu, caiu e chorou.’

Embora o sufixo **{-ki}** seja utilizado pela maioria dos falantes, temos observado que alguns membros da comunidade usam a forma **{-ri}** na mesma posição. Em geral, esses falantes pertencem a núcleos familiares cujos patriarcas são mais idosos. Desse modo, e ainda de forma preliminar, estamos postulando que **{-ri}** seria provavelmente a forma arcaica do sufixo do modo declarativo. Contudo, levando em consideração o fato de que é a forma **{-ki}** a mais usada atualmente, estamos atribuindo a **{-ri}** a condição de alomorfe de **{-ki}**, neste estudo.

3.2.1.3.1.2. O imperativo

O modo imperativo está relacionado à noção de comando, ou seja, caracteriza a situação em que o falante deixa claro que o acontecimento verbal deve ser assimilado pelo ouvinte (naturalmente, a segunda pessoa do discurso, cujo número é determinado exclusivamente pelo contexto) como uma ordem, vontade, pedido, consentimento, exortação ou conselho. Não

constatamos nas formas verbais do Shanenawa distinções temporais (presente *versus* futuro) para o modo imperativo, de modo que para o expressar em sua forma afirmativa, o falante apenas recorre ao morfema {-wi}, como demonstram os dados em (134:a-b), enquanto o negativo é feito com a forma {-jama} precedendo o sufixo do imperativo, conforme os dados (134:c-d):

- (134) (a) pi-wi
comer-IMPER
'Coma!'
- (b) ka-wi
ir-IMPER
'Vá!'
- (c) pi-jama-wi
comer-NEG-IMPER
'Não comam!'
- (d) ka-jama-wi
ir-NEG-IMPER
'Não vá!'

A forma {-jama} pode parecer suspeita se consideramos que em outros ambientes, o falante recorre apenas ao sufixo {-ma} para indicar negação. O problema é então como definir o que de fato a forma {-ja} isoladamente pode significar nas construções imperativas. Todavia, até onde pudemos observar, nada há nos dados que indique tal significado, se é que ele realmente existe, claro. Sendo assim, por ora resta-nos interpretar {-jama} como a forma usada na língua Shanenawa para marcar o imperativo negativo.

É preciso ressaltar que essa interpretação não é inédita de nossa parte. Para outras línguas da família Pano, isso também já foi atestado. Aliás, até se tem notícia de uma tipologia, estabelecida por Loos (1999a:245), envolvendo as formas {-jama} e {-ma} na qual as línguas Pano se dividem em dois grupos distintos. No primeiro deles, em que se incluem os idiomas Shipibo, Capanahua, entre outros, o sufixo {-jama} é usado em todas as formas verbais finitas ou subordinadas, enquanto em outros casos, a negação é feita por {-ma}. Já no segundo grupo, em que figuram o Yaminawa, o Sharanawa e, de acordo com nossa descrição também o Shanenawa, {-jama} é usado somente em verbos no futuro ou no tempo e no aspecto incompleto ou, então, no modo imperativo.

No que se refere aos graus ou nuances do modo imperativo, em geral, a língua Shanenawa utiliza apenas o sufixo **{-wi}** para exprimir qualquer significado possível na forma do imperativo: um conselho, uma ordem, um convite, uma exortação ou um pedido, como podemos ver nos dados, abaixo:

- (135) (a) **ka-wi**
ir-IMPER
'Vá! (conselho para ir embora antes que a chuva caia)'
- (b) **aja-wi**
beber-IMPER
'Beba! (ordem para beber remédio)'
- (c) **tsaw-wi**
sentar-IMPER
'Sente-se! (convite para o visitante acomodar-se em um banco)'
- (d) **jumaj- ϕ riti-wi**
onça-ABS matar-IMPER
'Mate a onça! (pedido de socorro)'

Todavia, quando o objetivo é que a forma imperativa apresente-se como uma ordem mais vigorosa, geralmente incontestável, então o falante lança mão de mais um sufixo, **{-ta}**, o qual nas formas verbais, conforme ilustram os dados seguintes, antecede os sufixos usuais do imperativo:

- (136) (a) **pi-ta-jama-wi**
comer-ORD-NEG-IMPER
'Não comam! (mãe ordenando aos filhos que não comam o fruto)'
- (b) **ka-ta-wi**
ir-ORD-IMPER
'Vá! (mãe ordenando ao filho que vá se banhar)'

Para concluir, observemos em (136:a) que o sufixo **{-ta}** na forma do imperativo negativo apresenta uma característica semântica de proibição, ou seja, assemelha-se a uma espécie de proibitivo.

3.2.1.3.1.3. O interrogativo

O modo interrogativo é aquele por meio do qual se manifesta uma dúvida ou ignorância acerca do acontecimento comunicado e, em conseqüência, um pedido de confirmação ou negação dele ou, ainda, de explicações que sanem tais dúvidas. Eventualmente, nas formas verbais, o sufixo {-**man**} indica a categoria modo interrogativo, como vemos nos dados:

- (137) (a) faki-n nami-ϕ pi-i-**man**
 menino-ERG carne-ABS comer-PRES-INTERR
 ‘O menino está comendo carne?’
- (b) kaman-na takara-ϕ na-a-**man**
 cachorro-ERG galinha-ABS matar-PAS-INTERR
 ‘O cachorro matou a galinha?’

Conforme nos mostram os dados em (137), as sentenças são do tipo polares, ou seja, aquelas que requerem respostas do tipo “sim” ou “não”. O modo interrogativo apenas figura em sentenças interrogativas desse tipo, pois nas não-polares o caráter interrogativo é dado também por formas pronominais como veremos *a posteriori*.

3.2.1.3.2. O tempo

A categoria de tempo do verbo caracteriza o fato de que ações, processos, estados ou mudanças de estado configuram acontecimentos representados em um determinado tempo em relação ao momento da enunciação. Em outras palavras, essa categoria é considerada idêntica à relação temporal do acontecimento verbal com o momento em que ele é comunicado pelo falante, ou seja, o momento da enunciação, daí seu caráter dêitico, conforme atestado por Jakobson (1957).

Assim, o tempo presente se identifica com o momento da enunciação ou com a instância da fala, o passado corresponde a um momento anterior a ela e o futuro a um momento posterior. Ao contrário do presente, o passado e o futuro precisam ser marcados no enunciado. Para tanto, segundo Benveniste (1974 apud Fiorin, 2003) faz-se uma ancoragem do tempo lingüístico no tempo cronológico, isto é, no tempo dos acontecimentos, do calendário.

Em Shanenawa, os falantes distinguem os eventos verbais apenas em realizados e não realizados, ou seja, tipologicamente esse idioma apresenta somente o tempo passado e o não-passado. De fato, como mostraremos posteriormente, um mesmo morfema (a saber, {-i}) é usado para marcar tanto os eventos que estão se processando no exato momento da enunciação quanto aqueles que ainda irão se processar. Isto é, pelo menos nessa situação, os falantes não distinguem o tempo presente do futuro.

Por outro lado, é possível percebermos contextos em que o tempo verbal referido pelos falantes se assemelha àquele caracterizado como presente propriamente dito. Ademais, há dados em que um sufixo, diferente de {-i}, ou seja, {-**şunu**}, indica o tempo futuro, obviamente em uma situação específica. Assim sendo, embora estejamos considerando a idéia geral de que a língua faz distinção apenas em passado e não-passado, parece-nos razoável fazer uma descrição das três categorias temporais mencionadas anteriormente (ou seja: passado, presente e futuro) nas formas verbais desse idioma, tal como estamos propondo nos itens subseqüentes.

3.2.1.3.2.1. O passado

O tempo passado, em Shanenawa, diz respeito a acontecimentos que devem ter se dado em quatro momentos distintos: imediato, recente, longínquo e remoto. Todos esses tipos de passado têm como momento de referência presente um “agora”. Desse modo, em relação a esse “agora”, o momento do acontecimento é anterior. Em termos gerais, podemos dizer que as subcategorias de passado se assemelham ao pretérito perfeito do Português que, como sabemos, é um tempo enunciativo. A distinção entre os tipos de passado acima mencionados, diz respeito somente à quantidade de tempo decorrido entre o momento da enunciação (ME) e o momento do acontecimento (MA) do evento verbal.

Assim, o tempo passado imediato se refere ao mesmo dia do momento da enunciação (ou do ato de fala), ou seja, aquele em que a ação ou processo tenha se realizado. Esse tempo é expresso pelo sufixo {-**a**}, como vemos nos dados seguintes:

- (138) (a) anihu- ϕ ka-**a**-ki
 velho-ABS ir-PAS(imediato)-DECL
 ‘O velho foi embora (ME: poucas horas depois do MA).’

- (b) faki- ϕ ini iwapa-mira paki-**a**-ki
 menino-ABS água muita(rio)-LOC cair-PAS(imediato)-DECL
 ‘O menino caiu no rio (ME: minutos depois do MA).’

Já o passado recente se refere a um, dois ou até três dias anteriores ao momento da enunciação. Esse tempo é caracterizado pelo sufixo **{-*şian*}** que, como já adiantamos nos princípios teóricos, é afixado somente a bases verbais monossilábicas (ou seja, ímpares), sendo substituído por seu alomorfe **{-*şina*}**, nos casos de bases com duas ou mais sílabas (ou seja, pares), conforme exemplos, respectivos:

- (139) (a) faki-n nami- ϕ pi-**şian**-ki
 menino-ERG carne-ABS comer-PAS(recente)-DECL
 ‘O menino comeu carne (ME: um dia depois do MA).’
- (b) kaman-na takara- ϕ riti-**şina**-ki
 cachorro-ERG galinha-ABS matar-PAS(recente)-DECL
 ‘O cachorro matou a galinha (ME: três dias depois do MA).’

Se o acontecimento tiver ocorrido em um tempo passado longínquo desde que sejam semanas, meses ou poucos anos antes do momento da enunciação, o falante utiliza o sufixo **{-*tamía*}**, como vemos nos exemplos, abaixo:

- (140) (a) faki-n nami- ϕ pi-**tamía**-ki
 menino-ERG carne-ABS comer-PAS(longínquo)-DECL
 ‘O menino comeu carne (ME: uma semana após o MA).’
- (b) takara- ϕ na-**tamía**-ki
 galinha-ABS morrer-PAS(longínquo)-DECL
 ‘A galinha morreu (ME: mais ou menos um mês após o MA).’

Contudo, se o tempo a ser expresso é um passado remoto, ou seja, a ação ou o processo realizado ocorreu muitos anos antes do momento da fala, então, o sufixo usado é **{-*ni*}**, como nos seguintes dados:

- (141) (a) jumaj- ϕ ka-**ni**-ki
 onça-ABS ir-PAS(remoto)-DECL
 ‘A onça foi embora (ME: muitos meses após o MA).’

- (b) nawa fakihu- ϕ ini-mira paki-**ni**-ki na-**ni**-ki
 branco menino-ABS rio-LOC cair-PAS(remoto)-DECL morrer-PAS(remoto)-DECL
 ‘O menino branco caiu no rio e morreu (ME: anos após o MA).’

Algumas vezes, o tempo indicado pelos sufixos descritos nos parece relativo, pois eventualmente o falante emprega o sufixo de passado recente para referir-se a uma ação que ocorreu há dois ou três anos quando a compara a algo que ocorreu há muito tempo. Obviamente, temos consciência de que essa relatividade não afeta os falantes que certamente sabem a que se refere cada sufixo temporal. Além disso, temos que levar em consideração que os limites de tempo que distinguem os diversos tipos de passado são aproximados, já que os Shanenawa não contam ou pelo menos não contavam o tempo em meses e anos. De fato, normalmente, muitas comunidades indígenas usam para quantificar o mês, a Lua e para o dia, o Sol. Nesse sentido, por exemplo, o passado imediato localiza-se num intervalo entre o nascer e o pôr-do-sol; no período anterior a este, temos o passado recente; em um período de uma luação (sucessão das fases da Lua) temos o passado longínquo; enquanto o passado remoto se refere a muitas lunações. Como o tempo psicológico (subjetivo) pode ser muito diferente do tempo cronológico (objetivo), o uso de um ou outro passado depende fundamentalmente do ponto de vista do falante.

Tomando-se, então, o momento da enunciação ou fala como ponto de referência para eventos verbais não realizados, podemos sumarizar o sistema de sufixos verbais temporais relativos ao tempo passado enunciativo, conforme o seguinte esquema:

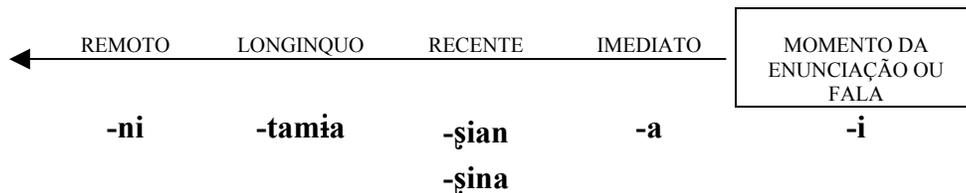


Figura 3: Sistema de sufixos verbais do tempo passado.

3.2.1.3.2.2. O presente

De acordo com Fiorin (2003), o tempo presente marca uma coincidência entre o momento do acontecimento e o momento de referência presente. No presente deve ocorrer uma tríplice coincidência entre os dois momentos já referidos e ainda o momento da enunciação (ou da

instância da fala). Essa coincidência é marcada pelo englobamento do momento da enunciação e pelo momento da referência.

Ainda segundo Fiorin (op. cit.), há três casos de relações entre o momento da enunciação e o da referência: a) o presente pontual, caracterizado pela coincidência total entre o momento da enunciação e o de referência; b) o presente durativo que se caracteriza pelo fato de o momento de referência ser mais longo do que o da enunciação (embora, em algum momento sejam simultâneos, claro); c) o presente omnitemporal ou gnômico que tem como característica o fato de o momento de referência ser ilimitado e, por conseqüência, também o ser o momento do acontecimento.

Em Shanenanwa, para indicar que o evento verbal ocorre em um ponto preciso no tempo e coincide com o momento da enunciação (caracterizando, assim, o chamado presente pontual), os falantes recorrem ao sufixo {-i}, como podemos ver nos seguintes exemplos:

- (142) (a) ui- ϕ paki-i-ki
 chuva-ABS cair-PRES(pontual)-DECL
 ‘Está chovendo (ME: simultâneo ao MA).’
- (b) awinhu-n şipi- ϕ pi-i-ki
 mulher-ERG banana-ABS comer-PRES(pontual)-DECL
 ‘A mulher está comendo banana (ME: simultâneo ao MA).’

O sufixo {-i} também é usado para indicar que o evento verbal tem uma duração superior ao momento da enunciação, embora com ele coincida em algum momento. Abaixo, temos exemplos do presente durativo de continuidade:

- (143) (a) awinhu- ϕ ka-i-ki
 mulher-ABS ir-PRES(durativo)-DECL
 ‘A mulher está indo embora (encontra-se a caminho de casa).’
- (b) jura-n nami- ϕ pi-i⁶⁹-ki
 povo-ERG carne-ABS comer-PRES(durativo)-DECL
 ‘O povo está comendo carne (agora e enquanto a festa durar).’

⁶⁹ Embora observemos a segmentação da vogal final da base verbal e daquela que caracteriza o sufixo de tempo presente, no nível fonético, comumente se processa a fusão entre os fonemas (no caso /i/) homorgânicos.

Também para enunciar as chamadas verdades eternas ou que se pretendem como tal, ou seja, para marcar o presente omnitemporal ou gnômico (Fiorin, 2003), os falantes utilizam o sufixo {-i}, como nos mostram os exemplos, a seguir:

- (144) (a) jumaj-ni jura-φ riti-i-ki
 onça-ERG gente-ABS matar-PRES(omnitemporal)-DECL
 ‘A onça mata gente (ME: simultâneo ao MA).’
- (b) fakihu-φ şuşu-i-ki
 menino-ABS brincar-PRES(omnitemporal)-DECL
 ‘Os meninos brincam (ME: simultâneo ao MA).’

Nos dados em (144), o momento de referência é um “sempre” implícito que engloba o momento da enunciação. Todavia, os falantes também podem indicar esse “sempre” através do morfema {-mis} que, conforme descrição expressa em 3.2.1.3.3., estamos interpretando como aspecto habitual.

3.2.1.3.2.3. O futuro

Como dito anteriormente, o tempo futuro marca uma posterioridade do momento do acontecimento em relação ao momento da enunciação. Em Shanenawa, quando há previsão ou suposição de que o evento verbal ocorra imediatamente ou em algumas horas após o momento de referência presente, os falantes utilizam o sufixo {-i}. Este, conforme já andiantamos, coincide com o sufixo utilizado para marcar o presente, de modo que, em contextos como os exemplificados, abaixo, é interpretado como marca de não-passado:

- (145) (a) awinhu-φ ka-i-ki
 mulher-ABS ir-N.PAS-DECL
 ‘A mulher vai embora (MA: hoje).’
- (b) jura-n nami-φ pi-i-ki
 povo-ERG carne-ABS comer-N.PAS-DECL
 ‘O povo comerá carne (MA: daqui a pouco).’

Contudo, se a realização do evento verbal for a partir do dia posterior ao momento da enunciação, então, o sufixo utilizado para marcar o futuro ou o não-passado é {-**şunu**}, como nos dados, abaixo:

- (146) (a) awinhu- ϕ ka-**şunu**-ki
mulher-ABS ir-FUT-DECL
‘A mulher vai embora (MA: amanhã).’
- (b) jura-n nami- ϕ pi-**şunu**-ki
povo-ERG carne-ABS comer-FUT-DECL
‘O povo comerá carne (MA: no próximo mês).’

Em virtude da diferença estabelecida na noção de tempo pelos falantes, poderíamos dizer, então, que o sufixo {-**i**} projeta a referência temporal para um ponto mais imediato (equivalente ao período anterior ao próximo “raiar da luz do sol”), enquanto {-**şunu**} a remete para um ponto mais distante (desde que seja após o “raiar do sol” do dia seguinte). O esquema a seguir ilustra essa variação temporal:

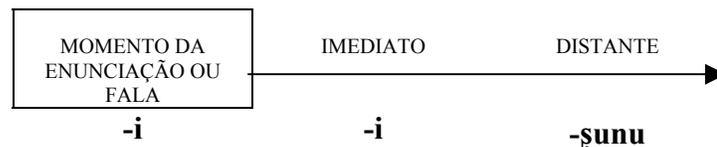


Figura 4: Sistema de sufixos verbais do tempo futuro.

Ainda em relação ao tempo futuro, além de recorrer aos sufixos, os falantes também costumam indicar que determinado evento verbal deverá ser realizado utilizando expressões perifrásticas compostas pelo verbo principal e o verbo **ka** ‘ir’ no presente (indicada pelo sufixo {-**i**}) em uma espécie de incorporação, tal como vemos nos seguintes exemplos:

- (147) (a) awinhu-n şipi- ϕ **şui-ka-i**-ki
mulher -ERG banana-ABS assar-ir-N.PAS-DECL
‘A mulher vai assar banana (ME: antes do MA).’
- (b) jura-n nami- ϕ **pi-ka-i**-ki
povo-ERG carne-ABS comer-ir-N.PAS-DECL
‘O povo vai comer carne (ME: antes do MA).’

É preciso ressaltar, contudo, que a idéia de futuro, representada pela locução verbal formada pelo verbo principal (aquele que contém maior informação de acordo com o que o falante deseja transmitir em sua mensagem) e o verbo **ka** ‘ir’ na função de auxiliar não é ponto passível de discussão. A dúvida é se a forma **ka** é de fato uma base verbal ou se não se trata mesmo de um sufixo de futuro, ou seja: {-**ka**}. Embora de maneira formal, a última hipótese pareça mais plausível, já que a forma em questão se comporta exatamente como os sufixos verbais da língua e não como uma base verbal comum, a questão não é de fácil resolução. Aliás, não é no Shanenawa e tampouco em outras línguas da família Pano como, por exemplo, o Arara em que, de acordo com Cunha (1993) o processo aparente de perífrase também ocorre. De qualquer modo, temos aí alguns dados que merecem análises mais detalhadas no futuro.

3.2.1.3.3. O aspecto

A categoria aspecto também está relacionada com o tempo. No entanto, de modo diferente ao visto sobre a categoria analisada no item 3.2.1.3.2, o aspecto diz respeito à caracterização da atividade indicada no evento verbal em relação ao seu “tempo de constituição”, ou seja, sua duração.⁷⁰ Essa caracterização geralmente classifica os acontecimentos verbais em conclusos ou inconclusos. Os primeiros são assim considerados quando são levados até o final, ou seja, quando apresentam um aspecto completo. Os últimos, por sua não conclusão, são considerados de aspecto incompleto.

Até onde pudemos observar, na língua Shanenawa, o evento verbal pode apresentar-se ao falante com os seguintes aspectos: pontual (completo), durativo (incompleto ou continuativo), iminentivo e frustrativo. A maioria dessas subcategorias de aspecto se apresenta ligada à categoria de tempo.

Assim, junto ao sufixo {-**ni**}, que situa o evento verbal comunicado no tempo passado remoto (conforme já o dissemos anteriormente), o sufixo {-**paw**} estabelece o aspecto imperfeito ou incompleto do evento, tal como vemos nos exemplos, abaixo:

⁷⁰ Comrie (1976:3) define os aspectos dizendo que estes são as diversas formas de vermos os componentes temporais internos de um evento ou situação.

- (148) (a) awinhu-n şipi- ϕ şui-**paw-ni**-ki
mulher-ERG banana-ABS assar-ASP(INCOMPL)-PAS(remoto)-DECL
‘A mulher assava banana.’
- (b) jura-n nami- ϕ pi-**paw-ni**-ki
povo-ERG carne-ABS comer-ASP(INCOMPL)-PAS(remoto)-DECL
‘O povo comia carne.’

Em contrapartida, o aspecto completo de eventos como os apresentados nos exemplos, acima, não é marcado nas estruturas, conforme podemos ver nos dados, a seguir:

- (149) (a) awinhu-n şipi- ϕ şui- ϕ -**ni**-ki
mulher-ERG banana-ABS assar-ASP(COMPL)-PAS(remoto)-DECL
‘A mulher assou banana.’
- (b) jura-n nami- ϕ pi- ϕ -**ni**-ki
povo-ERG carne-ABS comer-ASP(COMPL)-PAS(remoto)-DECL
‘O povo comeu carne.’

De forma semelhante, ao lado de outros sufixos que traduzem informações sobre a categoria de tempo nessa língua, o morfema zero, $\{\phi\}$, também pode estar ligada a certas categorias de aspecto: junto de $\{-a\}$, o qual, como já registrado, indica o passado imediato, o morfema zero marca o aspecto completo ou pontual, como em (150:a), abaixo; adjungido a $\{-şian\}$ ou $\{-şina\}$, que evocam o tempo passado recente, indica o aspecto completo, conforme em (150:b-c); e, finalmente, afixado a $\{-tamia\}$, que indica tempo longínquo, marca o aspecto completo, tal como em (150:d), na seqüência:

- (150) (a) a ka- ϕ -**a**-ki
3ps ir-ASP(COMPL)-PAS(imediato)-DECL
‘Ele já se foi.’
- (b) jumaj-ni tfaşu- ϕ pi- ϕ -**şian**-ki
onça-ERG veado-ABS comer-ASP(COMPL)-PAS(recente)-DECL
‘A onça comeu o veado.’
- (c) awinhu-n takara- ϕ riti- ϕ -**şina**-ki
mulher-ERG galinha-ABS matar-ASP(COMPL)-PAS(recente)-DECL
‘A mulher matou a galinha.’

- (d) runu-n takara- ϕ riti- ϕ -**tamia**-ki
 cobra-ERG galinha-ABS matar-ASP(COMPL)-PAS(longínquo)-DECL
 ‘A cobra matou a galinha.’

O sufixo **{-i}**, como já mencionamos, traduz o tempo presente. Ao lado dessa categoria, o morfema zero também atua como aspecto durativo ou incompleto, conforme podemos ver nos dados, a seguir:

- (151) (a) $\text{\textcircled{S}}$ anin ihu- ϕ na- ϕ -**i**-ki
 chefe-ABS morrer-ASP(INCOMPL)-PRES-DECL
 ‘O chefe está morrendo.’
- (b) awinhu-n $\text{\textcircled{S}}$ ipi- ϕ $\text{\textcircled{S}}$ ui- ϕ -**i**-ki
 mulher-ERG banana-ABS assar-ASP(INCOMPL)-PRES-DECL
 ‘A mulher está assando banana.’

Concluindo essa descrição do aspecto verbal na língua Shanenawa, registramos a ocorrência do sufixo **{-mis}** que indica o caráter habitual de determinado acontecimento verbal, tal como ilustrado pelos exemplos seguintes:

- (152) (a) nawa-n t $\text{\textcircled{S}}$ a $\text{\textcircled{S}}$ u- ϕ riti-**mis**-i-ki
 homem-ERG veado-ABS matar-ASP(HAB)-N.PAS-DECL
 ‘O homem sempre mata veado.’
- (b) wa awinhu- ϕ Feijó-ani ka-**mis**-i-ki
 DEM mulher-ABS Feijó-LOC ir-ASP(HAB)-N.PAS-DECL
 ‘Aquela mulher sempre vai a Feijó.’
- (c) awinhu-n $\text{\textcircled{S}}$ ipi- ϕ $\text{\textcircled{S}}$ ui-**mis**-i-ki
 mulher-ERG banana-ABS assar-ASP(HAB)-N.PAS-DECL
 ‘A mulher assa banana (diariamente).’
- (d) Assis- ϕ Rio Branco-anu ka-**mis**-i-ki
 Assis-ABS Rio Branco-LOC ir-ASP(HAB)-N.PAS-DECL
 ‘Assis vem (todo mês) de Rio Branco.’

O morfema **{-mis}**, conforme constatamos nos exemplos acima, somente co-ocorre com o sufixo de tempo não passado ou presente **{-i}**.

3.2.1.3.4. A negação verbal

Já antecipamos na descrição do imperativo negativo a existência de negação morfológicamente marcada no verbo Shanenawa, quando destacamos o sufixo **{-jama}**. Oportunamente, acrescentamos que essa forma ocorre exclusivamente com o modo imperativo, porque de modo geral, os falantes expressam negação via sufixo **{-ma}** que, como adiantamos nos princípios teóricos e em **3.2.1.2.**, também pode ser ligado aos adjetivos em função predicativa ou não, como podemos ver nos seguintes exemplos:

- (153) (a) nawa- ϕ na-a-**ma**-ki
 homem branco-ABS morrer-PAS-NEG-DECL
 ‘O homem não morreu.’
- (b) in istuku- ϕ pi-i-**ma**-ki
 1ps macaco-ABS comer-N.PAS-NEG-DECL
 ‘Eu não como macaco.’
- (c) in istuku- ϕ pi-mis-i-**ma**-ki
 1ps macaco-ABS comer-ASP(HAB)-N.PAS-NEG-DECL
 ‘Eu não costumo comer macaco.’

Observemos nos dados, acima, a posição que o sufixo de negação ocupa na estrutura verbal. Essa ordem de ocorrência do morfema **{-ma}** é muito importante, pois, conforme veremos no próximo item, a língua conta com um sufixo verbal homófono a **{-ma}**, que, porém, indica o causativo. A distinção entre os dois sufixos se restringe à colocação de ambos na estrutura verbal: o morfema de negação ocupa uma posição após os sufixos de tempo, como nos dados em (153); o causativo, por sua vez, se posiciona antes dos sufixos temporais.

Outra forma de estabelecer negação no Shanenawa é feita por meio da sufixação da forma **{-jusma}**, que aparece afixado apenas a bases verbais significando “nunca”, “muito raro”, “nem sempre”, entre outros, como podemos constatar nos seguintes exemplos:

- (154) (a) in tʃaʃu- ϕ riti-**jusma**-ki
 1ps veado-ABS matar-NEG-DECL
 ‘Eu nunca matei veado.’
- (b) faki-n işki- ϕ pi-**jusma**-ki
 criança-ERG peixe-ABS comer-NEG-DECL
 ‘A criança nunca come peixe.’

3.2.1.3.5. O causativo

Algumas línguas do mundo⁷¹ apresentam um processo morfossintático caracterizado pela afixação de alguns morfemas ao verbo principal da sentença indicando causativização. Em Shanenawa, verificamos dois tipos de construções causativas: uma constituída pelo morfema {-**ma**} sufixado ao verbo principal⁷² e outra pelo verbo **wa** ‘fazer’ que também aparece ligado ao verbo principal. O primeiro caso é ilustrado pelo par de exemplos, abaixo:

- (155) (a.1.) **S** **Vi**
 faki- ϕ \mathfrak{s} ian-a-ki
 menino-ABS chorar-PAS-DECL
 ‘O menino chorou.’
- (a.2.) **A**⁷³ **S** **Vt**
 kaman-na faki- ϕ \mathfrak{s} ian-**ma**-a-ki
 cachorro-ERG menino-ABS chorar-CAUS-PAS-DECL
 ‘O cachorro fez o menino chorar.’

Como podemos ver, acima, o morfema {-**ma**} é sufixado ao verbo principal para indicar que o evento ou estado por ele referenciado é *causado* por um elemento distinto daquele que na sentença simples em (155:a.1.) ocupa a função de sujeito verbal. Ademais, notemos que o sufixo {-**ma**} funciona como uma espécie de transitivizador. Na realidade, em termos semânticos o verbo \mathfrak{s} ian ‘chorar’ mantém-se como intransitivo, no sentido de não exigir um argumento do tipo objeto. Todavia, do ponto de vista formal, embora a função do sujeito agente do verbo principal seja mantida na sentença, o morfema {-**ma**} cria uma função sintática antes não existente, ou seja, a de sujeito de verbo transitivo, a qual é exercida pelo elemento causador (*causer*) do evento verbal em questão. Ao mesmo tempo, como predicado de **A**, temos a estrutura composta por **S** e o verbo \mathfrak{s} ian ‘chorar’.

⁷¹ Entre as quais estão as da família Tupi-Guarani, por exemplo, o Kamaiurá (cf. Seki, 2000); as da família Karíb, por exemplo, o Ikpeng (cf. Pacheco, 2001).

⁷² Como mencionamos na seção 3.2.1.3.4., a ordem de ocorrência do morfema {-**ma**} é fundamental. Lembremos que, como sufixo de negação, {-**ma**} ocupa uma posição posterior aos sufixos de tempo. Já na função de causativizador, sua posição é anterior aos morfemas de tempo.

⁷³ Cf. nota (68).

O morfema causativo {-**ma**} não se restringe a verbos intransitivos. Também em bases verbais transitivas, conforme podemos constatar no par de exemplos, a seguir, é possível encontrarmos o sufixo de causativo:

- (156) (a.1.) **A** **O** **Vt**
 faki-n runu-ϕ riti-a-ki
 menino-ERG cobra-ABS matar-PAS-DECL
 ‘O menino matou a cobra.’
- (a.2.) **A₁** **A₂** **O** **Vt**
 iwa-n faki-n runu-ϕ riti-**ma**-a-ki
 mãe-ERG menino-ERG cobra-ABS matar-CAUS-PAS-DECL
 ‘A mãe fez o menino matar a cobra.’

Reparemos, agora, que a exemplo do que vimos anteriormente, também nesse tipo de construção uma nova posição **A** de argumento é criada e co-ocorre com aquela que já existia na sentença. Contudo, a introdução do morfema causativo e do elemento *causer* do evento ou estado verbal nas sentenças comunicativas pouco altera a ordem dos constituintes da sentença que é [S(CAUSER)S(S ou A)OV-CAUS]. Em suma, tanto nos casos em que o verbo é intransitivo quanto naqueles em que é transitivo, a posição do *causer* é sempre inicial, antecedendo a do outro sujeito.

Outra característica morfossintática que se mantém após a introdução do morfema causativo em uma sentença diz respeito ao sistema de marcação de caso ergativo/absolutivo, pois no caso de verbo intransitivo, ao passo que o *causer* é marcado pela nasalidade para indicar o caso ergativo, o outro argumento verbal figura marcado pelo caso absoluto, ou seja, {ϕ}. Por outro lado, quando se trata de um verbo transitivo, tanto o *causer* quanto o sujeito **A** levam a marca de caso ergativo, em contrapartida, os objetos são marcados pelo caso absoluto.

A segunda forma de indicar sentenças causativas em Shanenawa é feita por uma espécie de locução constituída pelo verbo principal e um auxiliar, **wa** ‘fazer’. O interessante desse tipo de construção é o fato de o verbo **wa** perder sua característica de palavra para figurar como um morfema que se prende ao verbo principal. A exemplo de outras categorias lingüísticas (cf. seção 3.3.2.2. sobre compostos), o verbo **wa** ‘fazer’ é, então, incorporado ao verbo principal como um sufixo com comportamento semelhante ao de outros morfemas verbais, por exemplo, tempo, negação, modo, entre outros. Os dados, a seguir, referenciam tal tipo de causativização:

- (157) (a) *iwa-n faki-hu-φ ma sian-wa-a-ma-ki*
 mãe-ERG menino-DEF-ABS já (ADV) chorar-CAUS-PAS-NEG-DECL
 ‘A mãe acaba (já) de fazer o menino não chorar.’
- (b) *min ia itʃapa raja-wa-a-ki*
 2ps 1ps muito (ADV) trabalhar-CAUS-PAS-DECL
 ‘Você me fez trabalhar muito.’
- (c) *awinhu-n faki-hu-n şipi-φ pi-wa-a-ki*
 mulher -ERG criança-DEF-ERG banana-ABS comer-CAUS-PAS-DECL
 ‘A mulher fez a criança comer banana.’
- (d) *jumaj-ni nukuhuni-φ itʃu-wa-a-ki*
 onça-ERG homem-ABS correr-CAUS-PAS-DECL
 ‘A onça fez o homem correr.’

Sobre esse último tipo de causativização, ressaltamos que pesquisadores de outras línguas Pano, como, por exemplo, Eakin (1991), alertam para o fato de tanto o verbo “fazer” quanto o morferma causativo apresentarem a mesma forma. Essa autora, ao descrever a língua Yaminahua do Peru, utiliza como argumento o fato de verbos não poderem receber prefixos. Isto é, se {-wa} fosse considerado um verbo, a forma que imediatamente a antecede na estrutura verbal deveria ser considerada um prefixo. Todavia, a posição em que {-wa} ocorre na estrutura verbal é exclusiva de sufixos que imediatamente seguem uma base verbal que, por sua vez, não pode ser interpretada como um prefixo. Isso distingue naquela língua **wa** ‘verbo fazer’ de {-wa} sufixo marcador do causativo. Conscientes disso, é preciso salientar que a descrição que fizemos dos mesmos elementos lingüísticos no Shanenawa (aliás, são cognatos) é apenas uma proposta de análise. Afinal, há ainda outras hipóteses que devem ser consideradas. Uma delas é de cunho fonológico, pois, diferentemente do que se pensa sobre a forma {-wa} como o verbo ‘fazer’, por que não postularmos que, na realidade, as formas {-ma} e {-wa} são alomorfes? De fato, por serem foneticamente semelhantes os fonemas /w/ e /m/ poderiam estar em variação, porém, como não temos maiores evidências disso, deixaremos essa hipótese para ser discutida em trabalhos futuros.

3.2.1.3. O advérbio

Em termos nocionais, a classe dos advérbios é definida como aquela que compreende palavras ou expressões que indicam circunstâncias de modo, tempo, lugar, intensidade, entre outras. Do ponto de vista funcional, o advérbio constitui formas comumente relacionadas ao verbo, ou seja, são aquelas que ampliam o sentido dessa classe de palavras, tais como os substantivos temporais e os que exercem o papel de instrumento, causa, localidade, entre outros. Contudo, alguns advérbios também podem estabelecer relações com elementos de outras classes de palavras, em geral, o adjetivo ou o próprio advérbio.

Quanto aos tipos de advérbios, estes se distribuem de acordo com a posição espacial ou temporal do falante e, ainda, segundo a maneira como este visualiza o estado das coisas ou dos seres designados nas sentenças. Além disso, as características gramaticais e semânticas dos advérbios podem variar conforme o comportamento dos itens lexicais dos quais eles derivam (Givón, 1990). Assim, configuram subclasses dos advérbios: as formas locativas e temporais (ambas derivadas de formas dêiticas e de demonstrativos), intensificadoras e modalizadoras (originadas em geral dos adjetivos), interrogativas (advindas dos pronomes interrogativos), entre outras.

Em Shanenawa, a classe dos advérbios é representada pelos locativos, temporais, intensificadores e interrogativos, os quais apresentam bastante mobilidade dentro da sentença, embora a tendência é não ocorrer nos extremos, principalmente quando a sentença é verbal (em que **V** ocorre rigorosamente em posição final). Os três primeiros serão descritos nesta seção, enquanto os últimos serão tratados na seção **3.2.2.1**.

Os locativos incluem as formas adverbiais **tʃaj** ‘longe’ e seus antônimos constituídos a partir de sua base e dos sufixos de negação **{-masta}** ou **{-ma}**⁷⁴, como nos exemplos:

- (158) (a) in jumaj-ϕ **tʃaj** ninu uin-a-ki
 1ps onça-ABS ADV(LOC = longe) aqui ver-PAS-DECL
 ‘Eu vi onças longe daqui.’

⁷⁴ As duas formas podem ser intercambiáveis, ou seja, os falantes podem usar uma ou outra em um mesmo contexto. Contudo, isso é relativo, já que no caso de palavras como **tʃaj** ‘longe’, embora se possa usar **{-masta}**, a tendência é utilizar **{-ma}**. Em outros casos, porém, as formas negativas não podem ser intercambiáveis. Por exemplo, com **itʃapa** ‘muito’ só se pode usar **{-masta}** para formar **itʃapamasta** ‘pouco’; já com **ʃara** ‘bem’ só se aceita **{-ma}** para falar em **ʃarama** ‘mal’.

- (b) **in jumaj-φ tfaj-masta** ninu uin-a-ki
 Ips onça-ABS ADV(LOC = longe-NEG = perto) aqui ver-PAS-DECL
 ‘Eu vi onças perto daqui.’
- (c) Rio Branco **tfaj-ma** ninu-ki⁷⁵
 Rio Branco ADV(LOC = longe-NEG = perto) aqui-DECL
 ‘Rio Branco fica perto daqui.’

Outras formas que denotam o posicionamento do falante em relação ao ser ou evento expresso na sentença são os dêiticos demonstrativos: **ninu** ‘aqui’, **wa** ‘lá’, **manaun** ‘em cima’ e **naman** ‘embaixo’, conforme expressam os dados:

- (159) (a) jumaj **ninu-ki**
 onça ADV(LOC = aqui)-DECL
 ‘A onça está aqui.’
- (b) jumaj **wa-ki**
 onça ADV(LOC = lá)-DECL
 ‘A onça está lá.’
- (c) pitsu **manaun** pişi-ki
 periquito ADV(LOC = em cima) casa-DECL
 ‘O periquito está em cima da casa.’
- (d) pitsu **naman** pişi-ki
 periquito ADV(LOC = embaixo) casa-DECL
 ‘O periquito está embaixo da casa.’

Já para indicar a posição temporal, o falante também recorre a formas adverbiais demonstrativas, tais como: **naşawata** ‘ontem’, **jamiri** ‘amanhã’, **şawamasta** ‘cedinho’, **rama** ‘agora’ e **ma** ‘já’, tal qual demonstrado pelos seguintes exemplos:

- (160) (a) jafişi-φ **naşawata** na-şian-ki
 tatu-ABS ADV(TEMP = ontem) morrer-PAS-DECL
 ‘O tatu morreu ontem.’
- (b) jafişi-φ **jamiri** şawamasta na-şunu-ki
 tatu-ABS ADV(TEMP = amanhã) ADV(TEMP = cedinho) morrer-FUT-DECL
 ‘O tatu vai morrer amanhã cedinho.’

⁷⁵ O fato de o morfema de modo declarativo {-ki} poder se ligar a categorias distintas (nome, verbo, adjetivo e advérbio), como temos visto ao longo desta descrição, nos leva a questionar se tal sufixo não seria um clítico.

- (c) jafişi-φ **rama** na-i-ki
 tatu-ABS ADV(TEMP = agora) morrer-N.PAS-DECL
 ‘O tatu vai morrer agora.’
- (d) jafişi-φ **ma** na-a-ki
 tatu-ABS ADV(TEMP = já) morrer-PAS-DECL
 ‘O tatu já morreu.’

Por sua vez, os advérbios que intensificam os adjetivos são: **itşapa** ‘muito’ e **şara** ‘bem’, com suas respectivas contrapartes constituídas por suas bases adicionadas ao sufixo de negação, ou seja, **itşapamasta** ‘pouco’ e **şarama** ‘mal’, como em (161:a-d) e, ainda, as formas **funataka** ‘depressa’ e **kuruşi** ‘devagar’, como em (161:e-f), abaixo:

- (161) (a) mai **itşapamasta** mutşa-ki
 terra ADV(INTENS = pouco) molhada-DECL
 ‘A terra está pouco molhada.’
- (b) mai **itşapa** mutşa-ki
 terra ADV(INTENS = muito) molhada-DECL
 ‘A terra está muito molhada.’
- (c) şipi tuşka **şara-ki**
 banana cacho ADV(MODO = bem)-DECL
 ‘O cacho de banana está bem maduro.’
- (d) şipi tuşka **şarama-ki**
 banana cacho ADV(MODO = mal)-DECL
 ‘O cacho de banana está mal (ainda está verde).’
- (e) fakihu-φ **funataka** ka-i-ki
 menino-ABS ADV(INTENS = depressa) andar-N.PAS-DECL
 ‘O menino anda depressa.’
- (f) fakihu-φ **kuruşi** ka-i-ki
 menino-ABS ADV(INTENS = devagar) andar-N.PAS-DECL
 ‘O menino anda devagar.’

Para finalizar essa descrição dos advérbios em Shanenawa, chamamos atenção para as formas **ma** e **uhun** que indicam, respectivamente, circunstâncias de ‘negação’ e de ‘afirmação’. Estas, como em grande parte das línguas do mundo, apenas retomam em forma de respostas

polares os enunciados expressos na sentença ou previstos pelo discurso, como vemos nos dados seguintes:

- (162) (a.1.) kama-n nami- ϕ pi-man
cachorro-ERG carne-ABS comer-INTERR
‘O cachorro come carne?’
- (a.2.) **uhun**
‘sim (resposta afirmativa)’
- (b.1.) jumaj na-man
onça morta-INTERR
‘A onça está morta?’
- (b.2.) **ma**
‘não (resposta negativa)’

Portanto, como tais formas adverbiais apenas ocorrem na língua como substitutas de sentenças, elas constituem pró-formas, ou melhor, pró-sentenças.

3.2.2. As classes fechadas

A análise do *corpus* Shanenawa de que dispomos nos levou a identificar as seguintes classes fechadas de palavras: a) os pronomes, b) as formas interrogativas, c) os numerais, d) as conjunções e e) as interjeições, sobre as quais passaremos a discorrer nos itens subseqüentes.

3.2.2.2. Os pronomes

Em termos tradicionais, a classe dos pronomes é aquela que, diferentemente da classe de nomes, contém palavras que não exercem a função de nomear pessoas, animais e coisas, mas sim de substituí-los em um contexto lingüístico. Nesse sentido, segundo Schachter (1985), o pronome é o tipo mais comum de pró-forma, já que é usado como um substituto de um sintagma nominal.

Seguindo essa linha de raciocínio, é possível encontrar vários subtipos de pronomes nas línguas: os reflexivos, os recíprocos, os demonstrativos, os indefinidos e os relativos. Em Shanenawa, contudo, a classe dos pronomes é representada apenas por duas categorias: a dos pessoais e a dos demonstrativos.

3.2.2.1.1. Os pessoais

Em geral, na análise dos pronomes pessoais, os lingüistas costumam levar em conta a noção de dêixis, já que para muitos estudiosos esse tipo de pronome seria classificado como elementos dêiticos. De acordo com Anderson & Keenan (1985), expressões dêiticas são elementos lingüísticos, cuja interpretação em sentenças simples se dá essencialmente através de referências ao contexto extralingüístico. Como as pessoas do discurso somente podem ser definidas pelo contexto extralingüístico⁷⁶, então, os pronomes pessoais podem mesmo ser considerados dêiticos.

Ainda segundo Anderson & Keenan (1985), os dêiticos pessoais básicos são expressões que necessariamente se referem ao(s) falante(s) e ao(s) ouvinte(s) (1ª e 2ª pessoas do discurso) da sentença em que eles ocorrem.⁷⁷ Contudo, muitas descrições gramaticais tradicionais também consideram o ser ou evento de que tratam o falante e o ouvinte (3ª pessoa) como um dêitico. Seguindo essa orientação, não distinguimos em nosso estudo a 3ª pessoa das demais em se tratando de dêixis.

De modo geral, os pronomes pessoais podem conter informações diversas sobre os elementos por eles referenciados, tais como: gênero, número, status social, estabelecimento de relações (formais *versus* informais) existentes entre os participantes do discurso, entre outras. Em Shanenawa, não são verificadas distinções morfológicas para marcar gênero, mas, como parece ser comum em todas as línguas do mundo, as formas pronominais se distinguem visando estabelecer diferenças dentro da categoria número, como constatamos nos exemplos, a seguir:

- (163) (a) **in** jumaj- ϕ riti-a-ki
 1ps onça-ABS matar-PAS-DECL
 ‘Eu matei a onça.’
- (b) **nun** awa- ϕ nami- ϕ pi-i-ki
 1pp anta-GEN carne-ABS comer-N.PAS-DECL
 ‘Nós vamos comer carne de anta.’

⁷⁶ De fato, a categoria de pessoa é definida com base na noção de participação dos elementos envolvidos no discurso: a primeira pessoa é usada pelo falante para referir-se a si mesmo como o sujeito do discurso; a segunda representa o ouvinte ou mesmo o falante quando este fala de si próprio; a terceira é usada para referir a outras pessoas, coisas, eventos, entre outros.

⁷⁷ Também Benveniste (1991) afirma que apenas os pronomes de 1ªs e 2ªs pessoas são de fato palavras indicativas de pessoa, enquanto o pronome de 3ª pessoa é tomado como um substituto de um segmento do enunciado.

- (c) **min** iʃkin-ϕ ʃui-a-man
 2ps peixe-ABS assar-PAS-INTERR
 ‘Você assou o peixe?’
- (d) **man** kuskuk-ϕ riʃi-a-man
 2pp urubu-ABS matar-PAS-INTERR
 ‘Vocês mataram o urubu?’

Como demonstram os exemplos em (163:a) e (163:c), o número relativo aos pronomes de 1ª e 2ª pessoas é o singular. Em contrapartida, os dados em (163:b) e (163:d) nos remetem ao plural das respectivas formas pronominais.

Uma outra informação semântica contida nos pronomes pessoais da língua Shanenawa diz respeito às relações sociais entre o falante e a terceira parte envolvida no discurso. As diferenças morfológicas, entretanto, se restringem às formas da 3ª pessoa do plural. Assim, o falante demonstra que tem relações bem definidas com o referente da 3ª pessoa plural ao optar por uma das duas formas: **atu** ou **ahu**. A primeira é utilizada quando o falante se refere a algo ou alguém com quem mantém um tipo de relação mais estreita; já o uso de **ahu** é feito quando o falante indica não ter relação social ou íntima com o referente. Em geral, **atu** (considerado, então, como definido) é utilizado pelo falante para se referir àqueles que fazem parte do clã ou do território Shanenawa, enquanto **ahu** (indefinido), para seres genéricos (ou seja, qualquer um), conforme podemos observar nos exemplos seguintes:

- (164) (a) **atu** na-a-ki
 3pp (DEF) morrer-PAS-DECL
 ‘Eles (das relações sociais do falante) morreram.’
- (b) **ahu**⁷⁸ na-a-ki
 3pp (INDEF) morrer-PAS-DECL
 ‘Eles (desconhecido do falante) morreram.’

⁷⁸ Nas seções 3.2.1.1.2. e 3.2.1.1.5., foi feita referência ao morfema {-hu} que, afixado a bases nominais, indica número plural e indefinidade. As respectivas contrapartes singular e definitude não são marcadas nos nomes. Naturalmente, a segmentação das formas nominais em que o referido morfema figura nos induziu a pensar que formal e semanticamente o “-hu” que compõe uma das opções de pronome de terceira pessoal do plural poderia ser o mesmo morfema detectado nas bases nominais. Todavia, como explicar a forma “-tu” presente na outra forma pronominal do plural, já que esta não figura nos nomes como marca de singular (ao contrário, se refere igualmente ao plural) ou de definitude? Além disso, como veremos posteriormente, tanto a forma **atu** quanto **ahu**, seguidas de um morfema {-n} podem se referir à terceira pessoa do singular. Com isso não poderíamos estar diante de uma certa coincidência formal? Até onde pudemos observar, não há respostas concretas para tais questionamentos. Na realidade, o fato é que a segmentação das formas pronominais ainda constitui um problema a ser resolvido na descrição da língua Shanenawa.

Conforme descrito em 3.2.1.1.4.1., a língua Shanenawa apresenta o sistema de marcação de caso ergativo/absolutivo na morfologia nominal, ou seja, segundo as convenções de Dixon (1979; 1994:9)⁷⁹, nomes em função de sujeito de verbo transitivo (**A**) levam uma marca diferente daqueles nomes que funcionam como sujeito de verbo intransitivo (**S**) ou objeto (**O**). Isso, porém, não é o que ocorre com os pronomes pessoais, em cujo universo observamos um outro tipo de sistema de marcação de caso: o nominativo/acusativo. De fato, não há distinção formal entre as formas pronominais que exercem a função de sujeito (**S** ou **A**) da sentença verbal, como podemos conferir nos seguintes dados:

- (165) (a) **nun** ini-kiri u-a-ki
 1pp(NOM) rio-LOC vir-PAS-DECL
 ‘Nós viemos do rio’
- (b) **nun** jumaj-ϕ riti-a-ki
 1pp(NOM) onça-ABS matar-PAS-DECL
 ‘Nós matamos a onça.’
- (c) **man** atsa-ϕ pi-a-man
 2ps(NOM) macaxeira-ABS comer-PAS-INTERR
 ‘Vocês comeram macaxeira?’
- (d) **man** paki-a-man
 2ps(NOM) cair-PAS-INTERR
 ‘Vocês caíram?’

Por outro lado, há distinção entre as formas pronominais na função de **S** ou **A** e aquelas que exercem o papel de **O**. Isso é o que caracteriza o quadro dos pronomes pessoais como marcado pelo sistema nominativo/acusativo, como vemos nos exemplos:

- (166) (a) **min**⁸⁰ ia riti-a-paj-ki
 2ps(NOM) 1ps(ACUS) matar-PAS-DES-DECL
 ‘Você quis me matar.’

⁷⁹ Cf. nota (68).

⁸⁰ Dada a distinção entre as formas do nominativo **in**, **min** e do acusativo **ia** e **mia**, estamos cientes de questionamentos acerca da possibilidade de segmentação dessas formas, ou seja, **i-n**, **mi-n** e **i-a** e **mi-a**, segmentação esta que poderia sugerir que, nos pronomes, a forma **{-n}** seria responsável pelo caso nominativo, enquanto **{-a}** indicaria o acusativo. Ademais, o fato de a segmentação se restringir apenas à 1ª e à 2ª pessoa (os verdadeiros participantes da enunciação) sugere que essa possa ser uma segmentação possível. Contudo, como ainda não temos certeza de que essa seja a hipótese adequada, optamos pela não segmentação das formas pronominais, até porque a regularidade sugerida pelas formas de 1ª e 2ª pessoa do singular não se dá no plural.

- (b) **in mia riti-a-paj-ki**
 1ps(NOM) 2ps (ACUS) matar-PAS-DES-DECL
 ‘Eu quis matar você.’
- (c) **kama-nan mia naka-paj-ki**
 cachorro-ERG 2ps(Od/ACUS) morder-DES-DECL
 ‘O cachorro quer morder você.’
- (d) **Militão-nu nuku işkin-φ inan-a-ki**
 Militão-ERG 1pp(Oi/DAT) peixe-ABS dar-PAS-DECL
 ‘Militão deu peixe para nós.’
- (e) **nun işkin-φ Militão-φ inan-a-ki**
 1pp(NOM) peixe-ABS Militão-(Oi/DAT) dar-PAS-DECL
 ‘Nós demos peixe para Militão.’
- (f) **Iraci-ni atsa-φ matu inan-paj-ki**
 Iraci-ERG macaxeira-ABS 2pp(Oi/DAT) dar-DES-DECL
 ‘Iraci quer dar macaxeira para vocês.’
- (g) **man Iraci-ni jukan-φ inan-paj-man**
 2pp(NOM) Iraci-(Oi/DAT) goiaba-ABS dar-DES-INTERR
 ‘Vocês querem dar goiaba para Iraci?’

Diante disso, pode-se dizer que o Shanenawa enquadra-se na classe de línguas que apresentam *split-ergativity*, ou seja, um sistema cindido de marcação de caso em que há certa alternância entre o emprego das formas acusativas e o das ergativas (nominativas e absolutivas) para indicar as funções sintáticas dos constituintes na sentença (Dixon, 1994:55).

Contudo, essa cisão no sistema de marcação de caso está restrita às formas pronominais de 1ª e 2ª pessoas, haja vista que no caso da 3ª pessoa algumas particularidades podem ser observadas. Primeiramente, em Shanenawa, a 3ª pessoa do singular em posição de sujeito muitas vezes é omitida na fala corrente, sendo, portanto, morfologicamente representada pela marca {φ} na sentença, como sugerem os dados:

- (167) (a) **φ atsa-φ pi-a-ki**
 3ps macaxeira-ABS comer-PAS-DECL
 ‘Ele/Ela comeu macaxeira.’
- (b) **φ na-a-ki**
 3ps morrer-PAS-DECL
 ‘Ele/Ela morreu.’

Além disso, é possível notar uma certa confusão em torno da 3ª pessoa do discurso. Muitas vezes ao solicitarmos de nossos informantes dados da 3ª pessoa do singular, por exemplo, obtivemos formas da 3ª plural e até as da 2ª singular e plural. Esta, ao nosso ver, seria mais uma evidência da não necessidade da 3ª pessoa na função de sujeito. Quando, porém, os falantes utilizam essa forma pronominal, o fazem estabelecendo distinções morfossintáticas com base no sistema de marcação de caso ergativo/absolutivo. Isto é, se o pronome está em função de sujeito de verbo transitivo (A), empregam as formas **atun** ou **ahun** tanto para o singular quanto para o plural. Por outro lado, se o pronome funciona como sujeito de verbo intransitivo (S) ou como objeto de verbo transitivo (O), então, os falantes usam a forma **a** ou a marca [ϕ] para o singular; já para o plural, utilizam **atu** ou **ahu**, re-estabelecendo com isso novamente o sistema ergativo-absolutivo. Abaixo, seguem exemplos que ilustram o comportamento das formas pronominais da 3ª pessoa na língua Shanenawa:

- (168) (a) **atun** tʃaʃu- ϕ riti-a-ki
 3pp (DEF/ERG/A) veado-ABS matar-PAS-DECL
 ‘Eles (conhecidos do falante) mataram o veado.’
- (b) **ahun** tʃaʃu- ϕ riti-a-ki
 3pp (INDEF/ERG/A) veado-ABS matar-PAS-DECL
 ‘Eles (desconhecidos pelo falante) mataram o veado.’
- (c) jumaj-ni **atu** naka-a-ki
 onça-ERG 3ps(DEF/ABS/O) morder-PAS-DECL
 ‘A onça o (conhecido do falante) mordeu.’
- (d) **atu** na-a-ki
 3pp (DEF/ABS/S) morrer-PAS-DECL
 ‘Eles (conhecidos do falante) morreram.’
- (e) **ahu** na-a-ki
 3pp (INDEF/ABS/S) morrer-PAS-DECL
 ‘Eles (desconhecidos pelo falante) morreram.’
- (f) **atun** jumaj- ϕ riti-a-ki
 3ps(ERG/A) onça-ABS matar-PAS-DECL
 ‘Ele matou a onça.’
- (g) ϕ na-a-ki
 3ps(ABS/S) morrer-PAS-DECL
 ‘Ele morreu.’

- (h) **atun** **atu** $\text{\textcircled{S}}$ ipi- ϕ inan-a-ki
 3pp (DEF/ERG/A) 3pp(DEF/DAT/O) banana-ABS dar-PAS-DECL
 ‘Eles (conhecidos do falante) deram banana para eles (macacos).’
- (i) **ahun** **ahu** $\text{\textcircled{S}}$ ipi- ϕ inan-a-ki
 3pp (INDEF/ERG/A) 3pp(DEF/DAT/Oi) banana-ABS dar-PAS-DECL
 ‘Eles (desconhecidos pelo falante) deram banana para eles.’
- (j) **a** naşawata **ia** uin-şina-ki
 3ps(ERG/A) ontem (ADV) 1ps(ACUS/O) ver-PAS(RECENTE)-DECL
 ‘Ele me viu ontem.’
- (l) **nun** **atu** jamiri uin-i-ki
 1pp(NOM/A) 3ps(O/ABS) amanhã(ADV) ver-N.PAS-DECL
 ‘Nós os veremos amanhã.’

Assim, os pronomes pessoais provocam uma cisão no sistema de caso ergativo/absolutivo da língua em se tratando das formas de 1ª e 2ª pessoas, já que para estas o sistema de marcação de caso é o nominativo/acusativo, como no paradigma ilustrado na Tabela 4, abaixo:

		S(NOM) /A(NOM)	Od/Oi (ACUS)
1ª pessoa	SG	in	ia
	PL	nun	nuku
2ª pessoa	SG	min	mia
	PL	man	matu

Tabela 4: Sistema pronominal das 1ª e 2ª pessoas da língua Shanenawa.

Essa cisão, entretanto, não se processa no caso da 3ª pessoa, uma vez que nesse caso a língua mantém o sistema de marcação de caso verificado na morfologia nominal⁸¹, conforme expresso na Tabela 5, a seguir:

3ª pessoa	S (ABS)/O(ABS)	A(ERG)
SG	a ou ϕ	atun, ahun
PL	atu, ahu	atun, ahun

Tabela 5: Sistema pronominal da 3ª pessoa da língua Shanenawa.

⁸¹ Nesses termos, o quadro de pronomes pessoais caracteriza um sistema de marcação de caso tripartite (Comrie, 1978).

Isso também parece ser uma característica de outras línguas da família Pano, como o Kaxinawa (Dixon, 1994; Camargo, 2002; Montag, 1981) e o Jaminawa (Eakin, 1991). Nesta última, por exemplo, a forma utilizada para sujeito de verbo transitivo no singular e no plural é **aatō**. Já as formas **a** (para o singular) e **ato** (para o plural) se referem ao sujeito de verbo intransitivo ou objeto. Quanto ao Kaxinawa, Dixon (op. cit.) observa que essa língua reconhece cisões de marcação nos pronomes pessoais. Por exemplo, os pronomes de 1ª e 2ª pessoas levam um sufixo {-a} na função de objeto e *marca zero* (para o caso nominativo) em função de **A** (sujeito de transitivo) e **S** (sujeito de intransitivo). Já na 3ª pessoa, o pronome respectivo **habu** nasaliza a vogal final **habun** em função de **A**; não nasaliza em função de **S**, **habu**, mas na função de **O** (objeto) recebe o marcador de acusativo {-a}, que se soma à forma curta desse pronome, isto é, {**ha-**}.

3.2.2.1.1.1. Os marcadores de posse nas formas pronominais pessoais

Como vimos em 3.2.1.1.4.5., a língua Shanenawa marca o caso genitivo-possessivo no nome através do sufixo {-n} e seus alomorfes {-na}, {-ni} e {-nu}. Na análise das formas pronominais em contextos possessivos, entretanto, essa alomorfia demonstra não ocorrer. Observando o sistema pronominal da língua, em termos distribucionais, notamos que as marcas de posse foram fonologicamente regularizadas e sintetizadas em apenas duas, conforme a função morfológica exercida pelas formas no sintagma nominal.

Assim, se uma determinada forma pronominal funciona como adjetivo ou especificador (na terminologia gerativa) do núcleo no sintagma nominal, às formas pessoais é afixada a marca {-n}, tal como podemos verificar nos exemplos seguintes:

- (169) (a) min **in-n**⁸² iʃkin-ϕ pi-a-ki
 2ps(NOM) 1ps-POSS peixe-ABS comer-PAS-DECL
 ‘Você comeu meu peixe.’
- (b) in **min-n** iʃkin-ϕ pi-a-ki
 1ps(NOM) 2ps-POSS peixe-ABS comer-PAS-DECL
 ‘Eu comi teu peixe.’

⁸² Nos dados (169:a) e (169:b), ocorre uma crase causada pelo fato de a nasal {-n} estar afixada a uma base terminada em som nasal idêntico.

- (c) **in aui-n iŝkin- ϕ pi-a-ki**
 1ps(NOM) 3ps-POSS peixe-ABS comer-PAS-DECL
 ‘Eu comi o peixe dele.’
- (d) **a nuku-n iŝkin- ϕ pi-a-ki**
 3ps(ERG) 1pp-POSS peixe-ABS comer-PAS-DECL
 ‘Ele comeu nosso peixe.’
- (e) **a matu-n iŝkin- ϕ pi-a-ki**
 3ps(ERG) 2pp-POSS peixe-ABS comer-PAS-DECL
 ‘Ele comeu vosso peixe.’
- (f) **a ahu-n iŝkin- ϕ pi-a-ki**
 3ps(ERG) 3pp-POSS peixe-ABS comer-PAS-DECL
 ‘Ele comeu o peixe deles.’
- (g) **a atu-n iŝkin- ϕ pi-a-ki**
 3ps(ERG) 3pp-POSS peixe-ABS comer-PAS-DECL
 ‘Ele comeu o peixe deles.’

Por outro lado, se a forma pronominal funciona como um substituto do nome, então, as formas pessoais recebem o sufixo **{-na}**. Esse, porém, é um processo verificado em um contexto específico: apenas quando o objeto possuído é apagado na estrutura superficial. A título de ilustração, consideremos o enunciado em (170), abaixo, que serve de mote em certos diálogos do tipo perguntas e respostas, sendo estas últimas exemplos concretos das estruturas em que o morfema **{-na}** é verificado:

- (170) **atsuan na pia**
 INTERR DEM flecha
 ‘De quem é essa flecha?’

Em resposta (com elipse do sujeito verbal) a tal pergunta, os ouvintes articulam sentenças, como as que seguem:

- (171) (a) **i-na-ki**
 1ps-POSS-DECL
 ‘É meu.’
- (b) **mi-na-ki**
 2ps-POSS-DECL
 ‘É teu.’

- (c) **awi-na-ki**
3ps-POSS-DECL
'É dele.'
- (d) **nuku-na-ki**
1pp-POSS-DECL
'É nossa.'
- (e) **matu-na-ki**
2pp-POSS-DECL
'É vossa.'
- (f) **ahu-na-ki**
3pp-POSS-DECL
'É deles (conhecidos do falante).'
- (g) **atu-na-ki**
3pp-POSS-DECL
'É deles (desconhecidos do falante).'

Certamente, a presença do morfema {-ki}, marca de modo declarativo, pode suscitar questionamentos do tipo: não seriam tais estruturas pronominais marcadas pelo sufixo de posse {-na}, na realidade, verbos? De fato, formalmente, parece ser isso o que temos nos dados. Todavia, como na língua Shanenawa na há cópulas, estamos considerando esse tipo de dado como predicado nominal.

Outro detalhe a ser notado diz respeito à 1ª e à 2ª pessoa do singular em função de adjetivo e pronome e da 3ª pessoa do plural em função de pronome. Reparemos que nesses casos há um processo morfofonológico protagonizado pelo encadeamento das formas pronominais pessoais e do morfema indicador de posse. Isto é, como o segmento final dos pronomes (o arquifonema /N/ que temos representado como a nasal alveolar /n/ na fonologia e pelo sinal [~] sobre as vogais nasalizadas na fonética) coincide com o segmento inicial do morfema indicador de posse, logo, processa-se a fusão dos dois fonemas resultando em uma economia na produção fonética. Dessa maneira, no nível fonético as formas pronominais do possessivo acabam por se realizar de forma idêntica àquelas dos pronomes pessoais.

Diante do exposto, o paradigma da posse relacionada aos pronomes pessoais em Shanenawa apresenta duas características funcionais: adjetivos possessivos e pronomes possessivos, conforme descrevemos na Tabela 6, a seguir:

POSSESSIVOS		
ADJETIVOS OU ESPECIFICADORES	PRONOMES	
in-n	in-na	meu/minha
min-n	min-na	teu/tua
awi-n	awi-na	dele/dela; seu/sua
nuku-n	nuku-na	nossos/nossas
matu-n	matu-na	vossos/vossas
ahu-n/atu-n	ahu-na/atu-na	deles/delas; seus/suas

Tabela 6: Inventário dos possessivos da língua Shanenawa.

Antes de passarmos à próxima seção, chamamos atenção para a “aparente” irregularidade das bases pronominais em que os marcadores de posse {-n} e {-na} são afixados, tal como evidenciado na Tabela 6 e nos dados em (169) e (171).

Motivados pela hipótese de que a língua apresenta um sistema de marcação de caso nominativo/acusativo para as formas pronominais plenas de 1ª e 2ª pessoa, em princípio, poderíamos ser conduzidos à conclusão de que também os possessivos teriam comportamento semelhante. Todavia, como nos mostram os dados, não há concordância entre as formas possessivas em posição de adjetivo e o núcleo do sintagma e, mesmo em função de objeto, a forma básica pronominal que dá origem ao possessivo é equivalente àquela que é marcada pelo caso nominativo.

Ao que tudo indica, embora os genitivos estejam se apoiando em bases pronominais, estas, nesses casos, não seriam pronomes por excelência. Como modificadores adjetivos (marcados por {-n}) ou como pronomes que também indicam uma elipse do nome que os mesmos acompanham em uma determinada sentença (marcados por {-na}), as formas pronominais marcadas pelo genitivo não seriam de fato constituintes da classe fechada dos pronomes, mas, em concordância com suas respectivas funções sintáticas seriam: adjetivos e pronomes propriamente ditos. Baseando-nos nisso, sugerimos interpretar que, no caso em questão, os pronomes apenas emprestam suas formas para que as marcas de genitivo nelas se apoiem.

Esse comportamento das formas “pronominais” genitivas nos leva à hipótese de que pelo menos nesse ambiente, a língua Shanenawa apresenta o sistema de marcação de caso conhecido como *Tipo Neutro* discutido por Comrie (1978).

3.2.2.1.2. Os demonstrativos

Assim como ocorre na análise dos pronomes pessoais, também no tratamento dos pronomes demonstrativos, devemos ter em mente a noção de dêixis. Afinal, como afirmam Anderson & Keenan (1985), os elementos lingüísticos mais comumente citados como dêiticos são aqueles que designam localização espacial relacionada ao evento da fala. Segundo esses autores, todas as línguas do mundo sinalizam localizações tomando como ponto de referência o falante. Porém, também é possível determinar localizações tendo como ponto de partida o ouvinte e, ainda, tomando os dois participantes do discurso como possibilidades.

Na língua Shanenawa, os pronomes demonstrativos indicam localização espacial tomando como referência apenas o falante. Existem apenas duas formas demonstrativas: **na** e **wa**. A primeira indica maior proximidade entre o falante e aquilo que ele demonstra. Em Português Padrão seria o equivalente ao demonstrativo “este/esta”, como ilustrado em:

- (172) (a) **na** şaşu Militão-ki
 DEM canoa Militão-DECL
 ‘Esta canoa é de Militão.’
- (b) **na** nifiti Bruno-ki
 DEM tarrafa Bruno-DECL
 ‘Esta tarrafa é de Bruno.’

Já a forma **wa** é utilizada pelo falante para demonstrar o que está mais distante de si; em Português esse pronome seria traduzido por “aquele/aquela/aquilo”, como podemos ver nos exemplos seguintes:

- (173) (a) **wa** şaşu Militão-ki
 DEM canoa Militão-DECL
 ‘Aquela canoa é de Militão.’
- (b) **wa** nifiti Bruno-ki
 DEM tarrafa Bruno-DECL
 ‘Aquela tarrafa é de Bruno.’

Da análise dos exemplos, estamos supondo que os demonstrativos são formas gramaticais livres que se localizam sempre prepostas ao nome. Entretanto, não apresentam concordância em número, gênero ou qualquer outra dentro do sintagma nominal, como vemos nos seguintes dados:

- (174) (a) **na** piʃi- ϕ iwapa-ki
DEM casa-SG grande-DECL
'Esta casa é grande.'
- (b) **na** piʃi- ϕ iwapa-ki
DEM casa-PL grande-DECL
'Estas casas são grandes.'
- (c) **wa** faki- ϕ ʃara-ki
DEM menina-SG bonita-DECL
'Aquela menina é bonita.'
- (d) **wa** faki-hu ʃara-ki
DEM menina-PL bonita-DECL
'Aqueles meninas são bonitas.'

3.2.2.6. As formas interrogativas

Em Shanenawa, a classe de palavras fechadas inclui ainda as formas interrogativas. Tradicionalmente, essas formas são também chamadas de pronomes interrogativos, já que como pró-formas podem corresponder ao equivalente semântico de algum termo ou expressão lingüística. Assim, sob a ótica funcional, os interrogativos exercem papel de argumentos nucleares ou advérbios, como na Tabela 7, a seguir:

	TRADUÇÃO	FUNÇÃO
tsuan	Quem?	ARGUMENTO
hawī	Que?/Qual?/Quais?	
hawīti	Quanto?/Quantos?	
awi	Por quê?	ADVERBIAL
haska	Como?	
haki	Onde?	
hatian	Quando?	

Tabela 7: Formas interrogativas da língua Shanenawa.

Assim, na função de argumento, as formas interrogativas se colocam sempre em posição inicial da sentença e são empregadas pelos falantes, como o próprio nome indica, para obter do questionado a identidade do argumento verbal nas funções de sujeito ou de objeto. Nos dados, abaixo, podemos ver alguns exemplos disso:

- (175) (a) **tsuan** runu-n riti-a
 INTERR (quem) cobra-ERG matar-PAS
 ‘A cobra matou quem (objeto)?’
- (b) **tsuan** işkin-φ şui-a
 INTERR (quem) peixe-ABS assar-PAS
 ‘Quem (sujeito) assou o peixe?’

Os falantes também podem usar formas interrogativas a fim de interrogar ou pedir algum tipo de informação (como sua quantidade, por exemplo) sobre os argumentos dos verbos, como vemos nos dados seguintes:

- (176) (a) **hawî** jumaj-ni nukuhuni-φ riti-a
 INTERR (que/qual) onça-ERG homem-ABS matar-PAS
 ‘Que/qual (foi a) onça (que) matou o homem?’
- (b) **hawî** juina ninu aja
 INTERR (que/qual) animal aqui existir/ter
 ‘Que/quais animais existem aqui?’
- (c) **hawî-ti** faki ninu aja
 INTERR (quantas)-INSTR(QUANT) criança aqui existir/ter
 ‘Quantas crianças existem aqui?’
- (d) **hawî-ti** takara-φ min riti-a
 INTERR (quantas)-INSTR(QUANT) galinhas-ABS 2ps matar-PAS
 ‘Quantas galinhas você matou?’

Também na função adverbial, as formas interrogativas se posicionam no início da sentença. Os falantes utilizam esse tipo de interrogativos para obter informações sobre circunstâncias verbais, tais como de causa, modo, localização (temporal e espacial), comitativo, entre outras. Na seqüência, apresentamos dados que exemplificam, respectivamente, cada uma dessas circunstâncias:

- (177) (a) **awî** min jumaj-φ riti-a
 INTERR (por quê) 2ps(NOM) onça-ABS matar-PAS
 ‘Por que você matou a onça?’
- (b) **awî** min faj-ani ka-a-ma
 INTERR (por quê) 2ps(NOM) roça-LOC ir-PAS-NEG
 ‘Por que você não foi à roça?’

- (c) **haska** min runu- ϕ riti-a
 INTERR (como) 2ps(NOM) cobra-ABS matar-PAS
 ‘Como você matou a cobra?’
- (d) **haska** São Paulo-ani Auricélio- ϕ ka-i
 INTERR (como) São Paulo-LOC Auricélio-ABS ir-N.PAS
 ‘Como Auricélio vai a São Paulo?’
- (e) **haki** Iraci- ϕ ka-a
 INTERR (onde) Iraci-ABS ir-PAS
 ‘Onde Iraci foi?’
- (f) **haki** kusku- ϕ paki-a
 INTERR (onde) urubu-ABS cair-PAS
 ‘Onde o urubu caiu?’
- (g) **hatian** runu- ϕ min riti-a
 INTERR (quando) cobra-ABS 2ps(NOM) matar-PAS
 ‘Quando você matou a cobra?’
- (h) **hatian** Auricélio- ϕ São Paulo-ani ka-i
 INTERR (quando) Auricélio-ABS São Paulo-LOC ir-N.PAS
 ‘Quando Auricélio vai para São Paulo?’
- (i) **awi** min-fi Feijó-ani ka-a
 INTERR (quem) 2ps(NOM)-COM Feijó-LOC ir-PAS
 ‘Com quem você foi a Feijó?’

3.2.2.7. Os numerais

Em consonância com muitas outras etnias, os falantes do Shanenawa não contam com uma vasta classe de numerais suficientes para contar qualquer quantidade. Assim, os numerais correspondentes a formas simples compreendem apenas as quantidades “um” e “dois” representadas, respectivamente, pelas formas **wisti** e **rafu**. Os números “três” e “quatro” são expressos a partir das operações matemáticas de adição e multiplicação envolvendo as formas básicas **wisti** e **rafu**. Na condição de número primo, o número “três” apenas é expresso pela adição das formas básicas em questão, como vemos em (178:a), abaixo; já o número “quatro” pode ser expresso tanto pela soma quanto pela multiplicação da forma **rafu** ‘dois’, como vemos, respectivamente, em (178:b) e em (178:c):

- (178) (a) **wisti** inun **rafu** ‘três’
 um CONJ(mais) dois (ou $1 + 2 = 3$)
- (b) **rafu** inun **rafu** ‘quatro’
 dois CONJ(mais) dois (ou $2 + 2 = 4$)
- (c) **rafurafu** ‘quatro’
 dois-dois (ou $2 \times 2 = 4$)

Notemos que nos casos em (178:a-b), acima, é introduzido um conectivo indicando o caráter aditivo da operação em questão, o qual se traduz pela conjunção “e” do Português. O mesmo não ocorre, porém, quando o numeral é expresso pela operação de multiplicação, ocorrendo apenas uma justaposição das formas, como em (178:c). Isso leva-nos a reconhecer uma certa similaridade entre o Shanenawa e o Kaxinawa (cf. Montag, 1981:448, 457, 543 *apud* Amarante Ribeiro & Cândido, 2004), outra língua da mesma família, em se tratando do sistema de contagem, tal como mostram os exemplos seguintes:

- (179) (a) Kaxinawa (b) Shanenawa
- dabe inun besti** **rafu inun wisti** ‘três’
- dabe inun dabe** **rafu inun rafu** ‘quatro’

Notemos que, como em Shanenawa, os numerais correspondentes a formas simples, em Kaxinawa, compreendem apenas as quantidades “um” e “dois”, representadas por **dabe** e **besti**. Ademais, os números “três” e “quatro” são expressos a partir das operações matemáticas de adição e multiplicação envolvendo as formas básicas.

Retomando a descrição dos numerais em Shanenawa, para se referir à quantidade “cinco”, os falantes utilizam a palavra **mifi** ‘mão’, a qual também é utilizada para constituir as formas quantificadoras a partir de seis unidades. Assim, para ganhar características de numeral, a base nominal **mifi** a rigor recebe o sufixo {-ti}, que nesse contexto, deve significar um instrumental para quantificar.⁸³ De maneira análoga ao que descrevemos sobre números menores do que

⁸³ Em Kaxinawa a forma para “mão” também é usada, **meken**, acompanhada de **bestiti**, ou seja, uma unidade mais o sufixo {-ti}, instrumental (cf. Amarante Ribeiro & Cândido, 2004).

“cinco”, também as operações matemáticas são utilizadas e disso resultam expressões caracterizadas em sua maioria pela conjunção aditiva **inun** ‘mais’, conforme a seguir:

- (180) (a) **mifi inun wisti**
 mão CONJ um
 ‘seis’ ou ‘ $5 + 1 = 6$ ’
- (b) **mifi inun rafu**
 mão CONJ dois
 ‘sete’ ou ‘ $5 + 2 = 7$ ’
- (c) **mifi inun rafu inun wisti**
 mão CONJ dois CONJ um
 ‘oito’ ou ‘ $5 + 2 + 1 = 8$ ’
- (d) **mifi inun rafu inun rafu**
 mão CONJ dois CONJ dois
 ‘nove’ ou ‘ $5 + 2 + 2 = 9$ ’
- (e) **mifi-ti-rafu**
 mão-INSTR-dois
 ‘dez’ ou ‘ $2 \times 5 = 10$ ’
- (f) **mifi-ti-rafu inun wisti**
 mão-INSTR-dois CONJ um
 ‘11’ ou ‘ $5 \times 2 + 1 = 11$ ’
- (g) **mifi-ti-rafu-rafu**
 mão-INSTR-dois-dois
 ‘20’ ou ‘ $5 \times 2 \times 2 = 20$ ’ ou ‘ $5 \times 4 = 20$ ’

Como vemos em (180:e-g), à medida em que o número vai ficando maior, mais os falantes recorrem à operação de multiplicação. Ainda em se tratando de números maiores, é possível notarmos, principalmente entre os falantes mais idosos, um outro recurso utilizado na contagem: a referência aos pés. Assim, em analogia ao que ocorre com o nome **mifi**, ‘mão’, também o termo **tai**, ‘pé’, recebe o sufixo {-ti} para funcionar como quantificador, em numerais como exemplificados, a seguir:

- (181) (a) **mifi-ti-rafu inun tai-ti-rafu**
 mão-INSTR-dois CONJ pé-INSTR-dois
 ‘20’ ou ‘ $2 \text{ mãos} + 2 \text{ pés} = 20$ ’

- (b) **mifi-ti-rafu-rafu inun tai-ti-rafu-rafu**
 mão-INSTR-dois-dois CONJ pé-INSTR-dois-dois
 ‘40’ ou ‘4 mãos + 4 pés = 40’

Além do sistema de números específicos que acabamos de descrever, a língua Shanenawa conta, ainda, com termos mais gerais, conforme já descrevemos em 3.2.1.1.2., para indicar quantidade como **itsapa** ‘muitos não-contáveis’, **itsapamasta** ‘poucos’, **wistima** ou **wasi** ‘alguns’ ou ‘muitos contáveis’, entre outros. Alguns estudiosos sugerem, porém, que às vezes tais formas não são de fato numéricas, mas, sim, determinantes indefinidos, como os pronomes *um* e *algum* em Inglês. Os falantes Shanenawa podem utilizar essas formas, mas, em geral, para expressar grandes quantidades, costumam recorrer às formas **mifiti** e **taiti** na seguinte expressão:

- (182) **mifiti inun taiti naramama jura**
 mão-INSTR e pés todos índios
 ‘qualquer número extenso’

Uma tradução literal dessa sentença é “mãos e pés de todos os índios”. Contudo, como uma espécie de composto sintático tal sentença pode corresponder a qualquer “numeral de alto valor”, já que este tipo de acordo com o sistema numérico da língua, seria muito difícil de ser pronunciado.

Nesse sentido, podemos dizer que o sistema de contagem dos falantes Shanenawa é de base dois. Contudo, o numeral cinco é a base para a formação de todos os números maiores que ele, lembrando, claro, que sua representação pode se dar pelo uso da palavra **mifi** ‘mão’ ou por **tai** ‘pé’.

3.2.2.8. As conjunções

Muitas línguas do mundo possuem classes de palavras cuja função é reunir outras unidades lingüísticas em uma sentença. Essas outras unidades são, comumente, palavras, sintagmas ou mesmo orações. Tradicionalmente, as unidades que cumprem tal papel são chamadas conjunções que, geralmente, são classificadas em dois tipos: coordenadas e subordinadas.

As conjunções do tipo coordenativas reúnem unidades de mesma função morfológica ou que pertencem ao mesmo nível sintático, ou seja, aquelas que se dizem independentes umas das outras de modo que podem aparecer em enunciados separados. Por isso mesmo, alguns estudiosos costumam chamar a conjunção coordenativa de *conector* ou *conectivo*.

Ao contrário disso, as conjunções do tipo subordinativas servem para assinalar a independência (ou a interdependência) entre as unidades lingüísticas em sentenças consideradas complexas. Comumente essas conjunções introduzem unidades lingüísticas que exercem função sintática em um nível inferior da estrutura gramatical. Nesse sentido, muitos estudiosos consideram a conjunção subordinativa um tipo de *transpositor* de constituintes lingüísticos de um determinado nível da estrutura gramatical para outro inferior. Isso, em Português, pode ser ilustrado pelo caso da conjunção “que”, a qual em orações subordinadas substantivas transpõe predicados ao nível de nomes em funções sintáticas diversas como sujeito, objetos, apostos, entre outras.

Na língua Shanenawa, a conjunção é a mais fechada dentre as classes dessa categoria, já que é composta por apenas duas palavras: **inun** e **askaşun**. A primeira é uma conjunção do tipo coordenativa e funciona exclusivamente como conectivo entre sintagmas nominais, como vemos nos seguintes exemplos:

- (183) (a) jumaj **inun** runu juina şara-ma-ki
 onça CONJ(CONECT) cobra bicho bom-NEG-DECL
 ‘A onça e a cobra são bichos maus.’
- (b) pitsu **inun** kaman juina şara-ki
 periquito CONJ(CONECT) cachorro bicho bom-DECL
 ‘O periquito e o cachorro são bichos mansos (bons).’
- (c) nukuhuni-φ **inun** awinhu-φ Feijó-ani ka-a-ki
 homem-ABS CONJ(CONECT) mulher-ABS Feijó-LOC ir-PAS-DECL
 ‘O homem e a mulher foram para Feijó.’
- (d) Iraci-ni **inun** Rai-na tfaşu-φ nami-ni şui-a-ki
 Iraci-ERG CONJ(CONECT) Rai-ERG veado-ABS carne-GEN assar-PAS-DECL
 ‘Iraci e Rai assaram a carne do veado.’

A outra conjunção encontrada no Shanenawa, **askaşun**, parece, em princípio, ser do tipo subordinativa e funcionar como transpositor de sentenças em enunciados complexos, ou seja,

aqueles que se distinguem por terem um ou mais de seus constituintes exercendo a função de oração subordinada. Contudo, também é possível funcionar como um conector de sentenças não subordinadas. A título de exemplificação, tomemos os dados, a seguir:

- (184) (a) Militão- ϕ kaman- ϕ kuşa-şun **askaşun**
 Militão-ERG cachorro-ABS bater-PAS CONJ(TRPOS)
 fakihu- ϕ naka-a-ki
 criança-ABS morder-PAS-DECL
 ‘Militão bateu no cachorro que mordeu o menino.’
- (b) a mutşia **askaşun** ini paki-a-ki
 3ps molhado CONJ(TRPOS) água pular-PAS-DECL
 ‘Ele está molhado porque pulou na água.’
- (c) fakihu- ϕ ni-ani ka-i-ma, **askaşun** ni
 menino-ABS mata-LOC ir-N.PAS-NEG, CONJ(TRPOS) mata
 jumaj inun runu ika
 onça CONECT cobra ADV (lá)
 ‘As crianças não vão para a mata, porque há cobras e onças lá.’

Assim, como vemos em (184:a), acima a conjunção subordinativa **askaşun** transpõe a oração “[kaman-na] fakihu- ϕ naka-a-ki”, ou seja, ‘[o cachorro-ERG] mordeu a criança’ à função de adjetivo de um termo da oração principal, ou seja, **kaman**, ‘o cachorro’. Nos exemplos posteriores, **askaşun** segue exercendo a função de transpositor das orações que introduz, levando-as ao nível de advérbios circunstanciais (causa e justificativa).

De fato, a conjunção **askaşun** apresenta-se como subordinativa, entretanto, em alguns dados temos visto sua ocorrência em função coordenativa, conforme ilustram os seguintes exemplos:

- (185) (a) [awa-n tşaşu-n nami- ϕ pi-jusma-nun]O₁ [**askaşun**
 anta-ERG veado-ERG carne-ABS comer-NEG-SR CONJ(TRPOS)
 jumaj-ni nukuhuni-n nami pi-mis-i-ki]O₂
 onça-ERG homem-ERG carne-ABS comer-ASP-N.PAS-DECL
 ‘Anta e veado não comem carne, mas a onça e o homem comem.’

(b)

[Lincoln jura-ma]O₁ [askaşun nuku [tsaj] tsaj-mis-i-ki]O₂
 Lincoln índio-NEG CONJ(TRPOS) POSS(1pp) [língua] falar-ASP-N.PÁS-DECL
 ‘Lincoln não é índio, mas fala a nossa língua.’

(c)

[jumaj-ni takara-ϕ pi-a-aş]O₁ [askaşun kuşa-a-ki]O₂
 onça-ERG galinha-ABS comer-PAS-SR CONJ dormir-PAS-DECL
 ‘A onça comeu a galinha e então dormiu.’

3.2.2.9. As interjeições

A classe das interjeições engloba palavras com caráter exclamativo e que podem constituir afirmações em si mesmas. As interjeições também se caracterizam pelo fato de usualmente não apresentarem nenhuma conexão sintática com outras palavras com as quais podem co-ocorrer (Schachter, 1985). Nos dados, a seguir, apresentamos algumas das interjeições utilizadas pelos Shanenawa:

(186) (a) **askanun** ‘Eh!’

(b) **şijafu** ‘Psiu!’

3.3. Processos de formação de palavras

Ao longo desta descrição morfológica (e algumas vezes morfossintática também), temos visto a possibilidade de distinguirmos algumas bases (as nominais, por exemplo) de outras, detendo-nos em sufixos relativos a cada categoria em particular.⁸⁴ No entanto, como a maioria desses sufixos diz respeito a categorias produtiva e sintaticamente relevantes a operações flexionais, na presente seção, procuraremos destacar as categorias relativas ao centro significativo da palavra, ou seja, a “raiz” da palavra e os chamados sufixos derivacionais. Especificamente, nossa atenção estará voltada para operações morfológicas em que, juntos, os referidos elementos

⁸⁴ É necessário ressaltar que também a ordem contribui para determinação das classes das bases, já que aquelas com função predicativa comumente ocupam posição mais à direita na sentença, enquanto as com funções nominais figuram mais à esquerda.

co-operam tanto na formação das bases derivadas como na constituição das bases compostas, tal como passaremos a ver nos itens subseqüentes.

3.3.1. Formação de bases por derivação

Assim como as bases constituídas por raízes e sufixos flexionais, as chamadas bases que servem de entrada (*input*) para outras palavras também se distinguem em complexas e simples. Enquanto as bases complexas se caracterizam pela combinação entre uma raiz simples e algum tipo de modificação morfológica (geralmente, a afixação), as bases simples são formas heterogêneas constituídas exclusivamente pela raiz lexical. Abaixo, temos alguns exemplos de bases derivacionais consideradas simples na língua Shanenawa:

- (187) (a) pani ‘rede’
 (b) aman ‘capivara’
 (c) fari ‘sol’
 (d) mifi ‘mão’

Exercendo a função semântica de nomear as mais diversas realidades lingüísticas, as bases derivacionais simples do Shanenawa podem, do ponto de vista sintático, funcionar ora como sujeito ora como predicado. A distinção entre uma e outra situação, além da ordem na sentença, pode ser feita através da afixação do sufixo modal declarativo {-ki} às bases em função predicativa, como adiantamos em 3.2.1.2 e, ainda, como vemos nas sentenças nominais, a seguir:

- (188) (a) na pani-ki
 DEM rede-DECL
 ‘Isso é uma rede.’
- (b) wa mifi-ki
 DEM mão-DECL
 ‘Aquilo é uma mão.’
- (c) pani şara-ki
 rede bonita-DECL
 ‘A rede é bonita.’

- (d) mifi iwapa-ki
 mão grande-DECL
 ‘A mão é grande.’

As bases que dão origem a outras palavras do Shanenawa podem perder seu status de simples para, então, figurarem como complexas, recorrendo a alguns afixos do tipo derivacional, lembrando que, como mencionamos ao longo deste estudo, essa língua apenas apresenta sufixos. Conforme salientamos em nossos princípios teóricos, os sufixos derivacionais são aqueles que expressam modificações de conceitos básicos e que, portanto, contribuem de forma direta para a significação da palavra. Isso ocorre, por exemplo, com o sufixo {-ti}, um dos mais produtivos da língua, que ao ser afixado a bases verbais modifica-as formal e sintaticamente.⁸⁵ Como já antecipamos, dos processos que envolvem o sufixo {-ti} derivam, em geral, nomes de artefatos, conforme constatamos nos seguintes exemplos:

- (189) (a) [[fari]_N [unan]_N ti]_{INSTR} => [fariunan'tiʔ]_N ‘relógio’
 sol + sombra + INSTR relógio
- (b) [[kana]_V ti]_{INSTR} => [kana'tiʔ]_N ‘arco’
 atirar + INSTR arco

Em nossa análise desses dados, lembramos das categorias *determinante* e *determinado* utilizadas por Marchand (1969). Segundo este autor, compostos tais como os listados em (189) caracterizariam um tipo de sintagma em que os elementos lingüísticos envolvidos se combinam com base em uma relação em que um dos elementos, no caso a palavra base, por exemplo, o verbo **kana** ‘atirar’ está sujeito a uma determinação por parte do outro elemento envolvido. Nesse caso, o determinante é o morfema {-ti}, motivo pelo qual ele deve funcionar como uma espécie de instrumental (nominalizador) de verbos.

Outro exemplo de bases complexas resultantes de processos de derivação em Shanenawa envolve o sufixo {-pa} que, conforme 3.2.1.2. e os dados, abaixo, demonstra ser produtivo na constituição de adjetivos na língua.

⁸⁵ Aliás, estruturas do tipo **BASE**{-ti} são bastante recorrentes em outras línguas Pano como, por exemplo, o Kaxinawa (Camargo, 1998).

- (190) (a) $[\text{ʃini}]_N + \{-\text{pa}\} \Rightarrow [\text{ʃini}^1\text{pa}^?]_{\text{Adj}}$ ‘gorduroso’
 gordura + ?
- (b) $[\text{putu}]_N + \{-\text{pa}\} \Rightarrow [\text{putu}^1\text{pa}^?]_{\text{Adj}}$ ‘empoeirado’
 poeira + ?
- (c) $[\text{ini}]_N + [\text{mat}^1\text{i}]_{\text{Adj}} + \{-\text{pa}\} \Rightarrow [\text{inimat}^1\text{i}^1\text{pa}^?]_{\text{Adj}}$ ‘gelo’
 água + gelada + ?

Assim, a partir das bases nominais simples como aquelas em (190:a-b) ou, ainda, compostas como vemos em (190:c), derivam adjetivos plenos morfologicamente marcados por $\{-\text{pa}\}$. A propósito, este também participa da constituição de formas derivadas adjetivas relativas às cores. Contudo, uma particularidade deve ser observada nesses casos. Para tanto, consideremos dados como os que temos a seguir:

- (191) (a) fimi **paʃi-ni**⁸⁶ **-pa** ‘fruta de cor amarela’
 fruta amarela-?-?
- (b) tari **uʃu-ni-pa** ‘roupa de cor preta’
 roupa preta-?-?

O fato é que adjetivos presentes em dados como os acima expressos, apenas nos remetem a um conteúdo semântico especificado para o sistema de cores. Em outros dados, por exemplo, aqueles em (192), a seguir, as formas **paʃin** ‘amarela’ e **ʃu** ‘verde’, quando desprovidas de $\{-\text{pa}\}$, se referem não a cores, mas a graus de maturidade (ou madureza) de frutos, ou seja, maduro e não-maduro, respectivamente:

- (192) (a) jukan paʃin ‘goiaba madura’
 goiaba madura
- (b) jukan ʃu ‘goiaba verde’
 goiaba verde

Dado nosso objetivo de não enumerar e classificar cada uma das bases lexicais e dos sufixos participantes dos processos de derivação na língua Shanenawa, enfatizando apenas

⁸⁶ Às vezes, o sufixo $\{-\text{pa}\}$ é antecedido da forma **-ni**, cujo significado (se houver) não pudemos precisar, até o momento. Embora não haja maiores evidências do fato, há propostas de que talvez se trate de um tipo de relacional que diz respeito à cor do núcleo nominal.

algumas comutações e eventuais ocorrências dessas formas, passaremos, na seqüência, à também breve análise das operações morfológicas relativas ao processo de composição.

3.3.2. Formação de bases por composição

Composição é a forma de criar novas bases lexicais em uma língua a partir de duas ou mais bases independentemente significativas (raízes) para que juntas, estas se comportem como uma só estrutura que, por si mesma, manifeste autonomia semântica.

Além do aspecto semântico, os compostos podem se distinguir dos sintagmas comuns por meio de outros critérios lingüísticos, tais como a acentuação, as regras fonológicas ou através de aspectos morfossintáticos, como a concordância, a flexão no genitivo, a ordem dos constituintes no sintagma, entre outros. No caso do Shanenawa, a distinção entre compostos e sintagmas dá-se através da utilização de dois critérios: a acentuação e a flexão no genitivo.

Conforme atestado no Capítulo II, o acento incide apenas sobre a última sílaba das palavras. Com isso, em um processo de composição, o acento do(s) elemento(s) que se posiciona(m) mais à esquerda tende a enfraquecer ou mesmo desaparecer, já que apenas o elemento colocado em posição mais à direita deve receber o acento principal. Assim, se duas ou mais palavras independentes se juntam em um sintagma, mantendo seus sentidos originais e suas formas fonológicas coincidem com a fonética em termos de acento (ou seja, cada qual conservando o seu acento), então, considera-se que tais palavras não estão participando de um processo de composição, mas se tratam apenas dos constituintes de um sintagma genitivo, cujo núcleo é modificado por um ou mais elementos do tipo genitivo ou adverbial. Isso ocorre com os dois exemplos seguintes:

- (193) (a) $[i'fiʔ]_N + [pa'niʔ]_N \Rightarrow [i, fipa'niʔ]_N \Rightarrow /ifi \# pani/$
 madeira rede
 ‘cama de madeira’
- (b) $[ta'iʔ]_N + [ʃa'kaʔ]_N \Rightarrow [ta, iʃa'kaʔ]_N \Rightarrow /tai \# ʃaka/$
 pé casca
 ‘casca de pé’

Por outro lado, se os mesmos elementos se juntam em processos de que resultarão palavras compostas com significados diferentes daqueles obtidos pelas formas individualizadas e,

além disso, as representações fonéticas dos compostos apontam a adequação das formas antigas dos elementos à tipologia acentual da língua (ou seja, uma só unidade acentuada com acento na última sílaba), logo, poderemos concluir que os sintagmas constituem compostos autênticos, como nos seguintes dados:

- (194) (a) $[i'fiʔ]_N + [pa'niʔ]_N \Rightarrow [i, fipa'niʔ]_N \Rightarrow /ifi \# pani/$ ‘cama’
 madeira rede
- (b) $[ta'iʔ]_N + [\ʒa'kaʔ]_N \Rightarrow [, taiʒa'kaʔ]_N \Rightarrow /tai \# ʒaka/$ ‘sapato’
 pé casca

Assim, temos em (194), acima, formas morfológicamente compostas que, entretanto, se comportam sintática e semanticamente como um nome individual. Isto é, a diferença entre os exemplos em (193) e aqueles em (194) é que nos últimos é impossível separar seus elementos e obter as mesmas glossas.

O segundo critério utilizado para distinguir sintagmas de compostos é de cunho morfológico e diz respeito à flexão do genitivo. Como já descrito neste estudo, o genitivo é marcado na língua através da sufixação do morfema **{-n}** e suas variantes posicionais no nome do possuidor. Assim sendo, o sintagma, abaixo ilustrado, seria um exemplo de construção genitiva na língua:

- (195) (a) $[na'wa-n]_N + [pi'aʔ]_N \Rightarrow /nawan \# pia/$ ‘flecha de branco’
 branco-GEN flecha

Quando, entretanto, o falante utiliza os dados **nawa** ‘branco’ e **pia** ‘flecha’ em um processo de composição, o sentido obtido é um pouco diferente do que sugere a construção genitiva e, nesse caso, a marca **{-n}** não é expressa, como vemos, a seguir:

- (196) $[na'waʔ]_N + [pi'aʔ]_N \Rightarrow [na, wapi'aʔ] \Rightarrow /nawa \# pia/$ ‘espingarda’
 branco flecha

3.3.2.1. A relação determinante/determinado nas composições

Segundo Marchand (1969), de modo semelhante ao que ocorre com alguns casos de bases derivadas, também a criação de compostos, em geral, obedece a uma certa combinação de

elementos lingüísticos baseada na relação *determinante/determinado* dentro de um sintagma.

Desse modo, uma forma lexical básica da língua pode sofrer uma restrição semântica ou determinação por parte de um determinante na formação de um composto. Em Shanenawa, isso pode ser verificado em dados como os abaixo exemplificados:

(197) (a)	DTE	DDO	
nawa pia	[na'waʔ] _N	+ [pi'aʔ] _N	'espingarda'
	branco	+ flecha	
(b)	DTE	DDO	
tai şaka	[taiʔ] _N	+ [şa'kaʔ] _N	'sapato'
	pé	+ casca	

Notemos em (197:a) que a base lexical simples **pia** 'flecha' submete-se a uma determinação por parte do determinante **nawa** 'branco'. Em outras palavras, o falante se refere não mais a uma flecha qualquer, mas a uma "restrita". Essa restrição é determinada pelo primeiro elemento do composto, isto é, **nawa**, o determinante. De modo análogo, em (197:b), o elemento **şaka** 'casca' é determinado pelo determinante **tai** 'pé', não se tratando de uma casca qualquer, mas daquela que é específica para cobrir os pés, isto é, um sapato, uma sandália ou qualquer outro tipo de calçado.

De acordo com a literatura, comumente são encontrados nas línguas dois tipos de compostos: os produtivos e os não-produtivos. Estes últimos se caracterizam por ter uma formação do tipo "adjetivação"⁸⁷ em que não importa a posição (esquerda ou direita) ocupada pelos elementos participantes do processo (o determinado e o determinante), tal como vemos nos seguintes exemplos:

(198) (a)	DTE	DDO	
şuma rihu	[şu'maʔ] _N	+ [ri'huʔ] _N	'mamilo'
	seio	+ ponta =	'ponta do seio'
(b)	DTE	DDO	
ifi pani	[i'fiʔ] _N	+ [pa'niʔ] _N	'cama'
	pau	+ rede =	'rede de pau'

⁸⁷ Por exemplo: em Português, "navio-escola".

(c)		DDO	DTE	
	jukan şun	[ju'kã] _N	+ [şũ] _{Adj}	= 'goiaba verde'
		goiaba	+ verde	= 'goiaba verde'

Os do tipo produtivos, por outro lado, seguem uma formação regular, em que os elementos constituintes apresentam-se em posições rígidas com o determinante (DTE) sempre à direita do determinado (DDO).

(199) (a)		DDO	DTE	
	tari şutʃi	[ta'riʔ] _N	+ [şu'tʃiʔ] _N	= 'blusa'
		roupa	+ peito	= 'roupa do peito'
(b)		DDO	DTE	
	tari kişi	[ta'riʔ] _N	+ [ki'şiʔ] _N	= 'calça'
		roupa	+ coxa	= 'roupa da coxa'
(c)		DDO	DTE	
	nai pişi	[na'iʔ] _N	+ [pi'şiʔ] _N	= 'telhado'
		céu	+ casa	= 'céu da casa'

3.3.2.2. Categorias lingüísticas na composição

Em contraste com outros idiomas Pano, como o Katukina (Aguiar, 1994), cujos dados revelam que compostos resultam, principalmente, da junção de duas formas com o traço comum [+Nome] como, por exemplo, na composição dos nomes **ui** 'chuva' + **tini** 'tempo' resulta **uitiniʔ** 'inverno', em Shanenawa ocorre uma distribuição bastante heterogênea entre os tipos de categorias participantes da formação dos compostos. De fato, não apenas lexemas de classes idênticas participam de composições como também existem processos envolvendo classes distintas.

3.3.2.2.1. Categorias maiores (palavras) na composição

Em Shanenawa, a maioria dos compostos detectados tem em sua base um nome. Este pode se unir a adjetivos, conforme vemos no exemplo em (200:a), abaixo, ou a verbos como nos dados em (200:b-c), a seguir:

(200) (a)	ini iwapa	[i'niʔ] _N + [iwa'paʔ] _{Adj} água + grande	‘rio’
(b)	uʃi uʃa	[u'ʃiʔ] _N + [u'ʃaʔ] _V Lua + dormir	‘mês passado’
(c)	ini itʃu	[i'niʔ] _N + [itʃu'ʔ] _V água + correr	‘corredeira’

Notemos que os dados acima sugerem que os processos de composição podem envolver metaforicamente as classes de palavras. Essa parece ser uma característica das línguas Pano, pois, outros estudos sobre a semântica dos compostos nessa família lingüística também dão conta de processos desse tipo. Valenzuela (1998b), por exemplo, demonstra que os falantes da língua Shipibo, ao formarem palavras compostas, se guiam pelo uso metafórico de categorias biológicas, sobretudo, quando se trata de animais: **ino** + **mentsis**, respectivamente, *tigre* + *garras*, ou seja, **inomentsis** ‘garras do tigre’ é o nome que dão a uma planta que possui espinhos parecidos com as garras do tigre.

3.3.2.2.2. Categorias menores (sufixos) na composição

O mesmo princípio semântico que guia o processo de composição de categorias maiores nos leva a considerar algumas bases Shanenawa (que poderiam ser consideradas formas derivadas, visto que combinam raízes e algumas categorias menores como os sufixos) também como compostos. Nesta seção, apresentaremos alguns desses casos.

3.3.2.2.2.1. Composição com os sufixos {-wan} e {-ti}

Alguns dos compostos detectados na língua são formados por um nome e os sufixos de grau aumentativo {-wan} e de instrumental {-ti}. Estes são nitidamente usados pelos falantes para alterar o significado semântico da base nominal à qual se ligam, tal como podemos observar nos exemplos, abaixo:

(201) (a)	titiwan	[titi] _N {-wan} _{Sufixo} gavião-AUM	‘avião’
-----------	---------	--	---------

que sentenças como as exemplificadas em (147), as quais por questões práticas reproduzimos, abaixo, também caracterizam casos de compostos por incorporação.

- (203) (a) awinhu-n şipi-φ şui-ka-i-ki
mulher -ERG banana-ABS assar-ir-N.PAS-DECL
‘A mulher vai assar banana.’
- (b) jura-n nami-φ pi-ka-i-ki
povo-ERG carne-ABS comer-ir-N.PAS-DECL
‘O povo vai comer carne.’

3.3.2.2.2.4. Composição com o sufixo {-kuan}: o iminentivo

Uma outra hipótese de composto por incorporação verificada no Shanenawa se dá com o morfema {-kuan}. Este se afixa a uma base verbal para indicar que o acontecimento verbal comunicado apresenta-se ao falante como *iminentivo*, isto é, muito próximo de ter se realizado a tal ponto de podermos traduzi-lo como o “quase” do Português. Isso é exemplificado pelos dados, a seguir:

- (204) (a) runu-n nawa-φ naka-kuan-a-ki
cobra-ERG homem-ABS morder-IMIN-PAS-DECL
‘A cobra quase mordeu o homem.’
- (b) nawa-φ na-kuan-a-ki
homem-ABS morrer-IMIN-PAS-DECL
‘O homem quase morreu.’
- (c) in mia şati-kuan-a-ki
1ps 2ps bater-IMIN-PAS-DECL
‘Quase bati em você.’
- (d) a Feijó-ani naşawata ka-kuan-şian-ki
3ps Feijó-LOC ontem ir-IMIN-PAS-DECL
‘Ele quase foi a Feijó ontem.’

3.3.2.2.2.5. Composição com os sufixos {-şun} e {şuna}: o benefactivo

Em Shanenawa, os sufixos {-şun} e {-şuna} marcam a função benefactiva. Afixados à base verbal, ambos os morfemas indicam que o acontecimento expresso pelo verbo foi, é ou será

efetivado em benefício de algo ou alguém que, por sua vez, está expresso na sentença em forma de um nome. Enquanto {-**şuna**} é afixado às formas verbais com mais de uma sílaba (ou seja, as pares), {-**şun**} se junta apenas às formas monossilábicas (isto é, as ímpares), como vemos, na seqüência:

- (205) (a) Iraci- ϕ mia şui-**şuna**-a-ki
 Iraci-ABS 2ps(Oi) cozinhar-BENEF-PAS-DECL
 ‘Iraci cozinhou *para você*.’
- (b) Militão-nun ipa jumaj- ϕ riti-**şuna**-a-ki
 Militão-ERG pai onça-ABS matar-BENEF-PAS-DECL
 ‘Militão matou a onça *para o pai*.’
- (c) naşawata Iraci-ni ia şipi- ϕ şui-**şuna**-a-ki
 ontem (ADV) Iraci-ERG 1ps(Oi) banana-ABS assar-BENEF-PAS-DECL
 ‘Ontem, Iraci assou banana *para mim*.’
- (d) jamiri mia Militão- ϕ Feijó-ani ka-**şun**-i-ki
 amanhã 2ps(Oi) Militão-ABS Feijó-LOC ir-BENEF-FUT-DECL
 ‘Amanhã, Militão irá a Feijó *para você*.’

É preciso ressaltar que o nome em função de beneficiário não é aquele traduzido pelo caso dativo (ou objeto indireto, como em Português). Para efeito de comparação, observemos os dados, abaixo:

- (206) (a) Militão-nu Almir- ϕ Assis işkin- ϕ inan-**şuna**-a-ki
 Militão-ERG Almir-Oi/DAT Assis(BENEFIC) peixe-ABS dar-BENEF-PAS-DECL
 ‘Militão deu peixe para Almir *para Assis*.’
- (b) Iraci-ni matu Assis atsa- ϕ inan-**şuna**-i-paj-ki
 Iraci-ERG 2pp(Oi/DAT) Assis(BENEFIC) macaxeira-ABS dar-BENEF-N.PAS-DECL
 ‘Iraci dará macaxeira para vocês *para Assis*.’

Como se pode ver em (206:a) nem o nome que está em função de objeto indireto (ou dativo) nem aquele que exerce o papel de beneficiário levam marca morfológica. Já no caso de ser um pronome a exercer a função de beneficiário, como no exemplo em (206:b), a forma empregada é aquela relativa à função de objeto (cf. descrição em 3.2.2.1.). Dessa maneira, o que

demonstra ser fundamental em construções como as expostas nos exemplos em (206), é a ordem dos constituintes, ou seja: **S+Oi+BENEFICIÁRIO+Od+V**.

3.3.2.2.2.6. Composição com o sufixo {-panan}: o frustrativo

O morfema {-panan}, em um enunciado composto por duas sentenças interdependentes, funciona sintaticamente como uma conjunção para expressar o frustrativo, ou seja, uma espécie de *impedimento*⁸⁸ da realização denotada por um dos verbos do enunciado. Isso é feito através da afixação de {-panan} ao referido verbo. O morfema poderia, então, ser traduzido como um indicativo de que tal evento *foi, é* ou *será* frustrado, sendo o motivo disso explicado pela outra sentença, conforme demonstrado nos seguintes dados:

- (207) (a) [in ka-paj-**panan**]O₁ [ui-a]O₂
 1ps ir-DES-FRUST chover-PAS
 ‘Eu queria ir, mas choveu.’
- (b) [in mia tsaj-**panan**]O₁ [in ipa-fi ka-i-ki]O₂
 1ps 2ps conversar-FRUST POSS(1ps) pai-COM sair-N.PAS-DECL
 ‘Conversaria com você, mas não posso porque vou sair com meu pai.’
- (c) [in nami-ϕ pi-paj-**panan**]O₁ [Bruno-ϕ nika-a-ma-ki]O₂
 1ps carne-ABS comer-DES-FRUST Bruno-ABS caçar-PAS-NEG-DECL
 ‘Eu teria comido carne, mas Bruno não foi caçar.’

Tanto quanto os outros casos expressos nesta seção, estamos interpretando a estrutura verbal em que o morfema {-panan} figura como uma base composta por sufixo.

3.3.2.2.2.7. Composição com numerais

Um outro tipo de composição que pudemos observar no Shanenawa envolve o sistema numérico da língua. Tal como descrito em 3.2.2.3., as formas que indicam números maiores que

⁸⁸ Em um estudo sobre o morfema frustrativo na língua Amahuaca (Pano), Sparing-Chávez (2003) afirma que mais que um impedimento o marcador de frustrativo está no domínio da pragmática, já que se trata de um ato de fala que não pode ser negado. Isto é, o falante emprega o morfema não só para indicar o impedimento, mas também para expressar um sentimento de desapontamento, desgosto ou outros. Em nosso estudo sobre o mesmo morfema em Shanenawa, não entraremos no mérito dessa questão em virtude da limitação de dados para esse fim em nosso *corpus*.

“dois” são expressas a partir de operações de multiplicação que envolvem as formas numéricas básicas **wisti** ‘um’ e **rafu** ‘dois’. Ao contrário das formas resultantes de operações de soma, os sintagmas relativos aos *produtos* matemáticos não contam com conectivos para ligar seus constituintes. Os elementos envolvidos apenas se justapõem. Isso é um dos fatores que nos levam a interpretar as construções morfológicas numéricas resultantes de multiplicação como uma espécie de composto. Ademais, como já mencionamos, outro fator preponderante para tal hipótese é o sistema acentual da língua. Do ponto de vista morfofonológico, portanto, em relação ao número “quatro” expresso via operação de multiplicação, temos:

$$(208) \quad (a) \quad \begin{array}{ccc} [ra^1fu?]_{Num} & + & [ra^1fu?]_{Num} \\ \text{dois} & & \text{dois} \end{array} \Rightarrow \begin{array}{c} [rafura^1fu?]_{Num} \\ \text{(ou } 2 \times 2 = 4) \end{array} \quad \text{‘quatro’}$$

O sistema numérico do Shanenawa apresenta, ainda, algumas particularidades interessantes e que também estão, a nosso ver, relacionadas com processos de composição no idioma. Como também sói ocorrer em outras línguas, as formas maiores do que as já tratadas aqui apresentam uma baixa frequência de uso. Aliás, como já dissemos anteriormente, para a forma “cinco” os falantes utilizam a palavra **mifi** ‘mão’, a qual também é utilizada para constituir as formas quantificadoras a partir de seis unidades. Para ganhar características de numeral, a base nominal **mifi** recebe o sufixo **{-ti}** que, nesse contexto, deve significar um instrumental para quantificar.

$$(209) \quad (a) \quad \begin{array}{ccc} [mifi]_N & + & [-ti?]_{INSTR} + [ra^1fu?]_{Num} \\ \text{mão} & & \text{dois} \end{array} \Rightarrow \begin{array}{c} [mifitira^1fu?]_{Num} \\ \text{(ou } 5 \times 2 = 10) \end{array} \quad \text{‘dez’}$$

$$(b) \quad \begin{array}{ccc} [mifi]_N & + & [-ti?]_{INSTR} + [rafura^1fu?]_{Num} \\ \text{mão} & & \text{quatro} \end{array} \Rightarrow \begin{array}{c} [mifitirafura^1fu?]_{Num} \\ \text{(ou } 5 \times 4 = 20) \end{array} \quad \text{‘vinte’}$$

Além dessas formas, ainda existem outras, porém, mais complexas utilizadas na expressão de números relativos a grandes quantidades. Um exemplo é *mifiti inun tai naramama jura*, cujo sentido literal seria “mãos e pés de todos os índios”. Contudo, como este não é o sentido atribuído pelos falantes, mas sim o que se refere a qualquer número de valor extenso, poderíamos também tratar essa frase como uma espécie de composto que substituiria, no nível semântico, os números relativos à quantidade em questão.

3.3.2.2.3. Um caso especial de composição

Um caso especial de formação de compostos constatado no Shanenawa envolve verbos de ação (transitivos) e alguns nomes, exclusivamente relativos a partes do corpo, em função de objeto desses verbos. Para exemplificar o referido caso, consideremos inicialmente os dados em (210:a) e (210:b), a seguir:

(210)	(a)	puku ‘barriga’	(b)	ṣati ‘cortar’
		mapu ‘cabeça’		kuṣa ‘bater’
		mifi ‘mão’		tṣuka ‘lavar’

Em Shanenawa, as bases nominais em (210:a) combinam-se por justaposição com as respectivas bases verbais em (210:b), do que resultam novas bases de natureza verbal. De acordo com as teorias morfológicas relativas aos processos de composição, poderíamos dizer que tal caso poderia ser um tipo de incorporação, já que este, segundo Mithun (1984), Spencer (1991), entre outros⁸⁹, é um processo de formação de palavras em que uma palavra, comumente um verbo, junta-se ao seu objeto direto (paciente) ou modificador adverbial (lugar, instrumento, entre outros), sem que estes percam suas funções sintáticas originais, para formar um composto, isto é, um predicado intransitivo que denota um conceito unitário. Contudo, nos casos verificados em Shanenawa registramos uma particularidade: somente a sílaba inicial dos nomes que participam desses processos de composição é incorporada ao verbo, conforme descrito, a seguir:

(211)	(a)	[pu] _N + [ṣa'tiʔ] _V	=>	[puṣa'tiʔ] _V	‘cortar a barriga’
	(b)	[ma] _N + [ku'ṣaʔ] _V	=>	[maku'ṣaʔ] _V	‘bater a cabeça’
	(c)	[mi] _N + [tṣu'kaʔ] _V	=>	[mitṣu'kaʔ] _V	‘lavar a mão’

A particularidade acima descrita é o que nos impede de considerar tais processos de composição como incorporações convencionais, haja vista que, conforme Spencer (1991), para que uma incorporação verdadeira ocorra, as formas (morfemas ou palavras) que constituem os compostos, quando isoladas devem representar uma paráfrase de tais compostos. Analisando de

⁸⁹ Um sentido mais geral dado ao termo incorporação é da possibilidade de se tomar um número qualquer de morfemas lexicais e combiná-los em uma única palavra (Comrie, 1981).

maneira mais apurada os dados em questão, procuramos verificar a hipótese de a raiz desses nomes de partes do corpo ser, diferentemente do que vimos em (211:a), as formas: **pu** ‘barriga’, **ma** ‘cabeça’ e **mi** ‘mão’. No entanto, os falantes rejeitam as supostas bases simples e tampouco as formas **-ku**, **-pu** e **-vi** têm significado de forma isolada, confirmando os dados em (210:a).

Por outro lado, não podemos deixar de pensar na possibilidade de as sílabas dos nomes que participam do processo representarem de fato formas arcaicas das raízes nominais Pano. Todavia, até onde pudemos observar, não há maiores evidências disso nos estudos históricos sobre as línguas da família Pano. Em face disso, estamos, em princípio, considerando o processo de formação de compostos ilustrado em (211), como uma espécie de “semi-incorporação” nominal ou, ainda, um tipo de incorporação seguida de apagamento por razões fonológicas ou morfológicas não detectadas neste estudo.

Com isso, concluímos nossa descrição da morfologia da língua Shanenawa. Essa tarefa foi complementada por algumas descrições de aspectos morfossintáticos, já que sendo a língua aglutinante, a separação dos níveis morfológico e sintático seria impraticável.

IV MORFOSSINTAXE II

4.0. Introdução

Conforme ressaltamos na introdução do Capítulo III, embora o intuito inicial naquela seção fosse tratar especificamente da morfologia do Shanenawa, acabamos por enveredar em domínios sintáticos ao identificar e descrever as categorias lexicais e funcionais nessa língua.⁹⁰ Sendo, portanto, inevitável a sobreposição de alguns aspectos já tratados, salientamos que o objetivo do presente capítulo é enfatizar o caráter sintático desses aspectos e introduzir outros ainda não descritos e cujas características são predominantemente sintáticas. Assim, tal como procedemos nas seções precedentes, apresentaremos em **4.1.** alguns princípios teóricos que deverão nortear as descrições; em **4.2.**, focalizaremos as construções interrogativas; em **4.3.**, as construções coordenadas; em **4.4.**, as construções subordinadas; em **4.5.**, a ordem dos constituintes e, em **4.6.**, as relações gramaticais, especialmente, o sistema de marcação de caso e o sistema de co-referência alternada (*switch-reference*) e de outros tipos de referência entre sentenças.

⁹⁰ A esse respeito, lembremos que desde Saussure (1978), a maioria dos lingüistas não leva em conta a teoria dos níveis de descrição (fonético/fonológico, morfológico, sintático), já que para eles há freqüentes sobreposições desses níveis. Daí a razão por que muitas vezes os estudiosos da morfologia e da sintaxe preferem a designação morfoossintaxe para seus trabalhos. Ademais, ressaltamos a tipologia aglutinante do Shanenawa que nos conduz a uma descrição em que a morfologia geralmente não se dissocia da sintaxe.

4.1. Princípios teóricos

De acordo com a visão tradicional, o termo sintaxe diz respeito à parte da Gramática que estuda a maneira como as palavras, a partir de regras específicas, são combinadas e organizadas visando a constituir sentenças. Assim sendo, o objeto de estudo da sintaxe é a sentença.

O problema com este conceito é que, em geral, ele limita os estudos sintáticos de uma determinada língua à mera apresentação de regras que caracterizam apenas uma variedade de tal língua. No tronco indo-europeu, por exemplo, essa variedade é representada pela norma padrão (escrita e utilizada em situações de formalidade). Com isso, tem-se um distanciamento de uma descrição lingüística em toda sua complexidade.

Foi nesse âmbito que, historicamente, ocorreram tentativas de tornar a Sintaxe uma disciplina lingüística autônoma que pudesse contemplar de forma mais ampla as realidades lingüísticas. Procurando atender aos objetivos de nosso estudo, apresentaremos algumas das propostas que visam a explicar a Sintaxe. Contudo, por motivos práticos, nos deteremos apenas em definições pautadas nas correntes lingüísticas denominadas Formalismo e Funcionalismo.

De acordo com Berlink, Augusto & Scher (2001), a abordagem formalista de análise lingüística é aquela que trata das características internas à língua, por exemplo, a natureza de seus constituintes, bem como da relação entre eles.⁹¹

Para os funcionalistas, a linguagem é um sistema que se encontra sujeito às limitações impostas pela capacidade humana de adquirir e processar o conhecimento, e que continuamente se modifica visando a cumprir novas necessidades da comunicação. Assim, na análise de um fato lingüístico qualquer, devem ser considerados obrigatoriamente o falante, o ouvinte e, ainda, as necessidades da comunicação lingüística. Olhando por esse ângulo, um estudo sintático de base funcionalista deve ser feito considerando-se não apenas a sentença, mas muito além dela, de modo que se destaque a relação entre o componente sintático e os componentes semântico e discursivo. Afinal, é no contexto (ou na situação comunicativa) que o falante busca razões para as escolhas das estruturas de suas sentenças lingüísticas (Berlink, Augusto & Scher, 2001).

⁹¹ Um exemplo de análise lingüística formalista é o programa de investigação da gramática gerativa, protagonizado por Chomsky (1986, apud Berlink, Augusto & Scher, 2001). Nesse programa é adotada uma perspectiva formalista para a análise dos dados lingüísticos, tentando, através do estudo das partes de uma língua, determinar os princípios de sua organização e, em seguida, estabelecer as relações entre elas e, enfim, o seu uso.

Conforme antecipamos no capítulo introdutório (cf. 1.3.2.), nosso estudo está voltado particularmente para uma abordagem funcionalista. Isso não implica, porém, que não utilizamos, quando necessário, outras abordagens teóricas, especialmente, aquelas de cunho formalista. O fato de na maior parte das vezes procurarmos dar à análise da língua Shanenawa um enfoque tipológico-funcional baseia-se tão somente em uma preocupação em considerar também variações lingüísticas a partir da tipologia das línguas, especialmente, daquelas pertencentes à família Pano.

Nesses termos, adotamos a definição da sintaxe tal como discutida por Givón (1984:29), ou seja, *syntax is the study of a unique and complex coding system. 'Coding' is a binary expression designating two entities holding a peculiar semiotic relation*. No caso da ciência lingüística, Givón assinala três níveis de abordagem que se fundem dentro da noção de sintaxe, os quais são representados pela noção binária de “codificação”: a entidade codificada (*the coded entity*) e a entidade codificante (*the coding entity*). Enquanto a primeira apresenta os níveis de representação lexical (o sentido), comunicativo (a mensagem) e morfossintático (a função), a última é representada respectivamente pelo signo, o código e a estrutura.

Considerando a distinção entre o enfoque formalista e o funcionalista, pode-se dizer que o primeiro atém-se à entidade codificante, já o segundo não concebe um estudo sintático desprovido da entidade codificada. De nossa parte, tendo em vista o fato deste estudo constituir-se em uma primeira descrição da língua Shanenawa, procuramos nos ater aos níveis **{-antes}** sem, entretanto, nos descuidarmos dos **{-ados}** sempre que possível.

Tendo definido a sintaxe no contexto teórico em questão, cabe-nos ainda estabelecer alguns outros conceitos importantes para o estudo. Iniciamos, lembrando que, de acordo com Givón (1984:47), a unidade básica da informação em uma língua humana é a proposição, a qual, quando codificada via estruturação sintática, é chamada de sentença ou “cláusula” (frase, oração). Em geral, as proposições servem para transmitir informações⁹² de um falante a um ouvinte em um determinado contexto.

Sendo considerada a maior unidade de uma descrição sintática, a sentença pode ser caracterizada como frase ou oração (aliás, um tipo específico de frase). A distinção entre uma e

⁹² Essas informações estão codificadas no léxico dos falantes e ouvintes, isto é, uma espécie de lista de palavras ou itens lexicais. Para Givón (1984:47), um item lexical deve apresentar simultaneamente uma seqüência de sons e uma configuração ou conjunto de significados. Para a designação do que estamos considerando como palavra ou item lexical neste estudo ver 3.1., no capítulo precedente.

outra está no fato de que, enquanto a presença de um verbo é essencial na oração, o mesmo não ocorre com a frase, que pode ser assim considerada mesmo quando é apenas do tipo nominal, ou seja, quando é caracterizada pela presença de nomes em funções de substantivos e/ou de adjetivos. Como mostramos no Capítulo III (seção 3.2.1.3.1.1., p. 109), as frases ou sentenças nominais da língua Shanenawa são construídas com o uso do sufixo de modo declarativo {-ki}. Além disso, informações que em Português, por exemplo, são transmitidas através de verbos como “ser”, “estar” e “ter” são dadas em Shanenawa em sentenças nominais⁹³, como nos exemplos:

- (212) (a) ana aʃfua-mira-ki
 língua boca-LOC-DECL
 ‘A língua está na boca.’
- (b) faki ʃara-ki
 menina bonita-DECL
 ‘A menina é bonita.’
- (c) jumaj ni-mira-ki
 onça mata-LOC-DECL
 ‘A onça está na mata.’

Quanto às frases ou sentenças verbais (as orações) da língua Shanenawa, estas se caracterizam principalmente pela ordem dos constituintes que é **SOV**⁹⁴ e, na qual, pode haver inserções de complementos verbais. Além disso, a morfologia verbal é bastante rica no sentido de indicar categorias como modo e tempo, tal como mostramos na descrição do verbo (cf. 3.2.1.2.), no capítulo anterior.

Além desses conceitos, acrescentamos ainda o de sintagma, que estamos entendendo como uma associação significativa de palavras ou outros elementos⁹⁵ em uma sentença. Em geral, os sintagmas são classificados segundo a função gramatical exercida por seu núcleo dentro da sentença. Assim, se o núcleo é um nome (substantivo), então o sintagma é nominal; se o núcleo é

⁹³ Essas frases ou sentenças também apresentam comportamento semelhante ao que muitos lingüistas chamam de sentenças com verbos descritivos. Como esses casos não contêm formas verbais plenas, temos dúvidas sobre a sua real tipologia, motivo pelo qual nesta seção consideramos as sentenças nominais e em outras partes de nosso estudo poderemos classificá-las como sentenças descritivas.

⁹⁴ Ver em 4.5. descrição mais detalhada sobre o assunto.

⁹⁵ Lembremos que segundo Saussure (1978), a noção de sintagma se aplica não só às palavras, mas também aos grupos de palavras, às unidades complexas de qualquer dimensão e de qualquer espécie (palavras compostas, derivadas, membros de frase, frases inteiras).

um verbo, logo, temos um sintagma verbal. Comumente, sintagmas nominais (SNs) podem funcionar como indicadores de circunstâncias (modo, tempo, lugar, instrumento, entre outras), ou como modificadores (adjetivos).⁹⁶ Nesses casos, alguns teóricos costumam denominar tais SNs segundo suas funções, ou seja, sintagmas adverbiais (SAdv) ou sintagmas adjetivais (SAdj), respectivamente, tal como o fazem com palavras essencialmente (forma e conteúdo) adjetivas ou adverbiais.⁹⁷

Quanto à identificação dos sintagmas em uma sentença, conforme atesta a literatura, esta pode ser determinada pela aplicação de alguns critérios (ou testes) sintáticos, tais como a substituição e o deslocamento⁹⁸. Desse modo, um SN só será considerado como tal se puder ser substituído por uma outra construção pertencente à mesma classe. Isso pode ser verificado na língua Shanenawa por meio dos exemplos:

- (213) (a) **jura-n iwapa runu-φ riti-a-ki**
 índio-ERG grande cobra-ABS matar-PAS-DECL
 ‘O índio grande matou a cobra.’
- (b) **jura-n iwapa-ma-sta runu-φ riti-a-ki**
 índio-ERG grande-NEG-? cobra-ABS matar-PAS-DECL
 ‘O índio pequeno matou a cobra.’

A possibilidade de aplicação do teste de substituição da construção **juran iwapa** ‘índio grande’, (213:a), por **juran iwapamasta** ‘índio pequeno’, (213:b), leva-nos a creditar a ambas as construções a característica de SN em função de sujeito das orações. Por outro lado, se pudermos substituir a construção **runu ritiaki** ‘matou a cobra’ presente nas sentenças em (213) por uma outra cujo núcleo também seja um verbo, por exemplo, **runu piaki** ‘comeu a cobra’, em (214), abaixo, então, ambas as construções também serão consideradas sintagmas, no caso, verbais (doravante SV).

⁹⁶ Como vimos no Capítulo III, em termos de caracterização sintática/distribucional, os nomes na língua Shanenawa exercem vários papéis como sujeito/agente, objeto/paciente, predicado nominal, dativo/recipiente, benefactivo, locativo, instrumental e comitativo.

⁹⁷ Para exemplos de adjetivos em Shanenawa ver. 3.2.1.2.; para conferir os advérbios, ver 3.2.1.3.

⁹⁸ Em 3.1., vimos que tais critérios são também aplicados para a identificação de palavra gramatical que, de certa forma, também pode ser entendida como sintagma.

- (214) jura-n iwapa **runu-φ pi-a-ki**
 índio-ERG grande cobra-ABS comer-PAS-DECL
 ‘O índio grande comeu a cobra.’

O outro critério utilizado para a verificação da existência de sintagmas em uma língua é o deslocamento que caracteriza a propriedade de determinada construção sintática de se movimentar (ou deslocar-se) dentro de uma sentença sem que esta tenha seu sentido original alterado. Em Shanenawa, esse critério é aplicado com algumas restrições provocadas pela ordem dos constituintes que, conforme já mencionamos, é bastante rígida, ou seja, **SOV**. É possível, contudo, aplicarmos o critério do deslocamento em algumas construções nominais em função de locativo, instrumental ou comitativo desde que a sentença conte com mais de um objeto verbal, conforme os exemplos em (215), abaixo, já que nos casos em que há apenas um objeto, o SN que indica lugar, instrumento ou companhia ocupa a posição intermediária entre o sujeito e o objeto, como vimos em 3.2.1.1.4.2., 3.2.1.1.4.3. e 3.2.1.1.4.4., respectivamente.

- (215) (a)
 fakihu-n takara-φ **mifi-ti** şiki-φ inan-a-ki
 criança-ERG galinha-DAT mão-INSTR milho-ABS dar-PAS-DECL
 ‘A criança deu milho para as galinhas com as mãos.’
- (b)
 fakihu-n **mifi-ti** takara-φ şiki-φ inan-a-ki
 criança-ERG mão-INSTR galinha-DAT milho-ABS dar-PAS-DECL
 ‘A criança deu milho para as galinhas com as mãos.’
- (c)
 fakihu-n işkin-φ **ini iwapa-mira** piti-φ inan-a-ki
 criança-ERG peixe-DAT água grande (rio)-LOC comida-ABS dar-PAS-DECL
 ‘A criança deu comida para os peixes no rio.’
- (d)
 fakihu-n **ini iwapa-mira** işkin-φ piti-φ inan-a-ki
 criança-ERG água grande (rio)-LOC peixe-DAT comida-ABS dar-PAS-DECL
 ‘A criança deu comida para os peixes no rio.’
- (e)
 awinhu-n işkin-φ **fakihu-fi** piti-φ inan-a-ki
 mulher-ERG peixe-DAT criança-COM comida-ABS dar-PAS-DECL
 ‘A mulher com as crianças deu comida para os peixes.’

- (f)
 awinhu-n **fakihu-fi** işkin-φ piti-φ inan-a-ki
 mulher-ERG criança-COM peixe-DAT comida-ABS dar-PAS-DECL
 ‘A mulher com as crianças deu comida para os peixes.’

Desse modo, no caso do verbo ter mais de dois objetos, os SNs em função locativa, instrumental ou companhia podem ocorrer tanto em posição anterior quanto posterior ao SN em função de objeto indireto, o qual, por sua vez, figura próximo ao sujeito e nunca entre o objeto direto e o verbo.

Para finalizar, lembremos ainda que, como mostrado na seção 3.2.2.2., há possibilidades de ocorrer deslocamento de argumentos através do movimento das formas interrogativas do tipo **Qu-**, já que, do ponto de vista funcional, tais formas podem também exercer papel de argumentos nucleares ou mesmo de advérbios.

Dados estes princípios teóricos, de modo semelhante aos procedimentos adotados nas seções anteriores, passaremos ao estudo de alguns temas relevantes da língua Shanenawa, a saber, a descrição das construções interrogativas, coordenadas e subordinadas; da ordem dos constituintes nas sentenças e de outras relações gramaticais incluindo o sistema de marcação de caso e o sistema de referência alternada (*switch-reference*) e de outros tipos de referência entre sentenças. Outras terminologias teóricas que por ventura não tenham sido mencionadas aqui, certamente serão definidas conforme se faça necessário.

4.2. As construções interrogativas

Os estudos sobre interrogação focalizam geralmente os dois tipos de perguntas mais comuns nas línguas naturais: a) as interrogativas que esperam uma resposta positiva (sim) ou uma negativa (não), ou seja, as chamadas interrogativas polares ou globais e b) as perguntas de conteúdo, isto é, aquelas constituídas por um sintagma interrogativo **Qu-** (*que, quando, qual, onde, por que, o que*, entre outros), também conhecidas como não-polares, parciais ou simplesmente perguntas **Qu-**.

Em geral, as línguas exibem mecanismos diversos visando a distinguir sentenças interrogativas de declarativas. Recursos como a entonação, a inversão de constituintes na sentença, o uso de auxiliares verbais e de clíticos, entre outros, podem servir a essa tarefa. Na

seqüência, mostraremos os recursos usados pela língua Shanenawa na formação de enunciados interrogativos.

4.2.1. As interrogativas polares

Em Shanenawa, conforme antecipamos em 3.2.1.3.1.3., as construções interrogativas polares são marcadas pelo sufixo {-**man**} que, em geral, aparece ligado ao constituinte (um SN pleno ou um pronome) que ocupa na sentença a posição inicial. Os dados exemplificados, abaixo, ilustram isso:

- (216) (a) **min-man** runu- ϕ riti-a
 2ps-INTERR cobra-ABS matar-PAS
 ‘Você matou a cobra?’
- (b) **runu-man** takara- ϕ pi-mis-i
 cobra-INTERR galinha-ABS comer-ASP-N.PAS
 ‘A cobra come galinha?’
- (c) **Iraci-man** Feijó-ani ka-a
 Iraci-INTERR Feijó-LOC ir-PAS
 ‘Iraci foi para Feijó?’
- (d) **a-man** ma uşa-a
 3ps-INTERR já dormir-PAS
 ‘Ele já dormiu?’

Esse comportamento coincide com o de outra língua da família Pano, o Katukina, pois, de acordo com Aguiar (1994), as interrogativas polares levam a marca {-**ra**} sufixada ao SN linearmente posicionado no início da sentença, conforme podemos constatar nos exemplos transcritos, a seguir:

- (217) (a) **mami-ra** junpa pi-ai
 Mami-INTERR mamão comer-PRES
 ‘Mami come mamão?’

- (b) kana-**ra** naʃi βai
 Kana-INTERR tomar banho PAS
 ‘Kana foi tomar banho?’

Eventualmente, contudo, o morfema interrogativo {-**man**} também pode ser afixado à raiz verbal, figurando no final absoluto das sentenças da língua Shanenawa, como nos dados, abaixo:

- (218) (a) min runu-ϕ riti-a-**man**
 2ps cobra-ABS matar-PAS-INTERR
 ‘Você nunca matou cobra?’
- (b) runu-n takara-ϕ pi-mis-i-**man**
 cobra-ERG galinha-ABS comer-ASP-N.PAS-INTERR
 ‘A cobra come galinha?’
- (c) Iraci-ni Feijó-ani ka-a-**man**
 Iraci-ERG Feijó-LOC ir-PAS-INTERR
 ‘Iraci foi para Feijó?’
- (d) a ma uşa-a-**man**
 3ps já dormir-PAS-INTERR
 ‘Ele já dormiu?’

Esse comportamento, por sua vez, se assemelha ao do Sharanahua, outra língua Pano, em que, segundo descrição feita por Scott & Frantz (1974), as sentenças interrogativas polares levam a marca {-**mun**} associada ao verbo, como demonstram os exemplos, a seguir:

- (219) (a) min chasho rutu-a-man-**mun**
 2ps veado matar-ASP-NEG-INTERR
 ‘Você não tem matado veado?’
- (b) chasho ya-ma-i-**mun**
 veado con⁹⁹-NEG-CONTINUATIVO-INTERR
 ‘Não tem veado?’

Nesse sentido, a estrutura gramatical e fonológica do Sharanawa aproxima-se daquela que, eventualmente, os falantes Shanenawa utilizam. Em termos gerais, no entanto, a estrutura das interrogativas da língua está mais próxima da verificada nos dados Katukina, ou seja, obedece aos seguintes esquemas:

⁹⁹ Esta convenção adotada pelos autores Scott & Frantz (1974) significa: continuativo.

- (220) (a) [SN (pleno ou pronome)-INTERR + O + V]
 (b) [SN (pleno ou pronome) + O + V-INTERR]

Essa semelhança entre os dois idiomas da família não parece resultar do contato atual entre os povos, visto que até onde pudemos observar isso não ocorre com frequência por questões de distância geográfica. Todavia, não podemos descartar a hipótese de mudança lingüística, afinal, há possibilidades de que no passado tenha havido o contato. Como mencionamos no Capítulo I, existem alguns relatos sobre a origem dos Shanenawa no alto rio Gregório, região esta hoje habitada pelos Katukina.

4.2.2. As interrogativas não polares

Segundo Greenberg (1966), existe uma relação mútua entre a construção de sentenças interrogativas não polares e a ordem dos constituintes maiores das línguas. Nesses termos, as línguas com núcleo inicial, ou seja, SVO seriam caracterizadas pelo deslocamento de formas interrogativas (as chamadas **Qu-**) para a posição inicial da sentença. Em contrapartida, línguas com núcleo final (SOV) não teriam tal propriedade.

Grande parte dos dados apresentados até o momento dá conta de que, de acordo com a posição dos constituintes maiores da sentença, o Shanenawa é uma língua com núcleo final, isto é, a ordem é **S(ujeito)-O(bjeto)-V(erbo)**, em construções com verbo transitivo e **S(ujeito)-V(erbo)** com verbos intransitivos. Disso se poderia esperar que as formas interrogativas não figurassem na posição inicial da sentença. No entanto, contrariando os universais de Greenberg, tais como foram descritos em 3.2.2.2., as referidas formas **Qu-** ocupam justamente a posição inicial das sentenças na língua.

Além disso, é possível que o morfema **{-man}**, presente nas sentenças polares, seja afixado às formas interrogativas, conforme ilustrado nos dados seguintes:

- (221) (a) **awi-man** iʃkin-φ pi-a
Qu-INTERR peixe-ABS comer-PAS
 ‘Quem comeu o peixe?’

- (b) **haki-man** Iraci ka-a
 Qu-INTERR Iraci ir-PAS
 ‘Aonde Iraci foi?’

Comparando esses dados com os do Katukina, vemos aí outra semelhança entre as línguas aparentadas, haja vista que, segundo Aguiar (1994), nas interrogativas não polares, o marcador de interrogação polar {-ra} também acompanha o sintagma interrogativo, como expressam os exemplos:

- (222) (a) **hatun-ra** mami ſunpa pi-ai
 Qu-INTERR Mami mamão comer-PRES
 ‘Onde Mami come mamão?’
- (b) **hawi-ra** maſi ai
 Qu-INTERR Maxi PRES
 ‘O que Maxi está fazendo?’

Dessa forma, em termos comparativos também as sentenças interrogativas não polares do Shanenawa apresentam um comportamento semelhante ao da língua Katukina.

4.3. As construções coordenadas

Segundo Payne (1985:3), todas as línguas possuem estratégias de coordenação, seja no nível do sintagma, seja no da sentença. De fato, as línguas utilizam, a exemplo do Português, morfemas livres (as conjunções) para estabelecer uma relação de coordenação ou simplesmente o fazem recorrendo à justaposição das sentenças no enunciado.

Ainda de acordo com Payne (op. cit.), do ponto de vista lógico, é possível distinguir cinco tipos básicos de coordenação: *conjunção* (**p e q**), *postsection*, isto é, em que se faz uma opção pela primeira seção (**p e não q**), *presection*, ou seja, aquela em que se faz opção pela segunda seção (**não p e q**), *disjunção* (**p ou q**) e *rejeição* (**não p e não q**). Além dessa divisão lógica, esse autor atesta a existência de outras subdivisões semânticas, sendo uma delas a proposta por Dik (1972:279, apud Payne, op. cit.), que pode ser expressa em termos dos traços: [± Adversativo], [± Separado] e [± Enfático]. O primeiro é utilizado para indicar se os sintagmas ou sentenças coordenados estão ou não em contraste. O segundo indica que certa relevância está sendo dada a

um dos sintagmas ou sentenças em separado. Já o último indica que a coordenação em si mesma está sendo realizada.

Com base em tais considerações teóricas, apresentaremos nos próximos sub-itens a descrição dos tipos de construções coordenadas encontrados em nosso *corpus* da língua Shanenawa.

4.3.1. Coordenação com o traço [+Adversativo]

Já dissemos nas considerações teóricas que as construções coordenadas com o traço [+Adversativo] se caracterizam pela presença de um contraste entre as sentenças que compõem o enunciado ou entre suas implicações. Em Português e outras línguas indo-européias, isso geralmente é feito pelas chamadas conjunções adversativas (“mas”, “porém”, “todavia”, entre outras); na língua Shanenawa, geralmente, as relações de coordenação desse tipo são estabelecidas pela combinação justaposta entre duas sentenças cujas informações sobre o evento verbal nelas expresso se contrariam de alguma forma, como podemos constatar nos exemplos seguintes:

(223) (a)

[Militão-nu iʃkin-ϕ wisti-ma nifi-a]O₁ [Célio-nu ϕ nifi-ma-ki]O₂
 Militão-ERG peixe-ABS um-NEG pescar-PAS Célio-ERG [Od] pescar-NEG-DECL
 ‘Militão pescou muitos peixes, mas Célio não.’

(b)

[Rio Branco iʃu tin-ma-ki]O₁ [ninu iʃu tin-ki]O₂
 Rio Branco mosquito tem-NEG-DECL aqui mosquito ter-DECL
 ‘Em Rio Branco não tem mosquito, mas aqui tem.’

Reparemos, em (223:a), que é possível o apagamento do objeto que, em O₂ seria repetido (isto é, **iʃkin wistima** ‘muitos peixes’). Já no exemplo, em (223:b), mesmo tendo sido solicitado ao informante um dado com o apagamento do argumento em função de objeto do verbo da O₂, o falante o repete. Em síntese, o apagamento de termos repetidos em sentenças coordenadas desse tipo é facultativo.

Todavia, é importante registrarmos que a exemplo de outras línguas da família Pano como o Shipibo-Konibo (cf. Valenzuela, 2003), os falantes Shanenawa também têm utilizado a forma

askaşun, cujo sentido mais corrente é “então”, como conjunção adversativa. Assim, os dados em (223), acima, poderiam ser eliciados da seguinte forma:

- (224) (a) [Militão-nu işkin- ϕ wisti-ma nifi-a]O₁ [**askaşun** Célio nifi-ma-ki]O₂
 Militão-ERG peixe-ABS um-NEG pescar-PAS mas Célio pescar-NEG-DECL
 ‘Militão pescou muitos peixes, mas Célio não.’

- (b) [Rio Branco işu tin-ma-ki]O₁ [**askaşun** ninu işu tin-ki]O₂
 Rio Branco mosquito ter-NEG-DECL mas aqui mosquito ter-DECL
 ‘Em Rio Branco não tem mosquito, mas aqui tem.’

Ainda sobre as coordenadas com o traço [+Adversativo], devemos ressaltar que, no campo semântico, as sentenças podem não constituir obstáculos entre si, mas apenas informações que se contrariam em algum aspecto. Diferentemente disso, vemos os exemplos em (225), a seguir, em que, apesar de a glossa sugerir a adversidade entre as duas sentenças, a construção não pode ser considerada coordenada com traço [+Adversativo], pois o que ocorre é que uma das sentenças do enunciado se comporta como um impedimento do evento verbal da outra sentença envolvida:

- (225) (a) [in işkin- ϕ pi-paj-panan-ki]O₁ [işkin tin-ma-ki]O₂
 1ps peixe-ABS comer-DES-FRUST-DECL peixe ter-NEG-DECL
 ‘Eu queria comer peixe, mas não tem peixe.’
- (b) [in Feijó-ani ka-a-paj-panan-ki]O₁ [ui-a-ki]O₂
 1ps Feijó-LOC ir-PAS-DES-FRUST-DECL chover-PAS-DECL
 ‘Eu quis ir a Feijó, mas choveu.’

Na realidade, em consonância com o descrito na seção 3.3.2.2.2.6., sentenças desse tipo caracterizam o frustrativo na língua, sendo o mesmo marcado pelo morfema {-panan} afixado ao verbo da sentença matriz.

Os casos de construções coordenadas que carregam o traço [+Adversativo] encontrados no Shanenawa são do tipo conjunção (**p e q**), conforme exemplificado em (226:a-b), abaixo; rejeição (**não p e não q**), como em (226:c-d); *presection*, (**não p e q**), como em (226:e-f) e *postsection* (**p e não q**), como em (226:g-h):

(226) (a)

[Militão iwapa-ma-sta-ki]O₁ [fimi-ϕ fi-a-ki]O₂
 Militão grande-NEG-?-DECL fruta-ABS pegar-PAS-DECL
 ‘Militão não é alto, mas pegou a fruta.’

(b)

[Militão Feijó-ani ka-a-paj-ma-ki]O₁ [naşawata ka-a-ki]O₂
 Militão Feijó-LOC ir-PAS-DES-NEG-DECL ontem ir-PAS-DECL
 ‘Militão não queria ir a Feijó, mas foi ontem.’

(c)

[takara-n jura-ϕ naka-ma-ki]O₁ [pitsu-n naka-ma-ki]O₂
 galinha-ERG gente-ABS morder-NEG-DECL periquito-ERG morder-NEG-DECL
 ‘A galinha não morde gente, nem o periquito.’

(d)

[Assis-ϕ Rio Branco-ani ka-a-ma]O₁ [Militão-ϕ Feijó-ani ka-ma-ki]O₂
 Assis-ABS Rio Branco-LOC ir-PAS-NEG Militão-ABS Feijó-LOC ir-NEG-DECL
 ‘Assis não foi para Rio Branco, nem Militão foi para Feijó.’

(e)

[Joaquim ninka-ma-ki]O₁ [işkin-ϕ wistima nifi-ki]O₂
 Joaquim escutar-NEG-DECL peixes-ABS um-NEG pescar-DECL
 ‘Joaquim não escuta (é surdo), mas pesca muitos peixes.’

(f)

[naşawata ipa ni-a-ma-ki]O₁ [işkin-ϕ wistima nifi-a-ki]O₂
 ontem papai caçar-PAS-NEG-DECL peixe-ABS um-NEG pescar-PAS-DECL
 ‘Ontem papai não caçou, mas pescou muitos peixes.’

(g)

[Bruno şua-tapa-ki]O₁ [jumaj-ϕ ni-ma-ki]O₂
 Bruno forte-INTENS-DECL onça-ABS caçar-NEG-DECL
 ‘Bruno é muito forte, mas não caça onça.’

(h)

[ipa-n istuku-ϕ ni-a]O₁ [işkin-ϕ wisti-ma nifi-a-ma-ki]O₂
 papai-ERG macaco-ABS caçar-PAS peixe-ABS um-NEG pescar-PAS-NEG-DECL
 ‘Papai caçou um macaco, mas não pescou muitos peixes.’

Para concluir, é possível também encontrar na língua Shanenawa sentenças coordenadas com o traço [+Adversativo] do tipo negação de expectativa (*denial of expectation*)¹⁰⁰, que,

¹⁰⁰ Termo tomado de Lakoff (1971 apud Payne, 1985).

segundo Payne (1985), implica um contraste que está baseado na pragmática, tal como exemplificado pelos dados seguintes:

- (227) (a) [ui-i-ki]O₁ [Militão-ϕ Feijó-ani ka-i-ki]O₂
 chover-PRES-DECL Militão-ABS Feijó-LOC ir-N.PAS-DECL
 ‘Está chovendo, mas Militão vai para Feijó.’
- (b) [ui-i-ki]O₁ [mariri tin-i-ki]O₂
 chover-N.PAS-DECL Mariri ter-N.PAS-DECL
 ‘Vai chover, mas vai ter Mariri.’

O caráter pragmático desse tipo de construção coordenada reside, como podemos constatar nos exemplos, no fato de que a expectativa estabelecida pelo contexto em que O₁ está inserida acaba sendo quebrada ou negada por O₂.

4.3.2. Coordenação com os traços [+Separado] e [-Separado]

De acordo com a tipologia descrita em Payne (1985:17), existem línguas que possuem estratégias para indicar que sentenças coordenadas em um mesmo enunciado estão sendo consideradas unidades separadas ou distintas a despeito de sua ligação sintática. Nesse sentido, diz-se que essas sentenças carregam o traço [+Separado]. Em Inglês, uma estratégia utilizada para indicar isso, em coordenação do tipo conjunção, é feita por meio da adição de *both* ‘ambos’, como no exemplo em (228:a), a seguir:

- (228) (a) [**Both** John and Mary]_{SN} got married.
 ‘John e Mary se casaram.’
- (b) [John and Mary]_{SN} got married.
 ‘John e Mary se casaram.’

Reparemos que, apesar de ambos os nomes **John** e **Mary** serem argumentos do mesmo verbo e estarem ligados pela conjunção **and** no enunciado coordenado, isso não implica necessariamente que tenham executado a tarefa em conjunto (ou seja: no mesmo tempo, lugar e de forma recíproca). Assim, o papel de **both**, em (228:a), é acrescentar à sentença o traço [+Separado]; conseqüentemente, na forma não marcada em (228:b), a ausência de **both**, embora

neutra, implica que os SNs coordenados têm o traço [-Separado] indicando, geralmente, a reciprocidade do evento verbal.

Em Português, não há um elemento formal como **both** da língua inglesa ou um morfema utilizado para indicar o traço [+Separado] em sentenças coordenadas. Todavia, o apagamento de constituintes verbais que se repetem nas construções pode indicar o traço [-Separado]. Vejamos, por exemplos, os dados, abaixo:

- (229) (a) [Ana e Joana]_{SN} se alimentaram.
 (b) [[Ana]_{SN} almoçou]_{O₁} [e [Joana]_{SN} bebeu um copo de leite]_{O₂}.

Reparemos que, em (229:a), os SNs **Ana** e **Joana** podem ser tidos como portadores do traço [-Separado] devido ao apagamento do verbo **alimentar-se** em uma das duas estruturas coordenadas. Certamente, isso não implica uma “verdade” inquestionável, pois, de modo geral, o contexto se encarrega de reafirmar ou não tal suposição. Em contrapartida, em (229:b), a explicitação dos verbos em ambas as sentenças (O₁ e O₂) ou, em outras palavras, o não apagamento do constituinte verbal indica que no referido período, as sentenças coordenadas carregam o traço [+Separado].

Ao nosso ver, o comportamento da língua Shanenawa, em relação aos traços [+Separado] e [-Separado], ora apresenta semelhança parcial com o verificado no Inglês, ora com o que ocorre no Português.

Por exemplo, em situações análogas à verificada em (230:a), a seguir, os falantes Shanenawa também utilizam a estratégia do apagamento do verbo quando este se repete na(s) sentença(s). Por outro lado, em (230:b), a língua recorre a um elemento formal que indica o traço [-Separado]. Trata-se do sufixo {-nan} que, afixado à base verbal, marca o recíproco, conforme mencionamos na seção 3.2.1.3., do capítulo anterior. Notemos, finalmente, em (230:c), que, sem o morfema {-nan}, cabe exclusivamente ao contexto a tarefa de desfazer qualquer ambigüidade causada pelo suposto apagamento do verbo de um dos argumentos coordenados.

- (230) (a) runu-n **inun** kaman-na takara-φ naka-a-ki
 cobra-ERG CONJ cachorro-ERG galinha-ABS morder-PAS-DECL
 ‘A cobra e o cachorro morderam uma galinha.’

- (b) fakihu- ϕ **inun** pitsu- ϕ \textasciixu su-nan-a-ki
 menino-ABS CONJ periquito-ABS brincar-RECPR-PAS-DECL
 ‘As crianças e o periquito brincaram (um com os outros).’
- (c) fakihu- ϕ **inun** pitsu- ϕ \textasciixu su-a-ki
 menino-ABS CONJ periquito-ABS brincar-PAS-DECL
 ‘As crianças e o periquito brincaram
 (não necessariamente uns com os outros).’

4.3.3. Coordenação com o traço [-Enfático]

Segundo Payne (1985), a repetição de partículas conjuntivas entre SNs ou sentenças coordenadas pode ser opcional nas línguas do mundo. Na língua portuguesa, por exemplo, teoricamente a partícula coordenativa ou conjunção aditiva (em geral, “e”) pode ser usada entre todos os grupos que participam da coordenação. Contudo, na prática, geralmente o que se faz é inserir a conjunção apenas entre o penúltimo e o último grupos coordenados em um enunciado.

Na língua Shanenawa, a conjunção **inun** ‘e’ liga apenas sintagmas nominais. No nível da sentença, portanto, prevalece a justaposição dos grupos coordenados. Nesse caso, não há registro de ênfase, o que nos leva a descrever sentenças, tais como as que se seguem, como coordenadas munidas do traço [-Enfático]:

- (231) (a) [a itfu-a-aʃ]O₁ [[ϕ] paki-a]O₂
 3ps(ABS) correr-PAS-SR(SI) [elidido] cair-PAS
 [[ϕ] sian-a-ki]O₃
 [elidido] chorar-PAS-DECL
 ‘Ele correu, caiu e chorou.’
- (b) [nukuhuni-n raw- ϕ aja-a- \textasciixu sun]O₁ [[ϕ] na-a-ki]O₂
 homem-ERG cipó(veneno)-ABS beber-PAS-SR(SI) [elidido] morrer-PAS-DECL
 ‘O homem bebeu o cipó e morreu.’
- (c) [jumaj-ni a- ϕ riti-a- \textasciixu sun]O₁ [[ϕ] pi-a-ki]O₂
 onça-ERG 3ps(ABS) matar-PAS-SR(SI) [elidido] comer-PAS-DECL
 ‘A onça o (um veado) matou e o comeu.’

- (d) [jura- ϕ ka-a-a \mathfrak{s}]O₁ [[ϕ] fimi- ϕ pi-a]O₂
 índio-ABS ir-PAS-SR(SI) [elidido] fruto-ABS comer-PAS
- [[ϕ] isin-tini-a]O₃ [[ϕ] na-a-ki]O₄
 [elidido] dor-sentir(adoececer)-PAS [elidido] morrer-PAS-DECL
- ‘O índio foi (para a mata), comeu o fruto, adoeceu e morreu.’

4.3.4. Realização e apagamento dos argumentos verbais nas construções coordenadas

Em Shanenawa, a realização e o apagamento dos argumentos verbais nas construções coordenadas podem estar relacionados com o tipo de marcação de caso encontrado no núcleo dos enunciados. Essa hipótese leva em conta a definição de Dixon (1994:143) para o termo *pivô*, ou seja, o elemento empregado para identificar a função sintática principal nos processos de co-referenciação em construções complexas (mais de uma oração, como as coordenadas em questão) e, ao mesmo tempo, as restrições que orientam o pivô em situação de apagamento sob co-referência. De modo geral, o SN-pivô pode ser apagado em orações subordinadas ou coordenadas, mas nas línguas do tipo ergativo-absolutivo somente **S** e **O** podem ser apagados, ou seja, **A**, não. Para observarmos se isso é o que de fato ocorre na língua Shanenawa, tomemos novamente os dados expressos em (231) que, para maior comodidade, são re-apresentados, abaixo, com algumas adaptações.

- (232) (a) **S** **Vi** **[S]** **Vi**
 [a it \mathfrak{f} u-a-a \mathfrak{s}]O₁ [[ϕ] paki-a]O₂
 3ps(ABS) correr-PAS-SR(SI) [elidido] cair-PAS
- [S]** **Vi**
 [[ϕ] sian-a-ki]O₃
 [elidido] chorar-PAS-DECL
- ‘Ele correu, caiu e chorou.’
- (b) **A** **O** **Vt** **[S]** **Vi**
 [nukuhuni-n raw- ϕ aja-a- \mathfrak{s} un]O₁ [[ϕ] na-a-ki]O₂
 homem-ERG cipó(veneno)-ABS beber-PAS-SR(SI) [elidido] morrer-PAS-DECL
- ‘O homem bebeu o cipó e morreu.’
- (c) **A** **O** **Vt** **[O]** **Vt**
 [jumaj-ni a riti-a- \mathfrak{s} un]O₁ [[ϕ] pi-a-ki]O₂
 onça-ERG 3ps(ABS) matar-PAS-SR(SI) [elidido] comer-PAS-DECL
- ‘A onça matou ele (um veado) e o comeu.’

- (d) **S** **Vi** **[A]** **O** **Vt**
 [jura- ϕ ka-a-a \mathfrak{s}]O₁ [[ϕ] fimi- ϕ pi-a]O₂
 índio-ABS foi-PAS-SR(SI [elidido] fruto-ABS comer-PAS
- [S]** **Vi** **[S]** **Vi**
 [[ϕ] isin-tini-a]O₃ [[ϕ] na-a-ki]O₄
 [elidido] dor-sentir(adoecer)-PAS [elidido] morrer-PAS-DECL
 ‘O índio foi (para a mata), comeu o fruto, adoeceu e morreu.’

Pelo que podemos concluir dos dados, acima, pelo menos os exemplos em (232:a-c) parecem estar em consonância com a tipologia de Dixon (1994) acerca dos processos de apagamento de argumentos verbais nas línguas do mundo. Assim, em (232:a), o SN em função de **S**, marcado em O₁ do grupo coordenado, é apagado nas demais sentenças (O₂ e O₃); em (232:b), **S** é apagado, em O₂, mas **A**, em O₁, não o é. Finalmente, em (232:c), **O** é apagado em O₂.

Por outro lado, isso não parece ocorrer com o exemplo em (232:d), dado que **A** é elidido em O₂. Ao nosso ver, isso pode ser explicado pela presença do morfema {-a \mathfrak{s} } que, afixado a uma das bases verbais das estruturas subordinadas ou coordenadas, é um dos indicadores de co-referência entre os sujeitos de sentenças diferentes em um mesmo enunciado na língua Shanenawa.¹⁰¹ Em termos funcionais, esse morfema indica que o sujeito da primeira oração é também o da segunda, logo, a reiteração de **A** é desnecessária. Aliás, temos notado que para o falante Shanenawa, marcas como {-a \mathfrak{s} } parecem ter mais relevância em sentenças do tipo exemplificado em (232:d), do que a marca de ergatividade (a nasalidade) em SNs em função de **A** (ou sua ausência em SNs que funcionam como **S**). Em outras palavras, apesar de a língua não ignorar a concordância formal entre o SN sujeito efetivamente produzido no enunciado e o tipo de verbo (transitivo ou intransitivo) por intuição, tal concordância (ou seja: {-n} = **A**; {- ϕ } = **S**) se mostra facultativa (ou mesmo irrelevante) quando o falante “avisa” o ouvinte, através de sufixos do tipo de {- $\mathfrak{s}un$ }, que o(s) sujeito(s) de outro(s) verbo(s) que aparecem no enunciado é o mesmo, algo que justifica seu apagamento.¹⁰²

¹⁰¹ Ver, na seção 4.6.2., descrição mais detalhada sobre o sistema *switch-reference* e de outras referências entre sentenças.

¹⁰² Com isso, antecipamos também uma conclusão sobre a tipologia do Shanenawa que apresentaremos na descrição em 4.6.1., ou seja, a de que essa língua é morfologicamente ergativa, mas não sintaticamente.

4.4. As construções subordinadas

Em geral, as construções subordinadas ou dependentes caracterizam-se pela presença de propriedades sintáticas comuns a um nome, um adjetivo ou um advérbio. Em consonância com essas categorias ou classes de palavras, as sentenças subordinadas podem ser definidas de acordo com as funções semânticas e gramaticais que exercem na língua.

Convencionalmente, as relações de subordinação podem ser estabelecidas com base em três tipos de construções subordinativas: a) aquelas que envolvem uma sentença matriz e uma subordinada em função de SN complemento da matriz; b) aquelas constituídas pela matriz e uma subordinada que funciona como modificador de um SN integrante da sentença matriz; c) aquelas representadas pela matriz e uma outra sentença na posição de modificador de um SV ou mesmo da sentença matriz inteira.

Segundo Thompson & Longacre (1985:172), três dispositivos podem atuar na identificação de sentenças subordinadas: os morfemas subordinativos, as formas especiais de verbos e a ordem dos constituintes. Até onde pudemos observar, na língua Shanenawa, apenas os morfemas subordinativos são utilizados para marcar construções subordinadas.

Ainda de acordo com Thompson & Longacre (op. cit.), existem dois tipos de morfemas subordinativos: os gramaticais com significado não lexical e os gramaticais com conteúdo lexical. Podemos distinguir esses dois tipos, recordando as preposições da língua portuguesa para o primeiro caso e, para o último, algumas locuções conjuntivas temporais, por exemplo “antes que” ou “depois que”. Enquanto as preposições são desprovidas de significados lexicais, essas locuções carregam em si significados lexicais além dos gramaticais.

Como vimos no Capítulo III, a língua Shanenawa apresenta alguns morfemas, mais especificamente sufixos, que se ligam ao verbo ou ao nome a fim de estabelecer relações de subordinação entre sentenças. As relações adverbiais que indicam causalidade, locativo, temporalidade, comitativo, entre outras circunstâncias, exemplificam isso. Esses morfemas, considerando a tipologia descrita por Thompson & Longacre (op. cit.), representam os morfemas gramaticais subordinativos. Por outro lado, vimos ainda no capítulo anterior, que a língua conta com duas conjunções **inun** e **askaşun**, as quais, na condição de morfemas subordinativos, não apresentam conteúdo lexical, mas apenas gramatical.

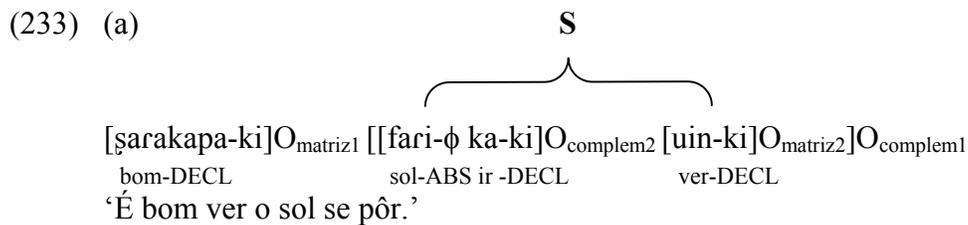
Baseando-nos nessas considerações preliminares, passaremos, na seqüência, à descrição dos tipos de sentenças subordinadas existentes na língua Shanenawa e, ainda, à apresentação de outras estratégias de subordinação possíveis.

4.4.1. As construções complemento

Processo comum entre as línguas do mundo, conforme dissemos anteriormente, a complementação caracteriza a ocorrência sintática de uma sentença em função de argumento de um predicado. À sentença nessa função, tradicionalmente, tem-se dado o nome de subordinada substantiva, mas dentre os estudos lingüísticos mais recentes, ela também tem sido chamada de “completiva” ou “complemento”.

De acordo com Noonan (1985:44), em termos morfológicos, a ligação entre as sentenças complementos e o predicado, em geral, costuma ocorrer com o auxílio de complementizadores, ou seja, palavras, clíticos ou afixos, cuja função é relacionar o predicado com o seu complemento. Na língua portuguesa, as palavras “que” e “se” (as chamadas conjunções integrantes) são consideradas complementizadores, haja vista funcionarem como elos entre a oração matriz (o predicado) e a oração subordinada substantiva (completiva). Contudo, em outras línguas, como o Kamaiurá (Tupi), morfemas nominalizadores especiais cumprem o papel de complementizadores na oração complemento (cf. Seki, 2000). No que diz respeito ao Shanenawa, parece que não há palavras ou clíticos na função de complementizador, mas alguns afixos são usados nessa função, como veremos posteriormente.

Sintaticamente, as sentenças complemento podem exercer as funções de sujeito (**S** ou **A**), de objeto (**Od** ou **Oi**), entre outras. Até onde pudemos constatar, em Shanenawa, essas sentenças exercem as funções de **S** e **O**, como ilustrado, a seguir:



- (b) **S**
- [fakihu-φ uşa-ki]O_{complem} [şarakapa-ki]O_{matriz}
 criança-ABS dormir-DECL bom-DECL
 ‘É bom que a criança durma.’
- (c) **S**
- [fakihu-n ini-φ aja-ki]O_{complem} [şarakapa-ki]O_{matriz}
 criança-ERG água-ABS beber-DECL bom-DECL
 ‘É bom que a criança beba água.’
- (d) **O**
- [in patian-i]O_{matriz} [a tʃaşu-φ ni-a-ki]O_{complem}
 1ps saber-N.PÁS 3ps(ERG) veado-ABS caçar-PAS-DECL
 ‘Eu acho que ele caçou um veado.’

Do ponto de vista semântico, é necessário restringir a definição de sentenças complementos, levando em consideração o fato de que nem todos os predicados verbais necessariamente pedem complemento. Com isso em mente, Givón (1990) atesta a existência de três classes de verbos que exigem complemento oracional: os verbos de modalidade (“querer”, “desejar”), os de manipulação (“mandar”, “pedir”) e os de cognição-elocução (“saber”, “pensar”, “dizer”).

A descrição das construções completivas na língua Shanenawa que apresentaremos neste estudo se pautará na tipologia proposta por Givón (op. cit.). Naturalmente, em paralelo, faremos a descrição formal e sintática dessas construções. Devemos acrescentar, ainda, que a presente análise será constituída apenas por algumas considerações preliminares sobre o tema. Futuras pesquisas devem ser feitas para que a tipologia das sentenças complemento da língua Shanenawa seja definida de forma mais abrangente.

4.4.1.1. Semântica de “modalidade” em construções simples

Em Shanenawa, as construções complemento com verbos de modalidade são, em termos estruturais, consideradas sentenças simples. As noções de “modalidade” não figuram em uma

sentença dependente da oração matriz, mas sim como um morfema ligado ao verbo da oração que em uma construção mais complexa estaria exercendo a função de complemento. Na realidade, a noção de complemento é expressa pelo desiderativo na língua, tal como foi mostrado na seção 3.3.2.2.2. e como reafirmam os dados seguintes:

- (234) (a) **in** **işkin-φ** **pi-paj-ki**
 1ps(NOM) peixe-ABS comer-DES-DECL
 ‘Eu queria comer peixe.’
- (b) **jumaj-φ** **ni-ani** **itşu-paj-ki**
 onça-ABS mata-LOC fugir-DES-DECL
 ‘A onça queria fugir para a mata.’
- (c) **in** **ia** **min** **işkin-φ** **nifi-paj-ki**
 1ps(NOM) 1ps(Oi) 2ps(ACUS) peixe-ABS pescar-DES-DECL
 ‘Eu gostaria que você pescasse um peixe para mim.’
- (d) **min-man** **nami-φ** **şui-paj**
 2ps(NOM) carne-ABS assar-DES
 ‘Você quer assar a carne?’
- (e) **a** **Feijó-ani** **ka-paj-ki**
 3ps(ABS) Feijó-LOC ir-DES-DECL
 ‘Ele quer ir para Feijó.’

Dessa forma, os verbos **pi** ‘comer’, **itşu** ‘fugir’, **nifi** ‘pescar’, **şui** ‘assar’ e **ka** ‘ir’, respectivamente, são os núcleos verbais das orações complemento do desiderativo, expresso em Shanenawa pelo morfema {-paj}. Isso implica que a categoria modalidade é co-lexicalizada (uma espécie de composto), ou seja, tal como teorizado por Givón (1990), o complemento ocorre adjacente ao verbo principal, este é expresso pelo morfema preso, enquanto o verbo complemento apresenta-se como base.

4.4.1.2. As construções complemento com verbos de “manipulação”

A exemplo das construções com verbos de modalidade, os enunciados com verbos de manipulação também são constituídos por sentenças formalmente simples em que se acrescenta a idéia de manipulação co-lexicalizada, isto é, via morfema afixado ao verbo complemento. Nesse caso, os morfemas podem, dependendo da semântica da manipulação, serem os mesmos

designados para marcar o causativo nessa língua {-ma} ou {-wa}, conforme mostrado em 3.2.1.3.5. e reiterado pelos exemplos em (235:a-b), abaixo, ou ser iguais àqueles que indicam o benefactivo, {-şuna} e {-şun}, como vimos na seção 3.3.2.2.2.5. e também como nos mostram os exemplos em (235:c-d), a seguir:

- (235) (a) iwa-n faki-hu raw-φ aja-**ma**-a-ki
 mãe-ERG menino-DEF veneno-ABS beber-CAUS-PAS-DECL
 ‘A mãe mandou o menino beber remédio.’
- (b) awinhu-n nukuhunî atsa-φ fi-**wa**-a-ki
 mulher-ERG homem macaxeira-ABS buscar-CAUS-PAS-DECL
 ‘A mulher fez o homem ir buscar macaxeira.’
- (c) iwa-n faki-hu raw-φ aja-**şuna**-a-ki
 mãe-ERG menino-DEF veneno-ABS beber-BENEF-PAS-DECL
 ‘A mãe pediu ao menino para beber remédio.’
- (d) awinhu-n nukuhunî atsa-φ fi-**şun**-i-ki
 mulher-ERG homem macaxeira-ABS buscar-BENEF-N.PAS-DECL
 ‘A mulher pediu para o homem ir buscar macaxeira.’

4.4.1.3. As construções complemento com verbos de “cognição-elocução”

Diferentemente das construções com verbos de modalidade e de manipulação, os enunciados constituídos por sentenças complemento com verbos de cognição-elocução não são considerados co-lexicalizados. Ao que parece, esse tipo de construção se assemelha em certa medida ao que vemos na língua portuguesa, ou seja, uma sentença com núcleo verbal pleno exercendo a função de complemento de outro verbo que está em uma sentença principal ou matriz. Nos exemplos seguintes isso pode ser melhor visualizado:

- (236) (a) [in şinan]_{Omatriz} [min şara-ki]_{Ocomplem}
 1ps pensar 2ps bom-DECL
 ‘Eu penso que você é bom.’
- (b) [min-man tapian]_{Omatriz} [ui-i]_{Ocomplem}
 2ps-INTERR saber chover-N.PAS
 ‘Você sabe se vai chover?’

- (c) [Militão tapian]_{Omatriz} [jura- ϕ riti-a-ki]_{Ocomplem}
 Militão saber índio-ABS matar-PAS-DECL
 ‘Militão sabe quem matou o índio.’
- (d) [in tapian]_{Omatriz} [a tsa ϕ ni-a-ki]_{Ocomplem}
 1ps saber 3ps veado-ABS caçar-PAS-DECL
 ‘Eu sei que ele caçou um veado.’

Notemos que essas sentenças complemento não se ligam aos predicados via complementizadores. O que se verifica é a justaposição linear dos constituintes sentenciais na seguinte ordem: **Omatriz** + **Ocomplem**. Nesse tipo de construção, o complemento está sempre em função de **O** e pode ser nominal, como em (236:a), ou verbal, como nos demais exemplos.

4.4.2. As construções relativas

Dentro da descrição de orações complexas ou subordinadas, trataremos, nesta seção, das chamadas construções relativas. Para tanto, seguiremos a definição funcional dada por Comrie (1981:136), ou seja, a de que uma sentença relativa consiste, necessariamente, de um núcleo e uma oração restritiva, em que, em palavras do autor: “*the head in itself has a potential range of referents, but the restricting clause restricts this set by giving a proposition that must be true of the actual referents of the over-all construction*”.

Em Shanenawa, os falantes costumam organizar os enunciados do seguinte modo: um constituinte da sentença maior (tradicionalmente chamada “matriz” ou “principal”) é relativizado por meio do encaixamento de uma sentença restritiva na sentença maior. Como podemos notar nos exemplos em (237), a seguir, os sintagmas nominais (**nukuhuni** ‘homem’, nos três primeiros dados, e **sa ϕ** ‘canoa’, no último) das orações matrizes são modificados, ou seja, seus campos de referência são restringidos pelas sentenças restritivas.

- (237) (a) [[nukuhuni]_{Nu} [na- ϕ inan]_{Orestr} iwapa-ma-sta]_{Omatriz}
 homem morrer-PAS grande-NEG-?(baixo)
 ‘[O homem [ϕ que morreu] era baixo].’
- (b) [[nukuhuni]_{Nu} [in uin-a]_{Orestr} u-a-ki]_{Omatriz}
 homem 1ps ver-PAS vir/chegar-PAS-DECL
 ‘[O homem [que eu vi ϕ], chegou].’

- (c) [[*in* [*nukuhuni*]_{Nu} *futʃi-a* [*ia* *piti-ϕ* *pi-a*]_{Orestr}]_{Omatriz}
 1ps homem encontrar-PAS POSS comida-ABS comer-PAS
 ‘[Eu encontrei o homem [ϕ que comeu minha comida].’
- (d) [[*in* [*ʃaʃu*]_{Nu} *u-a*]_{Orestr} *in* *kuka-na*]_{Omatriz}
 1ps canoa vir-PAS POSS tio-GEN(POSS)
 ‘[A canoa [ϕ em que eu vim] é do meu tio].’

No que respeita à demarcação da posição relativizada, notemos que não há nenhum elemento (afixo subordinador no verbo ou um outro tipo de marcador como um pronome pessoal ou relativo) indicando o “campo de relativização” a que se refere a sentença restritiva. Isso nos leva a deduzir que o Shanenawa pertença ao grupo de línguas a que Keenan (1985:146) se refere como aquelas que não costumam marcar o elemento em domínio da relativização. Isto é, não existe um elemento na sentença relativa que expresse o SN relativizado. Logo, nessa língua as sentenças relativas são formadas por *gapping* (lacuna) da posição do núcleo nominal. Este é um comportamento que se diferencia do verificado em outras línguas do mundo como, por exemplo, as da família Tupi-Guarani, dentre as quais citamos o Kamaiurá em que, segundo Seki (2000), a estratégia básica de relativização é a nominalização da oração por meio de afixos nominalizadores apresentados anteriormente. Outro exemplo é caracterizado por línguas que, como o Português, recorrem a um transpositor (um pronome relativo) para relativizar um termo do enunciado.

Assim, como vimos nos exemplos em (237), no processo de relativização no Shanenawa, embora o constituinte relativizado na sentença matriz seja apagado na sentença restritiva (ou seja: **Nu** = ϕ), o mesmo exerce a função de núcleo do verbo encaixado. Por isso, pode-se dizer que as orações relativas nessa língua são encaixadas e têm núcleo externo (isto é, fora da sentença restritiva).

Na sentença restritiva, o termo relativizado pode exercer várias funções sintáticas: **S**, **A**, **Od**, adjuntos, entre outras. Os dados apresentados, a seguir, ilustram alguns desses casos:

- (238) (a) **Nu = S**
 [[*nukuhuni*]_{Nu} [*na-ʃinan*]_{Orestr} *iwapa-ma-sta*]_{Omatriz}
 homem morrer-PAS grande-NEG-(baixo)
 ‘[O homem [ϕ que morreu] era baixo].’

- (b) **Nu = Od**
 [[nukuhuni]_{Nu} [in uin-a]_{Orestr} u-a-ki]_{Omatriz}
 homem 1ps ver-PAS vir/chegar-PAS-DECL
 ‘[O homem [que eu vi ϕ], chegou].’
- (c) **Nu = A**
 [[in [nukuhuni]_{Nu} futʃi-a [in piti pi-a]_{Orestr}]_{Omatriz}
 1ps homem encontrar-PAS POSS comida comer-PAS
 ‘[Eu encontrei o homem [ϕ que comeu minha comida].’
- (d) **Nu = Adjunto**
 [[in [ʃaʃu]_{Nu} u-a]_{Orestr} in kuka-na]_{Omatriz}
 1ps canoa vir-PAS POSS tio-GEN(POSS)
 ‘[A canoa [ϕ em que eu vim] é do meu tio].’
- (e) **Nu = Od**
 [ʃaw [in naka-a]_{Orestr} in aʃfua isin-a-ki]_{Omatriz}
 osso 1ps (NOM) morder-PAS POSS(1ps) boca machucar-PAS-DECL
 ‘[O osso [que eu mordi ϕ], machucou minha boca].’

Quanto à ordem dos constituintes nas sentenças relativas do Shanenawa, é possível notarmos uma certa regularidade de ocorrência da ordem em que o núcleo antecede imediatamente a sentença relativa nos enunciados, ou seja: [**Smatriz** [**Nu** + **Orestr**]]. Nesses termos, dentro da tipologia estabelecida por Lehmann (1986), as sentenças relativas da língua Shanenawa podem ser classificadas como pós-nominais com núcleo nominal externo. Isso é o que também parece ocorrer com relativas sem um núcleo expresso no enunciado principal, como mostram os seguintes dados:

- (239) (a) [in tapian-i [jura- ϕ riti-a]_{Orestr}]_{Omatriz}
 1ps saber-PRES índio matar-PAS
 ‘Eu sei o que matou o índio.’
- (b) [in tapian-i-ma [in pi-a-ki]_{Orestr}]_{Omatriz}
 1ps saber-PRES-NEG 1ps comer-PAS-DECL
 ‘Eu não sei o que eu comi.’
- (c) [[in pi-a]_{Orestr} ʃara-kapa]_{Omatriz}
 1ps comer-PAS bom-INTENS
 ‘O que eu comi é muito bom.’

Em termos gerais, portanto, podemos dizer que a estratégia básica ou “normal” (entenda-se: mais usual) de relativização na língua Shanenawa é o *gapping*, além de um certo ordenamento dos constituintes envolvidos no processo de encaixamento, isto é, o SN núcleo (quando há) sempre precedendo a sentença restritiva. Todavia, existem, ainda, outras duas alternativas para se estabelecer a relativização no idioma.

A primeira vale-se da palavra **askaşun** que é uma das poucas conjunções da língua e que, por vezes, também faz o papel de pronome relativo ou de complementizador em sentenças como a que se segue:

- (240) [Militão-nu kaman-φ kuşa-a]O₁
 Militão-ERG cachorro-ABS bater-PAS
- [**askaşun** fakihu-φ naka-a]O₂
 PRO REL (TRPOS) menino-ABS morder-PAS
 ‘Militão bateu no cachorro que mordeu o menino.’

Finalmente, a outra alternativa de relativização no Shanenawa se caracteriza pelo fato de, às vezes, os falantes repetirem na sentença encaixada o sintagma nominal referente ao domínio relativizado, como sugerem os dados, abaixo:

- (241) (a) [[in [pişi-φ]_{Nu} uin-i]_{Orestr} jura [pişi]_{Nu}-ma-ki]_{Omatriz}
 1ps casa-ABS ver-PRES índio casa-NEG-DECL
 ‘A casa que eu estou vendo não é de índio.’
- (b) [[[jura-φ]_{Nu} na-a]_{Orestr} [jura]_{Nu} şara-kapa]_{Omatriz}
 índio-ABS morrer-PAS índio bom-INTENS
 ‘O índio que morreu era bom.’

Essa estratégia, tal como ocorre com aquela que usa a conjunção **askaşun**, não é muito utilizada. Ainda assim, como atestam os exemplos em (241), parece atender à caracterização de Keenan (1985:152) para esse tipo de sentença. Segundo o autor, se o núcleo relativizado ocupa na sentença matriz a posição de sujeito ou objeto, é possível que na sentença relativa haja uma repetição literal desse núcleo.

4.4.3. As construções adverbiais

Segundo Thompson & Longacre (1985), aparentemente todas as línguas do mundo têm construções constituídas por duas sentenças em que uma delas exerce a função de um modificador adverbial de outra. Ainda de acordo com esses autores, as sentenças adverbiais encontradas em línguas do mundo podem ser divididas em 12 tipos básicos, sendo estes distribuídos em duas classes: a daquelas que podem ser substituídas por uma única palavra e a das que não podem ser substituídas por uma única palavra.

Na primeira classe, incluem-se as sentenças subordinadas temporais, locativas e de modo; na segunda, incluem-se as objetivas, as explicativas, as circunstanciais, as simultâneas, as condicionais, as concessivas, as substitutivas, as aditivas e as absolutivas.¹⁰³

Em nossa análise da língua Shanenawa não encontramos todos os tipos de sentenças adverbiais referidos, de modo que a descrição que se segue contemplará apenas alguns casos. Obviamente, os estudos sobre essa língua deverão continuar e, na medida em que forem identificados e se o forem, claro, os tipos de sentenças serão descritos em trabalhos futuros.

Levando em consideração o fato de que nem sempre as circunstâncias adverbiais podem estar embutidas em orações subordinadas em muitas línguas do mundo, mas sim ser expressas por construções coordenadas ou justapostas, pensamos ser conveniente iniciarmos a descrição das construções adverbiais do Shanenawa por esses casos. Posteriormente, trataremos das construções subordinadas propriamente ditas.

4.4.3. 1. As construções condicionais

Em termos sintáticos, a maioria das línguas marca sentenças condicionais através de morfemas. No Português e no Inglês, dentre outros idiomas, morfemas livres (“se” e “if”, respectivamente) funcionam como marcas de condicional. Em outros casos, como o Kamaiurá (Tupi), isso ocorre através de partículas (Seki, 2000) ou, em línguas como o Ikpeng (Karib), o processo se dá via morfemas presos (Pachêco, 2001).

¹⁰³ A distinção básica entre o primeiro e o segundo grupo de sentenças subordinadas é, de acordo com Thompson & Longacre (1985), que geralmente as línguas têm advérbios monomorfêmicos não anafóricos para expressar relações de tempo, lugar e modo, mas não os têm para indicar relações objetivas, explicativas, concessivas, entre outras.

A análise dos dados Shanenawa revela que, para indicar a relação de condicionamento entre dois eventos verbais, os falantes não recorrem a construções de subordinação. Ao que parece, há uma justaposição de dois grupos em um mesmo enunciado, sendo cada um deles constituído pelas duas sentenças envolvidas na relação condicional: a *condicionada* e a *condicionadora* (que respectivamente se traduzem por *matriz* e *subordinada* em outras línguas).¹⁰⁴ A realização ou não de um dos eventos envolvidos no enunciado depende de uma espécie de jogo lógico de concessão executado com base nas noções de *negação* e *afirmação* dos eventos verbais.

Nesse “jogo”, se, como no exemplo em (242:a), a seguir, no primeiro grupo de sentenças, o pressuposto é que para que um evento **X** se realize (portanto, seja AFIRMATIVO), um evento **Y** também deve se realizar (portanto, ser AFIRMATIVO), necessariamente, isso deve ser negado no segundo grupo sentencial:

(242) (a)

[*in* nami- ϕ pi-a ϕ , *in* u ϕ a-i-ki;]_{Grupo I}
1ps carne-ABS comer-SR(SI), 1ps dormir-N.PAS-DECL

[*in* nami- ϕ pi-ma-a ϕ , *in* u ϕ a-i-ma-ki]_{Grupo II}
1ps carne-ABS comer-NEG-SR(SI), 1ps dormir-N.PAS-NEG-DECL

Dado solicitado: ‘Se eu comer carne, eu dormirei.’

Dado eliciado: ‘Eu como carne, eu dormirei; eu não como, eu não dormirei.’

(b)

[Auricélio- ϕ jamiri niku-ma-kin, nun ninu- ϕ pi-i-ma-ki;]_{Grupo I}
Auricélio-ABS amanhã chegar-NEG-SR(SD), 1pp pato-ABS comer-N.PAS-NEG-DECL

[Auricélio- ϕ jamiri niku-kin, nun ninu- ϕ pi-i-ki]_{Grupo II}
Auricélio-ABS amanhã chegar-SR(SD), 1pp pato-ABS comer-N.PAS-DECL

Dado solicitado: ‘Se Auricélio não chegar amanhã,
nós não comeremos pato.’

Dado eliciado: ‘Auricélio não chega amanhã, nós não comeremos pato;
Auricélio chega amanhã, nós comeremos pato.’

¹⁰⁴ A condicionadora tem sido chamada por alguns estudiosos de sentença “se” (*if-clause*), ao passo que a condicionada é conhecida como sentença “então” (*then-clause*).

(c)

[min raw- ϕ aja-ma-aş, min na-i-ki;]_{Grupo I}
 2ps cipó-ABS beber-NEG-SR(SI), 2pp morrer-N.PAS-DECL

[min raw- ϕ aja-aş, min na-i-ma-ki;]_{Grupo II}
 2ps cipó-ABS beber-SR(SI), 2pp morrer-N.PAS-NEG-DECL

Dado solicitado: ‘Se você não beber o cipó, morrerá.’

Dado eliciado: ‘Você não bebe o cipó, você morrerá;
 você bebe o cipó, não morrerá.’

(d)

[ui-kin, Bruno- ϕ faj-ani ka-i-ma-ki;]_{Grupo I}
 chover-SR(SD), Bruno-ABS roçado-LOC ir-N.PAS-NEG-DECL

[ui-ma-kin, Bruno- ϕ faj-ani ka-i-ki]_{Grupo II}
 chover-NEG-SR(SD), Bruno-ABS roçado-LOC ir-N.PAS-DECL

Dado solicitado: ‘Se chover, Bruno não vai para o roçado.’

Dado eliciado: ‘Chove, Bruno não vai para o roçado;
 não chove, Bruno vai para o roçado.’

Atentando-nos para as estruturas da língua portuguesa nos dados solicitados em (242:a), acima, vemos que a idéia é a de que, para que o evento expresso na oração matriz se realize, há na oração subordinada uma condição necessária. Assim, “*se X é AFIRMATIVO, então, Y é AFIRMATIVO*”. Por outro lado, a estrutura do Shanenawa, por não contar com elementos formais para marcar a subordinação condicional, como já registrado anteriormente, caracteriza-se por um contraste entre os dois grupos de sentenças que constituem o enunciado condicional. Dessa forma, pressupõe-se que “*se X é AFIRMATIVO, então, Y é AFIRMATIVO; em contrapartida, se X for NEGATIVO, então, Y será NEGATIVO*”. Nos demais dados em (242), em que outras combinações dos eventos envolvidos são apresentadas, também vemos a estratégia do segundo grupo sentencial de negar o que é expresso no primeiro grupo.¹⁰⁵

No que respeita ao tempo e ao aspecto dos verbos nas construções condicionadas da língua Shanenawa, notemos que, nas primeiras sentenças de cada grupo, ou seja, a condicionadora, o verbo aparece sempre no presente com aspecto imperfeito, já nas sentenças matrizes o verbo é sempre conjugado no futuro.

¹⁰⁵ Estruturas condicionais semelhantes podem ser vistas em outra língua Pano, o Capanahua (Loos, 1999b).

Na tipologia de Thompson & Longacre (1985), do ponto de vista semântico, as condicionais podem ser “reais” (assim rotuladas considerando sua execução “real” em um tempo específico: passado, presente e futuro) ou “não reais” (aquelas que se referem a situações irreais do tipo: imaginário, em que se incluem as hipotéticas e as contrafatuais, e as preditivas). Conforme denotam os exemplos em (242), aparentemente essa distinção é irrelevante na estrutura da língua Shanenawa.

4.4.3.3. As construções temporais

Segundo Thompson & Longacre (1985), as construções subordinadas adverbiais temporais podem ser de três tipos: temporais seqüenciais; temporais causais e temporais que indicam anterioridade. Dentre esses tipos, encontramos na língua Shanenawa apenas o primeiro e o último, isso em termos formais, porque do ponto de vista semântico, ao que nos parece, muitas dentre as sentenças subordinadas temporais carregam em si uma informação sobre *causa* de ocorrência ou não de um determinado evento.

Os enunciados que indicam uma determinada seqüência temporal entre as sentenças que o compõem são normalmente marcados por morfemas especiais do tipo independentes, como, por exemplo, as conjunções e advérbios temporais da língua portuguesa ou, então, do tipo afixos verbais. Este último caso pode ser visto na língua Shanenawa, conforme mostram os exemplos, a seguir:

(243) (a)

[ipa- ϕ u-**nun**]_{OSAT} [fakihu-n iskin- ϕ pi-a]_{Omatriz}
 papai-ABS chegar-SR(SD) crianças-ERG peixe-ABS comer-PAS
 ‘Antes de papai chegar, as crianças comeram o peixe.’

(b)

[Iraci-ni carne- ϕ şui-şun]_{OSAT} [şipi mutsa- ϕ wa-a-ki]_{Omatriz}
 Iraci-ERG carne-ABS assar-SR(SI) banana mingau-ABS fazer-PAS-DECL
 ‘Antes de assar a carne, Iraci fez mingau de banana.’

Como veremos na seção 4.6.2., o morfema {-**nun**} acumula algumas funções. No exemplo em (243:a), acima, por exemplo, seu papel é determinar a ordem seqüencial temporal de ocorrência dos dois eventos envolvidos no enunciado: o evento da oração subordinada é *posterior*

àquele que figura na matriz. Já, em (243:b), o morfema {-**sun**}, que como veremos também acumula algumas funções, é que estabelece essa seqüência temporal entre as sentenças.

Quanto ao segundo tipo, este inclui sentenças subordinadas adverbiais temporais que indicam que o evento verbal nelas expressos é, como o próprio nome diz, *anterior* ao evento que aparece na sentença matriz. Os dados, abaixo, exemplificam isso:

- (244) (a) [ini paki-**tan**]_{OSAT} [fakihu- ϕ sian-a-ki]_{Omatriz}
 água cair-SR(SI) menino-ABS chorar- PÁS-DECL
 ‘Depois que caiu no rio, o menino chorou.’
- (b) [ipa ninu-**nun**]_{OSAT} [nun i sk in- ϕ pi-i-ki]_{Omatriz}
 papai chegar-SR(SD) 1pp peixe-ABS comer-N.PAS-DECL
 ‘Depois que papai chegar, nós comeremos o peixe.’

A exemplo das sentenças temporais seqüenciais, as subordinadas que indicam anterioridade também são marcadas por sufixos que denotam sua condição de antecedente no tempo em relação à sentença matriz.

4.4.3.3.3. As construções simultâneas

Na tipologia apresentada por Thompson & Longacre (1985) para as sentenças adverbiais, as chamadas subordinadas simultâneas indicam uma coincidência ou sobreposição (*overlap*) dos eventos que compõem um determinado enunciado. Em Shanenawa, tal qual ocorre com as sentenças adverbiais temporais, existem sufixos específicos para marcar a simultaneidade dos eventos, conforme podemos constatar nos exemplos:

- (245) (a) [Edna- ϕ isintini-**i**]_{OSAT} [Goiás-ani ka-a-ki]_{Omatriz}
 Edna-ABS adoecer-SR(SI) Goiás-LOC ir-PAS-DECL
 ‘Edna foi para Goiás, quando ela estava doente.’
- (b) [ipa- ϕ faj-ani ka-**aj**]_{OSAT} [Bruno- ϕ Feijó-ani ka-a]_{Omatriz}
 papai-ABS roçado-LOC ir-SR(SD) Bruno-ABS Feijó-LOC ir-PAS
 ‘Enquanto papai foi para o roçado, Bruno foi para Feijó.’

Além da simultaneidade, conforme veremos na seção 4.6.2.2.2., os sufixos {-i} e {-aj} também têm outras funções.

4.5. A ordem dos constituintes

Na língua Shanenawa, como em várias outras do mundo, ocorre uma certa hierarquia nos níveis das funções semânticas e gramaticais. Considerando, inicialmente, as funções semânticas, conforme expostas no Capítulo III, os dados apresentados até aqui e, ainda, os expostos em (246), a seguir, dão conta de que a língua tem o que muitos consideram como ordem semântica natural, isto é, aquela em que o agente precede o paciente.

- (246) (a) **AGENTE** **PACIENTE**
 in mia kuşa-a-ki
 1ps 2ps bater-PAS-DECL
 ‘Eu bati em você.’
- (b) **AGENTE** **PACIENTE**
 Assis pia-φ fitʃi-a-ki
 Assis-ERG flecha-ABS achou-PAS-DECL
 ‘Assis achou uma flecha.’

Com respeito às funções gramaticais de (S)ujeito, (O)bjeto e (V)erbo, em concordância com o que diz um dos 45 universais de Greenberg (1966), a língua Shanenawa apresenta como ordem dominante e bastante rígida o sujeito precedendo o objeto em sentenças declarativas simples com verbo transitivo, conforme vemos na Figura 5, abaixo, e com verbo intransitivo, na Figura 6. Além disso, como em outras línguas SOV, o verbo auxiliar conjugado aparece após o verbo principal e, conforme propusemos em 3.3.2.2.2.3., na condição de morfema preso.

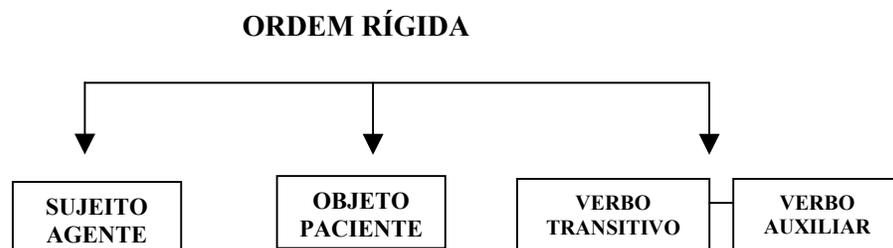


Figura 5: Ordem básica dos constituintes de sentenças declarativas simples com verbo transitivo.

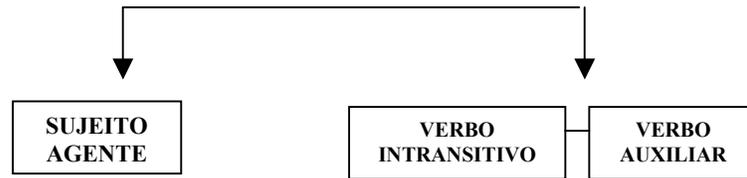


Figura 6: Ordem básica dos constituintes de sentenças declarativas simples com verbo intransitivo.

Outro argumento a favor da tipologia SOV para a língua Shanenawa tem embasamento na linha gerativa, mais especificamente em Ross (1970). Segundo esse autor, a definição da ordem básica dos constituintes em uma língua pode estar condicionada à elipse (*gapping*) do verbo em orações coordenadas. Isto é, em um enunciado com duas ou mais orações coordenadas é possível elidir a ocorrência de verbos idênticos. Assim, em línguas SVO, como o Português, essa elisão opera à direita da primeira ocorrência verbal, como sugerem os dados, a seguir:

- (247) (a.1.) **SVO + SVO**
 Eu gosto de churrasco e Almir [gosta]_v de lasanha.
- (a.2.) **SVO + SO**
 Eu gosto de churrasco e Almir [ϕ]_velidido de lasanha.

Em contrapartida, em línguas SOV, como o Japonês, a elipse do verbo se dá à esquerda da primeira ocorrência, conforme atestado pelo exemplo, a seguir, adaptado de Ross (1970):

- (248) (a.1.) **SOV + SOV**
 watakusi wa sakana o tabe, Biru wa gohan o tabeta.
 1ps PART peixe PART comer Biru PART arroz PART comer
 ‘Eu como peixe e Biru [come]_v arroz.’
- (a.2.) **SO + SOV**
 watakusi wa sakana o, Biru wa gohan o tabeta.
 1ps PART peixe PART Biru PART arroz PART comer
 ‘Eu [ϕ]_velidido peixe e Biru come arroz.’

Em concordância com a hipótese de Ross (1970:251), em enunciados compostos, a elipse de verbos na língua Shanenawa opera de acordo com a ordem dos elementos em que essa regra

de elipse se aplica. Ou seja, como no exemplo em japonês, a elipse ocorre à esquerda do verbo. Isso é ilustrado pelos dados seguintes:

- (249) (a.1.) **SOV + SOV**
 in iʃkin-φ pi-i-ai-ki, Almir ʃipi mutsa pi-i-ki
 1ps peixe-ABS comer-PRES-SD-DECL Almir banana mingau comer-N.PAS-DECL
 ‘Eu como peixe e Almir [come] v mingau de banana.’

- (a.2.) **SO + SOV**
 in iʃkin-φ, Almir-ni ʃipi mutsa-φ pi-i-ki
 1ps peixe-ABS Almir-ERG banana mingau-ABS comer-N.PAS-DECL
 ‘Eu [φ]_velidido peixe e Almir come mingau de banana.’

Por outro lado, a despeito de se tratar de uma característica comum às línguas SVO, tal como descrevemos em 3.2.2.2., o Shanenawa apresenta para sentenças interrogativas não polares a mesma ordem que as sentenças simples, com exceção da presença de palavras interrogativas na posição inicial, como no esquema, abaixo:

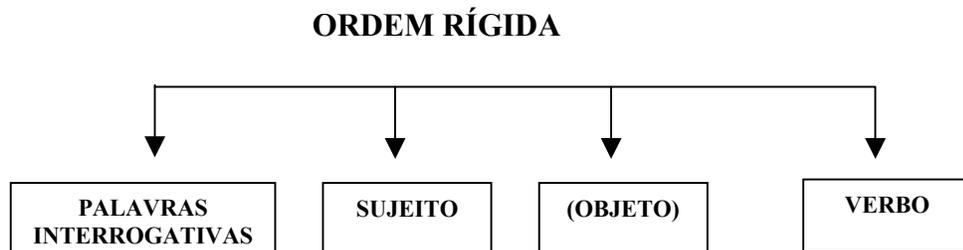


Figura 7: Ordem básica dos constituintes de sentenças interrogativas não polares.

Quanto a outras funções gramaticais, como as de objeto indireto e de adjuntos, em geral, também se tem reafirmado asserções teóricas do tipo “objetos diretos tendem a figurar mais próximos do verbo do que os objetos indiretos”, o que pode ser atestado pelos exemplos, a seguir:

- (250) (a) **S** **Oi** **Od** **V**
 Iraci-ni takara-φ ʃiki-φ inan-a-ki
 Iraci-ERG galinha-DAT milho-ABS dar-PAS-DECL
 ‘Iraci deu milho para a galinha.’
- (b) **S** **Oi** **Od** **V**
 Bruno-nun istuku-φ ʃipi-φ inan-i-ki
 Bruno-ERG macaco-DAT banana-ABS dar-N.PAS-DECL
 ‘Bruno dará banana para o macaco.’

Os adjuntos, por sua vez, não costumam obedecer a uma ordem tão fixa, podendo, inclusive, figurar após o verbo ou antes do sujeito. Isso, porém, apenas quando se trata de advérbios plenos (isto é, os apresentados em 3.2.1.3., em contraposição aos compostos por SNs em função de locativos, instrumentais, entre outros):

- (251) (a) **S ADJUNTO Oi Od V**
 Iraci-ni naşawata takara- ϕ şiki- ϕ inan-a-ki
 Iraci-ERG ADV(ontem) galinha-DAT milho-ABS dar-PAS-DECL
 ‘Iraci deu milho para a galinha, ontem.’
- (b) **S ADJUNTO Oi Od V**
 Bruno-nu jamiri istuku- ϕ şipi- ϕ inan-şunu-ki
 Bruno-ERG ADV(amanhã) macaco-DAT banana-ABS dar-FUT-DECL
 ‘Bruno dará banana para o macaco, amanhã.’
- (c) **ADJUNTO S Oi Od V**
 jamiri Bruno-nu Raimunda- ϕ atsa- ϕ fi-şunu-ki
 ADV(amanhã) Bruno-ERG Raimunda-DAT macaxeira-ABS trazer-FUT-DECL
 ‘Bruno trará macaxeira para Raimunda, amanhã.’
- (d) **ADJUNTO S Oi Od V**
 naşawata Raimunda-na Bruno- ϕ nami- ϕ şui-a-ki
 ADV(ontem) Raimunda-ERG Bruno-DAT carne-ABS assar-PAS-DECL
 ‘Raimunda assou carne para Bruno, ontem.’
- (e) **S Oi Od V ADJUNTO**
 Bruno-nu Raimunda- ϕ atsa- ϕ fi-şunu-ki jamiri
 Bruno-ERG Raimunda-DAT macaxeira-ABS trazer-FUT-DECL ADV(amanhã)
 ‘Bruno trará macaxeira para Raimunda, amanhã.’
- (f) **S Oi Od V ADJUNTO**
 Raimunda-na Bruno- ϕ nami- ϕ şui-a-ki naşawata
 Raimunda-ERG Bruno-DAT carne-ABS assar-PAS-DECL ADV(ontem)
 ‘Raimunda assou carne para Bruno, ontem.’

Em se tratando de adjuntos constituídos por SNs que indicam circunstâncias, temos observado uma certa tendência a que tais adjuntos se posicionem entre o sujeito e o objeto indireto, conforme vemos, a seguir:

- (252) (a) **S ADJUNTO Oi Od V**
 Assis-ni tʃanu-n faki-ϕ raw-ϕ inan-a-ki
 Assis-ERG colher-INSTR filho-DAT remédio-ABS dar-PAS-DECL
 ‘Assis deu remédio para o filho com a colher.’
- (b) **S ADJUNTO Oi Od V**
 Manoel-nu mifi-ni istuku-ϕ piti-ϕ inan-a-ki
 Manoel-ERG mão-INSTR macaco-DAT comida-ABS dar-PAS-DECL
 ‘Manoel deu comida para os macacos com a mão.’
- (c) **S ADJUNTO O Od V**
 Assis-ni ni-mira ipa-ϕ jumaj-ϕ riti-ʃuna-a-ki
 Assis-ERG mata-LOC pai-BENEFIC onça-ABS matar-BENEF-PAS-DECL
 ‘Assis matou a onça para o pai (dele) na mata.’
- (d) **S ADJUNTO O V**
 Manoel-ϕ Feijó-ani ʃanin ihu-ϕ ka-ʃun-a-ki
 Manoel-ABS Feijó-LOC chefe-BENEFIC ir-BENEF-PAS-DECL
 ‘Manoel foi a Feijó para o chefe.’

Um caso que deve ser mencionado aqui é o de sentenças que apresentam além dos papéis de objeto direto e indireto um outro objeto, cuja função é a de benefactivo da ação do sujeito/agente. Considerando o já descrito em 3.3.2.2.2.5., nesse tipo de sentença, a distinção entre os objetos deve ser feita com base em alguns fatores. Primeiramente, lembremos que na língua Shanenawa os papéis gramaticais de sujeito e objeto direto são marcados na morfologia nominal pelos casos ergativo (através do morfema {-n} e seus alomorfes) e absolutivo (através da marca ϕ), respectivamente. A função de objeto indireto também não apresenta uma marca formal no nome; o mesmo ocorrendo com o objeto benefactivo, já que tal função semântica é marcada no verbo através do sufixo {-ʃun} ou {-ʃuna}. Com isso, a distinção entre esses três tipos de objeto não pode estar restrita à morfologia. Ao nosso ver, aliás, esse tipo de sentença é um dos argumentos mais fortes em favor da hipótese de que o Shanenawa é uma língua com ordem bastante rígida e que obedece às hierarquias funcionais das quais estamos tratando aqui. Afinal, nesse caso a seqüência objeto direto, precedendo imediatamente o verbo deve ser mantida, acrescida da rigidez no ordenamento espacial do objeto indireto e do objeto beneficiário. Este último ocorrerá sempre antes do objeto direto, enquanto o objeto indireto deve manter sua

posição próxima ao sujeito, conforme o seguinte esquema: **S > Oi > BENEFICIÁRIO > Od >**

V-BENEF. O exemplo, a seguir, ilustra esse ordenamento:

- (253) **S** **Oi** **O** **Od** **V**
 nukuhuni-n faki-ϕ awinhu-ϕ piti-ϕ inan-şun-a-ki
 homem-ERG criança-DAT mulher-BENEFIC comida-ABS dar-BENEF-PAS-DECL
 ‘O homem deu comida para a criança **para a mulher.**’

Dentro dessas perspectivas, acrescentamos aos esquemas mostrados nas Figuras 5 e 6, um ordenamento opcional em que, além dos constituintes cujas posições são rígidas (**S**, **O** e **V**), incluem-se no caso de sentenças com mais de um objeto, os adjuntos:

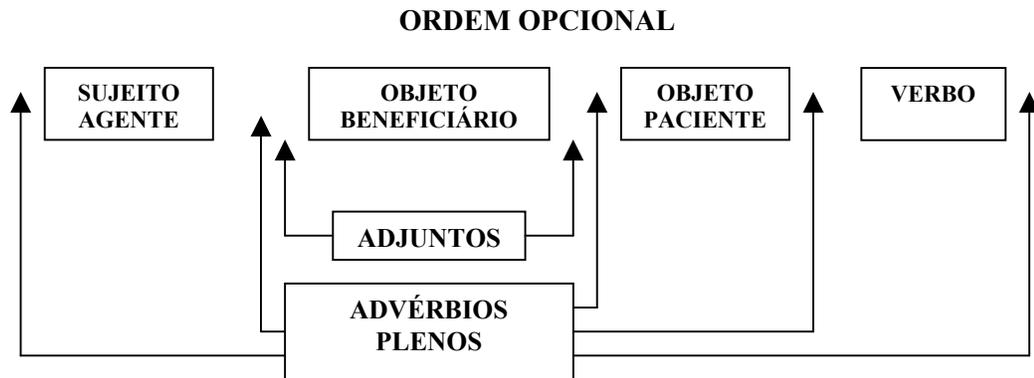


Figura 8: Ordem opcional dos constituintes de sentenças interrogativas não polares.

Outros argumentos em favor da tipologia de língua de ordem SOV para o Shanenawa foram corroborados pela descrição morfológica apresentada no capítulo anterior, quando demonstramos que modificadores verbais (negação, interrogativo, causativo, entre outros) podem ocorrer como sufixos, após a base correspondente. Afinal, em concordância com Lehmann (1973), em línguas **OV**, os modificadores costumam se posicionar após as raízes verbais (**O V-MOD**), enquanto em línguas **VO**, tais elementos figuram antes das raízes verbais (**MOD-V O**).

Um caso que nos chama atenção é o do desiderativo. Como vimos em 3.3.2.2.2.2., diferentemente de outras línguas, o desiderativo (representado em Português por verbos como “querer”, “desejar”, entre outros) não é expresso em Shanenawa por uma forma verbal plena, mas por um sufixo, {-paj}, que é aglutinado à base que expressa a ação verbal desejada pelo sujeito da oração principal. Nesses casos, então, temos uma ordem excepcional, em que ao verbo correspondem dois argumentos nucleares em função de sujeito, SN₁ e SN₂, como na construção

em (254:a), a seguir, ou ainda, como em (254:b), além dos dois sujeitos um terceiro argumento, SN₃, na função de objeto.

- (254) (a)
- | | | |
|---------------------------|---------------------------|-----------------------------|
| S | S | V |
| [Assis-ni] _{SN1} | [Iraci-ni] _{SN2} | [ka-i-paj-ki] _{SV} |
| Assis-ERG | Iraci-ERG | ir-N.PAS-DES-DECL |
- ‘Assis quer que Iraci vá.’
-
- (b)
- | | | | |
|-----------------------|---------------------|---------------------------------|-----------------------------|
| S | S | O | V |
| [atun] _{SN1} | [in] _{SN2} | [ʃipi-φ mutsa-φ] _{SN3} | [pi-i-paj-ki] _{SV} |
| 3pp | 1ps | banana-GEN mingau-ABS | comer-N.PAS-DES-DECL |
- ‘Eles querem que eu coma mingau de banana.’

Pelos dados acima, o ordenamento sintático nesse tipo de construção parece continuar privilegiando a ordem **S(O)V**. Contudo, isso ocorre em dois níveis:

- a) *Nível 1*, cujo domínio é a estrutura subordinada como um todo, ou seja, a oração principal compreendida pelo sujeito (representado nas sentenças acima por SN₁) e o predicado que inclui o desiderativo (morfologicamente marcado por {-paj} no verbo “desejável”);
- b) *Nível 2*, cujo domínio é a sentença que funciona como complemento do desiderativo e que nas sentenças é representado por SN₂ (SN₁) SV.

Dessa forma, em construções desiderativas, o sujeito da oração principal deve anteceder aquele da oração subordinada, em que permanece a ordem dominante das sentenças simples: [S [S(O)V]_{Nível 1}]_{Nível 2}.

Apesar de a maioria dos dados lingüísticos do Shanenawa apresentar características de línguas com estrutura SOV, alguns casos contrariam isso, como podemos ver, na seqüência:

- (255) (a)
- | |
|---|
| SN+ADJ/ATR |
|  |
| awina kaman şara-ma na-a-ki |
| POSS(3ps) cachorro bonito-NEG morrer-PAS-DECL |
- ‘O cachorro feio dela morreu.’

- (b) **SN+ADJ/ATR**
- nuku ìpa aman iwapa tin-i-ki
 POSS(1pp) pai capivara grande ter-PRES-DECL
 ‘Nosso pai tem uma grande capivara.’

- (c) **SN+Orestr**
- pişi [in uin-i] Militão-na-ki
 casa 1ps ver-PRES Militão-GEN(POSS)-DECL
 ‘A casa que eu estou vendo é do Militão.’

- (d) **SN+Orestr**
- faj-anu [in ka-a] Bruno-na-ki
 roça-LOC 1ps ir-PAS Bruno-GEN(POSS)-DECL
 ‘A roça aonde eu fui é do Bruno.’

Segundo Greenberg (1966) e também Lehmann (1973), os modificadores nominais (adjetivos atributivos, sentenças relativas e genitivos) tendem a preceder o nome que modificam nas línguas **SOV** e o seguem em línguas do tipo **SVO**. Ora, conforme demonstram os dados em (255), tanto os adjetivos atributivos nas duas primeiras sentenças, quanto as orações restritivas nos dois últimos enunciados, ocorrem pospostos aos SNs que respectivamente modificam. Isso nos leva a deduzir que essas sentenças apresentam um comportamento diferente das verdadeiras **SOV** na concepção dos autores supramencionados. Por outro lado, em concordância com os referidos lingüistas, SNs em função de genitivos antecedem o SN que modificam conforme já mostramos em 3.2.1.1.4.5. e, ainda, como reforçam os dados seguintes:

- (256) (a) **GEN+SN**
- nuku awinhu-hu-n şipi mutsa-φ wa-a-ki
 POSS(1pp) mulher-PL-ERG banana mingau-ABS fazer-PAS-DECL
 ‘Nossas mulheres fizeram mingau de banana.’

- (b) **GEN+SN**
- 

 ipa-na piši iwapa-ma-sta

 pai-GEN casa grande-NEG-?

 ‘A casa do pai é pequena.’

Concluindo este tópico, podemos dizer, então, que o Shanenawa é uma língua que parece privilegiar a hierarquia das funções gramaticais. Em consequência disso, a ordem é bastante fixa e determinada por princípios formais. Como vimos, algumas poucas variações na ordem são explicadas em termos de funções semânticas, como no caso benefactivo¹⁰⁶.

4.6. Relações gramaticais

4.6.1. O sistema de marcação de caso

Comumente, as línguas recorrem a diversos recursos para marcar as relações gramaticais. Assim, para marcar o caso, há línguas que o fazem no nível sintático, enquanto outras costumam fazê-lo no nível morfológico.

O primeiro tipo de marcação de caso pode se caracterizar, por exemplo, pela recorrência à configuração da ordem dos constituintes na sentença. Esse é o caso da língua portuguesa, já que nela é possível determinar a função sintática de um SN (**S**, **Od** ou **Oi**) apenas observando a posição que o mesmo ocupa na sentença. No caso, sendo a ordem básica **SVO**, em geral, os falantes identificam um SN que antecede o verbo como sendo o sujeito em oposição àquele que, se posicionando após o verbo, exerce a função de objeto.

Em contrapartida, existem línguas, por exemplo o Turco, que para marcar o caso empregam afixos indicando qual a função que o SN está exercendo na sentença. Assim, diz-se que esse tipo de língua marca o caso morfológicamente. Conforme já adiantamos na seção **3.2.1.1.4.1.**, o Shanenawa demonstra fazer parte dessas línguas, pois, enquanto o SN em função de **A** é marcado pelo sufixo **{-n}** e suas variantes fonologicamente condicionadas pelas características da vogal da sílaba final da palavra na qual a nasal é afixada, os SNs em função de **S** e **O** são não marcados, ou seja, são **{-ϕ}**. A título de recapitulação, apresentamos algumas

¹⁰⁶ Ainda assim, ao nosso ver, seria um tanto complicado dissociar a sintaxe da semântica.

sentenças simples que, juntamente com outras já exibidas ao longo deste estudo, ilustram esse aspecto da língua:

- (257) (a) fimi- ϕ paki-a-ki
 fruta-ABS cair-PAS-DECL
 ‘A fruta caiu.’
- (b) pinu- ϕ jamaj-a-ki
 beija-flor-ABS cantar-PAS-DECL
 ‘O beija-flor cantou.’
- (c) fakihu-n sia- ϕ kuku-a-ki
 crianças-ERG melancia-ABS chupar-PAS-DECL
 ‘As crianças chuparam melancia.’
- (d) kaman-na şaw- ϕ sirun-a-ki
 cachorro-ERG osso-ABS lamber-PAS-DECL
 ‘O cachorro lambeu o osso.’

Esse tipo de marcação de caso, leva-nos a considerar o Shanenawa como sendo uma língua morfologicamente ergativo-absolutiva, o que reafirma um consenso entre os estudiosos de que as línguas Pano exibem um padrão ergativo-absolutivo em diferentes áreas de sua gramática. Shell (1975), por exemplo, ao reconstruir alguns traços gramaticais para a Proto-Língua Pano, menciona que em todas as línguas filhas consideradas em seus estudos¹⁰⁷ há concordância entre o verbo e outros elementos da sentença em relação à transitividade ou intransitividade do verbo. Isso também é registrado por Montag (1981) e Camargo (1998) acerca do Kaxinawá; por Aguiar (1994), sobre o Katukina, dentre outros.¹⁰⁸

Não devemos esquecer, contudo, que ao tratarmos dos pronomes pessoais da língua Shanenawa na seção 3.2.2.1.1., apontamos uma cisão no sistema pronominal, já que para as 1ª e 2ª pessoas do discurso a língua apresenta formas congruentes com o sistema nominativo-acusativo, enquanto a 3ª pessoa do singular mantém o padrão ergativo/absolutivo, conforme mostram os dados, a seguir:

¹⁰⁷ Shipibo-Conibo, Capanahua, Cashibo, Cashinahua, Amahuaca, Marinahua e Chácobo. Para outras línguas apresenta algumas referências: Isconahua, Marubo, Nokamán, Mayoruna, Pakaguara, Poyanáwa, Tutxiuna, Yamiaka e Yaminahua.

¹⁰⁸ Ainda, lembramos que foi após Dixon (1979), que se começou a discutir com mais ênfase a ergatividade nas línguas Pano.

- (258) (a) **in mia uin-a-ki**
 1ps(NOM) 2ps(ACUS) ver-PAS-DECL
 ‘Eu vi você.’
- (b) **min ia uin-a-ki**
 2ps(NOM) 1ps(ACUS) ver-PAS-DECL
 ‘Você me viu.’
- (c) **atun a uin-a-ki**
 3ps(ERG) 3ps(ABS) ver-PAS-DECL
 ‘Ele o viu.’
- (d) **a na-a-ki**
 3ps(ABS) morrer-PAS-DECL
 ‘Ele morreu.’

Em se tratando de sentenças unidas por coordenação ou subordinação, é possível observar algumas restrições sintáticas relacionadas com a omissão dos constituintes co-referentes. Seguindo a terminologia de Dixon (1994:143), diz-se que se, em uma determinada língua, as restrições sintáticas tratarem **S** e **O** de forma idêntica em distinção a **A**, essa língua opera como pivô *S/O*. Isso indicaria, então, que a língua é *sintaticamente ergativa*. Em contrapartida, se as restrições tratarem **S** e **A** de uma mesma forma e **O** de uma maneira diferente, logo, a língua opera com pivô *S/A*, o que a torna *sintaticamente acusativa*.

Conforme já descrito em 4.4.2. acerca das construções relativas, no Shanenawa, o núcleo da sentença restritiva não aparece marcado morfologicamente mesmo nos casos em que o verbo é transitivo. Os exemplos que seguem reafirmam isso:

- (259) (a) [Militão-nu **[runu]** Nu riti-a fakihu naka-a-ki]_{Orestr}]_{Omatriz}
 Militão-ERG cobra matar-PAS menino morder-PAS-DECL
 ‘Militão matou a cobra que mordeu o menino.’
- (b) [Iraci-ni **[supa]** Nu pi-a [in a inan-a]_{Orestr}]_{Omatriz}
 Iraci-ERG mamão comer-PAS 1ps 3ps dar-PAS
 ‘Iraci comeu o mamão que eu dei a ela.’

De acordo com os dados, acima, os SNs núcleos das sentenças relativas ocupam nas respectivas sentenças matrizes a função de **O** e, concomitantemente, exercem a função de **A** e **O** nas sentenças restritivas. No nível morfológico, conforme já dissemos anteriormente, tais SNs deveriam ser marcados por $\{-\phi\}$ na oração matriz. Em princípio, então, esse padrão parece ser

mantido nos exemplos em análise, haja vista que nenhum dos exemplos figura marcado morfológicamente. Por outro lado, em seu papéu de **A**, em (261:a), o SN restritivo deveria levar a marca de nasalidade indicadora de caso ergativo na língua Shanenawa. Todavia, esse fato não se verifica. Observamos, assim, uma cisão no padrão ergativo da língua, sendo a distinção entre as funções **A**, **S** e **O** dos SNs estabelecida através da ordem **AOV**, nos casos de verbos transitivos como nos exemplos em (259) ou **SV** no caso de verbos intransitivos, como no exemplo seguinte:

- (260) [in [nukuhunɨ] Nu na-a-ki] O_{restr} uin-a] O_{matriz}
 1ps homem morrer-PAS-DECL ver-PAS
 ‘Eu vi o homem que morreu.’

A cisão no sistema ergativo dos SNs plenos da língua Shanenawa pode ser reafirmada ainda por dados como os que vemos, a seguir:

- (261) (a)
 nukuhuni-n [min naşawata tsaj-a] O_{restr} matʃu aja-i-ki
 homem-ERG 2ps(NOM) ontem falar-PAS caiçuma beber-PRES-DECL
 ‘O homem com quem você falou ontem está bebendo caiçuma.’
- (b)
 nukuhuni-n [mia naşawata tsaj-a] O_{restr} matʃu aja-i-ki
 homem-ERG 2ps(ACUS) ontem falar-PAS caiçuma beber-PRES-DECL
 ‘O homem que falou com você ontem está bebendo caiçuma.’
- (c)
 nukuhuni-n [in naşawata tsaj-a] O_{restr} matʃu aja-i-ki
 homem-ERG 1ps(NOM) ontem falar-PAS caiçuma beber-PRES-DECL
 ‘O homem com quem eu falei ontem está bebendo caiçuma.’
- (d)
 nukuhuni-n [ia naşawata tsaj-a] O_{restr} matʃu aja-i-ki
 homem-ERG 1ps(ACUS) ontem falar-PAS caiçuma beber-PRES-DECL
 ‘O homem que falou comigo ontem está bebendo caiçuma.’

Tal como demonstram os exemplos, acima, a cisão morfológica ocorrida no sistema pronominal não é afetada no âmbito da estrutura relativa e tampouco fora dela, segundo mostra o exemplo em (261). Assim, em (261:a) e (261:c), onde os pronomes figuram como **A** da oração restritiva, o caso é nominativo, ao passo que em (261:b) e (261:d), em as funções são de **O**, o caso é acusativo. Isso revela que a restrição sintática só opera no âmbito do SN núcleo, onde a

sobreposição das funções sintáticas pode causar ambigüidade. Nesse sentido, a língua opera com o *pivot S/A* com SNs em função de sujeito (seja de verbo intransitivo, seja de transitivo) distinguindo-se daqueles em função de objeto. Daí, deduzimos que, no nível sintático, o Shanenawa seria uma língua sintaticamente acusativa. Isso pode, porém, esbarrar em um dado como:

(262) [[**atun**]_{Nu} [jumaj riti-a]_{Orestr} şanin ihu-ki]_{Omatriz}
 3ps onça matar-PAS chefe-DECL
 ‘Ele, que matou a onça, é o chefe.’

Este exemplo revela que a cisão no sistema ergativo em nível sintático não influi na cisão estabelecida no sistema pronominal. Aliás, a 3ª pessoa é sempre muito problemática para os falantes que, na fala corrente, costumam até se abster dela. À guisa de conclusão, diríamos que a 3ª pessoa é tão anômala que, em um quadro geral, o lugar que ela ocupa, tanto no nível da morfologia quanto no da sintaxe, em termos de sistema de marcação de caso é bastante rígido, o que estabeleceria uma completa simetria entre esses dois níveis lingüísticos. Tal situação pode ser ilustrada pela Figura 9, a seguir, em que tentamos mostrar que o comportamento da língua no nível morfológico é uma *imagem anti-especular* de seu comportamento no nível sintático.

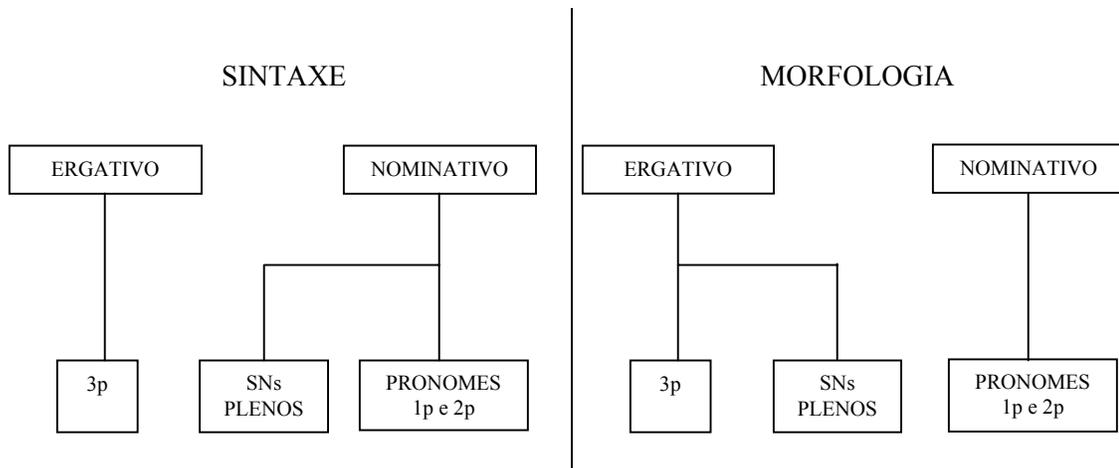


Figura 9: Imagem anti-especular do sistema de marcação de caso nos níveis morfológico e sintático.

Assim, poderíamos dizer que essa língua estabelece suas relações gramaticais em se tratando de marcação de caso no nível morfológico e que, embora apresente uma cisão no sistema pronominal, é predominantemente ergativo-absolutiva. Por outro lado, no caso de sentenças

complexas como as relativas, ocorre uma cisão nesse sistema, já que aí os SNs não são marcados para o caso ergativo e a identificação de suas funções sintáticas se restringe à ordem dos constituintes, bem como à observação em alguns casos da ocorrência dos pronomes que, em essência, mantêm suas formas para o acusativo e o nominativo.

4.6.2. O sistema de referência alternada entre sentenças

Em muitas línguas do mundo é possível verificar o emprego de marcas morfológicas especiais para indicar se a identidade dos sujeitos de duas ou mais sentenças sintaticamente relacionadas em um mesmo enunciado é a mesma (sujeitos idênticos) ou não (sujeitos diferentes). Do ponto de vista funcional, trata-se de um processo de referência de sujeitos. Na literatura de língua inglesa, esse processo é conhecido como *switch-reference* (Jacobesen, 1967; Comrie, 1983; Foley & Van Valin, 1984).

Em geral, línguas que apresentam *switch-reference* tendem a não ter conjunções; em contrapartida, línguas que não apresentam esse processo costumam ter um número considerável de conectivos sentenciais. Como vimos na seção 3.2.2.4., a língua Shanenawa demonstra certa carência de conjunções, já que temos notícia de apenas dois casos: **inun** e **askaşun**. Logo, em se tratando da união de duas ou mais sentenças em um mesmo enunciado, normalmente, ocorre um sistema de referência alternada na qual um conjunto de marcadores de referência entre as sentenças (*interclausal reference markers*¹⁰⁹) atua para indicar a co-referência ou não dos sujeitos das orações combinadas.

Formalmente, a *switch-reference* costuma ocorrer como uma categoria verbal.¹¹⁰ Em geral, morfemas presos (comumente sufixos) monitoram a co-referencialidade entre os participantes (sujeitos ou agentes) de duas ou mais orações no nível em que elas se relacionam uma com a outra, isto é, em suas junturas (Foley & Van Valin, 1984). Em Shanenawa, essa generalização é confirmada, pois a referência alternada se processa através de sufixos que se afixam a verbos de sentenças coordenadas ou subordinadas.

¹⁰⁹ Cf. Sparing-Chávez (2003).

¹¹⁰ De acordo com Rodrigues (1999:197), em algumas línguas como o Canela-Krahô e o Maxacali, a *switch-reference* é marcada por morfemas independentes.

Como em outras línguas da família Pano¹¹¹, além de manter ou não a continuidade de referência entre sujeitos de duas ou mais sentenças, os sufixos que atuam no sistema de *switch-reference* do Shanenawa têm outras funções. Pelo menos mais dois outros tipos de informação podem ser dadas: a ordem de ocorrência dos eventos verbais nas sentenças subordinadas temporais e a valência (transitivo ou intransitivo) de um dos verbos envolvidos no enunciado. Nesse último caso, indica-se a valência do verbo da oração matriz nas sentenças subordinadas; já nas coordenadas, geralmente, marca-se o verbo que ocupa a posição inicial da seqüência linear do discurso.

Por essa razão, a exemplo de outros estudiosos de línguas Pano (entre eles, Spring-Chávez, 1998), ao nos referirmos ao sistema de sufixos usados para manter ou não a co-referencialidade de sujeitos, em Shanenawa, utilizaremos a terminologia “Sistema de Referência entre Sentenças”, tomada do inglês *Inter-clausal Reference System*, proposto por Franklin (1983).

Logicamente, todas as informações dadas pelo Sistema de Referência entre Sentenças (doravante, SRS) podem ocorrer simultaneamente ou, em alguns casos, de forma isolada. Na presente seção, procuraremos descrever, de modo preliminar, os meios particulares com que tais informações podem ser transmitidas na língua Shanenawa.

4.6.2.3. SRS em construções coordenadas

Já demonstramos na seção 4.3.4. que nas construções coordenadas da língua Shanenawa pode haver apagamento dos sujeitos que se identificam entre si em um mesmo enunciado. Isso nos permite dizer que nesse tipo de sentença, as orações não estão em uma relação de coordenação propriamente dita, mas a estrutura de uma é sempre dependente da outra no que diz respeito à identidade ou não dos argumentos verbais envolvidos.

Para assinalar o referido apagamento e, ao mesmo tempo, estabelecer a co-referência dos argumentos verbais, os falantes utilizam dois morfemas que se distinguem entre si com base na valência verbal. Assim, no caso de o verbo ser transitivo, a língua utiliza o marcador {-*sun*}. Os exemplos que se seguem ilustram isso:

¹¹¹ Cf. Shipibo-Konibo (Loriot, Lauriault & Day, 1993), Kaxinawa (Montag, 1981), Capanahua (Loos, 1999), Amahuaca (Spring-Chávez, 1998, 2003), entre outras.

- (263) (a) [jumaj-ni istuku- ϕ riti-a-**şun**]O₁ [[**A**] [**O**] pi-a-ki]O₂
 onça-ERG macaco-Abs matar-PAS-SR(SI) [elidido] [elidido] comer-PAS-DECL
 ‘A onça matou o macaco e o comeu.’
- (b) [atun anu- ϕ riti-a-**şun**]O₁ [[**A**] işkin- ϕ nifi-a-ki]O₂
 3ps paca-Abs matou-PAS-SR(SI) [elidido] peixe-Abs pescar-PAS-DECL
 ‘Ele matou uma paca e pescou um peixe.’

Como podemos observar, o morfema **{-şun}** indica que o sujeito do verbo de O₁ é o mesmo que o do verbo expresso em O₂. Por esse motivo, aliás, é apagado nessa última sentença. Para completar, o morfema é afixado ao verbo **riti** ‘matar’ em ambas os exemplos, devido ao fato de este verbo figurar na primeira oração da seqüência linear e, por conseguinte, ser enfatizado. Isso nos leva a concluir que na aparente relação de dependência entre orações do tipo exemplificado em (263), acima, O₁ é o elemento pivô do mecanismo de SRS.

O morfema **{-aş}** também aparece em sentenças coordenadas, indicando o apagamento de sujeitos co-referentes. A diferença é que **{-aş}** se liga a verbos intransitivos, conforme sugerem os exemplos, a seguir:

- (264) (a) [fakihu- ϕ it{u-a-**aş**}]O₁ [paki-a]O₂ [sian-a-ki]O₃
 menino-Abs correr-PAS-SR(SI) cair-PAS chorar-PAS-DECL
 ‘O menino correu, caiu e chorou.’
- (b) [nukuhuni- ϕ ka-a-**aş**] O₁ [isintini-a]O₂ [na-a-ki]O₃
 homem-Abs ir-PAS-SR(SI) adoecer-PAS morrer-PAS-DECL
 ‘O homem foi (para o mato), adoeceu e morreu.’

Já adiantamos que os marcadores de SRS nas sentenças coordenadas apenas informam a co-referencialidade dos sujeitos das orações envolvidas. Assim sendo, temos aí o sistema *switch-reference* tal como proposto por Jacobesen (1967). De fato, a ocorrência de um ou outro morfema no verbo de O₁ não atua na indicação da valência do verbo da(s) sentença(s) seguinte(s). Por outro lado, a diferença das formas dos marcadores parece estar pautada apenas na valência do verbo enfatizado: se transitivo, o sufixo é **{-şun}**; se intransitivo, é **{-aş}**, conforme podemos constatar nos exemplos seguintes com verbos de valências diferentes:

(265) (a)

[nukuhuni-n raw- ϕ aja-a-**şun**]O₁ [[S] na-a-ki]O₂
 homem-ERG cipó(veneno)-ABS beber-PAS-SR(SI) [elidido] morrer-PAS-DECL
 ‘O homem bebeu o cipó e morreu.’

(b)

[atun işkin- ϕ pi-a-**şun**]O₁ [[S] uşa-a-ki]O₂
 3ps peixe-ABS comer-PAS-SR(SI) [elidido] dormir-PAS-DECL
 ‘Ele comeu peixe e dormiu.’

(c)

[fakihu- ϕ şuşu-a-**aş**]O₁ [[A] şipi mutsa- ϕ pi-a-ki]O₂
 crianças-ABS brincar-PAS-SR(SI) [elidido] banana mingau-ABS comer-PAS-DECL
 ‘As crianças brincaram e comeram mingau de banana.’

(d)

[nukuhuni- ϕ tsaw-a-**aş**]O₁ [[A] pia- ϕ wa-ki]O₂
 homens-ABS sentar-PAS-SR(SI) [elidido] flechas-ABS fazer-DECL
 ‘Os homens sentaram e estão fazendo as flechas.’

Quando, na língua Shanenawa, não há co-referencialidade entre o sujeito de O₁ e aqueles das demais orações da construção coordenada, os falantes recorrem ao morfema {-**nun**}. Este, como os outros morfemas já descritos, também é afixado ao verbo de O₁ na seqüência linear coordenada. Nesse tipo de construções, a transitividade do verbo é irrelevante, pois tanto verbos transitivos quanto intransitivos recebem o mesmo marcador, como vemos nos seguintes dados:

(266) (a)

[takara-n jura- ϕ naka-ma-**nun**]O₁ [pitsu-n naka-ma-ki]O₂
 galinha-ERG gente-ABS morder-NEG-SR(SD) periquito-ERG morder-NEG-DECL
 ‘A galinha não morde gente, nem o periquito.’

(b)

[Assis- ϕ Rio Branco-ani ka-a-ma-**nun**]O₁ [Militão- ϕ Feijó-ani ka-ma-ki]O₂
 Assis-ABS Rio Branco-LOC ir-PAS-NEG-SR(SD) Militão-ABS Feijó-LOC ir-NEG-DECL
 ‘Assis não foi para Rio Branco, nem Militão foi para Feijó.’

Em termos práticos, diríamos que o sufixo {-**nun**} apenas “alerta” o ouvinte sobre o fato de que, na seqüência do discurso, não haverá co-ocorrência entre o sujeito de O₁ e aqueles das demais orações coordenadas.

Assim sendo, os marcadores de SRS (ou de *switch-reference* propriamente dita) expressam, nas construções coordenadas da língua Shanenawa, a co-referenciação ou não dos sujeitos das orações combinadas e, no caso de {-**şun**} e {-**aş**}, também a valência dos verbos enfatizados, tal como sumarizado na Tabela 8 que se segue:

TIPOS DE SUJEITO	VALÊNCIA DO VERBO ENFATIZADO	MARCADORES DE SWITCH-REFERENCE
O MESMO	TRANSITIVO	-şun
	INTRANSITIVO	-aş
DIFERENTE	TRANSITIVO OU INTRANSITIVO	-nun

Tabela 8: Marcadores de SRS em construções coordenadas.

4.6.2.4. SRS em construções subordinadas

Nos chamados períodos subordinados, o sistema de referência entre sentenças pode ser observado em construções temporais, simultâneas e condicionais. Em tais casos, conforme já adiantamos, o SRS é marcado por cinco tipos diferentes de morfemas, os quais ocorrem de acordo com as três informações que podem expressar em um enunciado: a) a co-referencialidade de **S** ou **A**, b) a transitividade ou intransitividade do verbo das sentenças matrizes (quando for o caso) e c) a ordem relativa lógica ou temporal de ocorrência dos eventos verbais.

Antes de darmos início à descrição, convém ressaltarmos a distinção formal entre sentenças independentes e dependentes, no âmbito das chamadas construções subordinadas da língua Shanenawa. As sentenças independentes, em geral, recebem flexão de tempo, aspecto e modo, além de comumente ocupar a posição final na seqüência. As sentenças dependentes, por sua vez, não costumam receber flexão e são elas que carregam os sufixos do sistema de referência entre sentenças, tal como veremos nas seções subseqüentes.

4.6.2.4.1. SRS em construções temporais

Em construções subordinadas temporais, o SRS pode expressar em um único enunciado as três informações referidas anteriormente. Destacamos, porém, as relações temporais entre dois eventos, as quais podem ser: seqüenciais, subseqüenciais e não-seqüenciais.

Os eventos seqüenciais são aqueles que seguem um ao outro em uma ordem cronológica. Em construções desse tipo, a ação expressa no verbo da oração matriz imediatamente segue a ação (e, por vezes, até pode ser consequência dela) expressa no verbo da oração dependente.¹¹² Os eventos subseqüenciais são aqueles em que a ação expressa no verbo da oração matriz precede aquele da oração dependente. Finalmente, os eventos não seqüenciais são aqueles considerados simultâneos e que podem ser parcial ou completamente paralelos. Assim, em construções com eventos não seqüenciais, o evento do verbo da oração matriz co-ocorre com aquele da oração dependente.

Na Figura 10, abaixo, procuramos expressar o fluxo temporal e os tipos de relações entre eventos verbais de duas orações interligadas em uma construção subordinada temporal:

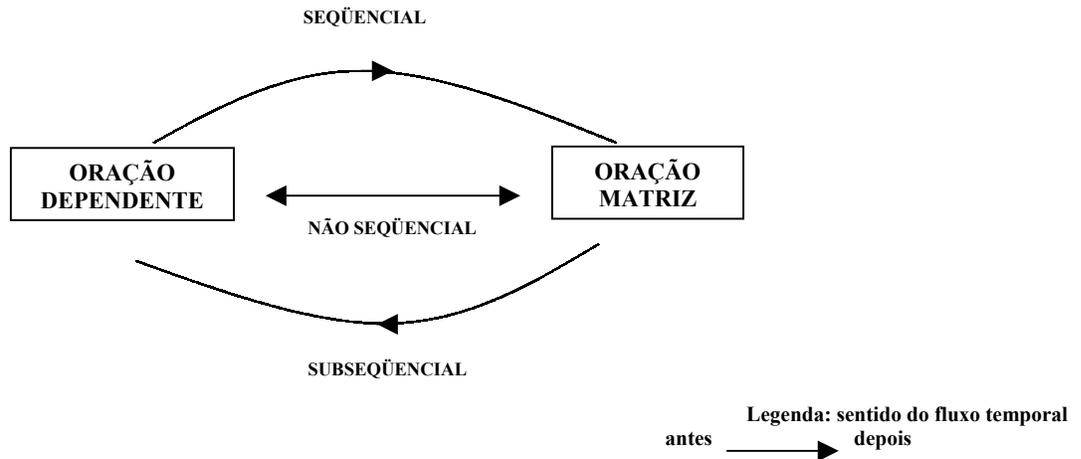


Figura 10: Fluxo temporal em construções subordinadas temporais.

Na seqüência, descreveremos os cinco tipos de marcadores de SRS responsáveis pela coesão das estruturas internas das construções temporais da língua Shanenawa.

¹¹² Na terminologia estabelecida por Comrie (1983:23), a oração cujo verbo é marcado por *switch-reference* é denominada “sentença marcada” (*marked clause*); já a oração matriz é chamada “sentença controladora” (*controlling clause*).

4.6.2.4.1.1. O marcador {-sun}

Quando em uma construção subordinada temporal o sujeito do verbo da sentença matriz e o da dependente são co-referentes, o verbo da sentença matriz é transitivo e, ainda, o evento verbal da oração dependente apresenta-se como antecedente àquele da oração matriz, então, ao verbo da sentença subordinada é afixado o marcador {-sun}. Isso é ilustrado pelos exemplos seguintes:

(267) (a)

[in uşa-**sun**]O_{temp} [in işkin-φ pi-i-ki]O_{matriz}
 1ps dormir-SRS(SI), 1ps peixe-ABS comer-N.PAS-DECL
 ‘Depois que eu dormir, eu comerei peixe.’

(b)

[Iraci-ni nami-φ şui-**sun**]O_{temp} [[A] şipi mutsa-φ wa-a-ki]O_{matriz}
 Iraci-ERG carne-ABS assar-SRS(SI) [elidido) banana mingau-ABS fazer-PAS-DECL
 ‘Depois de assar a carne, Iraci fez mingau de banana.’

(c)

[in uşa-**sun**]O_{temp} [[A] iwa işkin-φ şui-a-şuna-ki]O_{matriz}
 1ps dormir-SRS(SI) [elidido] mãe peixe-ABS assar-PAS-BENEF-DECL
 ‘Depois de dormir, eu assei o peixe para minha mãe.’

(d)

[in Feijó-ani ipa ka-şun-**sun**]O_{temp}
 1ps Feijó-LOC pai(BENEFIC) ir-BENEF-SRS(SI)

[[A] iwa takara-φ riti-a-şuna-ki]O_{matriz}
 [elidido] mãe galinha-ABS matar-PAS-BENEF-DECL
 ‘Depois de ir a Feijó para meu pai, eu matei a galinha para minha mãe.’

O exemplo, em (267:d), nos chama atenção para o fato do sufixo de SRS {-sun} ter a forma idêntica daquele utilizado para marcar o benefactivo na língua. Reparemos que quando os referidos sufixos co-ocorrem, o falante repete as formas coincidentes.

4.6.2.4.1.2. O marcador {-aʃ}

Outro sufixo que marca o SRS em construções subordinadas temporais é {-aʃ}. Esse morfema, a exemplo de {-ʃun}, também indica que o sujeito do verbo da sentença matriz é o mesmo que o da subordinada e, ainda, que o evento verbal da oração dependente apresenta-se como antecedente àquele da oração matriz. A diferença é que o morfema {-aʃ} indica que o verbo da sentença matriz é intransitivo, como demonstram os exemplos seguintes:

- (268) (a) [in iʃkin-φ pi-aʃ]O_{temp} [in uʃa-a-ki]O_{matriz}
 1ps peixe-ABS comer-SRS(SI) 1ps dormir-PAS-DECL
 ‘Depois de comer o peixe, eu dormi.’
- (a) [takara-φ itʃu-aʃ]O_{temp} [na-a-ki]O_{matriz}
 galinha-ABS pulou-SRS(SI) morrer-PAS-DECL
 ‘Depois de pular, a galinha morreu.’

4.6.2.2.1.3. O marcador {-kin}

O marcador {-kin}, ao contrário dos dois morfemas já descritos, não distingue verbos transitivos de intransitivos. Sua função nas construções temporais é indicar que os sujeitos das sentenças envolvidas não são co-referentes e, ao mesmo tempo, marcar a anterioridade do evento verbal da oração subordinada em relação àquele da oração matriz, tal como vemos nos exemplos, abaixo:

- (269) (a) [ipa-φ niku-kin]O_{matriz} [fakihi-n iʃkin-φ pi-i]O_{temp}
 papai-ABS chegar-SRS(SD) crianças-ERG peixe-ABS comer-N.PAS
 ‘Depois que papai chegar, as crianças comerão o peixe.’
- (b) [akihi-n iʃkin-φ pi-kin]O_{temp} [ipa-φ niku-a-ki]O_{matriz}
 crianças-ERG peixe-ABS comer-SRS(SD) papai-ABS chegar-PAS-DECL
 ‘Depois que as crianças comeram o peixe, papai chegou.’

4.6.2.2.1.4. O marcador {-nun}

O quarto tipo de marcador de SRS que encontramos em sentenças subordinadas temporais do Shanenawa é {-**nun**}. Como {-**kin**}, o marcador {-**nun**} não determina a valência do verbo da sentença matriz, mas indica que os sujeitos das sentenças envolvidas não são co-referentes. A distinção entre os dois morfemas está exclusivamente no fato de {-**kin**} marcar a posterioridade do evento verbal da oração dependente em relação àquele da oração matriz. Os dados seguintes exemplificam isso:

- (270) (a) [ipa niku-**nun**]O_{temp} [nun iʃkin-ϕ pi-i-ki]O_{matriz}
 papai chegar-SRS(SD) 1pp peixe-ABS comer-N.PAS-DECL
 ‘Antes de papai chegar, nós comeremos o peixe.’
- (b) [fakihu-n iʃkin-ϕ pi-**nun**]O_{temp} [ipa-ϕ niku-a-ki]O_{matriz}
 crianças-ERG peixe-ABS comer-SRS(SD) papai-ABS chegar-PAS-DECL
 ‘Antes de as crianças comeram o peixe, papai chegou.’

4.6.2.2.1.5. O marcador {-tan}

O último dos cinco tipos de marcadores de SRS verificados nos dados de sentenças subordinadas temporais da língua Shanenawa é {-**tan**}. Este morfema também não distingue verbo transitivo de intransitivo, mas indica que o sujeito da sentença matriz é o mesmo da subordinada e também que o evento verbal da oração dependente ocorre depois daquele da oração matriz, conforme os dados, abaixo:

- (271) (a) [ini paki-**tan**]O_{temp} [fakihu-ϕ sian-ki]O_{matriz}
 água cair-SRS(SI) menino-ABS chorar-DECL
 ‘Depois de cair no rio, o menino chorou.’
- (b) [Iraci-ni iʃkin-ϕ ʃui-**tan**]O_{temp} [ʃipi mutsa-ϕ wa-a-ki]O_{matriz}
 Iraci-ERG peixe-ABS assar-SRS(SI) banana mingau-ABS fazer-PAS-DECL
 ‘Depois de assar o peixe, Iraci fez mingau de banana.’

Desse modo, com base nas funções desempenhadas pelos marcadores de SRS nas construções subordinadas temporais, podemos sintetizar sua distribuição, tal como dado na Tabela 9, a seguir:

TIPOS DE SUJEITO	VALÊNCIA DO VERBO PRINCIPAL	EVENTO OU AÇÃO VERBAL	
		ANTERIOR	POSTERIOR
O MESMO	TRANSITIVO	-şun	-tan
	INTRANSITIVO	-aş	-tan
DIFERENTE	TRANSITIVO OU INTRANSITIVO	-kin	-nun

Tabela 9: Marcadores de SRS em construções subordinadas temporais.

4.6.2.4.2. SRS em construções simultâneas

Em construções subordinadas simultâneas, o sistema de referência entre sentenças pode expressar em um único enunciado dois tipos de informações: co-referencialidade de sujeitos e valência do verbo da sentença matriz. Para tanto, a língua recorre a três formas, as quais descreveremos nos itens subseqüentes.

4.6.2.2.2.1. O marcador {-kin}

O marcador {-kin} figura em construções subordinadas simultâneas, afixado ao verbo da sentença dependente para indicar que os sujeitos envolvidos são co-referentes e que o verbo da sentença matriz é transitivo, tal como demonstram os exemplos, abaixo:

(272) (a)

[Araci- ϕ *iai-kin*]O_{simult} [Auricélio-nu runu- ϕ *riti-a-ki*]O_{matriz}
 Araci-ABS gritar-SRS(SI) Auricélio-ERG cobra-ABS matar-PAS-DECL
 ‘Enquanto Araci gritava, Auricélio matava a cobra.’

(b)

[Iraci-ni *işkin- ϕ* *şui-kin*]O_{simult} [*şipi mutsa- ϕ* *wa-a-ki*]O_{matriz}
 Iraci-ERG peixe-ABS assar-SRS(SI) banana mingau-ABS fazer-PAS-DECL
 ‘Enquanto assava o peixe, Iraci fazia mingau de banana.’

Para concluir, notemos que as orações dependentes não são flexionadas em tempo, mas há uma concordância com o tempo marcado na sentença matriz.

4.6.2.2.2. O marcador {-i}

O marcador {-i} é adjungido ao verbo da sentença subordinada para indicar que o verbo da sentença matriz é intransitivo e que os eventos das duas sentenças são simultâneos. De forma semelhante ao marcador {-kin}, o sufixo {-i} também indica que o sujeito da sentença dependente é o mesmo da matriz. Isso é ilustrado nos dados seguintes:

- (273) (a) [Edna- ϕ isintini-i]_{O_{simult}} [Goiás-ani ka-a-ki]_{O_{matriz}}
 Edna-ABS adoecer-SRS(SI) Goiás-LOC ir-PAS-DECL
 ‘Edna foi para Goiás, quando estava doente.’
- (b) [titiwan- ϕ niku-kin]_{O_{simult}} [Auricélio- ϕ niku-ki]_{O_{matriz}}
 avião-ABS chegar-SRS(SD) Auricélio-ABS chegar-DECL
 ‘Auricélio chegará, quando o avião chegar.’

4.6.2.2.3. O marcador {-aj}

O marcador de SRS {-aj} não distingue verbo transitivo de intransitivo nas construções subordinadas simultâneas, porém, indica que o sujeito da sentença subordinada é diferente daquele expresso na matriz, tal como podemos constatar nos dados, abaixo:

- (274) (a) [ipa- ϕ faj-ani ka-aj]_{O_{simult}} [Bruno- ϕ Feijó-ani ka-a]_{O_{matriz}}
 papai-ABS roçado-LOC ir-SR(SD) Bruno-ABS Feijó-LOC ir-PAS
 ‘Enquanto papai foi para o roçado, Bruno foi para Feijó.’
- (b) [Auricélio- ϕ jamiri niku-aj]_{O_{simult}} [nun ninu- ϕ pi-i-ki]_{O_{matriz}}
 Auricélio-ABS amanhã chegar-SRS(SD), 1pp pato-ABS comer-N.PAS-DECL
 ‘Quando Auricélio chegar amanhã, nós comeremos pato.’

Com base no descrito acerca do SRS nas construções subordinadas simultâneas, podemos sumarizar a distribuição dos três tipos de marcadores encontrados na língua Shanenawa, como é estabelecido na Tabela 10, a seguir:

TIPOS DE SUJEITO	VALÊNCIA DO VERBO PRINCIPAL	EVENTO OU AÇÃO VERBAL
		SIMULTÂNEO(A)
O MESMO	TRANSITIVO	-kin
	INTRANSITIVO	-i
DIFERENTE	TRANSITIVO OU INTRANSITIVO	-aj

Tabela 10: Marcadores de SRS em construções subordinadas simultâneas.

4.6.2.4.3. SRS em construções condicionais

Como vimos em 4.4.3.1., o condicional é expresso pela combinação de sentenças que parecem travar entre si uma espécie de jogo de negação e afirmação de eventos verbais. Nesses termos, a informação de ordem cronológica dos eventos não é dada pelos marcadores de SRS que se restringem a indicar a valência dos verbos da sentença matriz e a co-referência ou não dos sujeitos. A título de exemplificação, vejamos os dados, abaixo, em que figuram os morfemas {-**sun**}, {-**aş**} e {-**kin**}:

(275) (a)

[uşa-**şun**]O_{cond} [in nami-ϕ pi-i-ma-ki]O_{matriz}
 dormir-SR(SI), 1ps carne-ABS comer-N.PAS-NEG-DECL

[uşa-ma-**şun**]O_{cond} [in nami-ϕ pi-i-ki]O_{matriz}
 dormir-NEG-SR(SI), 1ps carne-ABS comer-N.PAS-DECL

‘Se eu não dormir, comerei carne.’

(b)

[Auricélio-nu raw-ϕ aia-ma-**aş**]O_{cond} [na-i-ma-ki]O_{matriz}
 Auricélio-ERG remédio-ABS beber-NEG-SR(SD), morrer-N.PAS-NEG-DECL

[Auricélio-nu raw-ϕ aia-**aş**]O_{cond} [na-i-ki]O_{matriz}
 Auricélio-ERG remédio-ABS beber-SR(SD), morrer-N.PAS-DECL

‘Se Auricélio não beber o remédio, ele morrerá.’

(c)

[Auricélio- ϕ jamiri niku-ma-**kin**]O_{cond} [nun Feijó-ani ka-i-ma-ki]O_{matriz}
 Auricélio-ABS amanhã chegar-NEG-SR(SD), 1pp Feijó-LOC ir-N.PAS-NEG-DECL

[Auricélio- ϕ jamiri niku-**kin**]O_{cond} [nun Feijó-ani ka-i-ki]O_{matriz}
 Auricélio-ABS amanhã chegar-SR(SD), 1pp Feijó-LOC ir-N.PAS-DECL

‘Se Auricélio não chegar amanhã, nós não iremos a Feijó.’

Notemos em (275:a) que {-**sun**}, como em outros tipos de construções já descritas anteriormente, indica a co-referencialidade dos sujeitos envolvidos no enunciado, além de marcar o verbo da sentença matriz como transitivo. Em (275:b), o sufixo {-**aş**} também indica a co-referencialidade dos sujeitos, porém, atesta que o verbo da sentença matriz é intransitivo. Por outro lado, o morfema {-**kin**} indica apenas que os sujeitos das sentenças são diferentes. Nesses termos, podemos sintetizar o quadro de marcadores de SRS em sentenças condicionais, segundo o proposto na Tabela 11, que se segue:

TIPOS DE SUJEITO	VALÊNCIA DO VERBO PRINCIPAL	EVENTO OU AÇÃO VERBAL
O MESMO	TRANSITIVO	- sun
	INTRANSITIVO	- aş
DIFERENTE	TRANSITIVO OU INTRANSITIVO	- kin

Tabela 11: Marcadores de SRS em construções simultâneas.

Com isso, concluímos a descrição do sistema de referência entre sentenças da língua Shanenawa. Ressaltamos, porém, que esta é uma análise preliminar que requer aprofundamento em trabalhos futuros.

V. CONCLUSÃO

O presente estudo é resultado de uma pesquisa que objetivou descrever a língua Shanenawa (Pano) em alguns de seus aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos. Assim, inicialmente, foram apresentadas de maneira informal e sem pretensão de se constituir um estudo etnográfico e antropológico completo, breves considerações a respeito da nação Shanenawa. Em geral, foram apontados aspectos da vida e da cultura do povo, como suas relações sociais, sua prática de subsistência, suas crenças, entre outros.

Ainda no capítulo introdutório, foram dadas algumas informações sobre a classificação da língua Shanenawa, além de uma rápida apresentação da metodologia adotada na pesquisa e nos trabalhos de campo para a coleta dos dados utilizados na análise.

No capítulo concernente à fonologia, limitamo-nos a tratar do acento e da nasalização. A descrição do acento indica que o Shanenawa se enquadra no grupo de línguas classificadas tradicionalmente como portadoras de acento fixo. Isso porque o acento sempre se localiza sobre a última sílaba das palavras, não podendo, assim, ser considerado um traço distintivo.

Para o tratamento da nasalidade, apoiamos-nos em Piggott (1992), especificamente, no que diz respeito à harmonia nasal. Por isso, postulamos que o Shanenawa se situa no Tipo A estabelecido por esse autor. A língua demonstra estar em consonância com outros idiomas em que não existem vogais nasais, mas sim nasalizadas por um processo de espalhamento do nó **SP** e

do seu dominado, o traço [Nasal] de uma consoante nasal que pode ocupar a posição de coda ou ataque de uma sílaba que se segue.

No capítulo destinado à morfologia, a análise dos dados demonstra que o Shanenawa é uma língua de morfologia sufixal ou aglutinante, pois o que consideramos palavra constitui-se minimamente de uma base lexical e, quando necessário, de sufixos flexionais ou derivacionais e, ainda, de compostos.

Em consonância com dados de outros idiomas da família Pano, como o Shipibo, o Capanahua, o Kaxinawá e o Amahuaca, o estudo sobre o componente morfológico do Shanenawa leva-nos a afirmar que essa língua é bastante rica morfológicamente. Os marcadores de função são essencialmente palavras e afixos (predominantemente sufixos), porém, a ordem dos constituintes na sentença, conforme mostrado no Capítulo IV, também pode atuar nesse âmbito. Nessa descrição, chamou a atenção o morfema {-n} ou a nasalidade que, como na maioria das demais línguas da família Pano, apresenta um caráter multifuncional. No Shanenawa, a nasalidade é marca de ergatividade, genitivo e instrumental.

No capítulo relativo à sintaxe, apresentamos propostas de descrição para as construções interrogativas, coordenadas e subordinadas; para a ordem dos constituintes nas sentenças e para outras relações gramaticais incluindo os sistemas de marcação de caso, de referência alternada (*switch-reference*) e de outras referências entre as sentenças.

As construções interrogativas mostraram-se englobadas nos tipos polares e não-polares. As polares são marcadas pelo sufixo {-man} que se liga a um SN pleno ou a um pronome localizado no início da sentença. Quanto às não-polares, verificamos um contra-senso em relação aos universais de Greenberg, já que sendo uma língua SOV, as formas **Qu-** ocupam justamente a posição inicial das sentenças na língua.

Quanto às coordenadas, do ponto de vista estrutural, esse tipo de construções se caracteriza pela justaposição das sentenças no enunciado. Além disso, é possível o apagamento de constituintes sintáticos que se repetem entre as sentenças de forma paralela a critérios de marcação do núcleo.

As estratégias de subordinação envolvem construções complemento, relativas e adverbiais. Sintaticamente, as sentenças complemento exercem as funções de **S**, **A** e **O**. Do ponto de vista semântico, essas sentenças foram descritas com base em sua constituição com verbos de modalidade, manipulação e cognição-elocução, seguindo a tipologia proposta por Givón (1990).

A descrição das construções relativas levou-nos a deduzir que o Shanenawa pertença ao grupo de línguas que não costumam marcar o elemento em domínio da relativização, isto é, não há elementos na sentença relativa que expressem o SN relativizado. Logo, tais sentenças seriam formadas por *gapping* do núcleo nominal.

Com respeito às construções do tipo adverbiais, mostramos que nem sempre as circunstâncias adverbiais estão embutidas nas orações tipicamente subordinadas. O condicional, por exemplo, é expresso por construções coordenadas ou justapostas.

As construções temporais formalmente podem ser do tipo temporal seqüencial ou temporal que indicam anterioridade. Do ponto de vista semântico, diríamos que as sentenças subordinadas temporais carregam em si uma informação sobre *causa* de ocorrência ou não de um determinado evento.

As subordinadas simultâneas, isto é, aquelas que indicam uma coincidência ou sobreposição (*overlap*) dos eventos que compõem um determinado enunciado levam sufixos específicos para marcar a simultaneidade dos eventos.

A ordem dos constituintes é bastante rígida em relação à posição do verbo que figura sempre ao final da sentença. Assim, a língua Shanenawa confirma o princípio de Greenberg (1963) de que as línguas cujas sentenças geralmente iniciam-se por verbo costumam ser sempre preposicionais, enquanto aquelas cujo verbo figura em posição final são sempre pós-posicionais.

Quanto às relações gramaticais, os dados nos levaram a considerar a língua como morfologicamente ergativo-absolutiva. Contudo, a análise dos pronomes pessoais demonstra uma cisão no sistema pronominal, pois para as 1ª e 2ª pessoas do discurso há formas congruentes com o sistema nominativo-acusativo, enquanto a 3ª pessoa do singular mantém o padrão ergativo/absolutivo. Por outro lado, em se tratando de sentenças subordinadas relativas, verificamos restrições sintáticas na omissão dos constituintes co-referentes. Todavia, a cisão morfológica ocorrida nos pronomes não é afetada na estrutura relativa e tampouco fora dela. Portanto, quando o pronome figura como **O** da oração restritiva, o caso é nominativo, mas quando sua função é **A**, então, o caso é acusativo. Daí, deduzirmos que, no nível sintático, o Shanenawa seria uma língua sintaticamente acusativa.

Concluindo o Capítulo IV, vimos que o Shanenawa, por demonstrar carência de conjunções, ao reunir duas ou mais sentenças em um mesmo enunciado, normalmente, recorre a um sistema de referência alternada na qual um conjunto de marcadores de referência entre as

sentenças (*interclausal reference markers*) atua para indicar a co-referência ou não dos sujeitos das orações combinadas. Formalmente, o sistema de *switch-reference* e o sistema de referência entre sentenças ocorrem como uma categoria verbal processada via morfemas afixados aos verbos das sentenças coordenadas ou subordinadas. Como em outras línguas da família Pano, os mesmos sufixos empregados para indicar a *switch-reference* também podem expressar os seguintes tipos de informação: co-referência ou não dos sujeitos das sentenças, a ordem de ocorrência dos eventos verbais nas sentenças subordinadas temporais e a valência (transitivo ou intransitivo) de um dos verbos envolvidos no enunciado. Por isso, na descrição do Shanenawa, fizemos opção pela terminologia Sistema de Referência entre Sentenças (SRS) para designar os diversos marcadores utilizados pelos falantes nas construções coordenadas e subordinadas.

Finalizando esta seção, gostaríamos de salientar que estamos conscientes de que a descrição que propusemos para o Shanenawa pode não esgotar nenhum dos temas tratados. Esperamos, contudo, que nosso objetivo de contribuir com a Teoria Lingüística Geral e com o desenvolvimento da Lingüística Indígena no Brasil tenha sido alcançado, ainda que preliminarmente.

Aliás, retomando a citação de Loos (1973) feita em uma das epígrafes apresentadas no capítulo introdutório deste estudo, a procura dos universais lingüísticos, preocupação de lingüistas formalistas e funcionalistas, requer provas empíricas que sustentem, modifiquem ou refutem as hipóteses propostas para explicar as semelhanças encontradas nas línguas faladas no mundo.

VI.
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, M. B. M.; WETZELS, W. L. Sobre a Estrutura da Gramática Fonológica. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 23, p. 3-15, 1992.
- ABREU, J. C. *Rã-txa hu-ni-ku-ĩ: A língua dos Caxinauás do Rio Ibuacú Afluente do Murú*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu, 1914
- AGUIAR, M. S. Los Grupos Nativos Katukina. *Amazônia Peruana*, Lima, n. 23, p. 141-52, 1993.
- _____. *Análise descritiva e teórica do Katukina Pano*. 1994. 308 f. Tese (Doutorado em Lingüística. Área de concentração: Línguas Indígenas) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- ALMEIDA, C. M. Shanenawa, um Povo de Luta. *Povos do Acre*, Rio Branco, v. 1, p. 36-37, 2002.
- AMARANTE RIBEIRO, L. A. Uma Proposta de Método Quantitativo Aplicado à Análise Comparativa das Línguas Pano e Tacana. *LIAMES*, N. 3, 2003. p. 135-147.
- AMARANTE RIBEIRO, L. A.; CÂNDIDO, G. V. *Empréstimos na Língua Shanenawa (Pano)*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2004. 19f. Mimeografado.
- ANDERSON, J. M. *A Notional Theory of Syntactic Categories*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- ANDERSON, S. R. Typological Distinctions in Word-Formation. In: SHOPEN, T. (ed). *Language Typology and Syntactic Description. Clause Structure*. Vol. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 3-56.

- _____. Morphological Theory. In: NEWMAYER, F. J. *Linguistic Theory: Foundations Linguistics: the Cambridge Survey*. V. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. p. 324-362.
- _____. *A Morphous Morphology*. Cambridge: Studies in Linguistics. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- ANDERSON, S. R.; KEENAN, E. L. Deixis. In: SHOPEN, T. (ed). *Language Typology and Syntactic Description*. Vol. 3. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 259-308.
- BARROS, L. *A Nasalização Vocálica e Fonologia Introdutória à Língua Katukina (Pano)*. 1987. 112 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística. Área de concentração: Línguas Indígenas) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- BAUER, L. *Introducing Linguistic Morphology*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1988. 272 p.
- BENVENISTE, E. *Problemas de Lingüística Geral I*. São Paulo: Pontes, 1991.
- BERLINK, R. de A.; AUGUSTO, M. R. A.; SCHER, A. P. Sintaxe. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. *Introdução à Lingüística. Domínios e Fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 207-244.
- BLAKE, B. J. *Case*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- BLOOMFIELD, L. *Language*. London: Allen & Unwin, 1933.
- BOUQUIAUX, L.; THOMAS, J. M. C. *Studying and describing unwritten languages*. Dallas: SIL, 1992.
- BURLING, R. *Patterns of Language. Structure and Variation*. San Diego: Academic Press, 1992.
- BURQUEST, D. A.; PAYNE, D. *Phonological Analysis*. Dallas: Summer Institute of Linguistics, 1993.
- CAMARGO, E. *Phonologie, Morphologie et Syntaxe: Étude Descriptive de le Langue Caxinawa (Pano)*. 1991. 308 f. Tese (Doutorado em Lingüística. Área de concentração: Línguas Indígenas) – Universidade Paris-Sorbonne, Paris.
- _____. Esboço Fonológico do Caxinaua (Pano). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém, v. 9, p. 209-228, 1993.
- _____. La Structure Actancielle du Caxinaua. *La Linguistique*, Paris, v. 34, p. 137-150, 1998.
- _____. Cashinahua Personal Pronouns in Grammatical Relations. *Current Studies on South American Languages*. Leiden, p. 149-168, 2002.

- CÂNDIDO, G. V. *Aspectos fonológicos da língua Shanenawa (Pano)*. 1998. 148 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística. Área de concentração: Línguas Indígenas) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- _____. O Processo de Harmonia Nasal na Língua Shanenawa-Pano. Apresentação realizada no 51º Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo (GEL), 22 a 24 de maio de 2003. Taubaté: UNITAU, 6f.
- CARVALHO, C. T. D. *A Decodificação de Estrutura Frasal em Matsés (Pano)*. 1992. 185 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística. Área de concentração: Línguas Indígenas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper & Row, 1968.
- CLEMENTS G.; HUME, E. V. The Internal Organization of Speech Sounds. In: GOLDSMITH, J. (ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. London: Basil Blackwell, 1995. p. 245-306.
- CNPq-FINEP. Programa de Pesquisa Científica das Línguas Indígenas Brasileiras. *Boletim ABRALIN*, Brasília, n. 10, p. 187-199, 1991.
- COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DO ACRE. *CPI/aC: Festejando 22 Anos de História*. Rio Branco, Junho, 2001.
- COMRIE, B. *Aspect: an Introduction to the Study of Verbal Aspect and Related Problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- _____. Ergativity. In: LEHMANN, W. P. (ed). *Syntactic Typology: Studies in the Phenomenology of Language*. Austin: University of Texas Press, 1978. p. 329-394.
- _____. *Language Universals and Linguistic Typology*. Oxford: Basil Blackwell Publisher Ltda, 1981.
- _____. Switch-reference in Hichol: a Typological Study. In: HAIMAN, J.; MUNRO, P. (orgs.) *Switch-reference and Universal Grammar*. Typological Studies in Language. Amsterdam: John Benjamins, 1983.
- COMRIE, G.; SMITH, N. *Lingua Descriptive Studies: Questionnaire*. *Lingua*. N. 42, p. 1-72, 1977.
- CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. *Povos Indígenas no Brasil e Presença Missionária*. Brasília: CIMI, 1985.
- CORBERA MORI, A. H. Estudios sobre Lenguas Indígenas Amazónicas en el Peru. *Amazônia Peruana*, Lima, n. 23, p. 37-74, 1993.

- _____. *Da Flexão à Derivação nos Processos Morfológicos*. Apresentação realizada no 51º Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo (GEL), 22 a 24 de maio de 2003. Taubaté: UNITAU.
- COSTA, C. de P. G. *Nhandewa aywu*. 2003. 148 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística. Área de concentração: Línguas Indígenas) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- COSTA, R. G. R. *Padrões rítmicos e marcação de caso em Marubo (Pano)*. 1993. 156 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística. Área de Concentração: Línguas Indígenas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- _____. Aspects of Ergativity in Marubo (Panoan). *The Journal of Amazonian Languages*, n. 1, p. 50-103, 1998.
- _____. *Aspectos da Fonologia Marubo (Pano): uma Visão Não-Linear*. 2000. 261 f. Tese (Doutorado em Lingüística. Área de concentração: Línguas Indígenas) – Departamento de Lingüística e Filologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- CROFT, W. *Syntactic Categories and Grammatical Relations*. Chicago: Chicago University Press, 1991.
- CUNHA, C. M. A *Morfossintaxe da língua Arara (Pano) do Acre*. 1993. 171 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística. Área de concentração: Línguas Indígenas) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- d'ANS, A. M. *Materiales para el Estudio del Grupo Lingüístico Pano*. Lima: UNMSM. 1970.
- _____. *Estudio Glotocronológico sobre Nueve Hablas Pano*. Lima: CILA-UNMSM, 1973a.
- _____. Reclasificación de las Lenguas Pano y Datos Glotocronológicos para la Etnohistoria de la Amazonía Peruana. *Revista del Museo Nacional*, Tomo 39, Lima: Museu Nacional de Historia, 1973b. p. 349-69.
- d'ANS, A. M. et alii. *Problemas de Clasificación de Lenguas No-andinas en el Sul-este Peruano*. Lima: CILA-UNMSM, 1973.
- DIK, S. C. *Functional Grammar*. Amsterdam: North Holland, 1978.
- DIXON, R. M. W. Ergativity. *Language*, n. 55, p. 59-138, 1979.
- _____. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- DORIGO, C. T. Las Marcas de Tiempo y Aspecto en la Lengua Matsés (Pano). *Actas de las Segundas Jornadas de Lingüística Aborigen*, p. 235-49, 1994.
- EAKIN, L. Lecciones para el Aprendizaje del Idioma Yaminahua. *Documento de Trabajo ILV*, Lima, n. 22, 1991.

- FERREIRA, R. F. *Língua Matis: aspectos descritivos da morfossintaxe*. 2001. 151 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística. Área de concentração: Línguas Indígenas) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- FERREIRA, V. R. S. *Língua Matis (Pano): Uma análise fonológica*. 2000. 140 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística. Área de concentração: Línguas Indígenas) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- FIORIN, J. L. Pragmática. In: FIORIN, J. L. (org.). *Introdução à Lingüística. II. Princípios de Análise*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 161-185.
- FOLEY, W. A.; VAN VALIN, R. D. Jr. *Functional Syntax and Universal Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- FRANKLIN, K. Some Features of Interclausal Reference in Kewa. In: HAIMAN, J.; MUNRO, P. (eds.) *Switch-reference and Universal Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1983. p. 29-49.
- FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO (FUNAI). Departamento de Documentação (DEDOC) e Serviço de Informação Indígena (SEII). Campinas, Brasil, 7 de novembro de 2002. 1 mensagem eletrônica. Entrevista concedida a Lincoln Almir Amarante Ribeiro.
- GARDE, P. *L'accent*. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.
- GIVÓN, T. *Syntax. A Functional Typology Introduction*, Vols. I e II. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1984, 1990.
- _____. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam: J. Benjamins Publishing Company, 1995.
- GOLDSMITH, J. *Autosegmental Phonology*. 1976. 308 f. Ph.D. Dissertation (Ph.D. em Lingüística. Área de concentração: Fonologia) – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge.
- _____. *Autosegmental and Metrical Phonology*. London: Basil Blackwell, 1990.
- _____. *The Handbook of Phonological Theory*. London: Basil Blackwell, 1995.
- GREENBERG, J. The General Classification of Central and South American Languages, Men and cultures. *Selected Papers of the Fifth International Congress of Anthropological and Ethnological Sciences*. Philadelphia, September, 1956, p. 1-9.
- _____. Some Universals of Grammar with Particular Reference of the Order of Meaningful Elements. In: GREENBERG, J. H. (ed.) *Universals of Language*, The MIT Press, 1966, p. 73-113.
- _____. *Language in the Americas*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

- GRINEVALD, C. Language endangerment in South America: a Programmatic Approach. In GRENOBLE, L. A.; WHALEY, L. J. (eds). *Endangered Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998: p. 124-159.
- GUDSCHINSKY, S. C. *How to Learn Unwritten Language*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1967.
- GUSSENHOVEN, C.; JACOBS, H. *Understanding Phonology*. London: Arnold, 1998.
- HAJEK, J. *Universals of Sound Change in Nasalization*. Oxford: Blackwell Publishers, 1997.
- HALE, K. On Endangered Languages and the Importance of Linguistic Diversity. In GRENOBLE, L. A.; WHALEY, L. I. (eds). *Endangered Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 192-216.
- HALLE, M.; VERGNAUD, J. R. *An Essay on Stress*. Cambridge: MIT Press, 1987.
- HAYES, B. *Metrical Stress Theory (Principles and Case Studies)*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- HIMMELMANN, N. P. Documentary and Descriptive Linguistics. *Linguistics*, n. 36, p. 161-195, 1998.
- HOOPER, P. J.; THOMPSON, S. A The Discourse Basis for Lexical Categories in Universal Grammar. *Language*, n. 60, p. 703-752, 1984.
- IBARRA GRASSO, D. E. *Lenguas Indígenas de Bolivia*. La Paz: Librería Editorial "Juventud", 1982.
- INSTITUTO SOCIO-AMBIENTAL. Quadro Geral: Informações Gerais sobre os Povos no Brasil Contemporâneo. Disponível em <<http://www.socioambiental.org/website/pib/portugues/quonqua/quadro.htm#topo>>, 2002.
- JAKOBESSEN, W. Switch-reference in Hokan-Coahuiltecan. In: HYMES, D.; BITTLE, W. (orgs.). *Studies in Southwestern Ethnolinguistics*. Haia: Mouton, 1967.
- JAKOBSON, R. *Shifters, Verbal Categories and the Russian Verb*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1957.
- KEENAN, E. L. Relative Clauses. In: SHOPEN, T. (ed). *Language Typology and Syntactic Description*. V. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p. 141-170.
- KENSTOWICZ, M. *Phonology in Generative Grammar*. London: Basil Blackwell, 1994.
- KEY, M. R. *Comparative Tacanan Phonology: with Cavineña Phonology and Notes on Pano-Tacana Relationship*. Séries Prática (50), Mouton, The Hague. *Janua Linguarum*, 1968.

- KIBRIK, A E. *The Methodology of Field Investigations in Linguistics*. The Hague: Mouton, 1977.
- KIPARSKY, P. Word Formation and the Lexicon. In: INGEMANN, F. (ed.) *Proceedings of the 1982 Mid-America Linguistics Conference*. Lawrence: University of Kansas, 1983, p. 3-29.
- _____. Some Sequences of Lexical Phonology. *Phonology Yearbook*, n. 2, p. 83-136, 1985.
- KRAUSS, M. The World's Language in Crisis. *Language*, n. 68, v. 1, p. 4-10, 1992.
- LADEFOGED, P. *Preliminaries to Linguistic Phonetics*. Chicago: University of Chicago, 1971.
- _____. *A Course in Phonetics*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, Inc., 1993.
- LEHMANN, C. On the Typology of Relative Clauses. *Linguistics*, n. 24, p. 663-680, 1986.
- LEHMANN, W. A Estructural Principle of Language and its Implications. *Language*, n. 49, v. 1, p. 46-66, 1973.
- LIBERMAN, M.; PRINCE, A. On Stress and Linguistic Rhythm. *Linguistic Inquiry*, n. 8, p. 249-336, 1977.
- LOOS, E. E. *The Phonology of Capanahua and its Grammatical Basis*. Tesis para optar el grado de Ph. D. Especialidad en Lingüística. Austin: University of Texas at Austin, 1967.
- _____. *Estudios Panos I*. Série Lingüística Peruana n. 10. Yarinacocha: Instituto Lingüístico de Verano, 1973.
- _____. Rasgos Sintático-fonémicos en la Historia Lingüística de los Idiomas de La Familia Pano. *Lingüística e Indigenismo Moderno de América*. Lima: IEP, 1975, p. 181-4.
- _____. *Temas a Investigarse en Estudios Sintácticos*. CILA-UNMSM. Lima. (ms), (sd).
- _____. Pano. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, D. Y. (eds). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999a, p. 228-250.
- _____. 'IF' in Capanahua. In: LOOS, E. *Logical Relations in Discourse*. Summer Institute of Linguistics, 1999b, p. 195-217.
- LÓPEZ MORALES, H. *Métodos de Investigación Lingüística*. Salamanca: Ediciones Colegio de España, 1994.
- LORIOT, J.; LAURIAULT, E.; DAY, D. *Diccionario Shipibo-Castellano-Shipibo*. Serie Lingüística Peruana, 31. Peru: Instituto Lingüístico de Verano, 1993.
- MARCHAND, H. *The Categories and Types of Present-Day English Word-Formation*. München, 1969.

- MATTHEWS, P. H. *Morphology: an Introduction to the Theory of Word-Structure*. London: Cambridge University Press, 1991.
- MITHUN, M. The Evolution of Noun Incorporation. *Language*, n. 60, v. 4, p. 847-894, 1984.
- MOHANAN, K. *The Theory of Lexical Phonology*. Dordrecht: Reidel, 1986.
- MONTAG, S. *Dicionário Cashinahua*. Tomo II. Lima: Instituto Lingüístico de Verano, 1981.
- MUSEU NACIONAL. *O Setor Lingüístico do Museu Nacional (Organização e Objetivos)*. Publicações Avulsas. Rio de Janeiro, 1965.
- NEWMAYER, F. *Language Form and Language Function*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1998.
- NICHOLS, J. Functional Theories of Grammar. *Annual Review of Anthropology*, n. 13, p. 97-117, 1984.
- _____. Head-marking and dependent-marking grammar. *Language*, n. 62, p. 56-119, 1986.
- NIDA, E. A. *Morphology. The Descriptions Analysis of Words*. 2 ed. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1949.
- NOONAN, M. Complementation. In: SHOPEN, T. (ed). *Language Typology and Syntactic Description. Complex Constructions*. V. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 42-140.
- PACHÊCO, F. B. *Morfossintaxe do verbo Ikpeng (karib)*. 2001. 303 f. Tese (Doutorado em Lingüística. Área de concentração: Línguas Indígenas) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- PAULA, A. S. *Poyanáwa: a língua dos índios da Aldeia Barão*. Aspectos fonológicos e morfológicos. 1992. 154 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística. Área de concentração: Línguas Indígenas). Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- _____. *A língua dos índios Yawanawa do Acre*. 2004. 251 f. Tese (Doutorado em Lingüística. Área de concentração: Línguas Indígenas) – Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- PAYNE, J. R. Complex Phrases and Complex Sentences. In: SHOPEN, T. (ed). *Language Typology and Syntactic Description. Complex Constructions*. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 3-41.
- PAYNE, T. E. *Describing Morphosyntax. A guide for field Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- PIGGOTT, G. The Parameters of Nasalization. MCGILL. *Working Papers in Linguistics*, n. 5, v. 2, p. 128-177, 1988.

- _____. A Parametric Approach to Nasal Harmony. In: HULST, H. van der; SMITH, N. (eds.). *Features, Segmental Structure and Harmony Processes*. Foris, Dordrecht, 1989. p. 131-167.
- _____. *Variability in Feature Dependency: the Case of Nasality*. *Natural Language and Linguistic Theory* 10, 1992, p. 33-77.
- PLAZA MARTINEZ, P.; CARVAJAL, J. *Etnias y Lenguas de Bolivia*. Bolívia: Instituto Boliviano Cujeteza, 1985.
- POMILIO, A. B. et alli. Ayahoasca: an Experimental Psychosis that Mirrors the Transmethylation Hypothesis of Schizophrenia. *Journal of Ethnopharmacology*, n. 65, p. 29-51, 1999.
- PRINCE, A. Relating to the Grid. *Linguistic Inquiry*, n. 14, p. 19-100, 1983.
- PROST, G. *Gramáticas Estructurales de Lenguas Bolivianas*. Tomo II. Bolivia, Riberalta Beni: ed. ILV, 1965.
- RIBEIRO, D. & WISE, M. R. *Los Grupos Étnicos de la Amazonía Peruana. Comunidades y Culturas Peruanas* 13. Lima: ILV, 1978.
- RICARDO, C. A. (org.) *Povos Indígenas no Brasil 1991/1995*. São Paulo: Instituto Socioambiental. Seção: Acre, 1996. p. 513-38.
- ROCA, I. *Generative Phonology*. London: Routledge, 1994.
- RODRIGUES, A. D. *Línguas Brasileiras: para um Conhecimento das Línguas Indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.
- _____. Línguas Indígenas: 500 Anos de Descoberta e Perdas. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, n. 9, v. 1, p. 83-103, 1993..
- _____. Macro-Jê. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. (eds.). *Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 215-225.
- _____. Gê-Pano-Carib x 'Jê-Tupi-Karib': sobre Relaciones Lingüísticas Prehistóricas en Sudamérica. In: MIRANDA, L. (ed.). *Actas del I Congreso de Lenguas Indígenas de Sudamérica*. V. 1. Lima: Universidade Ricardo Palma, 2000. p. 95-104.
- ROSS, J. R. Gapping and the Order of Constituents. In: BIERWISCH, M.; HEIDOLPH, K. E. (eds.). *Progress in Linguistics*. The Hague: Mouton, 1970. p. 249-259.
- ROWE, J. Cuestionario para la Comparación y Clasificación de las Lenguas Indígenas de Sudamérica. *Boletín Indigenista Venezolano*. Tomo II, 1954. p. 137-146.
- ROSA, M. C. *Introdução à Morfologia*. São Paulo: Contexto, 2000.

- SAFIR, K. Metrical Structure in Capanahua. *MIT Working Papers in Linguistics*. v. 1, p. 95-114, 1979.
- SÂNDALO, M. F. S. Morfologia. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. *Introdução à Lingüística. Domínios e Fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 181-206.
- SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- SCHACHTER, P. Parts-of-speech Systems. In: SHOPEN, T. (ed). *Language Typology and Syntactic Description. Clause Structure*. V. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p.3-61.
- SCOTT, E.; FRANTZ, D. G. Sharanahua Questions and Proposed Constraints on Question Movement. *Linguistics*, n. 132, p. 75-86, 1974.
- SEKI, L. *Gramática do Kamaiurá*. Campinas: Associação Brasileira de Editoras Universitárias, Imprensa Oficial Editora da Unicamp, 2000. 482 p.
- SHELL, O. A. *Estudios Panos III: Las Lenguas Pano y su Reconstrucción* 1 ed. n. 12, Lima: ILV SLP, 1975.
- SHOPEN, T. *Language Typology and Syntactic Description*. 3 vols. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- SPARING-CHÁVEZ, M. Tipological Study: Amahuaca (Panoan). In: DERBYSHIRE, D. C.; PULLUN, G. K. (eds.) *Handbook of Amazonian Languages*, v. 4, New York: Mouton de Gruyter, 1998. p. 441-486.
- _____. I want to But I Can't: the Frustrative in Amahuaca. *SIL Electronic Working Papers*. SILEWP, n. 2, 2003. 13f.
- SPENCER, A. *Morphological Theory*. Basil Blackwell, 1991.
- SPENCER, A.; ZWICKY, A. M. *The Handbook of Morphology*. Cambridge, Massachusetts: Basil Blackwell, 1998.
- SUÁREZ, J. A. Mosen and Pano-Tacanan. *Anthropological Linguistics*, n. 11, v. 9, p. 255-266, 1969.
- _____. Macro-Pano-Tacanan. *IJAL*, n. 39, p. 137-154, 1973.
- _____. *Estudios sobre Lenguas Indígenas Sudamericanas*. Bahía Blanca-Argentina: Universidad Nacional del Sur, 1988.
- THOMAS, D. *Notes and Queries on Language Analysis*. Philippines: SIL, 1975.
- THOMASON, S. G.; EVERETT, D. L. *Pronoun Borrowing?* <http://www-personal.umich.edu/~thomason/papers/papers.html>, 2003.

- THOMPSON, S. A.; LONGACRE, R. E. Adverbial Clauses. In: SHOPEN, T. (ed). *Language Typology and Syntactic Description. Complex Constructions*. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 171-234.
- TOWNSLEY, G. Los Yaminahua. SANTOS, F.; BARCLAY, F. (eds.) *Guía Etnográfico de la Alta Amazonía*. Vol. II. Ecuador: FLACSO-IFEA, 1994. p. 239-358.
- TRUBETZKOY, N. S. *Principios de Fonología*. Madrid: Editorial Cincel, 1973.
- VALENZUELA, P. El Morfema de Ergatividad en el Shipibo-Conibo. *Actas del II Congreso Nacional de Investigaciones Lingüístico-Filológicas*. Tomo II. 1998a, p. 217-245.
- _____. “Luna-Avispa” y “Tigre-Machaco”: Compuestos Semánticos en la Taxonomía Shipiba. *Cuarto Encuentro Internacional de Lingüística en el Noroeste*. Memórias, Tomo 2, 1998b, p. 409-428.
- _____. *Transitivity in Shipibo-Konibo Grammar*. 2003. 708 f. Tese (Doutorado em Lingüística. Área de concentração: Línguas Indígenas). University of Oregon, Oregon.
- VAN VALIN, R. D. Jr.; LAPOLLA, R. J. *Syntax. Structure, Meaning and Funtion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- WETZELS, L. (org). *Estudos Fonológicos das Línguas Indígenas Brasileiras*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- WEIJER, J. M. van de. *Segmental Structure and Complex Segments*. Netherlands, 1994.

ANEXOS

ANEXO I

0. LÉXICO

Este anexo visa a apresentar uma lista de itens lexicais da língua Shanenawa. As entradas da lista serão expostas da seguinte forma: o item lexical padrão grafado, segundo as convenções do Alfabeto Fonético Internacional (IPA) para a transcrição fonológica, a tradução para o idioma Português e, quando necessário, outros possíveis sentidos que o item lexical pode ter na língua. Em complemento à exposição, a lista será apresentada com as entradas em Português e a tradução no Shanenawa.

0.1. Shanenawa-Português

a	3ps (ABS)
aşin	mutum (<i>Crax fasciolata</i>)
atun, ahun	deles/delas
ahuna, atuna	seus/suas
aja	beber
akaşputi	cotovelo
amati	marimbondo
ani	nome
ana	língua
anain	vomitar

anihu	ancião
anu	paca
askaşun	então
askaşun juşara	Obrigado!
atişin	espirro
atsa	macaxeira
atu, ahu	3pp (ABS)
atun, ahun	3pp (ERG); 3ps (ERG)
awi	por quê?
awin	dele/dela
awina	seu/sua
awa	anta
awin	esposa
awin, awinhu	mulher
işi	semente
iai	gritar
in	meu
ina (gen.)	formiga
ini	água
ini şişa	igarapé (água + ?)
ini şuru	pavão (água + ?)
ini iwapa	rio (água + grande)
ini paki tian	inverno (água + cair + tempo)
ini wara	melancia (água + abóbora)
ia (ACUS)	eu
in (NOM)	eu
ina	meus
inamaspu	saúva (<i>Ata sexdens</i>)
inu	rã
ipa	pai
iuni	escondido
iwa	mãe
iwapa	grande (Adj); crescer (V)
iwapamasta	pequeno (grande + NEG)
fıru	olho; semente
fıni	esposo
fınia	errar
fına	novo
fınu	esquecer
fai	surubim (<i>Pseudoplaystoma fasciatum</i>)

faj	roça
fari	sol
fari tian	verão (sol + tempo)
fari unanti	relógio (sol + sombra + INSTR)
fafa	papagaio
faki	filho, menino
fakihu	criança
fakişi	noite
famu	queixada (<i>Tayassu pecari pecari</i>)
fana	plantar
fapa	coruja (<i>Dasyprocta azarea</i>)
fatʃi	ovo
fi	trazer
fimi	fruta
fin	lampião
fitʃi	pele
fitʃu	garça
fu	cabelo
fuşati	faca
fuşta	nuvem
fui	sujo
fuin	pica-pau
fuka	irara (<i>Tayra barbara</i>)
fumana	testa
funa	mel
funataka	depressa
furi	palmeira
fuspia	cheio
futʃi	encontrar
futa	leve
futistan	curto
han han	Sim!
haska	como?
hawî	qual?; quê?
hawiti	quanto?
hui	levar
huni	macho
işkin (gen.)	peixe
ia	piolho
iamain	cantar
ifi	madeira
ifi pani	cama
ifunania	irmão

imi	sangue
ina	rabo
inan	dar
inu	gato
inun	e (CONJ)
isin	doer
istin	estrela
ištuku (gen.)	macaco
itʃapa	muito
itʃapamasta	pouco (muito + NEG)
itʃu	correr
iwi, ni	árvore
jafiši	tatu
jami	noite; escurecer (V)
jamiri	amanhã
jan	lago
ju	dizer
jura	pessoa
jušan	velha
jušin	retrato; espírito
juina	pássaro; animal comestível
juitapa	pesado
juka	perguntar
jukan	goiaba
jumaj	onça
junfa	neto
jusu	feijão
jutʃi	pimenta
kiša	lábios
kištu	grosso
kihu	jacu (<i>Penelope pileata</i>)
kija	alto
kina	chamar (no sentido de nomear)
kiti	panela
ka	ir, nascer
kari	batata
kaši	morcego
ka	andar
kakan	abacaxi
kaman	cachorro
kanati	arco
kapi	jacaré

kişi	coxa
ku	queixo
kuşa	bater
kura	seringueira
kuşku	sapo
kuruşı	devagar
kuika	anu (<i>Crotopaaga ani</i>)
kuin	fumaça
kuka	tio
kuku	chupar
kuninan	poraquê (<i>Eletrophorus electricus</i>)
kusku	urubu
-mira	dentro
mişkiti	pedra
mişku	traíra (<i>Hoplias malabaricus</i>)
mifi	mão
misti	lenha
mitşisi	unha
mititi	dedo
mitu	seco
ma	já
maşi	areia
mari	cutia
mainua	tucunaré (<i>Cichla monoculus</i>)
maşu	chifre
-ma; ma	não
mai	terra
maina	delgado; magro
maki	piranha (<i>Pygopristsis denticulatos</i>)
maka	rato; sair (V)
manaun	em cima
mapu	cabeça; cinzas
matfi	monte; serra
matsi	frio; gelado
matsu	varrer
maturu	crânio
matu, man	vocês
matuna, matun	vossos
mia	2ps (ACUS)
min	2ps (NOM); teu
mina	teus
misi	pão

mitŝa	lama
muŝa	espinho
muti	vidro
mutsa	mingau
niŝa	amarrar
niŝu	tartaruga
nifi	pescar
niku	chegar
ninu	aqui
na	esta
na	morrer
nai kuin	nuvem (céu + fumaça)
narama	todos
naŝawata	ontem
nafu	fumo
nai	céu
naka	morder
nakaŝi	cupim
nama	sonhar
naman	embaixo
nami	carne
nani	levantar
napi	mosquito
nati	morto
nawa	homem branco
nawa pia	espingarda (branco + flecha)
ni	mato; caçar (V); andar (V)
nifu	vento
nina	flor
nini	puxar
ninka	escutar; ouvir
niska	suar
nit	caminho
nuŝu	tracajá (<i>Podocnemis cayennensis</i>)
nui	verme
nuin	minhoca
nuja	voar
nuku ika	aldeia (nosso + lugar)
nuku, nun	nós
nukuhuni	homem
nukun	nosso
nukuna	nossos
nunu	boiar
nunun	pato

pi	pulga
pişkiwaj	jovem
pij	folha; pena
pijti	dinheiro
pisti	mutuca (<i>gen. Tabanídeo</i>)
pita	largo
paşin	maduro
paşinipa	amarelo
paşinti	urucum (<i>Bixa arbórea</i>)
pahinki	orelha
paki	cair; derrubar; empurrar
panan	açaí
pani	rede
paniwan	tucumã (<i>Astrocaryum tucuma</i>)
patji	fraco
pi	comer
pişi	costelas
pia	flecha; flechar (V)
pitjiain	cozinhar
piti	comida
pitsu	periquito
puku	intestino
punan	formiga
pustji	costas
pustu	abdômen
putakin	jogar
riju	agarrar
riti	matar
rafu	dois
raja	trabalhar
raka	deitar
rama	agora
rati	temer
ratunku	joelho
rui	machado
ruru	farinha
rui	juriti (<i>Clavaris petiosa</i>); rolinha (<i>Columbina picui</i>)
rukin	nariz
runu	cobra
sai	tamanduá
sia	melancia

sian	chorar
siku	estreito
sutʃi	tórax
tiʃu	pescoço
titi	gavião
titiwan	avião
taí	pé; perna; garra
taí ʃaka	sapato (pé + casca)
tari	roupa
taka	fígado
takara	galinha
tama	amendoim
tapian	saber
tapu	raiz
tifitʃa	solução
tsaj	falar
tsaw	sentar
tsuan	quem?
tuʃpi	garganta
tuʃupa	preto
turukupa	redondo
tuanti	remo
turuku ʃipi	umbigo (buraco + ?)
tunu	mandi (<i>Leiarius pictus</i>)
tupi	nadar
tʃaʃu	veado
tʃaj	primo; longe (ADV)
tʃajmasta, tʃajma	perto (longe + NEG)
tʃaka	podre
tʃapu	gafanhoto
tʃapu iwapa	grilo (gafanhoto + grande)
tʃatʃi	furar
tʃata	avô
tʃi	fogo
tʃia	pacu (<i>Myleus micans</i>)
tʃinin	espremer
tʃitʃi	avó
tʃiwa	queimar
tʃuka	lavar
tʃumaj	pegar

u	vir
uin	olhar
uhun	Sim!
ušan	rir
uşi	lua
uşi	vermelho
uşa	dormir
ui	chuva; chover
uin	ver
uinti	coração
uintipunu	pulmões
uni	roubar
unu	porco
şia	engolir
şijafu	Psiu!
şiki	tucano
şiki	milho
şina	lagartixa; verme
şinan	Imaginar; pensar
şini	gordura
şiti	cheirar
şita	dente
şiwı	timbó (<i>Tephosia toxicaria</i>)
şara	abelha; bem (ADV)
şarakapa	bom; bonito
şarama	mal (ADV); mau (Adj)
şaşu	canoa
şaka	casca
şanin ihu	chefe
şana	quente
şapu	algodão
şati	cortar
şaw	osso
şawı	jabuti
şawamasta	cedo
şişi	quati (<i>Nasua nasua</i>)
şia	arder (por causa de pimenta)
şina	aranha

şinan	pensar
şinu	macaco
şiu	pium
şu	verde (não maduro)
supa	mamão
şuşu	brincar
şua	çoçar (V); gordo, forte (Adj)
şuan	soprar; roncar
şuatapa	gordo
şui	assar
şuma	seio (feminino); mamar (V)
şutji	peito (masculino)
şutaki faki	moça (? + criança/menina)
wa	aquele; lá (ADV); fazer (V)
waka	rio; lá
wara	abóbora
wasi	capim; muito (ADV)
wati	copo
wistima	pouco
wistisi	um; único

0.2. Português - Shanenawa

abacaxi	kakan
abdômen	pustu
abelha	şara
abóbora	wara
açaí	panan
agarrar	riju
agora	rama
água	ini
aldeia (nosso + lugar)	nuku ika
algodão	şapu
alto	kija
amanhã	jamiri
amarelo	paşinipa
amarrar	nişu
amendoim	tama
ancião	anihu
andar	ka; ni
anta	awa
anu (<i>Crotopaaga ani</i>)	kuika
apagar	nuka
aquele	wa
aqui	ninu
aranha	şina
arco	kanati
arder (causado por pimenta)	şia
areia	maşi
árvore	iui; ni
assar	şui
atirar	tui
avião	titiwani
avó	tşitşu
avô	tşata
batata	kari
bater	kuşa
beber	aja
bem	şara
boiar	nunu
bom	şarakapa
bonito	şarakapa

brincar	şuşu
cabeça	mapu
cabelo	fu
caçar	ni
cachorro	kaman
cair	paki
cama	ifi pani
caminho	niti
canoa	şaşu
cantar	iamain
capim	wasi
carne	nami
casca	şaka
cedo	şawamasta
céu	nai
chamar	kina
chefe	şanin ihu
chegar	niku
cheio	fuspia
cheirar	şiti
chifre	maşu
chorar	sian
chover	ui
chupar	kuku
chuva	ui
cinzas	mapu
cobra	runu
coçar	şua
comer	pi
comida	piti
como?	haska
copo	wati
coração	uinti
correr	itfu
cortar	şati
coruja (<i>Dasyprocta azarea</i>)	fapa
costas	pustji
costelas	pişi
cotovelo	akaşputi
coxa	kişi
cozinhar	pitjiain
crânio	maturu

crescer	iwapa
criança	fakihu
cupim	nakaşi
curto	futistan
cutia	mari
dar	inan
dedo	mititi
deitar	raka
dele	awina, awin
deles	atun, ahun
delgado	maina
dente	şıta
dentro	-mira
depressa	funataka
derrubar	paki
devagar	kuruşı
dinheiro	pıjti
dizer	ju
doer	isin
dois	rafu
dormir	uşı
e	inun
ele	a (ABS), atun, ahun (ERG)
eles	atun, ahun (ERG), atu, ahu (ABS)
em cima	manaun
embaixo	naman
empurrar	paki
encontrar	futşı
engolir	şıa
então	askaşun
errar	fınia
escondido	iuni
escrever	kini
escurecer	iami
escutar	ninka
espingarda (branco + flecha)	nawa pia
espinho	muşı
espírito	juşin
espirro	atişin
esposa	awin
esposo	fıni

espremer	tʃinin
esquecer	fīnu
esta	na
estreito	siku
estrela	istin
eu	in (NOM), ia (ACUS)
faca	fuʃati
falar	tsaj
farinha	ruru
fazer	wa
feijão	jusu
fígado	taka
filho	faki
flecha	pia
flechar	pia
flor	nina
fogo	tʃi
folha	pʃj
formiga	punan; ina (gen.)
forte	ʃua
fraco	patʃi
frio	matsi
fruta	fimi
fumaça	kuin
fumo	nafu
furar	tʃatʃi
gafanhoto	tʃapu
galinha	takara
garça	fitʃu
garganta	tuʃpi
garra	tai
gato	inu
gavião	titi
gelado	matsi
goiaba	jukan
gordo	ʃuatapa
gordura	ʃini
grande	iwapa
grilo (gafanhoto + grande)	tʃapu iwapa
gritar	iai
grosso	kʃtu

homem	nukuhuni
homem branco	nawa
igarapé (água + ?)	ini şışa
imaginar	şinan
inverno (água + tempo)	ini pakitian
intestinal	puku
ir	ka
irara (<i>Tayra barbara</i>)	fuka
irmã	iuipii
irmão	ifunania
já	ma
jabuti	şawi
jacaré	kapi
jacu (<i>Penelope pileata</i>)	kihu
joelho	ratunku
jogar	putakin
jovem	pişkiuai
juriti (<i>Clavaria Petiosa</i>)	ru
lá	wa
lábios	kışa
lagartixa	şina
lama	mitşa
lamber	sirun
lampião	fin
largo	pita
lavar	tşuka
lenha	misti
levantar	nani
levar	hui
leve	futa
língua	ana
longe	tşaj
lua	uşi
macaco	şinu, iştuku (gen.)
macaxeira	atsa
machado	ru
macho	huni
madeira	ifi
maduro	paşin
mãe	iwa
magro	maina

mal	şarama
mamão	şupa
mamar	şuma
mandi (<i>Leiarius pictus</i>)	tunu
mão	mifi
marimbondo	amati
matar	riṭi
mato	ni
mau	şarama
mel	funa
melancia (água + abóbora)	ini wara, sia
menino	faki
meu	in
meus	ina
milho	şiki
mingau	mutsa
minhoca	nuin
moça (? + criança/menina)	şutaki faki
monte	matʃi
morcego	kaşi
morder	naka
morrer	na
morto	nati
mosquito	napi
muito	itʃapa
mulher	awin, awinhu
mutuca (<i>gen. Tabanídeo</i>)	pisti
mutum (<i>Crax fasciolata</i>)	aşin
nadar	tupi
não	-ma; ma
nariz	rukin
nascer	ka
neto	junfa
noite	fakişi, jami
nome	ani
nós	nuku, nun
nosso	nukun
nossos	nukuna
novo	fina
nuvem	fušta; nai kuin
Obrigado!	askaşun juşara

olhar	win
olho	fīru
onça	jumaj
ontem	naşawata
orelha	pahinki
osso	şaw
ouvir	ninka
ovo	fatʃi
paca	anu
pacu (<i>Myleus micans</i>)	tʃia
pai	ipa
palmeira	furi
panela	kiti
pão	misi
papagaio	fafa
pássaro	juina
pato	nunun
pavão (água + ?)	ini şuru
pé	tai
pedra	mişkiti
pegar	tʃumaj
peito (masculino)	şutʃi
peixe	işkin (gen.)
pele	fitʃi
pena	pəj
pensar	şinan
pequeno (grande + NEG)	iwapamasta
perguntar	juka
periquito	pitsu
perna	tai
perto (longe + NEG)	tʃajmasta, tʃajma
pesado	juitapa
pescar	nifi
pescoço	tişu
pessoa	jura
pica-pau	fuin
pimenta	jutʃi
piolho	ia
piranha (<i>Pygopristis denticulatos</i>)	maki
pium	şiu
plantar	fana

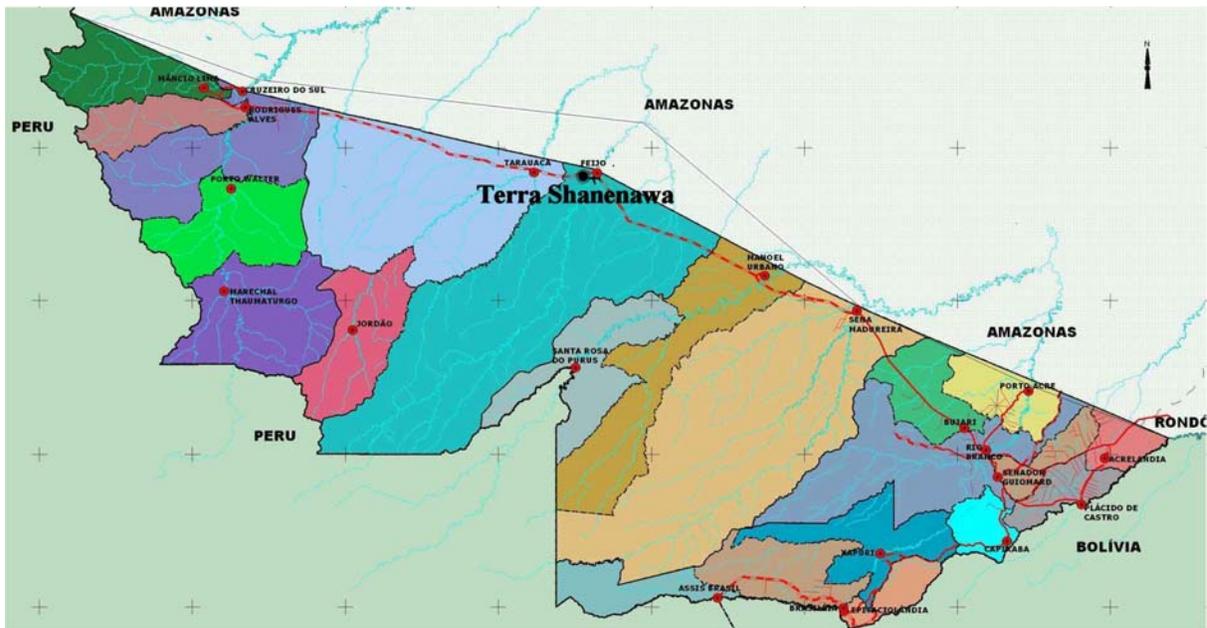
podre	tʃaka
por quê?	awi
poraquê (<i>Eletrophorus electricus</i>)	kuninan
porco	unu
pouco (muito + NEG)	itʃapamasta; wistima
preto	tuʃupa
primo	tʃaj
Psiu!	ʃijafu
pulga	pi
pulmões	uintipunu
puxar	nini
qual?	hawî
quanto?	hawiti
quati (<i>Nasua nasua</i>)	ʃiʃi
quê?	hawî
queimar	tʃiwa
queixada (<i>Tayassu pecari pecari</i>)	famu
queixo	ku
quem?	tsuan
quente	ʃana
rã	inu
rabo	ina
raiz	tapu
rato	maka
rede	pani
redondo	turukupu
relógio (sol + sombra + INSTR)	fari unanti
remo	tuanti
retrato	juʃin
rio (água + grande)	ini iwapa, waka
rir	ʃutʃi
roça	faj
rolinha (<i>Columbina picui</i>)	rui
roubar	uni
roupa	tari
saber	tapian
sair	maka
sangue	imi
sapato (pé + casca)	tai ʃaka
sapo	kuʃku
saúva (<i>Ata sexdens</i>)	inamaspu

seco	mitu
seio (feminino)	şuma
semente	işi
sentar	tsaw
seringueira	kura
serra	matʃi
seu/sua	awina
seus/suas	ahuna, atuna
Sim!	han han, uhun
sol	fari
solução	tifitʃa
sonhar	nama
soprar	şuan
suar	niska
sujo	fui
surubim (<i>Pseudoplaystoma fasciatum</i>)	fai
tamanduá	sai
tartaruga	nişu
tatu	jafişi
temer	rati
terra	mai
testa	fumana
teu	min
teus	mina
timbó (<i>Tephosia toxicaria</i>)	şiwı
tio	kuka
todos	narama
tórax	sutʃi
trabalhar	raja
tracajá (<i>Podocnemis cayennensis</i>)	nuşu
traíra (<i>Hoplias malabaricus</i>)	mişku
trazer	fi
tucano	şiki
tucumã (<i>Astrocaryum tucuma</i>)	paniuan
tucunaré (<i>Cichla monoculus</i>)	mainua
um	wistisi
umbigo (buraco + ?)	tukuru şipi
unha	mitʃisi
único	wistisi
urubu	kusku
urucum (<i>Bixa arbórea</i>)	paşinti

varrer	matsu
veado	tfaşu
velha	juşan
vento	nifu
ver	uin
verão (sol + tempo)	fari tian
verde	şu
verme	nui
vermelho	uşunipa
vidro	muti
vir	u
voar	nuja
você	mia (ACUS), min (NOM)
vocês	matu, man
vomitar	anain
vossos	matuna, matun

ANEXO II

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO POVO SHANENAWA



ANEXO III

**ATO DE CRIAÇÃO DA ÁREA INDÍGENA KATUKINA/KAXINAWÁ (TERRA
SHANENAWA)**



DECRETO Nº 283, DE 29 DE OUTUBRO DE 1991

Homologa a demarcação administrativa da área indígena Katukina/Kaxinawá, nos Estados do Acre e Amazonas.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso IV, da Constituição, e tendo em vista o disposto no art. 19, § 1º, da Lei nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973,

DECRETA:

Art. 1º Fica homologada, para os efeitos do art. 231 da Constituição Federal, a demarcação administrativa promovida pela Fundação Nacional do Índio (Funai) da área indígena Katukina/Kaxinawá, localizada nos Municípios de Feijó e Envira, Estados do Acre e Amazonas, caracterizada como de ocupação tradicional e permanente indígena, com superfície de 23.474,0358ha (vinte e três mil, quatrocentos e setenta e quatro hectares, três ares e cinquenta e oito centiares) e perímetro de 76.455,82m (setenta e sete mil, quatrocentos e cinquenta e cinco metros e oitenta e dois centímetros).

Art. 2º A área indígena de que trata este decreto tem a seguinte delimitação: Norte: Partindo do Marco 15 de coordenadas geográficas 08°05'24,148"S e 70°30'01,174"WGr., localizado na cabeceira do Igarapé do Meio, segue por uma linha reta com azimute e distância de 81°40'59,6" e 808,75 metros, até o Ponto 410 de coordenadas geográficas 08°05'20,439"S e 70°29'34,951"WGr.; daí, segue por uma linha reta com azimute e distância de 77°14'53,1" e 617,78 metros, até o Ponto 418 de coordenadas geográficas 08°05'16,071"S e 70°29'15,267"WGr.; daí, segue por uma linha reta com azimute e distância de 44°34'47,7" e 1.419,84 metros, até o Marco 13 de coordenadas geográficas 08°04'43,229"S e 70°28'42,330"WGr., localizado na margem esquerda do Igarapé Paroá; daí, segue por este a jusante com uma distância de 709,86 metros, até o Marco 12 de coordenadas geográficas 08°04'40,760"S e 70°28'21,666"WGr., localizado na margem esquerda do citado igarapé; daí, segue por uma linha reta com azimute e distância de 25°49'28,5" e 47,90 metros, até o Marco 29 de coordenadas geográficas 08°04'39,357"S e 70°28'20,969"WGr.; daí, segue, por uma linha reta com azimute e distância de 28°02'45,7" e 1.552,694 metros, até o Marco 30 de coordenadas geográficas 08°03'54,833"S e 70°27'56,958"WGr.; localizado a 95,00 metros da margem esquerda do Igarapé Paraíso; daí, segue por uma linha reta com azimute e distância de 27°48'21,5" e 118,99 metros, até o Marco 11 de coordenadas geográficas 08°03'51,419"S e 70°27'55,126"WGr.; daí, segue por uma linha reta com azimute e distância de 340°07'19,3" e 1.386,61 metros, até o Marco 10 de coordenadas geográficas 08°03'08,914"S e 70°28'10,440"WGr.; daí, segue por uma linha reta com azimute e distância de 339,47'21,6" e 3.226,36 metros, até o Marco 31 de coordenadas geográficas 08°01'30,225"S e 70°28'46,450"WGr.; daí, segue por uma linha reta com azimute e distância de 338°43'15,1" e 15,80 metros, até o Marco 9 de coordenadas geográficas 08°01'29,747"S e 70°28'46,679"WGr.; daí, segue por uma linha reta com azimute e distância de 53°30'25,3" e 1.461,32 metros, até o Marco 32 de coordenadas geográficas 08°01'01,594"S e 70°28'08,151,WGr.; daí, segue por uma linha reta com azimute e distância de 53°17'36,4" e 2.128,40 metros, até o Marco 33 de coordenadas geográficas 08°00'20,370"S e 70°27'12,248"WGr.; daí, segue por uma linha reta com azimute e distância de 52°59'36,3" e 1.091,03 metros, até o Marco 34 de coordenadas geográficas 07°59'59,095"S e 70°26'43,814"WGr.; daí, segue por uma linha reta com azimute e distância de 52°45'17,8" e 1.814,36 metros, até o Marco 7 de coordenadas geográficas 07°59,23,514"S e 70°25'56,457"WGr.; daí, segue por uma linha reta com azimute e distância de 52°29'14,6" e 2.052,18 metros, até o Marco 6 de coordenadas geográficas 07°58,43,014"S e 70°25'03,204"WGr. Leste: Do marco antes descrito, segue por uma linha reta com azimute e distância de 132°47'46,2" e 2.079,36 metros, até o Marco 36 de coordenadas geográficas 07°59'29,174"S e 70°24'13,482"WGr.; daí, segue por uma linha reta com azimute e distância de 132°28'39,0" e 1.975,42 metros, até o Marco 37 de coordenadas geográficas 08°00'12,760"S e 70°23'26,126"WGr.; daí, segue por uma linha reta com azimute e distância de 132°15'59,9" e 53,71 metros, até o Marco 4 de coordenadas geográficas 08°00'13,942"S e 70°23'24,829"WGr.; daí, segue por uma linha reta com azimute e distância de 132°03'46,0" e 2.522,80 metros, até o Marco 03 de coordenadas geográficas 08°01'09,176" e 70°22'23,815"WGr.; daí, segue por uma linha reta com azimute e distância de 131°42'16,6" e 1.228,91 metros, até o Marco 38/A de coordenadas geográficas 08°01'35,889"S e 70°21'53,930"WGr.; daí, segue por uma linha reta com azimute e distância de 131°47'25,1" e 120,84 metros, até o Marco 38 de coordenadas geográficas 08°01'38,521"S e 70°21'50,955"WGr.; daí, segue por uma linha reta com azimute e distância de 101°43'51,1" e 1.005,43 metros, até o Marco 39 de coordenadas geográficas 08°01'45,282"S e 70°21'18,835"WGr.; localizado na margem direita do

Igarapé Fenelon; daí, segue por este a jusante com uma distância de 9.380,13 metros, até sua confluência com o Rio Envira, no Marco 40 de coordenadas geográficas 08°04'57,525"S e 70°18'55,087"WGr. Sul: Do marco antes descrito, segue pelo Rio Envira a montante com uma distância de 16.288,11 metros, até o Marco 113 de coordenadas geográficas 08°09'10,072"S e 70°22'07,717"WGr., localizado na confrontação com a Fazenda Brasília, daí, segue por uma linha reta com azimute e distância de 153°02'12,4" e 226,79 metros, até o Marco 115 de coordenadas geográficas 08°09'16,662"S e 70°22'04,437"WGr.; daí, segue por uma linha reta com azimute e distância de 189°52'37,4" e 567,26 metros, até o Marco 1 de coordenadas geográficas 08°09'34,848"S e 70°22'07,641"WGr., localizado na margem esquerda do Rio Envira (do Marco 113 ao 1 confronta-se com a Fazenda Brasília); daí, segue pelo Rio Envira a montante, com uma distância de 950,92 metros, até a confluência com o Igarapé Pitombeira, no Marco 2 de coordenadas geográficas 08°09'33,866"S e 70°22'38,464"WGr.; daí, segue pelo citado igarapé a montante com uma distância de 4.773,58 metros, até o Marco 3/A de coordenadas geográficas 08°08'56,618"S e 70°24'40,109"WGr.; daí, segue por uma linha reta com azimute e distância de 229°28'34,1" e 1.410,88 metros, até o Marco 4/A de coordenadas geográficas 08°09'26,342"S e 70°25'15,258"WGr., localizado na margem esquerda do Igarapé Cardoso e próximo da rodovia BR-364; daí, segue pelo citado igarapé a montante, com uma distância de 5.629,243 metros, até a confluência com o Igarapé do Meio, no Marco 5 de coordenadas geográficas 08°08'45,127"S e 70°27'26,974"WGr. Oeste: Do ponto antes descrito, segue pelo Igarapé do Meio a montante com uma distância de 406,75 metros, até a confluência com o Igarapé Três Unidos, no Ponto 152 de coordenadas geográficas aproximadas 08°08'37,097"S e 70°27'36,968"WGr.; daí, segue pelo Igarapé Três Unidos, com uma distância de 1.411,50 metros, até o Marco 176 de coordenadas geográficas 08°08'00,542"S e 70°27'29,644"WGr.; daí, segue por uma linha reta com azimute e distância de 281°05'17,2" e 391,58 metros, até o Ponto 181 de coordenadas geográficas 08°07'58,037"S e 70°27'42,156"WGr.; daí, segue por uma linha reta com azimute e distância de 305°15'24,0" e 602,02 metros, até o Ponto 190 de coordenadas geográficas 08°07'46,669"S e 70°27'58,178"WGr.; daí, segue por uma linha reta com azimute e distância de 254°09'12,7" e 1.015,72 metros, até o Marco 202 de coordenadas geográficas 08°07'55,586"S e 70°28'30,200"WGr.; localizado na margem esquerda do Igarapé do Meio; daí, segue por este a montante com uma distância de 5.962,98 metros, até sua cabeceira, no Marco 15, início da descrição deste perímetro.

Art. 3º Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 29 de outubro de 1991; 170º da Independência e 103º da República.

FERNANDO COLLOR
Jarbas Passarinho